



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Rodrigo Sampaio Pinto


**Memória e identidade dos migrantes nordestinos no município de Duque de  
Caxias: a Feira de Caxias como parâmetro de resistência cultural e social**

São Gonçalo

2018

Rodrigo Sampaio Pinto

**Memória e identidade dos migrantes nordestinos no município de Duque de Caxias: a  
Feira de Caxias como parâmetro de resistência cultural e social**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Identidade, representação e memória.

Orientador: Prof. Dr. Luis Reznik

São Gonçalo

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

P659  
TESE

Pinto, Rodrigo Sampaio.

Memória e identidade dos migrantes nordestinos no município de Duque de Caxias : a Feira de Caxias como parâmetro de resistência cultural e social / Rodrigo Sampaio Pinto. – 2018. 238f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Luis Reznik.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Identidade social – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 2. Memória – Aspectos sociais – Teses. 3. Migração interna – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 4. Feiras – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. I. Reznik, Luis. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 308(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Rodrigo Sampaio Pinto

**Memória e identidade dos migrantes nordestinos no município de Duque de Caxias: a Feira de Caxias como parâmetro de resistência cultural e social**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Identidade, representação e memória.

Aprovada em 12 de setembro de 2018.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Luis Reznik (Orientador)

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Paulo Fontes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Felipe Ribeiro

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Rui Aniceto Nascimento Fernandes

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2018

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a toda a população retirante, principalmente aqueles oriundos do Nordeste brasileiro, que ao longo do século XX transformaram a realidade urbana brasileira, em especial para os que “desembarcaram” na Baixada Fluminense e em Duque de Caxias.

Dedico ainda aos meus familiares, parte fundamental em todo o processo educacional iniciado ainda na educação básica até a realização deste trabalho

## AGRADECIMENTOS

O exercício de agradecer possui enorme representatividade dentro de todo o processo de construção do presente trabalho. Em primeiro lugar, pela atividade de reconhecimento a todos aqueles que constituíram papel de importância ao longo da jornada de estudos e preparação desta dissertação. Os incentivos e principalmente as compreensões são recordados no momento de finalização desta etapa importante. Em segundo lugar, representa a euforia pela finalização de uma pesquisa e um projeto de estudos que demandou tempo e sentimentos ao longo desse período.

Aos meus pais, Ronaldo e Márcia, agradeço por terem sido os incentivadores iniciais de todas as empreitadas ao longo da minha vida. Por cada palavra de motivação, pelo apoio emocional, estrutural e moral. Pelo ambiente familiar de amor. E principalmente, por me fazerem compreender que era possível chegar ao final dessa jornada, mas sem perder a perspectiva de novas conquistas.

Aos meus irmãos, Michelle e Renato, e aos meus sobrinhos, Matheus, Lorena e Miguel, por estarem presentes durante toda a jornada de forma direta e indireta. Pelos momentos de descontração fundamentais a cada sensação de cansaço e incerteza. E pelas felicidades proporcionadas durante toda uma vida.

Agradeço a minha companheira de vida e eterna amiga, Rainie, pelo ambiente de apoio ao qual constituiu nos últimos meses. Pela paciência e compreensão nos momentos de dificuldades. E principalmente pela parceria de 10 anos de amor e de amizade.

Um especial agradecimento a minha avó, Luci, pelo amor dedicado, pelo exemplo de imagem de mulher, nordestina e retirante.

Aos amigos e familiares, pela compreensão, pelo auxílio, pela solidariedade e pelos momentos de descontração, fundamentais para trazer paz e alegria. Sem querer realizar qualquer tipo de injustiça é preciso citar os nomes de Leandro, Marcos, Marcelo, Robson e Roberto. Aos meus primos e minhas tias, entre outros presentes ao longo do desenvolvimento dos estudos e da pesquisa.

Aos colegas e professores do curso de mestrado em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Fundamentais no enriquecimento das discussões, nas indicações de leituras e nas intervenções providenciais. Em especial ao amigo Antônio, pelas conversas e desabafos, e às professoras Helenice e Márcia por todas as dicas de leitura e instrução de desenvolvimento textual.

Ao meu orientador, Luís Reznik, por ter aceitado prontamente a missão de orientar um projeto que se desenvolveu neste texto dissertativo. Pelas indicações, pelas cobranças, pelo enriquecimento, pela dedicação com a pesquisa, pelas dicas de leitura e de formato da escrita. E principalmente pelo tratamento humano.

Aos professores Felipe Ribeiro, Paulo Fontes e Rui Aniceto, por terem aceitado participar da banca. Pelas orientações na qualificação, pelas indicações de leitura e eventos e pelo tratamento de respeito.

Aos funcionários do Instituto Histórico da Câmara dos Vereadores de Duque de Caxias (Instituto Histórico Vereador Thomé Siqueira Barreto), pela prontidão e auxílio no acesso as fontes.

Presto homenagem e agradecimento para todos os funcionários e servidores da UERJ por terem proporcionado a realização do curso mesmo mediante a um catastrófico quadro imposto pelo poder público.

Por fim, realizo um agradecimento especial a todos os migrantes nordestinos, feirantes e moradores de Duque de Caxias. Por serem um objeto fundamental para o desenvolvimento intelectual da pesquisa. Principalmente aqueles que forneceram suas experiências de vida em forma de entrevista. Obrigado Maria José, Amazonete, Gilvan, Gilma, Marlene, Maria Angélica, Silvandir, Edilson, Cláudia, Dora, Carlos, Rosa, Vicente, Heraldo, Beto e Henrique.

## RESUMO

PINTO, Rodrigo Sampaio. *Memória e identidade dos migrantes nordestinos no município de Duque de Caxias: a Feira de Caxias como parâmetro de resistência cultural e social*. 2018. 226f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2018.

O objetivo deste trabalho é o estudo das relações de identidade e pertencimento dos migrantes nordestinos no município de Duque de Caxias. Para tal, utiliza-se a Feira de Caxias como parâmetro de análise da constituição dessas relações ao longo do século XX. Nesse sentido, procura-se analisar as visões sobre as populações nordestinas dentro do município, vistas de diferentes âmbitos, tanto internos (referente aos habitantes do município) quanto externos (referente a observação fora do município, principalmente no estado do Rio de Janeiro). As entrevistas orais de migrantes, moradores e feirantes são instrumentos de análise fundamental para compreender o imaginário constituído acerca da população nordestina em Duque de Caxias. Dimensionando a construção de suas relações de identidade e pertencimento. Os jornais serão outro tipo de fonte, no sentido de analisar essas relações. Em suma, trata-se de um estudo sobre a construção da imagem social do nordestino em Duque de Caxias e as suas relações na Feira de Caxias. Em outras palavras, entender como constitui-se no município a compreensão de que os retirantes do Nordeste brasileiro formaram a localidade e se consolidaram a partir de suas relações de memória, identidade e pertencimento. Sendo assim, parte-se do pressuposto de que em Duque de Caxias ocorreu a construção de novas formas de vivências e relações culturais híbridas, junto a população municipal e na relação com migrantes oriundos de outras regiões do Brasil, ao longo do século XX. A Feira de Caxias é justamente a representação dessas relações, possuindo em seu interior elementos desse sincretismo cultural, com foco no fortalecimento dos exercícios de memória e pertencimento, explicitadas nas experiências de vida semelhantes no que concerne o processo e as estratégias de migração.

Palavras chave: Identidade. Memória. Pertencimento. Migração nordestina. Feira de Caxias.



## **ABSTRACT**

PINTO, Rodrigo Sampaio. Memory and identity of northeastern migrants in Duque de Caxias municipality: the Caxias street market as a cultural and social resistance parameter. 2018. 226f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, 2018.

The aim of this work is to study the relations of identity and belonging of northeastern migrants in Duque de Caxias municipality. Therefore, the Caxias street market is used as a parameter to analyze the constitution of these relations alongside the twentieth century. In this way, this study seeks to investigate the visions about northeastern populations inside the municipality under different scopes, not only internal (referring to city habitants) but also external ones (referring to observation outside the city, especially in Rio de Janeiro State). The interviews of migrants, residents and street market traders are major analysis instruments to comprehend the constituted imaginary concerning northeastern population in Duque de Caxias. Dimensioning the construction of their identity and belonging relations. The newspapers will be another source to analyze these relations. In sum, it is a study about the construction of northeastern people social image in Duque de Caxias and their relations in Caxias street market. In other words, to understand how it is constructed in the municipality the comprehension that Brazilian northeastern retreatants formed the local area and consolidate themselves from their memory, identity and belonging relations. Thus, it is based on the premise that in Duque de Caxias were constructed new forms of living and hybrid culture relations, including municipal population and the relation with migrants from other Brazilian regions, during twentieth century. The Caxias street market is just the representation of these relations, having in this interior, elements of this cultural syncretism starting from the memory and belonging exercises strengthening, expressed on life experiences similar to migration.

Keywords: Identity. Memory. Belonging. Northeastern migration. Caxias street market.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Mapa do Fórum Cultural da Baixada Fluminense delimitando os municípios que fazem parte da sub região da Baixada Fluminense .....	69
Figura 2 –	Migrante nordestino chegando na Feira de Caxias com seus produtos nas costas e chapéu de cangaceiro na cabeça .....	153
Figura 3 –	Participação de migrantes na Feira de Caxias.....	160
Figura 4 –	Comércio do coco da Bahia na Feira de Caxias .....	161
Figura 5 –	Reportagem de Rachel de Queiroz em “A Última Hora” .....	163
Figura 6 -	Reportagem do periódico “O Jornal” .....	164
Figura 7 -	Reportagem: Caxias Capital do Nordeste .....	165
Figura 8 -	Três imagens lado a lado demonstrando as atrações artísticas e comerciais na Feira de Caxias .....	168
Figura 9 -	Reportagem do Correio da Manhã destacando a decadência da feira .....	177

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Censos demográficos de Duque de Caxias – Relação Habitantes/Ano .....	82
Tabela 2 –	Crescimento demográfico de cidades fluminenses entre 1950 e 1960 .....	84
Tabela 3 –	Relação dos primeiros prefeitos de Duque de Caxias .....	86
Tabela 4 –	População residente por lugar de Nascimento – Duque de Caxias: População total x população oriunda do Nordeste .....	102
Tabela 5 –	População residente por lugar de Nascimento – Duque de Caxias: Por Estado de origem .....	103
Tabela 6 –	População Urbana e Rural – Duque de Caxias .....	116
Tabela 7 –	Loteamentos aprovados em Duque de Caxias .....	117
Tabela 8 –	Instalações dos domicílios particulares permanentes – Duque de Caxias	118
Tabela 9 –	Estabelecimentos industriais em Duque de Caxias – 1956 a 1983 .....	124
Tabela 10 –	Feirantes por região de origem em 2018 .....	188

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1	<b>UMA CIDADE EM CONSTRUÇÃO: O MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS E OS MIGRANTES NORDESTINOS</b> .....	41
1.1	<b>Memórias e trajetórias de vida: migrantes nordestinos em Duque de Caxias</b> .....	41
1.2	<b>Duque de Caxias: a região e o município</b> .....	67
1.2.1	<u>Baixada Fluminense e seus conceitos</u> .....	67
1.2.2	<u>Formação do município de Duque de Caxias</u> .....	72
1.2.3	<u>Surge o município: Duque de Caxias emancipada</u> .....	81
2	<b>FATORES DE ATRAÇÃO E REPULSÃO PARA OS MIGRANTES EM DUQUE DE CAXIAS</b> .....	92
2.1	<b>O processo de deslocamento</b> .....	105
2.2	<b>O sudeste maravilha</b> .....	106
2.3	<b>A atratividade em Duque de Caxias</b> .....	108
2.3.1	<u>O ir e vir com o Rio de Janeiro</u> .....	109
2.3.2	<u>A importância das vias de deslocamento e da formação dos núcleos urbanos: Rodovia Washington Luiz e Estrada de Ferro Leopoldina</u> .....	110
2.3.3	<u>A recuperação do solo e a oferta de moradias</u> .....	113
2.3.4	<u>A Fábrica Nacional de Motores (FNM)</u> .....	119
2.3.5	<u>A Refinaria de Duque de Caxias</u> .....	121
2.3.6	<u>Visões sobre dois nordestinos de destaque em Duque de Caxias: Tenório Cavalcante e João da Goméia</u> .....	124
2.3.7	<u>Questionamentos do caráter violento como fator repulsivo</u> .....	131
3	<b>A FEIRA DE CAXIAS: LUGAR DE SOCIABILIDADE, FORNECIMENTO DE PRODUTOS E FORTALECIMENTO DE</b>	

	<b>RELAÇÕES DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO .....</b>	<b>135</b>
3.1	<b>O surgimento da Feira de Caxias .....</b>	<b>137</b>
3.2	<b>A resistência e a consolidação do espaço .....</b>	<b>146</b>
3.3	<b>A Feira de Caxias como espaço de convivência e memória dos migrantes nordestinos .....</b>	<b>149</b>
3.4	<b>A decadência da Feira .....</b>	<b>175</b>
4	<b>A IDENTIDADE NORDESTINA NA ATUALIDADE DAS FEIRAS EM DUQUE DE CAXIAS .....</b>	<b>187</b>
4.1	<b>A Feira de Caxias nos dias atuais: um panorama dos anos 2000 à atualidade .....</b>	<b>187</b>
4.2	<b>O processo de transformação da Feira de Caxias em Patrimônio Cultural Imaterial e a presença do ex-prefeito José Camilo Zito entre os feirantes .</b>	<b>193</b>
4.3	<b>“A Grande Feira de Caxias”: A obra de Barbosa Leite representando a Feira de Caxias .....</b>	<b>209</b>
4.4	<b>Uma análise sobre outras feiras livres no município de Duque de Caxias: Vila São Luis, Santa Cruz da Serra e Xerém .....</b>	<b>221</b>
4.4.1	<b><u>Feira da Vila São Luis</u> .....</b>	<b>221</b>
4.4.2	<b><u>Feira de Santa Cruz da Serra</u> .....</b>	<b>223</b>
4.4.3	<b><u>Feira de Xerém</u> .....</b>	<b>224</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>226</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>232</b>

## INTRODUÇÃO

Os lugares ocupados pelas populações ao longo da história possuem representações diversas para os homens. Inseridos em diversos meios e em profundas relações, os homens sociais criam vínculos em seus locais de vivência. Esses vínculos, que são inerentes às ações em sociedade, não se restringem às atividades desenvolvidas nos locais de convivência tangente aos meios econômicos, sociais e políticos. Na amplitude desses relacionamentos dinâmicos e orgânicos, as localidades catalisam as relações culturais, de memória e de identidade de grupos. Este debate sobre as relações entre os homens e seus locais de convivência, trabalho e desenvolvimento de relações amplas que se pretende discorrer neste trabalho dissertativo.

Segundo o geógrafo Edward Relph (2012), o apego do homem e das sociedades aos seus respectivos locais são oriundo das vivências e experiências cotidianas, gerando percepções que atingem os aspectos de enraizamento, associação e pertencimento. É dentro desta perspectiva que se analisa o objeto aqui investigado: as relações de memória e identidade dos migrantes nordestinos no município de Duque de Caxias. Como forma de dimensionar essas manifestações será analisada a feira dominical ocorrida na região, a Feira de Caxias. A escolha da atividade como o principal parâmetro de compreensão dessas relações pode ser explicada por meio da compreensão de que o local funcionou (funciona) como um instrumento e uma subterfúgio de permanência e fortalecimentos de múltiplas relações dos migrantes que chegavam (chegam) ao município em debate. Vale destacar que o que difere nossa compreensão sobre o objeto analisado daquela transmitida por Relph, é a imobilidade que o lugar representa. A atividade feirante permite um dinamismo de associações e realidades que superam o aspecto de segurança de relações que geram uma imobilidade. Não obstante, o sentimento de pertença presente no espaço vincula o passado e o presente atrelados ao lugar.

Sintetizando a realização deste trabalho, trata-se de uma análise sobre o desenvolvimento das relações de memória (s), identidade (s) e pertencimento (s) a que diversos migrantes oriundos dos estados do Nordeste brasileiro se inseriram em meados do século XX no município de Duque de Caxias, utilizando a Feira de Caxias como parâmetro de estudo e análise de campo.

A Feira de Caxias é compreendida neste trabalho dentro da ótica de lugar, que concebe vínculos aos homens. A perspectiva de Nogueira (2013) a respeito de lugar é fundamental

para a compreensão deste debate. Segundo o autor, existe um emaranhado de histórias e emoções no local organizado pelas vivências humanas, com significados organizados e presentes nas relações com os outros, permitindo a participação em uma organização com troca de experiências. Observa-se que a feira da qual este trabalho está se debruçando é um exemplo prático dessas histórias, emoções, significados e trocas de experiências entre as populações que construíram e reconstruíram suas vivências e relações em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense e no Rio de Janeiro.

Como ponto de partida para análise das atividades ocorridas neste local convivência e de suas relações com o próprio município, é importante ter a percepção sobre a visão popular que transcende sobre este espaço. Em uma reportagem publicada em agosto de 2012, pelo jornal *Extra*, em sua versão online, pode-se extrair uma ótica interessante sobre a imagem que a feira reflete para os moradores e visitantes:

A migração nordestina é muito forte na cidade, e a Feira de Duque de Caxias proporciona o resgate dessa cultura", diz a diretora do Instituto Histórico da Câmara do município, Tania Amaro.

Realizada aos domingos, a feira, que conta com cerca de 1.600 barracas, ocupa as avenidas Presidente Vargas e Duque de Caxias, além da Rua Prefeito José Lacerda. Teve origem na década de 20, depois da inauguração da estação de São João de Meriti, em 1913. Na época, os produtos (frutas, legumes, carnes e roupas) eram vendidos nas placas, trazidos em carroças pelos agricultores.

As comidas típicas, cujas barracas principais estão localizadas perto do chamado Mercado Municipal, são a grande atração. Nelas é possível encontrar caruru, vatapá, acarajé, tapioca, carne de sol e cachaça, entre outros produtos.

A variedade na culinária nordestina atraía a atenção de personalidades como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Chico Anysio e Nelson Pereira dos Santos, que eram vistos com frequência no local. (Reportagem assinada por Paula Fernandes para o Jornal Extra Online de 25.08.2012).<sup>1</sup>

A matéria explicitada acima, publicada na versão online do jornal fluminense *Extra*, foi selecionada para dar início ao processo de introdução deste trabalho de dissertação. Sua leitura elucidou um olhar atento sobre as relações desenvolvidas no espaço. Na ótica da autora da reportagem, Paula Fernandes, existe uma relação direta entre a Feira de Caxias, o município de sua ocorrência e as manifestações de migrantes nordestinos nas atividades no interior do local.

É preciso que se realize uma consideração pertinente a respeito de uma afirmação contida na reportagem, com o objetivo de esclarecer certas referências de localização. Quando é realizada menção a estação de trem de São João de Meriti existe um equívoco da

---

<sup>1</sup> IN:<<https://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/feira-em-duque-de-caxias-resgata-cultura-nordestina5893086.html>>.

reportagem. No período citado (1913), Merity<sup>2</sup> correspondia ao território do então 8º distrito de Iguassú<sup>3</sup>, tendo a estação de trem recebido o mesmo nome, Estação de Merity. O local compreende aos atuais municípios de Duque de Caxias e de São João de Meriti. A antiga estação está localizada no atual Centro de Duque de Caxias, recebendo o nome de Estação de Duque de Caxias.<sup>4</sup> Ou seja, trata-se do atual território duque caxiense.

O conteúdo presente na reportagem é uma forma didática de inserir discussão a respeito do ambiente ao qual será tratado nas páginas a seguir. O objetivo deste trabalho de dissertação é investigar as relações de identidade e pertencimento constituídas pelos migrantes nordestinos no município fluminense de Duque de Caxias ao longo do século XX. Como anunciado anteriormente, o parâmetro será a análise da principal feira livre da localidade, que ocorre semanalmente, aos domingos. Os principais relatos a respeito da atividade dão conta de que sua configuração inicial corresponde a região central (atual Centro) e posteriormente foi ganhando corpo para seu traçado que engloba o bairro Vinte e Cinco de Agosto (próximo ao Centro). Devido à forte presença de migrantes nordestinos no espaço, da comercialização de produtos chamados “típicos” dos municípios do Nordeste brasileiro e das atividades culturais e de sociabilidade entre os migrantes, a Feira de Caxias fica popularmente conhecida como “Feira dos Paraíba”<sup>5</sup> ou “Feira dos Nordestinos”<sup>6</sup>. Mas, afinal, como se deu o desenvolvimento das relações que permitiram a montagem das amarras sociais que levaram o ambiente do qual estamos analisando a ficar marcado pela presença de migrantes nordestinos? É exatamente a construção dessa História que pretendemos analisar nos capítulos desta dissertação.

A reportagem citada acima (Jornal Extra Online de 25.08.2012) será novamente examinada aqui como forma de exaurir seus pontos de destaque que contribuem para a composição histórica da Feira de Caxias como lugar de convivência da população nordestina residente no Rio de Janeiro. Em seu primeiro parágrafo existem importantes fragmentos,

---

<sup>2</sup> Grafia da época. Atualmente o município homônimo corresponde por São João de Meriti.

<sup>3</sup> Grafia da época. Atualmente o município homônimo corresponde por Nova Iguaçu.

<sup>4</sup> No segundo capítulo desta dissertação estará o relato completo sobre a mudança de nome da antiga Estação de Merity para Estação de Caxias.

<sup>5</sup> Termo (Paraíba) utilizado no estado do Rio de Janeiro para se referir aos migrantes oriundos do Nordeste brasileiro, que se estabeleceram na região. Considera-se aqui como uma forma de estereotipar e pejorar os habitantes de outras regiões, uma vez que o termo vai recebendo outras conceituações e derivações da roupa e do comportamento.

<sup>6</sup> Vale ressaltar que o local não é o único no Rio de Janeiro a ser conhecido por esse termo. O exemplo mais “famoso” é o da Feira de Tradições Nordestinas Luís Gonzaga, localizado no bairro carioca de São Cristóvão.



destacando a citação inicial atribuída à historiadora e diretora do Instituto Histórico da Câmara de Deputados de Duque de Caxias (Instituto Histórico Vereador Thomé Siqueira Barreto), Tânia Amaro<sup>7</sup>. Segundo Amaro, o município possui uma forte presença de migrantes nordestinos sendo a feira tradicional da cidade um ambiente de resgate cultural. Esta visão, vale destacar, está presente em um espécie de ancoragem social sobre o local. Levando em consideração que a citação da reportagem pode ter sido adaptada ao modo jornalístico, é preciso realizar algumas considerações conceituais antes de nos aprofundarmos sobre a citação. O termo “resgate dessa cultura” precisa ser problematizado, uma vez que um dos pontos centrais desta pesquisa é a compreensão de que não existe uma cultura nordestina, mas sim culturas nordestinas, no plural por serem plurais em sua essência e manifestações. Os migrantes precisam ser compreendidos dentro desta pluralidade e da diversidade dos seus locais de origem. Ou seja, ao invés de tratar como o nordestino e o Nordeste, será tratado aqui como, os nordestinos e os Nordestes. Ademais, a citação de Tânia Amaro, é de fundamental importância para compreendermos que existe uma memória social que agrega as relações entre os nordestinos presente em Duque de Caxias e a Feira de Caxias, ou seja, permanecem existindo os vínculos e apegos relacionados aos locais de vivências humanas e trocas de experiências (Relph 2012 e Nogueira 2013), neste caso, no espaço do qual estamos tratando.

Retornando novamente ao artigo do jornal *Extra*, exibido na segunda página desta introdução (página 13 da dissertação), são citados diversos produtos comercializados na Feira que são relacionados ao Nordeste brasileiro, tratados pela nomenclatura de “produtos típicos”. A maior parte são iguarias culinárias consumidas em localidades específicas do Nordeste, como o caruru, o vatapá e o acarajé, relacionados principalmente a Bahia. Ou mesmo de regiões macros das zonas urbanas ou zonas rurais, como a tapioca, a carne de sol e cachaça. A presença dessa diversidade de produtos denota o uso do espaço, as trocas de experiências presentes no local e as relações entre os diversos migrantes que chegavam ao município (Não apenas entre eles, como também com aqueles que já residiam no local). As peculiaridades e a forte relação com as culturas nordestinas fortalece os vínculos de moradores, visitantes e dos migrantes em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense e no Rio de Janeiro. A Feira de Caxias, em suma, por meio dessas relações e trocas, transforma-se em um roteiro de passagem do recém chegado e do já estabelecido na região, além de ser uma estratégia de permanência vinculada ao fortalecimento das relações de memória e identidade.

---

<sup>7</sup> Historiadora que dedica as pesquisas da história local (Duque de Caxias) e doutora em Letras, Ciências Humanas e Sociais pela Universidade do Grande Rio (Unigranrio).

A reportagem cita ainda a presença de diversas personalidades relacionadas ao Nordeste, que consolidaram suas carreiras artísticas no Sudeste, e principalmente no Rio de Janeiro, constantemente vistas rodeando o espaço. Figuras de destaque como Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Chico Anysio e Nelson Pereira dos Santos são destacadas. Essa presença demonstra a importância do local para o sentimento de pertencimento e proximidade das relações culturais de retirantes. Personagens famosos atrelados a região de origem contribuem para superar as barreiras de rejeição ao migrante, e denotar ao local uma característica de destino “obrigatório” para consolidar o caminho de migração.

Em resumo, a Feira de Caxias, como representada na reportagem, passa a ser um espaço de ocupação, atuação e manifestação dos nordestinos e das populações migrantes, ao longo do século XX. Entretanto, é preciso que se aprofunde o debate possibilitando uma análise histórica do caso, por meio de fontes e de um debate historiográfico que permita a compreensão da construção dessa imagem.

É fundamental para o desenvolvimento deste trabalho a percepção de que os retirantes que chegavam em Duque de Caxias não representavam uma cultura unificada, mas sim costumes culturais próprios de suas localidades específicas. Tampouco essas tradições são transportadas de suas regiões de origem para o Sudeste brasileiro. Na verdade, constituiu-se em Duque de Caxias uma nova cultura, a dos migrantes nordestinos que se desenvolveram em uma cidade em construção e que se consolidaram a partir de suas aproximações e associações, vinculadas pelas experiências de vidas retirantes. As diversas culturas nordestinas se encontram em um município do Sudeste em constantes transformações, absorvem novos hábitos e costumes, tal como influenciam a nova localidade com suas vivências. Essas práticas culturais diversas são absorvidas e absorvem novos elementos originários de diversas regiões do Brasil. Essas novas relações são ainda mais amplas e mais complexas, uma vez que esses migrantes nordestinos se encontram na Baixada Fluminense com populações migrantes de outras regiões, principalmente de zonas rurais do próprio Estado do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e de Espírito Santo. Todas essas culturas em transformações se reestruturam em Duque de Caxias e constituem novas práticas junto aos moradores que já eram estabelecidos na região. Ou seja, Duque de Caxias integra-se na configuração de local compreendida nesta dissertação, reforçada por uma série de encontros e trocas culturais que permitiram o surgimento de novas culturais que se expressaram nos espaços municipais, principalmente na Feira de Caxias.

É esse emaranhado de relações culturais múltiplas e diversas que se encontram em Duque de Caxias que será chamado neste trabalho de cultura híbrida e relações culturais

híbridas. Tal termo encontra-se presente na obra de Canclini (1998), que embora avalie as sociedades latino americanas a partir dos anos 1990 (o recorte deste trabalho abrange o século XX de forma mais ampla), compreende que existe uma longa trajetória de construção do que chama de cultura híbrida. Dentro desta conceituação, a modernidade é responsável por atribuir pluralidade a partir das relações antagônicas (moderno x tradicional, culto x popular, por exemplo).

No caso dos migrantes nordestinos em Duque de Caxias, o hibridismo ocorre a partir das relações de disputa entre uma cultura hegemônica e uma cultura subalterna. A vivência desses migrantes entre aqueles que eram estabelecidos no município e as populações que iam chegando ao longo do século XX constitui os formatos culturais em que sincretizam-se as diversas experiências e trajetórias. O hegemônico é traduzido naqueles que já estavam estabelecidos, como os duque caxienses, os cariocas, fluminenses e os originários de regiões urbanas do Sudeste brasileiro. Os subalternos referem-se aqueles que estavam chegando recentemente, com tradições mais relacionadas as regiões Nordeste e Norte ou as localidades concentradas nos meios rurais.

Inseridos dentro deste contexto de novas disputas, os migrantes nordestinos encontram na feira local uma oportunidade de se reafirmarem como sujeitos sociais e culturais, baseados nas trocas e na própria presença de pessoas com trajetórias semelhantes atuando e frequentando o espaço. Além disso, a feira era um local de trabalho e subsistência fundamental nessa transição em que grande parte dos migrante e da população brasileira experimentou ao longo do século XX, a passagem de uma realidade rural para uma urbana.

No que se refere a delimitação do surgimento da Feira, a reportagem afirma que as primeiras empreitadas seriam originárias da década de 1920. Não se pode confirmar tal afirmação. Como forma de compreender este processo, a origem do evento será amplamente discutida neste trabalho dissertativo. Não existe uma história oficial que conclua como se deu o início das atividades, tampouco uma década específica em que teria se iniciado o processo de montagem. As versões a respeito de seus surgimento compreendem uma configuração já fortalecida pela presença de diversos migrantes que atuam no espaço.

Como forma de dar continuidade a introdução desta dissertação e de comparar as notícias que buscam datar o início da Feira, exemplificaremos com uma outra reportagem a dimensão que o espaço recebe nos dias atuais. Trata-se de um artigo publicado no “*Jornal do Brasil*” em sua versão online, “*JB online*”, que noticia o tombamento do espaço e de suas

atividades<sup>8</sup>, em reportagem de 17 de novembro de 2015<sup>9</sup>. O uso analítico da matéria se restringirá às características que se encontram especificadas. Sua escolha é explicada pela capacidade de sintetizar o uso social e cultural das atividades ocorridas na Feira de Caxias. À título de esclarecimento, o caso do tombamento do espaço e suas atividades, citado na matéria, será discutido no último capítulo desta dissertação.

A reportagem possui diversos aspectos de importância para esta pesquisa. Em primeiro lugar abre-se espaço para uma entrevista realizada com o então secretário de cultura e turismo do período da publicação, Jesus Chediak<sup>10</sup>. Vale ressaltar que a utilização de uma entrevista extraída de uma reportagem precisa ser analisada com um certo cuidado, uma vez que é uma seleção organizada pelo próprio jornal, não estando disponível a íntegra da mesma. Logo, é preciso se atentar na leitura e análise textual com alerta a sua natureza jornalística.

O ex-secretário do município resume a importância da Feira de Caxias da seguinte maneira:

Lembro da época do Cinema Novo, quando precisávamos de referências do Nordeste, era aqui em Caxias, nesta feira, que encontrávamos. O tombamento irá preservar um patrimônio cultural de Caxias. Até porque Caxias é também nordestina. (Chediak, Jesus. IN: Entrevista para a reportagem do Jornal do Brasil Online de 17.11.2015)<sup>11</sup>

O trecho acima, do relato de Chediak fornecido em entrevista ao Jornal do Brasil, ilustra a visão externa ao município em relação a importância da Feira de Caxias. O ambiente, segundo o citado, teria sido um importante polo de referência para criação de cenários populares aos cineastas do Cinema Novo<sup>12</sup>. Essa busca pode ser explicada pela presença de referências culturais de diversas regiões do Nordeste, obviamente na visão aqueles que estavam no Sudeste, presente na Feira. Vale ressaltar que a visão de Chediak se encontra dentro da perspectiva de enquadrar o Nordeste e os nordestinos em uma lógica estereotipada relacionada ao meio rural, como uma cultura simplista e rudimentar.

No relato de Jesus Chediak, a última frase precisa ser enfatizada como modo de compreender a visão a respeito da formação populacional de Duque de Caxias e da presença

---

<sup>8</sup> As discussões sobre a transformação da Feira de Caxias em Patrimônio Imaterial do município e seu posterior tombamento serão realizados no quarto capítulo.

<sup>9</sup> IN: <<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2015/11/17/prefeitura-de-caxias-tomba-a-feira-do-centro-da-cidade/>>.

<sup>10</sup> Teatrólogo, jornalista e diretor da Casa França-Brasil. Foi chefe da Secretaria de Cultura e Turismo de Duque de Caxias no governo do ex-prefeito Alexandre Cardoso (2013 – 2016).

<sup>11</sup> IN: <<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2015/11/17/prefeitura-de-caxias-tomba-a-feira-do-centro-da-cidade/>>.

<sup>12</sup> Movimento de cineastas brasileiros nas décadas de 1950 e seguintes, em busca de produções mais críticas e originais no cinema brasileiro.

dos migrantes nordestinos na região. A afirmação “Caxias é também nordestina” denota uma percepção no senso popular de que a ocupação do município teria sido realizada majoritariamente pela população dessa região do Brasil. O município é reconhecido como um reduto de nordestinos que se locomoveram para o Sudeste, estabelecendo e construindo suas relações no local. O olhar reportado por Chediak possui duas problemáticas: 1- A exclusão da presença de outras populações em Duque de Caxias, contribuinte no processo de formação social e cultural. 2- O reforço ao estereótipo do nordestino como conceito de unidade cultural e regional. Por outro lado, a imagem presente na mentalidade de Chediak reflete um imaginário construído ao longo do tempo e consolidado a partir do fortalecimento de laços entre os migrantes oriundos dos estados desse região.

A reportagem citada possui diversos aspectos e características do espaço da Feira. Chama a atenção uma outra entrevista, realizada com um feirante chamado seu José Inácio Ribeiro Filho, na época com 80 anos. O que dá uma entonação de destaque à figura de José Inácio nesta reportagem é o fato de que no ato do tombamento da Feira de Caxias o feirante havia sido condecorado com uma placa em que era reconhecido como o mais antigo feirante em atividade. Ou seja, presenciou o desenvolvimento da atividade, suas transformações ao longo das décadas e pertenceu a uma grupo de homens que participou “in loco” dos processos de vivência e trocas culturais que deram notoriedade e fama ao espaço. Segundo a reportagem:

Nascido em Campina Grande, na Paraíba, José Inácio chegou em Caxias com 20 anos. Através de amigos, conseguiu licença para montar uma barraca. “Vim para Caxias sem emprego. Alguns amigos sugeriram que tirasse licença e colocasse na feira uma banca. Foi o que fiz. Comecei a vender pentes. Com o tempo montei uma barraca e passei a comercializar também cintos, bolsas e outros produtos. Trabalhei para sustentar minha família, educar meus três filhos. Foi com a feira que consegui montar meu patrimônio. Mas para isso, foi preciso trabalhar honestamente”, revela o feirante que ainda hoje continua com sua barraca na principal feira da cidade. (Jornal do Brasil Online de 17.11.2015).<sup>13</sup>

A análise da memória de seu José Inácio precisa ser tratada com uma preocupação semelhante, no que concerne sua qualificação como fontes, aquela existente com a entrevista realizada com Jesus Chediak pelo *Jornal do Brasil*. Considerando que não houve a oportunidade de acessar ao conteúdo da entrevista em sua integridade, é preciso tomar certos cuidados quanto às observações de seleção do conteúdo pelo jornal. Como forma de analisar o conteúdo, a análise será restrita ao que foi publicado, no entanto não se desconsidera a existência de um conteúdo mais amplo. Baseado no conteúdo transmitido pelo jornal, o

<sup>13</sup> IN: <<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2015/11/17/prefeitura-de-caxias-tomba-a-feira-do-centro-da-cidade/>>.

mesmo nos permite deduzir que o retirante (José Inácio) oriundo de Campina Grande (Paraíba) chegou em Duque de Caxias na passagem das décadas de 1950 e 1960, de acordo com os dados fornecidos. Tendo como recorte as principais versões sobre o surgimento do espaço (veremos sobre mais à frente), José Inácio participou de diversas fases no município e vivenciou a Feira desde os primeiros momentos em que estava tentando o estabelecimento na nova localidade. Ou seja, a Feira de Caxias não foi uma motivação para a migração, mas foi um fator primordial para a permanência do migrante. O que permite chegar a essa conclusão é a compreensão desenvolvida por esta pesquisa de que no interior desta atividade feirante os habitantes oriundos do Nordeste brasileiro desenvolveram uma atuação que superou o espectro do trabalho, permitindo a amplificação dos meios de vida e a possibilidade de se aproximarem de experiências de deslocamento semelhantes.

A consolidação da Feira de Caxias como um espaço de convivência e de manifestações culturais dos migrantes nordestinos é ancorada na tríade: Trabalho, Sociabilidade e Integração. O primeiro ponto tratado, trabalho, baseia-se na natureza da atividade e em caráter comercial. Mediante as dificuldades enfrentadas pela população migrante em sua nova localidade, a Feira se torna uma possibilidade dessa população se estabelecer em Duque de Caxias por meio do sustento familiar na atividade feirante.

O segundo ponto desta tríade, sociabilidade, está inserida no próprio debate sobre local. A presença de uma feira de tamanha dimensão demonstra que o município possuía a demanda por produtos de necessidades básicas e um mercado de consumidores equivalente ao seu tamanho. Por se encontrar construída ao redor da estação, local de encontro e circulação de pessoas, denota a capacidade de sociabilidade a partir de seu surgimento, que vai deflagrando as potencialidades culturais presentes no município. O espaço de forte circulação de pessoas, com trocas de experiências e vivências vai se moldando na medida em que as diversas populações que se instalam no município agregam seus hábitos e costumes ao ambiente. A sociabilidade permitiu que a Feira superasse a relação entre trabalho e comércio, assumindo a posição de um polo de encontro entre os migrantes de diversas regiões que utilizavam o espaço como meio de lazer e fortalecimento de laços sociais.

Para findar a análise, o terceiro ponto da tríade, referente ao aspecto de integração, se concentra justamente na presença tanto de fluminenses, quanto de cariocas, de duque caxienses e de migrantes de diversas regiões do Brasil no ambiente. Ao mesmo tempo em que integrava diversas culturas e vivências, era o meio de ligação entre os setores social e econômico dentro do município. Essa capacidade de integração entre culturais vai permitir o

surgimento de novas culturais no município de Duque de Caxias, catalisada pela feira que se desenvolveu no local.

No relato de José Inácio os três aspectos dessa tríade são reafirmados. A questão comercial está presente na própria atividade. O feirante que havia chegada da Paraíba, encontrou no local um meio de vida para o sustento familiar. A sociabilidade está presente no auxílio de amigos para a montagem de seu comércio no interior da Feira, na própria relação de amizade entre os feirantes e auxílio para o estabelecimento de novos retirantes. Por fim, a integração está presente na consolidação do espaço como meio de sobrevivência junto a outros moradores do município.

As duas reportagens possibilitam o início de uma discussão que será muito debatida no terceiro capítulo desta dissertação: o surgimento da Feira de Caxias. Por um lado o jornal *Extra* realiza uma construção onde teria se iniciada a atividade ainda na década de 1920. Por outro lado, o *Jornal do Brasil*, inclusive dentro de uma versão mais difundida, aproxima o surgimento da Feira às décadas de 1940 e 1950. Segundo a sua reportagem: “A tradição da Feira de Caxias, como é conhecida pelo morador da cidade vem da década de 1940, antes da emancipação política-administrativa em relação a Nova Iguaçu, ocorrida em 1943.”<sup>14</sup>

Em suma, o surgimento da Feira e o seu crescimento confundem-se com a história do próprio município. Ao que parece, enfrentaram períodos semelhantes de fortalecimento, ambas influenciadas diretamente pela migração nordestina. Na medida em que o migrante ia chegando, a cidade ia se estabelecendo e as relações se constituíam. A Feira de Caxias é a síntese dessa relação entre os retirantes nordestinos e o crescimento de Duque de Caxias.

A presença de nordestinos no espaço da Feira fica notabilizada pelo comércio de diversos produtos relacionados aos municípios do Nordeste brasileiro. |Deste modo, a configuração do espaço indica que a tradição de comercializar tais produtos teria surgido tanto de uma grande demanda pelos mesmos quanto pela facilidade de muitos feirantes oriundos da região de trabalharem com esses produtos já conhecidos. A reportagem do *Jornal do Brasil* cita os produtos encontrados no espaço, especificando o público que frequenta a localidade.

---

<sup>14</sup> IN: <<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2015/11/17/prefeitura-de-caxias-tomba-a-feira-do-centro-da-cidade/>>.

[...] Legumes, frutas, roupas, utensílios domésticos, cereais e comidas típicas do Nordeste. Atualmente, são cerca de mil barracas espalhadas por estas vias e outras próximas. A feira não é frequentada somente por moradores de Caxias, mas atrai pessoas dos municípios da Baixada, do Rio e até de Niterói, que aproveitam para saborear o acarajé, o vatapá, a carne de sol, beiju, queijo de coalho, feijão de corda, manteiga de garrafa, tapioca ou a farinha de mandioca. (Jornal do Brasil Online de 17.11.2015)<sup>15</sup>

O discurso produzido pela reportagem conduz a percepção da existência de uma feira livre de características peculiares em Duque de Caxias. Interessante perceber que são citados produtos típicos de feiras livres como frutas, legumes e utensílios domésticos. Por outro lado, é dado destaque ao que é chamado pela reportagem de “comidas típicas do Nordeste”. Como forma de exemplificar tais artigos culinários, a matéria enumera alguns produtos que podem representar esses “comidas típicas”, relacionados aos estados e sub-regiões nordestinas. Exemplo clássico é o acarajé e o vatapá, presentes na culinária baiana, que seriam produzidos por baianos que utilizam a Feira como o espaço de fortalecimento de suas tradições, oportunidade de complementar a renda familiar e construir relações.

Na análise comparativa entre as duas reportagens citadas (*Extra* e *Jornal do Brasil*) acima existe um ponto de encontro: a citação e percepção por parte dos responsáveis pela reportagem da grande oferta de produtos comercializados na Feira de Caxias. Emersos nesse universo de produtos dos mais variados tipos, os dois jornais destacam a presença notável dos produtos qualificados como “típicos”, referindo-se a região Nordeste do Brasil. Essa imagem do espaço é uma configuração presente tanto entre os visitantes quanto entre os feirantes. Em suma, construiu-se um ambiente propício para o estabelecimento de uma troca cultural entre diversas populações, destacando-se a atuação da população oriunda de municípios nordestinos. A percepção da presença e da manifestação popular de migrantes nordestinos, deixa marcado o espaço e o traçado da Feira.

É este objeto sintetizado pelas reportagens publicadas nos dois jornais expostos acima que a presente dissertação tratará ao longo do texto. A análise central está baseada na hipótese de que os migrantes nordestinos que chegavam ao município constituíram suas relações de vida amparados nas redes de solidariedade e pertencimento. Dentro desta perspectiva, a Feira de Caxias tornou-se o espaço onde encontravam a possibilidade de expressarem as suas memórias e fortalecerem essas redes. Para compreender tais termos, é fundamental citar a obra de Fontes (2008). O citado autor realiza uma análise sobre o movimento migratório de nordestinos em direção ao bairro de São Miguel Paulista (São Paulo). Os principais motivos

---

<sup>15</sup> IN: <<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2015/11/17/prefeitura-de-caxias-tomba-a-feira-do-centro-da-cidade/>>.



para o deslocamento estavam em fatores ligados tanto a região de destino, quanto a região de origem. Incentivados pela transformação industrial ocorrida no Sudeste, em busca de melhores condições de vida, da superação da crise econômica e da seca no Sertão da região Nordeste do Brasil, populações nordestinas se estabelecem em uma localidade em ascensão industrial (São Miguel Paulista), motivada pela instalação de uma fábrica. Fontes enfatiza que os movimentos migratórios eram organizados a partir de estratégias baseadas no menor risco para o deslocamento total da família. Primeiramente, os membros homens e jovens realizavam o caminho. Quando esses estivessem estabelecidos, pouco a pouco os demais membros realizam o deslocamento. Após o estabelecimento familiar, buscava-se incentivar amigos, “compadres” e outros familiares a realizarem o mesmo caminho, formando-se assim, gerações de migrantes.

Esta estratégia de deslocamento, da qual Fontes enfatiza em seu livro, não se restringiu a experiência ocorrida em São Paulo. Como será explicitado nos capítulos desta dissertação, os migrantes que chegavam a Duque de Caxias, experimentaram uma trajetória de migração semelhante quanto a sua organização. Em outras palavras, a migração em massa de populações nordestinas para o Sudeste brasileiro ao longo do século XX, foi um fenômeno de movimentação populacional pautado em estratégias de deslocamento e a organização no novo local de destino e residência. Buscava-se desta maneira, o estabelecimento em um novo ambiente fundamentado em uma prática migratória que gerasse um menor impacto nas formas de vivência e nas relações familiares

Uma vez residentes no novo ambiente, os migrantes construíam redes de pertencimento e solidariedade baseadas na aproximação cultural e de experiência de vida. Um fator que teria facilitado a locomoção de nordestinos em direção ao Sudeste foi a experiência de habitantes dessa região do país em processos migratórios nos ciclos de seca (neste caso tratamos dos locais que sofrem o fenômeno da seca, principalmente, o Sertão nordestino). O peculiar no processo migratório em meados do século XX, segundo Fontes, é que a migração passa a ser definitiva e não mais pendular ou temporária como anteriormente (como as migrações para o próprio Sudeste, para as capitais do Nordeste e para a região Amazônica).<sup>16</sup>

Não se tem a pretensão de recriar “Um Nordeste em São Paulo” (título do livro de Fontes), adaptando-o para “Um Nordeste no Rio de Janeiro”. Ainda que, a população nordestina se faça presente em grande escala em Duque de Caxias, esse projeto visa compreender as relações que se referem aos aspectos sociais e culturais. Em sua obra, Fontes

---

<sup>16</sup> Fontes, 2008.

realiza uma análise pautada no mundo do trabalho. Seu livro possui considerações que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho dissertativo, tal como a movimentação em escala dos migrantes e a organização para se fixarem em um novo ambiente.

Durante muito tempo se criou um imaginário onde os retirantes nordestinos eram vistos como aventureiros que largavam suas vidas e iam “em busca da felicidade” em outras terras, sem quaisquer certezas sobre o que encontrariam no Rio de Janeiro e em São Paulo. O trabalho de Fontes é fundamental para dar sentido ao movimento migratório, seu caráter organizado e as demandas sociais dessa população. Mas primordialmente, sua colaboração se aloca na compreensão das redes de solidariedade, baseadas nos auxílios mútuos entre migrantes em suas novas regiões de moradia. O pertencimento estaria presente nas experiências de vida migrantes, que se aproximavam a partir da busca por melhores condições de vida no Sudeste onde haveria melhor estrutura e maiores ofertas de trabalhos.

É deste ambiente que estamos tratando nesta dissertação, uma localidade no Sudeste, mais especificamente no Rio de Janeiro, que absorveu uma grande parcela desses migrantes oriundos das áreas rurais do Brasil, destacando-se a população oriundo do Nordeste brasileiro. Inseridos em seu novo local, esses migrantes passam a construir relações híbridas com diversas populações do própria Nordeste, com migrantes de diversas regiões e com a população originária da região Sudeste. Neste encontro entre culturas, vivências e experiências que se fortalece a Feira de Caxias, como um ambiente que sintetiza as relações de memória, identidade e pertencimento das populações que ocuparam Duque de Caxias ao longo do século XX.

### **Das fontes e seus usos**

O manejo das fontes e suas tipologias precisam ser discutidos e especificados por terem sido fundamentais no desenvolvimento e finalização deste trabalho. De forma geral, buscou-se realizar uma pesquisa pautada em tipos diversificados de fontes, tornando a análise do objeto mais crítico e eficaz.

Reportagens como estas que deram início ao texto introdutório serão analisadas ao longo da dissertação. O contato com este tipo de fonte permitiu o exercício de analisar e dimensionar os diversos olhares existentes e publicitados a respeito da Feira de Caxias. Além disso, as análises de jornais serão fundamentais para compreender a construção da imagem de Duque de Caxias ao longo do século XX e da relação com a própria Feira, analisando seus momentos construção e consolidação.

As entrevistas, relatos e depoimentos realizados junto a migrantes nordestinos foram outro instrumento de análise fundamental para o desenvolvimento do trabalho, encaixando-se na categoria de história oral. Os depoentes possuem relações diretas e indiretas com a Feira de Caxias, atuando como feirantes, frequentadores, consumidores e admiradores da atividade. A realização das entrevistas corresponderam a uma série de perguntas relativas às motivações para migrarem para o Sudeste, os motivos para o estabelecimento em Duque de Caxias, as estratégias de permanência, as atividades desenvolvidas no município, a percepção sobre a presença de outros migrantes e as principais mudanças ocorridas, tanto na Feira quanto no município ao longo das décadas. Questionamentos sobre a Feira de Caxias também foram realizados, como o conhecimento sobre a atividade, a maneira que enxergavam a feira dominical, a relação com o espaço e as percepções sobre as mudanças e as permanências ao longo dos anos.

Com o intuito de tornar possível o trabalho com história oral foi preciso realizar diversas incursões na busca por sujeitos que estivessem dispostos a fornecerem suas experiências e memórias em forma de entrevista. Devido às dificuldades encontradas para entrar em contato com os migrantes das décadas até 1950 para o desenvolvimento desta metodologia, optou-se, em alguns casos, por entrevistar os descendentes desses migrantes. O objetivo com a entrevista desses familiares, já estabelecidos no município, foi justamente compreender as relações que permeiam a categoria de memória coletiva (ver no debate sobre memória presente nesta introdução), perpassando pelas gerações de migrantes que se formaram.

O processo de captação de pessoas para serem entrevistadas apresentou algumas dificuldades correspondentes à natureza do espaço e da atividade realizada pelos depoentes. Em sua maioria, as entrevistas se realizaram no próprio espaço da Feira. Por estarem presentes em um local de disputas políticas, muitos feirantes relatavam suas memórias, mas negavam-se a formalizar as mesmas por meio de uma gravação e a assinatura do termo de autorização de uso. Em outras palavras, a seleção de entrevistados na Feira de Caxias enfrentou dificuldades inerentes as próprias características latentes a sua atividade. O local é fruto de diversas incursões políticas em anos antecessores as eleições, o que gera uma desconfiança por parte dos feirantes em relação ao pesquisador. Por diversas vezes houve o questionamento sobre a intenção política das perguntas. Inclui-se ainda o fato de os feirantes realizarem suas atividades de trabalho ao longo da semana, de domingo a domingo, em diversas feiras espalhadas pela Baixada Fluminense. Logo, o agendamento para a marcação das entrevistas individuais obedeceu a aspectos da própria profissão. Muitos preferiam ser

entrevistados no próprio local de trabalho (a Feira). Outros afirmavam que a dinâmica da atividade não permitia separar um tempo para conceder a entrevista.

No caso daqueles que se negaram a fornecer um depoimento oral, foi proposto um questionário em que pudessem dimensionar o tempo em que trabalhavam na Feira, o local de nascimento e a origem familiar. Os resultados desse questionário foram considerados em caráter de comparação de números e de percentuais.

No que se refere aos relatos, serão analisados consonante a um arcabouço intelectual que permita o aprofundamento das análises sobre memória. De modo geral, são autores que se debruçaram e investiram em textos que tratam sobre as temáticas da identidade, pertencimento e da memória. Os autores que dão base a este trabalho de análise são: Thomas Tadeu da Silva (2005), Stuart Hall (2005), Michael Pollack (1989, 1992), Joel Candau (2004), Fernando Catroga (2001) e Maurice Halbwachs (1990).

Neste processo de diversificação das fontes de investigação os dados censitários foram importantes instrumentos avaliados ao longo da pesquisa. O uso de tais fontes propiciou a compreensão do crescimento vegetativo da população duque caxienses. A análise desses números permitiu a elaboração de uma proposição baseada na permissão de que a população do município cresceu na medida do aumento do processo migratório como fenômeno das cidades brasileiras do século XX, principalmente aqueles movimentos que possuíam como saída os estados do Nordeste e como destinos os estados do Sudeste. Esse processo pode ser compreendido também como uma transformação da dinâmica de ocupação brasileira, das zonas rurais para as zonas urbanas ou em transformação, como o caso de Duque de Caxias.

Por fim e não menos importante, recorreu-se a alguns autores, em sua maioria historiadores, que investigam a história do município de Duque de Caxias e a região da Baixada Fluminense. As contribuições desses pesquisadores que já “pavimentaram o caminho” em algumas áreas fundamentais permitiram a percepção dos discursos hegemônicos da historiografia que trata sobre a dinâmica e a organização municipal.

### **Das análises referentes as identidades**

Os migrantes nordestinos que foram ocupando Duque de Caxias ao longo do século XX, contribuíram para uma transformação territorial com atuações nos mais abrangentes âmbitos. Os aportes dessa população atingem os aspectos políticos e econômicos, mas são percebidos de modo mais evidente nos quesitos culturais e sociais. A busca diária pela estabilidade no novo local de sobrevivência foi traduzida em métodos voluntários e

involuntários. Dentro deste contexto, insere-se a feira dominical localizada entre os bairros do Centro e da Vinte e Cinco de Agosto.

A Feira de Caxias, tal como se configurou, é compreendida mediante as exposições dessas estratégias de sobrevivência. Em torno da atividade feirante e do espaço por ela produzido, surgiu um emaranhado de relações que colaboraram para a variação da imagem que o município reproduzia. Com o passar dos anos, os espaço recebe popularmente a alcunha de “Feira dos Paraíbas” ou “Feira dos Nordestinos”, ao compasso que o próprio município torna-se afamado como um reduto de populações nordestinas.

No tocante a conceituação dos termos “paraíbas” e nordestinos é preciso realizar uma problematização que abarca a discussão sobre o conceito de identidade. Em primeiro lugar, é imprescindível o questionamento sobre a existência de um identidade de nordestinos (paraíbas). Outro ponto salientado, no sentido de ser indagado, é a possibilidade de transferência de costumes e de usos em comum de um local de origem para um local de destino, de forma intacta, inerte as influências na nova localidade. Nos dois casos, os estudos sobre identidade não permitem uma resposta categoricamente positiva.

A terminologia na qual os retirantes nordestinos são tratados no Rio de Janeiro e em Duque de Caxias, supera os aspecto de demarcação social de indivíduos. Como forma de elucidar essa discussão serão analisadas as compreensões de Thomas Tadeus da Silva<sup>17</sup> no que tange a temática da identidade. Em seu estudo acerca da produção social da identidade Silva destaca o ato de afirmação, da diferença e das representações da própria categoria, atentando para a relação intrínseca entre identidade e diferença, que faz parte de uma cadeia de negações. Segundo o autor, ao falar “eu sou brasileiro, eu sou negro, eu sou homem, eu sou homossexual”, o sujeito está realizando um exercício de negações diversas. Não se trata apenas de afirmar a sua identificação social e coletiva, uma vez que identidade não é simplesmente autocontido, autossuficiente. Dentro dessa cadeia, a afirmação de identidade vai existir justamente a partir da diferença e da negação, a ênfase daquilo que não é, ou seja, “eu não sou sueco, eu não sou branco, eu não sou mulher, eu não sou homossexual”. Em outras palavras, a afirmação de uma determinada identidade pressupõe a negação de diversas outras. “Eu sou brasileiro” só vai existir uma vez que nega-se diversos outros seres, e porque outras pessoas não são brasileiras. Dentro dessa lógica, chamar o retirante de "paraíba" não seria apenas enquadrar ele em um novo tipo de identidade na sua nova localidade, como também é parte de uma cadeia de negação. Se "ele é paraíba", quer dizer que ele não é carioca, não é

---

<sup>17</sup> Da Silva, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

fluminense e não é duque caxiense. Para Thomas Tadeu da Silva, identidade e diferença são resultados de uma construção. Construção esta que em nosso caso, os migrantes nordestinos se viram inseridos dentro de uma nova realidade.

Os depoimentos fornecidos por migrantes nordestinos, que compõe os elementos de avaliação desta dissertação, são fundamentais para a compreensão da aceitação e repulsão aos termos nos quais foram reconhecidos esses sujeitos em sua nova localidade. No que concerne ao termo “nordestino”, os próprios migrantes apresentam-se orgulhosos (nas palavras dos entrevistados) em serem reconhecidos como “nordestinos”.<sup>18</sup> Os entrevistados partilharam em suas memórias um traçado frequente na definição da referida terminologia: assumem um estereótipo de narrativa épica que entona os momentos de sofrimento e de superação das precariedades para conseguir se estabelecerem no Sudeste. Posteriormente, traduzem os nordestinos como batalhadores, trabalhadores e construtores das cidades no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Destarte, o termo só existe a partir da presença dessa população no Sudeste, território onde a definição passa a fazer sentido dentro da cadeia de negações destacada por Silva (2005). Uma vez utilizado como estereótipo do “não carioca, não fluminenses, não duque caxienses”, sua representação recebe outras derivações na visão dos retirantes que reutilizam-no dando teor de orgulho por fazerem parte de uma trajetória semelhante.

Em suma, por diversas vezes o próprio migrante se insere na realidade que lhe foi conferida. Uma vez tratado como personalidade unificada dentro do âmbito da diferenciação em relação às populações presentes no espaço, introduz ao termo ressignificações. Pode-se compreender essa aceitação do “ser nordestino” baseada na reutilização, como uma estratégia de permanência e mesmo dentro da cadeia de negações discutida por Tomaz Tadeu da Silva. No Sudeste, os migrantes assumem-se como nordestinos, fortalecendo suas redes de solidariedade e diferenciando-se daqueles que nasceram no Sudeste. Ao longo do tempo, a identidade transforma-se, alicerçada em estratégias para o estabelecimento e a sobrevivência.

No que diz respeito ao outro termo analisado, “paraíba”, os depoimentos recolhidos por esta pesquisa atestam o reconhecimento pelos migrantes de um teor mais pejorativo do mesmo. Diferentemente do termo nordestino, que parece não gerar incômodos, quando interrogados sobre o significado de “paraíba” costumam apresentar maior constrangimento e menor receptividade quanto a sua definição. As reações variavam entre aqueles que diziam pouco se importar, mas ressaltavam que não existia “paraíba”, mas sim paraibanos, cearenses,

---

<sup>18</sup> Vale ressaltar que os termos Norte e Nordeste por diversas vezes se confundem, como aqueles que migraram das “regiões de cima”.

sergipanos, baianos, maranhenses, potiguares, piauienses. Ou seja, reconheciam que o termo era utilizado de forma pejorativa pelos fluminenses e cariocas, mas afirmavam não sentirem-se incomodados. O ato de negação já apresenta indícios de incomodo, uma vez que era acompanhado de uma explicação e o apontamento de um erro por parte da definição. Por outro lado, existiram aqueles que demonstraram um incômodo nítido, afirmando que tinham vergonha de serem chamados pelo termo “paraíba”. O constrangimento gerava uma atitude de auto proteção na ocultação de suas origens. De forma geral, reconhece-se a negação da existência de uma unidade a partir do termo citado. A maior parte dos entrevistados preferem e se orgulham de serem chamados de nordestinos, não possuindo a mesma afeição ao termo “paraíba”.

O debate sobre o desenvolvimento dos conceitos de “paraíba” e nordestino” entre os migrantes em Duque de Caxias não pode estar isolado da relação direta com a feira local. De modo mais nítido, a Feira de Caxias é uma representação da identidade retirante no município e que perdura até os dias atuais. Ocorre semanalmente aos domingos, ocupando a extensão de aproximadamente quatro ruas. Considerada uma das maiores feiras comerciais do Brasil, reconhecidamente é um espaço de tradições nordestinas, sendo chamada inclusive de Feira Nordestina de Caxias. Nela se realizam atividades culturais relacionadas aos municípios da região Nordeste, como músicas e comidas típicas, além disso, possui destacado papel como um espaço de socialização entre os diversos migrantes nordestinos na Baixada Fluminense, tal como na interação com os demais habitantes.<sup>19</sup>

O prestígio da Feira de Caxias experimenta diversos momentos históricos concomitantes ao próprio município e à existência de uma outra atividade de igual impacto, a Feira de São Cristóvão (bairro do Rio de Janeiro). Mesmo mediante as disputas entre memória e identidade de populações nordestinas com a atividade do bairro carioca, o local permanece até os dias atuais como um espaço de encontro entre gerações de migrantes. Suas barracas realizam o comércio de frutas, verduras e produtos diversificados. Entre as suas características, destaca-se como um local de representatividade, um ambiente de incursões das tradições nordestinas, onde se vende comidas típicas, cds com músicas de grupos de forró e outros gêneros das diversas regiões do Nordeste.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Ver mais em: Da Silva, José Severino; Da Silva, Renato. Ontologia do ser nordestino na feira de Duque de Caxias. Revista Philologus, Ano 22, N° 64 Supl.: Anais do VIII SINEFIL. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2016.

<sup>20</sup> Tal ideia de perda de espaço para a Feira de São Cristóvão é desenvolvido por: Souza, Eldemar de. "A Tradicional Feira de Caxias". Instituto Histórico de Duque de Caxias.

Recentemente realizou-se um esforço para transformar a Feira em patrimônio imaterial do município. O Projeto de Lei Municipal nº 91 da vereadora Margarete Conceição de Souza Cardoso (Gaete), de 2010, reivindicava a preservação da atividade como patrimônio cultural do município, na categoria de patrimônio imaterial, baseado na sua importância histórica e na preservação da cultura nordestina na região.

No intuito de reconhecer a presença nordestina e a importância desses migrantes para a cidade, o Inventário do Projeto de patrimônio cultural proposto em conjunto com o Instituto Histórico da Câmara Municipal e pela Secretaria de Cultura de Duque de Caxias afirma que:

Na década de 40, chegaram à região levadas de migrantes que deixavam suas terras, gado, cachorros, gatos, galinhas e parte dos familiares, fugindo da seca e da fome que assolavam o agreste e o sertão nordestinos. Vinham, em sua maioria, trabalhar na construção civil. Nesse deslocamento trouxeram para Caxias suas manifestações culturais, hábitos, música, culinária, tradições e esperanças de viver dias melhores.<sup>21</sup>

O trecho acima, retirado do Inventário (Dossiê), possui o objetivo de justificar o Projeto. Realiza-se uma construção de narrativa épica entre a “fuga” de retirantes nordestinos de suas localidades de origem e a chegada ao local de destino. Duque de Caxias aparece nesse processo como destinação final e ambiente onde criou-se a possibilidade de cultuarem suas manifestações culturais, seus hábitos e tradições ao mesmo tempo em que buscam se alocar no mercado de trabalho. Chama a atenção o fato de que novamente é denotado protagonismo ao processo de migração de nordestinos para Duque de Caxias na constituição populacional do município. Os migrantes citados acima são inseridos dentro de uma categoria de sujeitos de transformação do espaço e das relações municipais. Suas atuações transformaram a Feira em um lugar de preservação e resistência cultural. Exemplo claro da preservação e resistência cultural são os espaços tipicamente relacionados aos ditos nordestinos, como o "Forró na Feira de Caxias" e a "Esquina do Cordel", ambos com funcionamento no interior do espaço ao longo dos anos de funcionamento.<sup>22</sup>

O desenvolvimento dessas atividades de recordação relacionam-se ao reconhecimento de um pertencimento. O significado de pertença neste caso não está inserido na ideia de nordestino ou “paraíba”, mas sim na proximidade de experiência migrante. Desenvolve-se assim, uma identidade específica de retirantes em Duque de Caxias, que transformaram suas

---

<sup>21</sup> Dossiê para registro da Feira de Duque de Caxias. Secretaria de Cultura. p. 11.

<sup>22</sup> Para saber mais: Marques, Alexandre dos Santos; Maciel, Francisco Carlos. "Forró na Feira" Inventário - Patrimônio Histórico de Duque de Caxias. Instituto Histórico de Duque de Caxias.



vidas e o município a partir do desenvolvimento de relações híbridas e da mistura de culturas de diversas regiões.

Retomando as discussões contidas em Tomaz Tadeu da Silva, que foi fundamental para o arcabouço teórico deste trabalho, é preciso citar suas considerações referentes as relações de poder. Para Silva, tanto identidade quanto diferença estão sujeitas às disputas sociais e de poder. O poder estaria na diferenciação, na determinação do "nós e eles", no pertencer, no incluir e excluir, na demarcação de fronteiras. Mesmo que o desenvolvimento de tal noção se encaixe muito mais no conceito de nação e nacionalidade, podemos utilizá-la no contexto das diversas populações nordestinas presentes em Duque de Caxias. É preciso citar o trabalho de Beloch (1987) para compreender as especificações das relações políticas presentes no município. Segundo o autor, haviam práticas políticas consideradas e chamados por ele de clientelistas, nas quais, se destacava a liderança do político alagoano Tenório Cavalcante. O citado homem público, segundo o autor, utilizava-se de sua origem nordestina para angariar eleitores originários da região Nordeste do país.

O "homem da capa preta", como o político ficou popularmente conhecido no imaginário popular devido a vestimenta que trajava em suas aparições públicas, consolidou sua presença política a partir da construção de uma imagem de força e auxílio. Sempre acompanhado de sua metralhadora apelidada de "Lurdinha", o deputado sofreu diversos atentados e tentativas de assassinato. As explicações acerca de sua popularidade partem de três hipóteses que se complementam: 1- conseguiu prestígio amparado em alianças com lideranças locais e da Baixada Fluminense; 2- utilizou-se de um caráter violento nas relações políticas do município para conseguir seus objetivos políticos, com ameaças de morte e garantia de direitos ao seu eleitorado na base da sua popularidade e da força; 3- E, por fim e não menos importante, a utilização de sua origem nordestina, alagoano, como um exemplo de retirante que deu certo e conseguiu prestígio em Duque de Caxias permitiu a ele a possibilidade de formar um grupo de apoiadores políticos. Neste caso, seria o espelho ou exemplo de "paraíba" que deveria ser seguido para conceder força às populações que chegavam ao município.<sup>23</sup>

Os aspectos discutidos acima precisam ser analisados de forma mais aprofundada, em conjunto com as estratégias utilizadas pelo político. Tenório aproveitava o seu prestígio junto ao povo retirante que se alojava em Duque de Caxias, fornecendo os "primeiros socorros" à população que chegava através dos caminhões de pau de arara. Entre os auxílios fornecidos

---

<sup>23</sup> BELOCH, Israel. Capa Preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada Fluminense. Rio de Janeiro: Record, 1987.

estavam a busca por terrenos para habitação, locação para moradias, cidadania a partir da emissão de certidões, identidades e títulos de eleitores. Essa política enquadrava-se justamente nas relações de poder no que se refere a determinação entre o "nós e eles". Naquela população, o personagem popular encontrava a oportunidade de demonstrar que fazia parte da mesma experiência de vida. Era alguém que estaria ali para prezar pelos retirantes, o político nordestino, o retirante com alto prestígio nas relações de poder, o "paraíba" que havia conseguido o respeito político de cariocas, fluminenses e duque caxienses.

Entre os migrantes consultados, os feirantes depoentes e os moradores entrevistados, a imagem que permeia no imaginário popular sobre Tenório Cavalcante demonstra uma personalidade confusa e antagonica. O político transita entre o heroísmo e o banditismo. Existem aqueles que defendem que embora tivesse uma imagem ruim, Tenório era um político que teria ajudado muitas pessoas, principalmente os migrantes nordestinos. Foram constantes as lembranças de sua origem migrante, originário do Nordeste, além disso, era enquadrado dentro das características atribuídas pelos próprios migrantes, de auxílio e trabalho dos nordestinos no Sudeste.

Chegando de diversas regiões do Nordeste, os retirantes acabam transformando-se em "paraibas" na visão da população fluminense. Há de se observar que embora tivessem uma experiência de migração que os aproximasse, possuíam histórias e experiências de vida diferentes, vieram de estados e municípios distintos e enfrentaram realidades particulares. Não se pode considerar o pernambucano do interior, que viveu as penúrias da seca, com uma identidade idêntica à daquele que viveu no Grande Recife. Nem mesmo os retirantes que vieram de uma mesma região podem ser considerados como participantes de uma mesma realidade unificada e sólida. O que os une é justamente a experiência de retirante, o pertencimento a uma categoria enquadrada por aqueles que viviam no Sudeste e a busca por melhores condições de vida amparada na mudança do ambiente de origem.

Referindo-se a solidez dos termos e as relações de identidade e pertencimento na atualidade, novamente a análise de Tomaz Tadeu da Silva (2005) precisa de um teor de destaque. Em seus estudos, o autor destaca que na pós-modernidade existem movimentos que questionam a pureza e a insolubilidade aos quais determinados grupos foram taxados a partir da noção de identidade. Enfatiza que o hibridismo, contato entre diferentes comunidades, os movimentos de deslocamento, nomadismo, e outras movimentações, resultam na miscigenação cultural e racial.

Podemos traduzir a compreensão de Silva (2005) para a realidade ao qual estamos trabalhando? Se sim, é preciso ser destacado que não existia aqui o nordestino como ser

unificado, o que existiam eram nordestinos de diversas origens e vivências, homens, mulheres, crianças, jovens, adultos, oriundos do sertão, das cidades, das zonas rurais e urbanas. As experiências e objetivos semelhantes levaram esses retirantes a formarem um grau de familiaridade e pertencimento a um mesmo trajeto ou roteiro de deslocamento. Sem embargo, precisamos ressaltar de forma definitiva que a representação do "paraíba" em seu modo pejorativo, seguindo-se de expressões como "da Bahia para cima são todos iguais", foi uma construção fundamentada na presença desses migrantes no Sudeste. Reforça-se que os migrantes se transformam em "paraíbas" e nordestinos no Sudeste.

Outro autor de extrema valia para estruturação desta dissertação, Fontes (2006) destaca as redes de solidariedade entre os migrantes nordestinos em São Paulo, mais precisamente no bairro de São Miguel Paulista. Essas redes se constroem a partir das experiências de vidas e das relações de pertencimento. Por terem experimentado uma trajetória de movimentação populacional em comum, desde a decisão de migrar do Nordeste para o Sudeste em busca de oportunidades nas regiões industriais, esses migrantes aproximam-se e constroem suas novas relações no novo território. As formas de deslocamentos e as adaptações das populações à realidade local são justamente os canais de solidariedade entre os nordestinos. Para F, as relações entre conterrâneos, familiares e compadres, facilita a adaptação dos recém-chegados ao Sudeste.

Novamente, ressalta-se aqui que são justamente essas redes de relações e solidariedade que podem ser consideradas como instrumentos de agrupamentos de identidades desses migrantes nordestinos no Rio de Janeiro e em Duque de Caxias. A constituição desses entrelaçados foram possibilitados pelo sincretismo com outras populações migrantes de Minas Gerais, Espírito Santo, de regiões ruralistas do Rio de Janeiro e de uma série de populações que chegavam ao município após não encontrarem possibilidade de moradia acessível no antigo Distrito Federal, atual município do Rio de Janeiro.

As discussões sobre o conceito de identidade neste presente trabalho dissertativo possuem forte ancoragem em Stuart Hall<sup>24</sup>. O estudioso salienta que a identidade nunca é um conceito fechado e unificado, estando sempre sujeito a historicização radical. Tal conceito é construído por meio de discursos, práticas e posições, e tem sido cada vez mais fragmentado e fraturado, estando em um constante processo de mudança e transformação.

As mudanças e transformações em que as identidades estão compreendidas ao longo do processo histórico estarão presentes também nessa nova realidade do retirante em Duque

---

<sup>24</sup> Hall, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Silva, Tomaz Tadeu da. Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

de Caxias, uma vez que passa a anexar à sua estrutura de influência adquiridas com sua experiência de vida, novas relações que serão construídas e que já existem na sua nova realidade.

A tese de Hall contribui para a noção de surgimento de uma nova identidade em Duque de Caxias, ancorada nas redes de relações, pertencimento e solidariedade. Os migrantes se difundem, se sincretizam, fazendo surgir novas tradições e vivências. O Sudeste e o Nordeste, baseados em seus diversos municípios que participam desse processo de deslocamento populacional, criam a identidade híbrida do migrante, do retirante que constituiu e estruturou sua “nova vida” com incentivo dessas experiências e redes.

Os migrantes nordestinos em Duque de Caxias recebem diversas influências nos seus novos vínculos e vivências. Seguindo a perspectiva de Hall, a mudança de realidade e habitat do sujeito leva ao deslocamento de sua identidade e a fragmentação em diversas identidades, estruturando-se novas. É dentro desse conceito que é fundamental pensar o termo “paraíba”. A expressão não significa apenas uma afirmação de identidade reconhecida de forma pejorativa. Sua popularização vai identificar e diferenciar o duque caxiense (e o fluminense) do migrante nordestino, do retirante do “pau de arara”.

Hall destaca ainda que embora participante de um processo de construção ficcional, a identidade se vincula ao passado, a uma representação que se tem, uma narração do “eu”, partindo das experiências do passado e das novas vivências vinculadas a esse. Além disso, a identidade vai surgir na relação com “o outro”, daquilo que não é, do diferente, é uma identificação pautada na capacidade de excluir. No caso em que estamos trabalhando, o reconhecimento de uma característica conterrânea é importante na percepção de pertencimento e construção de redes de solidariedade a partir da construção dessa diferença.

### **Das análises sobre memória**

Para o trabalho de análise sobre os estudos de memória, desenvolvido ao longo da pesquisa, que necessariamente é associado à erudição sobre a identidade, serão fundamentais os estudos de Michael Pollak. Segundo Pollak (1989), a memória é produzida doravante a uma disputa e a um projeto de poder. Dentro desta perspectiva, a memória coletiva é um instrumento de fortalecimento do grupo social vencedor da disputa pela memória. Sendo um objeto de disputa, passa a apresentar lembranças ditas e “não ditas”, aquilo que deve ser lembrando e expressado. Por outro lado existem as experiências que devem ser esquecidas, não sendo divulgadas ou contadas. Com o passar dos anos, como consequência dos

instrumentos de fortalecimento da memória oficial do grupo, os fatos “não ditos” tornam-se esquecidos.

Os “ditos” e os “não ditos” para o fortalecimento da memória oficial do grupo foram percebidos em diversos momentos ao longo das entrevistas realizadas no processo de construção desta dissertação. Principalmente na constituição de depoimentos narrativos de trajetórias épicas, realizados pelos próprios migrantes e seus descendentes. É perceptível a presença de um discurso enraizado nessa população, que fornece uma visão e uma imagem de um migrante nordestino que atua como herói na sua experiência de vida desde a decisão de rumar para outro estado, até o seu estabelecimento e uma posterior vitória motivada pela “luta” e pelo “trabalho”. Mesmo que de forma subjetiva, esses retirantes constituem um forma associada de explicar suas histórias, traduzidas nos relatos em formatos de epopeias migrantes em busca de melhores condições de vida.

Os documentos oficiais do processo de tombamento e transformação da Feira de Caxias em Patrimônio Imaterial (documento visto nas primeiras páginas da Introdução) atestam justamente a visão da história oficial na disputa pela memória. Trazem a tona esse migrante construtor das relações, do município e da Feira. No espaço da atividade dominical, em especial, são colocados como aqueles que propiciaram a existência e o fortalecimento da mesma. Por outro lado, o município aparece tanto nos registros oficiais, quanto nos relatos dos entrevistados como um reduto de nordestinos. No território municipal, funcionaram tanto como as mãos de obras e quanto como agentes sociais de transformação municipal.

Em outro artigo, Pollak (1992) enfatiza que a memória é um instrumento de constante construção e seleção. Primeiramente, a memória se constitui de acontecimentos vividos, os fatos que são reconhecidos de forma individual, da participação do sujeito no evento. Em segundo lugar, são os acontecimentos de grupos e daquele grupo ao qual a pessoa pertence, não sendo necessária a participação nos acontecimentos do passado, é uma memória transmitida ou “herdada” doravante o caráter de identidade do grupo. O sujeito adquire a memória como uma herança do grupo, originária da transmissão dos fatos pelos mais diversos instrumentos de sociabilidade, como cantos, canções, folclore, datas comemorativas. Para o autor, embora a memória pareça um fenômeno particular e individual, existe todo um processo contínuo de construção pelo qual a memória está inserida. Tal processo pode ser percebido ao longo de entrevistas realizadas junto aos migrantes, feirantes e moradores de Duque de Caxias. Além disso, a consolidação da memória passa ainda por identificação de pessoas, personagens e lugares, formando uma ligação entre a memória pessoal e a memória coletiva.

É dentro desta conceituação de memória de um grupo, com foco na formação de uma memória coletiva, que se interpretou as entrevistas com os descendentes de migrantes nordestinos no município de Duque de Caxias. Os selecionados possuem a peculiaridade de atualmente trabalharem no interior da Feira ou em atividades culturais no município. Traduzem por diversos momentos os instrumentos de sociabilidade herdados. Seus depoimentos foram fundamentais para a compreensão de como esses migrantes fortaleceram suas memórias e suas identidades em Duque de Caxias e no espaço da Feira.

O sociólogo Joel Candau (2014)<sup>25</sup> vai separar a construção da memória individual em três níveis: protomemória, memória propriamente dita e meta memória. A primeira é considerada a memória de baixo nível, onde ficam evidenciados os hábitos de determinado grupo representados no indivíduo. A segunda é considerada de alto nível e se refere a lembranças e recordações, E por fim, a metamemória é considerada como representação de cada indivíduo sobre a sua própria memória, a forma como se filia ao passado. A memória nesse caso é observada como a "construção explícita de identidade".

Dentro da polêmica entre memória individual e memória coletiva, Candau afirma que a protomemória e a memória propriamente dita operam como individual, já que não podem ser compartilhadas. Diferentemente da metamemória que ao possibilitar o compartilhamento torna-se categoria de memória coletiva.

É dentro do conceito de metamemória que pretendemos enquadrar o grupo de nordestinos que vão residir em Duque de Caxias, levando em consideração suas experiências e a interpretação que possuem de sua vivência. Vale citar a necessidade de observar os processos aos quais enfrentaram na construção de uma coletividade oriunda de relações de proximidade, que levam a estruturação e consolidação de um novo município alicerçado pelas diversas relações sociais, de poder e da edificação que este grupo participa.

Outra contribuição fundamental na obra de Candau que pode ser utilizada no estudo do migrante nordestino em Duque de Caxias é a designação entre "memória forte", que seria aquela mais presente nos pequenos grupos, mais coerente, compacta e com maior capacidade de organização e estruturação. E a "memória fraca", mais indefinida e superficial, de pouca inserção entre a população. No caso analisado nesta pesquisa, compreende-se como “memória forte” as relações entre os migrante, os feirantes e o espaço da Feira em si. Os discursos de criadores de uma atividade importante, o papel no fortalecimento e mesmo as histórias e

---

<sup>25</sup> CANDAU, Joel. Memória e Identidade. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.

memórias sobre a atividade feirante ao longo do século inserem-se em um nível de capacidade de inserção que mobiliza a população.

Além das ideias citadas acima, o estudo de Candau é fundamental para nosso objeto, uma vez que para o autor, memória e identidade possuem uma relação de dependência, não podendo haver memória sem identidade e nem identidade sem memória. Ademais considera que não há possibilidade de haver grau de independência entre memória e esquecimento, uma vez que possuem uma relação com a continuidade e a ruptura. Essas noções sobre o conceito de identidade se encaixam dentro da vivência do migrantes nordestino em Duque de Caxias.

Já Fernando Catroga (2001)<sup>26</sup>, seguindo a mesma linha e "bebendo na fonte" de Candau, realiza interessantes observações acerca do estudo entre memória e identidade. Afirma que o trabalho de representação realizado pela memória é responsável por unificar a complexidade das experiências que vivemos e que dessa relação é que a nossa identidade é produzida.

Catroga (2001) considera que a memória possui uma relação direta com a construção de identidade. Mais do que isso, o autor enfatiza que a mesma faz parte de um "processo relacional e intersubjetivo". A memória não é uma exclusividade de quem a evoca. Para se legitimar, ela depende de diversos autores e do ato de recordação.

Não trataremos as experiências dos migrantes para Duque de Caxias fundamentado em uma identidade isolada no que diz respeito à memória. Ainda que a memória coletiva e social sejam termos extremamente sensíveis e questionáveis, o indivíduo no exercício de sua recordação acaba por reproduzir o contexto social em que sobrevive, levando em consideração diversos interlocutores. Logo, o ato de recordar pode ser considerado um instrumento de avaliação da vida coletiva e em grupo.

As recordações e lembranças, segundo Catroga, ocorrem a partir dos lugares sociais e dão sentido à vida em grupo. Logo, fazem parte da formação do "eu" de cada indivíduo. O sujeito ao constituir seu "eu" não realiza tal trabalho sozinho, é uma construção subjetiva na memória, indissociável das relações sociais, dos valores da sociedade e de seu grupo.

Com base em Catroga podemos perceber de mesmo modo que a memória faz parte de um exercício seletivo do passado, no qual o indivíduo não se recorda exatamente de tudo o que tenha ocorrido no passado. As partes não presentes no quadro de memória são preenchidas com a intenção de dar uma coerência à história. O preenchimento precisa ser pautado em graus de veracidade, possuindo argumentos e referências em relação à realidade.

---

<sup>26</sup> Catroga, Fernando. Memória, história e historiografia. Coimbra: Quarteto, 2001.

O ato de recordar, para Catroga, é um exercício comunitário, um rito de socialização. Ao recordar, ocorre a construção da filiação, do pertencimento, da diferenciação em relação aos outros. É o caso dos retirantes que se aproximam da recordação de experiência compartilhada, dando a sensação de pertencimento, ao mesmo tempo que, se distancia do sujeito que não participou de vivência semelhante como migrante. Esse processo é fundamental na formação do “eu”, o sujeito que se utilizou de “lugares sociais” como a Feira, integrando e compartilhando experiências e memórias em grupo.

### **Do desenvolvimento dos capítulos**

O presente trabalho dissertativo foi dividido em quatro capítulos que se intitulam: 1 - Uma cidade em construção: O Município de Duque de Caxias e os migrantes nordestinos; 2 - Por que Duque de Caxias? Atração e repulsão retirante; 3 - A “Grande Feira de Caxias”; 4 - A Identidade nordestina nas atuais feiras em Duque de Caxias.

No primeiro capítulo foram utilizadas, majoritariamente, as entrevistas coletadas dos migrantes nordestinos e filhos de migrantes. Suas histórias são apresentadas como forma de compreender as trajetórias de vida até o município e as suas experiências no interior do mesmo. O objetivo central deste capítulo é analisar as vivências dos próprios migrantes, a realidade que encontraram no município, como desenvolveram seus modos de vida, as estratégias de permanência e a formação das relações de identidade e de pertencimento. Outras fontes são utilizadas para avaliar as afirmativas realizadas pelos migrantes, como reportagens de jornais do município, dados censitários e documentações oficiais.

O segundo capítulo busca conciliar as entrevistas orais com a bibliografia sobre a História de Duque de Caxias e as migrações nordestinas. O intuito é estabelecer relações conclusivas sobre as vias de atração e repulsão que levam os migrantes a saírem de seus municípios de origem no Nordeste e desembarcarem no município da Baixada Fluminense. Dentro desta perspectiva, elaborou-se uma série de fatores internos que teriam permitido o crescimento municipal na medida em que os migrantes iam se posicionando. Ou seja, ao mesmo tempo em que Duque de Caxias forneceu uma infraestrutura mínima, pautada nos meios de locomoção (trem e ônibus para as zonas de emprego) e na moradia barata, o município teve o seu crescimento alavancado justamente pelas construções de relações de vida dos novos habitantes.

Os dois primeiros capítulos justificam-se pela necessidade de compreender como se deram as estratégias de permanência dos migrantes nordestinos em Duque de Caxias.



Considera-se aqui que a Feira se transformou em um espaço de fundamental importância para a celebração de presença do migrante nordestino no município. O espaço cresce e se fortalece na medida em que os retirantes chegam e que as suas atuações passam a serem nítidas. A Feira de Caxias é um local de concentração de relações, de fortalecimento de laços de memória e pertencimento. Em seu interior emergem as vivências e experiências migrantes, conciliando diversas localidades. Como principal parâmetro desta pesquisa, a Feira é o local em que os migrantes descobrem experiências em comum, utilizam como lazer e como forma de recordar as sub regiões do Nordeste, a culinária, as músicas, as danças e as mais variadas manifestações culturais.

É no terceiro capítulo que a Feira de Caxias passa a ser tratada como objeto central. Nos dois primeiros capítulos pretendeu-se estabelecer as relações dos migrantes nordestinos, suas estratégias de permanências no município, assim como o ambiente em que são recebidos e no qual a Feira surge e fortalece elos com as populações retirantes. Já o terceiro capítulo é elaborado para analisar o surgimento do espaço, seu fortalecimento e como ele ganha a configuração que leva a uma parte da população a chamá-la de “Feira dos Paraíbas” ou “Feira dos Nordestinos”. Novamente as entrevistas orais serão um instrumento de grande valia para o desenvolvimento do argumento sobre a experiência vivida e atuação dos migrantes nordestinos no espaço. Ademais, jornais que circulavam no município e fora dele serão fundamentais para a compreensão da visão interna e externa sobre o evento. Em suma, trata-se de uma análise que integra surgimentos, fortalecimento, decadência e ressurgimento do espaço.

O quarto e último capítulo é uma análise sobre a Feira de Caxias no final do século XX (Década de 1990) e no início do século XXI. Como instrumento de comparação são comparadas outras feiras que funcionam concomitantemente no município. Trata-se de uma relação de mudanças e continuidades ocorridas na feira principal de Duque de Caxias e como se deflagraram na configuração da mesma na atualidade. Os relatos e as entrevistas tanto dos feirantes e como dos migrantes serão analisadas para constituir esse processo e como se desencadearam na situação atual.

Para finalizar, a parte referente a conclusão é mais do que um balanço em forma de considerações finais. É nela que se discute os aspectos conclusivos a respeito da presença dos migrantes nordestinos, suas atuações e a constituição de suas relações no município de Duque de Caxias a partir da Feira de Caxias.

Ciente da responsabilidade de investigar um espaço já consolidado em um município populoso, é preciso ter clareza de que o presente trabalho se insere no âmbito da História

Social, na medida em que participa de uma debate acerca de novas vivências, relações de poder ao qual as populações são inseridas e a construção de todo um imaginário social pautado nos processos de desigualdade econômica e regional.

## **1 UMA CIDADE EM CONSTRUÇÃO: O MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS E OS MIGRANTES NORDESTINOS**

Os homens em sociedade são resultado e produto do meio em que participam. Adquirem hábitos e costumes relacionados ao modo de vida em que vivem, de mesmo modo como contribuem na formação de toda uma cultura. É dessa forma que consideramos os migrantes nordestinos em Duque de Caxias, como sujeitos históricos fundamentais na formação das relações diversas que se constituem na região. Em contrapartida, são inseridos dentro de uma realidade ou de um contexto em que as suas identidades adquirem novas significâncias.

Neste primeiro capítulo, será apresentado de forma analítica o município de Duque de Caxias. O propósito é compreender e contextualizar o ambiente ao qual os retirantes oriundos dos estados da região Nordeste do Brasil consolidaram as suas novas relações. A assimilação do contexto da região de destino é fundamental para entender quais as motivações, ou quais as atrações que eram vislumbradas pelos migrantes em sua nova localidade.

Como forma de dimensionar o contexto histórico, sócio econômico, político e cultural de Duque de Caxias e a inserção da população oriunda dos estados do Nordeste diante dessa conjuntura, utilizaremos como método uma discussão bibliográfica entre os principais autores que examinam a temática. Documentações e dados censitários serão fundamentais para aprofundar o olhar sobre o caso, propiciando a análise e ilustração das transformações que se referem ao crescimento econômico que ocorreram concomitantemente ao crescimento demográfico no município em investigação. Por fim, o relato dos próprios migrantes e moradores de Duque de Caxias serão indispensáveis para compreender as participações populares e as inserções sociais no município.

### **1.1 Memórias e trajetórias de vida: migrantes nordestinos em Duque de Caxias**

Ao chegar em Duque de Caxias em 1968, José Gilvan<sup>27</sup> vai passar por experiências muito semelhantes a de outros migrantes que saíram do Nordeste e chegaram no município.

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida por José Gilvan Marques de Lima.

Originário de Timbaúba, Pernambuco, conta com orgulho os caminhos da vida que o levaram até o Rio de Janeiro. Em forma de uma narrativa, esclarece sua vinda ao Sudeste:

Eu vim pela necessidade, e minha família... mas eu nunca gostei de explorar ninguém não. Eu tenho que vencer por mim mesmo. Como eu não tinha nada, eu era casado com ela ai... quando eu casei eu era da aeronáutica né... mas como o Jânio doido me botou pra fora... foi eu só não, foi um monte de gente, cortou um terço do efetivo da FAB, e nesse terço eu fui. A minha cidade é bonita, é pacata, é uma beleza, mas ou você trabalha em banco, ou na prefeitura... (Entrevista com José Gilvan).

Vale salientar alguns detalhes importantes para a compreensão do relato de Gilvan. Quando o entrevistado diz que “era casado com ela ai”, ele se refere a sua esposa que estava no mesmo ambiente na realização da entrevista. A citada realiza uma intervenção no momento em que o marido conclama que em sua cidade de origem, Timbaúba, só era possível se alocar no mercado de trabalho em bancos ou na prefeitura. A esposa de Gilvan afirma que a feira que ocorria (ocorre) na localidade também era uma forma de sobrevivência dos que viviam na cidade pernambucana.

Antes de dar sequencias a análise da entrevista de José Gilvan, é importante destacar um fato presente na fala do entrevista, referente a uma conjuntura mais ampla. Quando Gilvan relata o seu desligamento da aeronáutico, em um corte de efetivo da FAB, o pernambucano faz menção a “Jânio doido”. Sem pretender alongar esse debate, cabe aqui esclarecer que a citação é uma referência ao ex-presidente da República no Brasil, Jânio Quadros, entre janeiro e agosto de 1961, conhecido por suas características peculiares e por um processo de renúncia ao cargo que inclui disputas políticas e decisões consideradas “pitorescas” por seus opositores.

Voltando a tratar o conteúdo presente no relato de Gilvan, existem alguns pontos que permeiam características relativas ao processo migratório. O entrevistado demonstra que sua trajetória em direção ao Sudeste possuiu motivações sustentadas na ideia de que nesta região do país haveria uma maior oferta de empregos. Essa concepção era comum no imaginário social de muitos habitantes das cidades nordestinas. A imagem das grandes capitais do Sudeste como desenvolvidas e modernas, capitaneadas pelos municípios do Rio de Janeiro e São Paulo, incluindo regiões que os cercam (neste caso que Duque de Caxias se insere), foi um incentivo para as gerações de migrantes que atravessaram o país.

O sucesso na empreitada em busca de uma oportunidade no mercado de trabalho do Sudeste fazia emergir um sentimento de conquista na trajetória migrante. No depoimento de Gilvan descreve-se uma história com momentos de lutas, disputas, relações e êxitos. A

sensação de triunfo está inserida dentro de uma baixa expectativa na saída do local de origem e de posteriores conquistas no lugar de destino. No relato de José Gilvan, o “dito” e o “não dito”, destacados por Pollak (1989) na constituição da memória, misturam-se na rememoração das lembranças, entre o que deve ser enunciado e o que deve ser esquecido, voluntariamente ou involuntariamente:

É o seguinte... eu vim do Norte pra cá, sem dinheiro, sem conhecimento, sem nada... só com a vontade de vencer. Eu cheguei aqui e encontrei um amigo.... Foi quando eu fiquei rapaz, sem dinheiro, né? Não podia ir muito longe. O irmão dele, desse rapaz, o nome dele era Francisco, o irmão dele era... Ele se compadeceu de mim sabe? porque estava triste o negócio... Onde ele morava tinha uma cidadão que trabalhava no aeroporto Santos Dumont, ele era almoxarife... Então ele falou, se você precisar... e precisava mesmo.....” (Entrevista com José Gilvan).

No trecho do depoimento de José Gilvan, mencionado acima, conseguimos perceber algumas características já citadas e bem embasadas por Fontes (2008). Especialmente no que se refere as redes de solidariedade entre migrantes. O depoente demonstra que a sua instalação definitiva em Duque de Caxias, foi facilitada pelo contato com outros migrantes nordestinos que viviam na região, auxiliando-o nos primeiros momentos de estabelecimento e estruturação. Outro fator do qual podemos extrair como característica marcante no depoimento de José Gilvan, é a utilização de Duque de Caxias inicialmente como local de moradia, enquanto o Rio de Janeiro é o local de trabalho. Essa configuração do município como cidade dormitório vai se alterando rapidamente no decorrer das décadas.

O depoimento narrativo repleto de heroísmo como característica central permanece no relato de Gilvan. A construção de uma história de sucesso parece comum aos entrevistados. De forma geral, realizam uma sequência entre a decisão de migrar, o caminho difícil, a penúria, os auxílios e finalmente a conquista de condições de vida mais sólidas angariadas pelo trabalho. Ao descrever sua ascensão econômica, o pernambucano enfatiza justamente as dificuldades enfrentadas, ao afirmar que:

Fui trabalhar na Varig...Eu saia do Santos Dummont... a pé, não é porque eu gosto de exercício, nem gosto de gastar a sola do sapato. Vinha a pé, pegava um trem, saltava no centro de Caxias e vinha a pé pra casa. De madrugada eu saia de casa na mesma pisada... Cheguei a pesar 60 quilos... Mas eu não desisti. Ai fui trabalhar de segurança da Varig. Eu que ganhava 132 cruzeiros na SSTA passei a ganhar 312 cruzeiros na Varig... (Entrevista com José Gilvan).

Além das características nas quais o retirante buscar atribuir sua história, o trecho é fundamental para compreender a importância da estrada de ferro e dos transportes entre Duque de Caxias e o município do Rio de Janeiro. O modal de transporte servia como

principal via de deslocamento tanto no entre bairros de Caxias quanto no acesso ao trabalho fora do município.

O sentimento de vitória e conquista, mediante a superação das condições de vida no lugar de origem e no local de destino permanecem ao longo de todo o depoimento. É a partir da naturalidade pela qual se transmite a emoção de sua jornada que se pode extrair o contexto ao qual esses migrantes foram recebidos:

30 dias, eu trabalhei sem comer. Água, um cafezinho e tal.. Por que? Eu estava na família desse rapaz, eu não ia sacrificar eles com marmita... de manhã eu saia muito cedo, comia um pão com o que tivesse, e ia embora... voltava muito sem comer... Teve um dia que eu estava azul de fome, um colega mineiro... ai ele falou: - Pô José, você vai desmaiar rapaz, o que você tem? ... -Eu tenho um negócio antigo, o negócio mais antigo do mundo, fome. Estou trabalhando sem comer... - Rapaz por que não falou logo? Você não vai morrer mais não... Cada avião que chegava, a gente chama de retorno... aquela comida ia pro lixo... aí cara... ai me indicou lá pras comissárias... a comissária já trazia pra mim certinho...(Entrevista com José Gilvan).

A experiência de fome experimentada por Gilvan, como relatado acima, é superada pelo estabelecimento de relações com outro migrante no Rio de Janeiro, segundo o próprio depoente. No relato exposto, o impacto da recordação chama atenção quando o depoente assume que chegou a passar por situações de fome no Sudeste. Sua explanação insere-se dentro do “dito”, aquele que precisa ser rememorada pela população. Nesse caso, enfatizando as penúrias passadas para uma posterior superação das condições iniciais. No caso de Gilvan, a presença de um amigo mineiro que trabalhava no aeroporto, que igualmente necessitou migrar para buscar melhores condições de vida, possibilitou a amenização da situação inaugural, encaixando-se dentro das redes de relações. Este contato possibilitou o fortalecimento das redes de sociabilidade já iniciadas na chegada do retirante.

É importante destacar que a estratégia de realizar associações e construir relações com outros migrante não se restringia, em absoluto, a população que chegava a Duque de Caxias. Eram realizadas no Rio de Janeiro, em São Paulo e na maior parte das regiões que recebiam levadas de migrantes em busca de melhores condições de vida.

A narrativa épica e o destaque para assistência recebida por outros migrantes permanece ao longo da fala de Gilvan. Ao relatar o seu caminho de migração percorrido entre Timbaúba e Duque de Caxias, incentivado pelo conhecimento de outros conterrâneos que viviam no município, até então desconhecido, o pernambucano idealiza um percurso de auxílios. Inicialmente, o estabelecimento em um novo território torna-se possível justamente pela estratégia das redes de solidariedade e compadrio, como podemos ver abaixo:

Você não sabe... eu vim primeiro... eu tinha um compadre, que eu conhecia. Que veio pra cá, já tinha vindo né. Ai ele me indicou o primo dele... na rua Petrópolis ali... quando eu cheguei não tinha, não existia a rodoviária Novo Rio, estava em Construção... parei na Praça Mauá às 2:30 da manhã... eu sentei naquele banco pra ver o que eu iria fazer né... Ai passou um taxi... de Caxias... falou: -Oh Conterrâneo, vai pra onde? - Pra Caxias... - eu sou de lá, vou pra lá, não vou agora né... só não vou agora né, mas se você me der um tempo para fazer umas duas coisas aqui, eu te levo lá... você só vai me pagar 15 pratas...e foi mesmo, quando terminou as coisas dele lá... ou vai ou não vai... ai ele me levou nessa rua Petrópolis lá, mas o cara, ele não me conhecia né, ele não foi com a minha cara, que eu não sou muito simpático (Sic), reconheço isso... Ai ele me levou, repare como o mundo dá voltas... me levou lá na casa desse cidadão que eu falei que me dava um apoio... Lá realmente eu fui muito bem recebido, não me faltou nada, o pessoal trabalhava com sapato. Eu também sabia fazer sapato e fiz aqui e ali...(Entrevista com José Gilvan).

A trajetória de migração citada acima, pertencente a José Gilvan, denota a utilização de uma estratégia comum entre os migrantes, já citado anteriormente no trabalho de Fontes (2008). Vindo sozinho e deixando a família (mulher e filhos) em Pernambuco, cabia ao homem mais velho, em condições de vislumbrar as melhores ofertas de emprego, o pioneirismo da família. Estabelecidas as condições, pouco a pouco a família iria se estabelecendo em sua nova região. A estratégia consistia em não realizar uma mudança brusca que posteriormente pudesse levar a uma desestruturação familiar e dos laços locais originais, consequentemente acarretando no retorno da família, em larga escala, em caso de insucesso. Além disso, as condições financeiras poderiam não permitir que toda a família realizasse o processo de migração de uma só vez. Com a consolidação do homem mais velho no novo território, era possível realizar uma organização financeira e familiar que permitisse a decisão de efetuar a mudança familiar ou da permanência do migrante durante mais um tempo com o intuito de enviar dinheiro e depois retornar.

No relato de Gilvan, novamente são citados outros migrantes que o auxiliaram nos dias iniciais na nova região. Coincidentemente, o retirante recebeu indiretamente a ajuda de um taxista que o chamou de conterrâneo, denotando o reconhecimento de experiência migrante por parte do motorista. Cabe aqui, tendo como linha de partida o depoimento de Gilvan, realizar alguns questionamentos do qual não se pretendem investir neste texto, mas que pode dar início a futuras pesquisas: Seria a Praça Mauá uma das regiões de destinação dessa população em movimentação direcionada ao Rio de Janeiro? O local funcionaria como ambiente de chegada e distribuição dos migrantes, por seus destinos almejados a partir das relações de compadrio, de indicações de familiares e de conterrâneos? As respostas para os questionamentos acima precisariam de uma pesquisa voltada exclusivamente para o caso. No caso do relato de Gilvan em específico, o ponto que chama a atenção vai além da questão de auxílio outros migrantes no acesso ao novo território, uma vez que essas relações permitiram

o reconhecimento de um tratamento que possibilitou o estabelecimento das condições financeiras, de habitação e trabalho.

A estratégia de fragmentação familiar no início da trajetória de migração é retificada no relato da esposa de José Gilvan, Amazonete Ferreira. A depoente enfatiza as motivações de cunho econômico para a difícil decisão de migrar. A pernambucana realiza uma trajetória semelhante a de diversas outras mulheres oriundas da região Nordeste do Brasil. Com os quatro filhos em Timbaúba e na esperança de receber as notícias do percursor na rota da migração, Amazonete desembarga no Rio de Janeiro em 1969, um ano após a chegada do marido. A família Ferreira de Lima teria uma nova localidade, onde desenvolveria suas relações familiares e de amizade:

Olha, ele veio primeiro. Ele veio em 68, e eu vim em 69... Eu fiquei com as crianças lá... o primeiro emprego dele foi lá no aeroporto... descarregador de malas... problemas financeiros né... estava desempregado... e nós ficamos lá... Ele veio primeiro e eu vim segundo. Aquela novela Senhora do Destino, foi a minha história... de chegar no Rio. Eu cheguei no Rio com a mala amarrada de corda... com quatro crianças, nem ele me reconheceu de tão “gordinha” que eu estava... sofremos pra caramba, foi muito difícil... sempre sonhei que um dia eu ia conseguir sonhar na vida... a Gilvanete (filha) diz assim: Mãe, sonha, porque sonhar é bom... Eu ainda vou chegar, ainda vou ter minha casa, vou ter tudo. Mas eu trabalhei muito, ralei muito... ralava ele e ralava eu... Eu fui parar em uma máquina às seis horas da manhã...(Entrevista com Amazonete Ferreira de Lima ).

O discurso de orgulho e a narrativa heroica permanecem presentes no depoimento de Amazonete, tal como em Gilvan. O sentimento de vitória e conquistas é atribuído à criação dos filhos, à compra de imóveis, ao estabelecimento no Rio de Janeiro e a entrada no mercado de trabalho, tão sonhado ao tomarem a decisão de migrar. Constitui-se assim, uma memória que destaca um trajeto de sofrimento e de superação para o alcance das conquistas.

Amazonete relembra em seu depoimento, o auxílio de vizinhos em Duque de Caxias nos primeiros anos de estabelecimento no município. As redes de relações e solidariedade novamente demonstram-se como uma estratégia que funcionava para a permanência no Sudeste:

Eu tive muita ajuda das pessoas, e como eu tinha criança... aí a vizinha... os filhos dela trabalhavam na Marinha. Aí trazia assim... como ele trabalhava na cozinha... aí trazia carne para as crianças... aqueles pacotes e me dava, me davam pão... a mulher era pernambucana, mas o marido era carioca... eu tive muita ajuda...(Entrevista com Amazonete Ferreira de Lima ).

A existência de mais uma pernambucana, mais uma nordestina, auxiliando na integração regional e fixação de Amazonete e Gilvan, evidencia não apenas a existência de



uma grande parcela de migrantes nordestinos vivendo em Duque de Caxias. Devido a uma experiência de vida semelhante, nos caminhos de migração e decisões de migrar, os retirantes constituíam-se voluntariamente, de forma autônoma e específica, mediante a contribuições mútuas. Aqueles que já haviam consolidado suas relações funcionavam como válvula de permanência aos recém chegados.

As histórias e as memórias dos migrantes nordestinos que balizaram suas relações em Duque de Caxias se relacionam e criam um ar de pertencimento a um mesmo sentimento de superação. É a narrativa do retirante que conseguiu conquistar seu espaço no Sudeste, incluído na realidade de culturas e histórias diversificadas da Baixada Fluminense, especificamente em Duque de Caxias.

Maria Gorete é uma cearense de Maranguape que chegou a Duque de Caxias com 17 anos de idade, em 1971.<sup>28</sup> Veio diretamente para o município com o primeiro marido e os dois filhos do casal. Enfrentando uma trajetória semelhante a de Amazonete e Gilvan, a família de Dora (como é chamada Maria Gorete), inicialmente utiliza o novo município como local de moradia e a antiga capital federal como local de trabalho. Em seu depoimento, de forma emocionada, a cearense confia um momento de perda após sua chegada ao Sudeste:

Eu fiquei viúva com 20 anos cara, novinha né? Meu primeiro marido morreu atropelado, lá em Irajá... a firma que ele trabalhava era lá também...Ai ela não gostou que eu arrumasse outro não (a sogra)... a gente, nordestinos somos assim...com as coisas mais direitinhas sabe? (Entrevista com Maria Gorete).

O trecho do depoimento acima da base para uma ideia majoritária que compreende o uso inicial de Duque de Caxias como “cidade dormitório” pelos migrantes, no caso de Dora, evidenciado por meio do relato de que o falecido marido da migrante trabalhava no bairro de Irajá (Rio de Janeiro). Outro ponto a ser destacado é a importância da sogra de Dora para compreensão do processo de movimentação familiar até Duque de Caxias, saindo de Maranguape. Segundo a entrevistada, a expectativa de encontrar melhores condições de vida e emprego levaram o casal e os filhos e seguirem o caminho que anteriormente os sogros de Dora já haviam realizado. Nos primeiros anos de estabelecimento no município foi preciso morar na mesma casa dos sogros, com os dois filhos e os cunhados. Quando interrogada sobre os meios e os motivos para o deslocamento dos sogros em direção ao Sudeste, a entrevistada responde que: “Ah, eles inventaram, eles inventaram. Eles vieram no peito mesmo... foi ônibus...” (Entrevista com Maria Gorete).

---

<sup>28</sup> Entrevista realizada com Maria Gorete dos Santos Nascimento, em 04 de novembro de 2017.

No depoimento de Maria Gorete, a experiência de vida constituída nos anos iniciais em Duque de Caxias é semelhante a de muitos outros migrantes. Em seus objetivos e motivações estavam os incentivos de familiares a realizarem o percurso de movimentação, e assim reunir a família novamente, dessa vez em uma nova região. Por outro lado, a importância das relações da familiaridade, representada aqui pela história de Dora e de sua família, demonstram que a decisão de migrar era organizada e constituía todo um imaginário de auxílio e esperança.

No caso da família de Dora (Maria Gorete), os sogros foram os pioneiros no procedimento e posteriormente foram buscando e incentivando a movimentação dos filhos. As já citadas redes de solidariedade estavam presentes entre conterrâneos, compadres, amigos e conhecidos, nos casos familiares as relações se demonstram mais intensas. Como forma de consolidação, a estratégia utilizada era o menor gasto com despesas e a maior quantidade de pessoas contribuindo. Numerosas famílias sobreviviam em pequenos espaços de moradia.

Quando interrogada sobre as motivações que levaram toda a família a migrar para o Sudeste, mais especificamente para Duque de Caxias, Maria Gorete responde em um misto de dúvidas e certezas que:

“Aqui é melhor né pra gente trabalhar... lá é bom mas pra ganhar um dinheirinho é ruim né? Ai eu vim pra cá , comecei a vender minhas coisinhas, trabalhei em São Cristóvão... de lá vim pra cá, aí pediram para eu ficar aqui porque aqui não tinha isso de comida nordestina, daí fiquei e estou aqui até hoje... Vim de ônibus... tem gente que pensa que eu vim de caminhão... mas não, eu vim de ônibus...” (Entrevista com Maria Gorete).

De forma divertida, Dora relembra das relações diretas que a população de Caxias realizava entre os retirantes e os “caminhões paus de araras”. Enfatiza que o deslocamento da família realizou-se por meio de ônibus, embora no senso popular, há a ideia de que os migrantes oriundos do Nordeste realizavam o deslocamento por meio de caminhões de paus de araras improvisados ao transporte de pessoas.

Os migrantes que chegavam a Duque de Caxias possuíam aproximações e associações nas motivações para realização do deslocamento. Entre os principais motivos citados, habitualmente são mencionadas razões relacionadas a busca por melhores condições de vida baseada nas ofertas de empregos e salários mais vantajosos no Sudeste.

Um fato curioso na trajetória de Dora como migrante é sua ocupação em um espaço voltado para gastronomia e atividades culturais relacionadas a locais do Nordeste. Logo, a habilidade e os dotes culinários serão fundamentais para a sua permanência na nova região.

Duque de Caxias, nesse primeiro momento, novamente é local de moradia (Uma vez que a atividade de trabalho era realizada na cidade do Rio de Janeiro). Posteriormente a retirante e sua família irão desenvolver suas relações no município, inclusive no que se refere ao mercado de trabalho (Dora e sua família irão atuar com a venda de “produtos típicos do Nordeste” na Feira de Caxias).

A experiência de Maria Gorete como retirante nordestina que passou a ter como sede residencial Duque de Caxias não foi a única de sua família. A entrevistada afirma que após a sua chegada, mais dois irmãos também saíram de Maranguape em direção ao município da Baixada Fluminense:

Veio minha irmã, meu irmão e ela, lá pro Amapá... eu não sei se era o marido dela que trabalhava por aqui... aquele negócio de terra de fazer fundição... ai ela veio com os filhos ai...ai veio ela, veio meu irmão, moram tudo pra lá Aqui no Rio basta a gente ser inteligente pra arrumar um dinheiro... (Entrevista com Maria Gorete).

Quando a entrevistada cita “lá pro Amapá” ela faz referência a um bairro localizado no em Duque de Caxias. Novamente pode-se perceber que os migrantes, neste caso os irmãos de Maria Gorete, chegam ao Sudeste seguindo duas premissas até aqui percebidas: a busca por emprego e a organização familiar na hora da movimentação.

O cunhado de Gorete teria sido o primeiro a se estabelecer em Caxias, para posteriormente chegar a mulher, irmã, e o irmão de Maria Gorete. Em todos os casos, os migrantes continuam residindo em Caxias até os dias atuais. As sedes familiares, dos sogros de Gorete, da própria depoente e de seus irmãos, migrou junto com as pessoas. O Ceará deixou de ser o ambiente de sobrevivência, e Duque de Caxias, a Baixada Fluminense e o Rio de Janeiro passaram a ser os locais de moradia, representação e desenvolvimento de relações nos mais diversos âmbitos.

Tendo em vista as observações e análises realizadas ao longo da coleta de depoimentos, é interessante notar um outro ato comum entre os nordestinos no Rio de Janeiro: o casamento com outros retirantes que passaram por experiências próximas. O fato pode ser explicado pelas relações estabelecidas que motivaram a estruturação de habitações próximas em municípios, como Duque de Caxias, carregados de migrantes das mais diversas regiões. Maria Gorete, por exemplo, enfatiza que o filho se casou com uma nordestina, e uma das filhas casou com um nordestino, especificamente do Ceará. Nos dois casos, o padrão de convívio e iniciação das relações foi em Duque de Caxias, local de habitação, e hoje de trabalho.

As transformações familiares oriundas do processo de migração ao Sudeste eram comuns e desenvolveram um novo tipo de convivência social nos municípios. Em Duque de Caxias ocorre o surgimento de uma cultura multifacetada entre migrantes nordestinos de diversas regiões, negros descendentes de ex-escravos, migrantes de cidades do interior fluminense, de Minas Gerais e Espírito Santo. Por fim, havia populações empurradas do município do Rio de Janeiro devido a especulação imobiliária e falta de espaço disponível.<sup>29</sup>

As histórias familiares em transformações, capitaneadas pela modificação do núcleo residencial, são comuns e se inserem como uma das formas de garantir a sobrevivência na outra região. O caso de Henrique Mendonça se assemelha ao de Maria Gorete e de outros tantos migrantes que chegaram a Duque de Caxias. Oriundo do Maranhão, o retirante realiza sua primeira migração para o Piauí em busca de independência financeira e melhores condições de vida. Após um período no estado nordestino, muda o destino novamente em direção ao Rio de Janeiro, onde já morava seu irmão mais velho.

Eu morava no Maranhão quando criança. Tive que continuar meus estudos, fui pro Piauí, em Parnaíba no Piauí. De lá que eu vim pro Rio... Em 1970... Primeiro que eu já estava com 19 anos né e tinha que trabalhar. E o meu irmão que era, que passou na escola de Aprendiz de Marinheiro, já estava aqui no Rio de Janeiro. Então, antes de eu vim para aqui (Duque de Caxias) eu estive em Fortaleza procurando emprego. E isso causou uma revolta danada na família porque eu fui embora pra Fortaleza. Ele disse: Não, ele não vai pra Fortaleza, ele vai vir aqui pra o Rio de Janeiro morar perto de mim... esse meu irmão. Aí eu vim pro Rio e depois a família inteiro veio pro Rio. Ou seja, pai, mãe, os irmãos. Toda a família se estabeleceu no Rio, ou seja, por esse irmão e por mim mesmo... (Entrevista com Henrique Mendonça).

A narrativa de Henrique demonstra diversas circunstâncias que o levaram a migrar ao Rio de Janeiro. Em seu caminho percorrido, o primeiro destino, Piauí, ainda no Nordeste, foi motivado pela continuidade dos estudos, denotando a falta de infraestrutura educacional em sua localidade, segundo o mesmo. Na busca por emprego, o maranhense vai a uma capital mais movimentada, Fortaleza. Sua mobilidade e a capacidade de alterar os padrões de vida, facilitam as decisões de movimentação populacional. Ao vir para Rio de Janeiro em busca de estudo e condições de trabalho, como muitos outros migrantes que chegavam, o entrevistado teve o auxílio do irmão mais velho que já havia feito o caminho para Duque de Caxias. A chegada ao município da Baixada Fluminense se deu devido a presença do irmão que trabalhava em uma instituição militar no centro do Rio de Janeiro. Ao longo da reportagem,

---

<sup>29</sup> Tem-se a compreensão de que o loteamento de antigas propriedades rurais na Baixada Fluminense transforma-se em uma alternativa de moradia mais acessível quando comparada aos terrenos e casas no município do Rio de Janeiro. A valorização dos imóveis na antiga capital federal corresponde ao projeto modernizador e ao forte mercado imobiliário que emergiu mediante a especulação proveniente das realidades de grandes cidades.

Henrique enfatiza que a casa funcionava como sua moradia enquanto trabalhava e estudava no Rio de Janeiro.

Após a chegada de Henrique a Duque de Caxias, em 1970, a história de migração do núcleo familiar é consolidada. Pai, mãe e os demais irmãos migram para a região, transformando as relações sociais, econômicas e familiares. Neste caso, o pioneirismo foi exercido pelo irmão mais velho de Henrique, que encontrou no município a condição de moradia barata com acesso facilitado ao município do Rio de Janeiro, local de trabalho. Em suma, a residência na nova localidade, que deveria ser habitação do irmão mais velho, passa a ser a nova moradia da família maranhense em Duque de Caxias.

Diferentemente de outros migrantes que realizaram o processo de movimentação, baseados majoritariamente nas oportunidades de emprego, Henrique tinha outros critérios acrescentados ao ingresso no mercado de trabalho. A possibilidade de dar continuidade os estudos e realizar o ensino superior foram motivos somados para o migrante a vir pra o Sudeste:

Experiência de estudar... pra fazer uma faculdade, ter uma condição própria, trabalhar que esse é o mais necessário né. E quando eu cheguei aqui, tudo que eu achava que era mais fácil, não consegui. A única coisa que consegui foi estudar mesmo. Mas o trabalho era diferente, era um pouco difícil, porque eu não tinha experiência nenhuma... mas depois... eu consegui trabalhar em uma empresa de máquina de datilografia... a empresa fazia a manutenção dessas máquinas no Rio de Janeiro e em partes de Minas. Ai que eu conheci muitas cidades aqui do Rio de Janeiro... conheci muitas cidades trabalhando nessa empresa... logo em seguida, foi meu salto de qualidade, fui trabalhar em uma empresa do mercado financeiro... que eu comecei de um estágio lá de baixo e cheguei até o estágio, vamos dizer assim, chefia de processamento... quando houve o processo do Collor, parou, ai eu fui trabalhar sozinho... montei uma empresa... e depois eu parti pra trabalhar nas feiras. (Entrevista com Henrique Mendonça).

A experiência de Henrique no Sudeste acrescenta motivos peculiares daqueles apresentados pelos entrevistados. Embora tenha havido a intenção de buscar emprego na região, a necessidade pessoal de independência familiar após os 18 anos e o interesse por continuar os estudos motivaram o retirante a tomar a decisão de migrar. Vislumbrando melhores opções e possibilidades no Rio de Janeiro, Henrique inicialmente não alcança seu objetivo. Posteriormente consegue conciliar a vida de estudante e entrar no mercado de trabalho. Novamente, Duque de Caxias ainda funciona como uma “cidade dormitório”, uma vez que as opções de emprego citadas por Henrique eram todas no município do Rio de Janeiro. Esta visão sobre o município da Baixada Fluminense é alterada na medida em que se conhece a Feira e as intensas relações sociais entre as populações aqui presentes. Defende-se nesta dissertação que a própria presença de uma feira de importante dimensão nas relações

sociais, culturais e comerciais leva ao questionamento sobre os parâmetros que enquadram Duque de Caxias como “cidade dormitório”. Os migrantes que viveram (vivem) no município desenvolveram meios de vida e vivências, constituíram hábitos, costumes e tradições. Em um primeiro momento a sensação é a de viver em um local de destinação final na diária migração pendular entre o trabalho e a residência. Por fim, os migrantes passam a associar a vida entre as duas localidades, e mesmo a trabalharem em Duque de Caxias, por exemplo na própria Feira, no comércio institucional ou mesmo no alternativo.

A posterior desilusão com os problemas que tangem as questões políticas, ou de governo, fizeram o migrante citado ingressar no mercado e mesmo na cultura da Feira, onde até hoje atua como feirante em Duque de Caxias. Segundo Henrique, após alguns problemas financeiros que se relacionam a questões da economia nacional, foi necessário buscar formas alternativas de sustento familiar. E foi na Feira de Caxias que conseguiu encontrar os novos recursos financeiros.<sup>30</sup>

A experiência de vida contada por Henrique contribui para exemplificar o modo como Duque de Caxias transforma-se ao longo do século. De um conglomerado urbano que teria sua base nas condições de “cidade dormitório”, desenvolvem-se sólidas relações que garantem meios de vida e relações dos mais diversos âmbitos. É dentro deste contexto que se encaixa a Feira de Caxias em todos os seus quesitos (trabalho, social e de integração).

Outro aspecto de semelhança a outros migrantes, presente no depoimento de Henrique, é a característica de uma narrativa heroica em busca de melhores condições de vida. Após um início de sofrimento, surge a decisão de migrar. Imediatamente posterior a chegada, não são encontradas todas as ofertas esperadas. Com as primeiras oportunidades, o quadro é alterado, gerando maior expectativa de sucesso. O ciclo em comum abrange ainda a continuidade do caráter de busca e superação baseada no trabalho como forma de conquista. Ao fim, o reconhecimento de que alcançou parte aquilo que desejava: emprego, local de moradia, sustento familiar e constituição de novas relações. Dentro deste roteiro, parece comum aos migrantes o mesmo tipo de narrativa, construídas na ótica do sofrimento e da superação.

As história de vida e os depoimentos possuem aspectos de aproximação e distanciamento, de semelhanças e diferenças. Gilma Medeiros é outra personagem que complementa a pesquisa a respeito da atuação dos nordestinos em Duque de Caxias. Chegando ao município em 1974, com apenas 8 anos de idade, vinda de Esperança (Paraíba), apresenta muita lucidez em suas respostas. A chegada ao novo ambiente no Sudeste, foi fruto

---

<sup>30</sup> Entrevista com Henrique Mendonça.

exatamente de uma mudança da matriz familiar do Nordeste para o Sudeste, mais especificamente em direção ao Rio de Janeiro. Segundo a mesma, as motivações estão embasadas em questões que fugiam de suas ações devido a pouca idade e quase nenhum poder de decisão no período<sup>31</sup>:

Ai complica né, porque não fui eu que decidi né. Minha irmã tinha vindo pra cá pro Rio com 18 anos. Tentar a vida aqui porque tinha uns primos que já tinham vindo pra cá, e amigos nossos lá de infância que meus pais viram crescer, casar e tudo e vieram morar no Rio, tentar a sorte no Rio. Aí sempre se escrevendo, e minha tia vinha pro Rio, minha irmã quis vir tentar a vida aqui. Estava separada, com uma filha pequena, queria arriscar. Minha mãe concordou com que ela viesse, já que vinha com uma tia, na responsabilidade de uma tia, pra morar com essa tia... algum tempo depois, ela não estava bem né, o que foi oferecido não foi dado né... quando chega a situação era outra. Aí minha tia já não via ela com bons olhos lá, um primo começou a se interessar e tal, e aí começou uma certa implicância e não queria mais que ela continuasse lá. Aí Caxias tem muito nordestino né, Caxias tem muito nordestino. Aí tinha uma amiga também de lá do Nordeste, e falou: - Não, você vem morar comigo, né?- Era solteira, separada também, aí foi morar com ela. Mas aí o problema era a criança, ficava de mão em mão. E isso foi o que motivou minha mãe a vir pro Rio. A minha irmã veio assim, tentar uma vida melhor, longe do Nordeste. E aí minha mãe veio por causa da neta, que era muito pequenininha, ficava... de mão em mão, aí minha mãe não aguentou ficar longe da neta e veio. Mas veio assim, na intenção de pegar a neta e voltar pro Nordeste, entendeu? Aí veio só comigo e com minha irmã, era da mesma idade, e deixou meus dois irmãos lá, que a intenção era voltar. Só que aqui foi ficando. Aí as amigas: Não, já que está aqui, fica né... A minha mãe começou a arrumar costura para fazer em casa, alugou uma casa, e juntou um dinheiro e foi buscar meus irmãos. Aí nunca mais voltamos pra lá. (Entrevista com Gilma Medeiros).

Com semelhanças e diferenças em relação aos relatos de outros migrantes, destaca-se a motivação familiar para a decisão da mãe de Gilma migrar e a forma de organização no que se refere a estratégia de movimentação. Em primeiro lugar permanecem as características de auxílios mútuos entre os migrantes, representadas tanto no caso da irmã de Gilma que foi a pioneira da família, quanto no caso da mãe que ao chegar a Duque de Caxias recebeu auxílio de “amigas”. A irmã de Gilma realizou o processo migratório junto a tia e aos primos, devido a busca por melhores condições de vida após tornar-se “mãe solo”. Segundo a entrevistada, o objetivo era “tentar a sorte no Rio”. A perspectiva de sorte deve ser compreendida aqui como uma expressão utilizada no período. Defende-se que as migrações do Nordeste em direção ao Sudeste eram organizadas, tendo objetivos e a formação de redes para facilitar o estabelecimento.

O incentivo para a mãe de Gilma migrar para Duque de Caxias foi o auxílio à filha que estava em dificuldades após se deslocar junto com a tia. Encontramos nessa história três

---

<sup>31</sup> Entrevista com Gilma Medeiros Câmara em 14 de novembro de 2017.

momentos em que as redes de amparo ou cooperação atuam. Primeiro, na migração da irmã de Gilma junto a familiares. Segundo, quando é preciso sair da casa da tia e é acolhida por uma amiga do Nordeste que residia no município. Terceiro, no auxílio que outros nordestinos deram à mãe de Gilma para se consolidar em Caxias.

Em segundo lugar, chama a atenção o fato de haver uma alteração no padrão tradicional de organização familiar de migração. Vinda com a tia e os primos, a irmã de Gilma utilizou-se de condições mais consolidadas de outros migrantes que vieram antes dela. Mas o que mais surpreende é o fato de a mãe de Gilma que migrou com objetivo de apoiar a irmã, trazer consigo as duas filhas mulheres e deixar dois filhos homens na Paraíba. Como visto anteriormente, os filhos homens eram os escolhidos para iniciarem o processo de mudança familiar, devido a possibilidade de parte da população acreditar que possuíam maior possibilidade de ingresso em viés de sustento financeiro. O caso da mudança brusca e peculiar da família se explica devido ao falecimento do pai de Gilma, o que segundo a mesma, vai desestruturar a família, sendo mais um motivo para o deslocamento em busca de uma região que não trouxesse a lembrança da traumática morte do pai. Para além desta observação, chama a atenção o fato da organização do processo de migração ter priorizado o deslocamento das mulheres, deixando os filhos homens para realizarem a migração em um momento posterior. O caso é elucidado por Gilma<sup>32</sup> da seguinte maneira:

Porque eles eram meninos. Aí assim, a mulher tem sempre mais cuidado com a filha mulher né. Mãe, foi uma decisão difícil deixar dois filhos lá, mas a intenção era voltar logo, não era ficar. Aí fomos: Eu levo elas, mas vocês ficam... Mas ficou em casa de parentes lá... até que ela viu que não tinha como voltar. Aí arrumou dinheiro, foi lá, vendeu uma casa que tínhamos lá e veio embora com eles. Mas eles não chegaram a ficar um ano mais lá. Um trabalha na Gávea e mora lá na Barra. Moramos todos em Caxias, menos esse... Ambos são cozinheiros...(Entrevista com Gilma Medeiros)

Segundo o relato acima, os dois irmãos de Gilma completam a mudança da matriz familiar para o Sudeste em um segundo momento pós chegada da mãe. A preocupação na hora da organização está submetida, segundo a entrevistada, em preocupações quanto a maior vulnerabilidade das mulheres sem a presença da mãe por perto, por isso a opção por uma dinâmica de migração que parece peculiar em relação ao processo mais comum. Não obstante, assim como outros casos já relatados aqui, os migrantes permanecem em Duque de Caxias até os dias atuais, demonstrando que mediante as locomoções, existem formações de novos pertencimentos ao novo município.

---

<sup>32</sup> Entrevista com Gilma Medeiros Câmara em 14 de novembro de 2017.



O atual companheiro de Gilma também é um paraibano que vive em Duque de Caxias. De experiência diferente, Silvandir migrou para São Paulo buscando emprego e condições de vida. Após retornar a Campina Grande (cidade de origem) por conta de um problema de saúde, não retomou à capital paulista. Anos após a primeira experiência, retorna ao Sudeste, desta vez para Duque de Caxias, vislumbrando novamente a possibilidade de emprego em uma capital como o Rio de Janeiro (Duque de Caxias possuía locomoção por meio de ônibus e trem e direção ao Rio de Janeiro – município – permitindo um deslocamento rápido e barato, como veremos mais à frente). A opção por Caxias como novo destino é atribuído a presença de familiares do estado da Paraíba na região. Todavia, Silvandir acaba residindo em São João de Meriti (município vizinho, emancipado de Duque de Caxias). Atualmente, reside em Duque de Caxias<sup>33</sup>:

Eu tinha 18 anos quando eu pensei em vir pra cá, pra São Paulo, aí vim pra cá pra São Paulo, em 87, aí voltei pra Paraíba em 91, aí retornei pro Rio de Janeiro em 91 mesmo. E estou aqui até hoje... na época eu tive doente, fiquei uns 15 dias doente, aí eu me afastei da empresa, aí nesse afastamento da empresa eu fui pra minha terra passear e resolvi não voltar mais pra lá... Como eu já tinha ido pra São Paulo, já tinha morado lá... já tinha parente aqui na época, minhas tias... aí vim pra cá, como eu consegui emprego, aí parei por aqui mesmo (trocador de ônibus)... aí fui gostando daqui e fui ficando... aí foi quando eu casei com a primeira esposa... sou separado dela a 25 anos, e moro com a Gil a 25 anos... eu vim pra São João de Meriti, pra casa de um primo meu... pra Caxias (as tias), mas isso em 70, em 70 foi quando elas vieram pra cá, veio uma, e depois veio a outra logo depois... uma já é falecida... e a outra mora em Xerém... (Entrevista com Silvandir Mendonça).

A vinda de Silvandir a Duque de Caxias ocorre em um período de queda das migrações do Nordeste em direção ao Sudeste. O incentivo à decisão de migrar foi oriundo da própria cultura de migração que parece ter se desenvolvido em sua região e entre os seus familiares. Na busca de emprego e já com a experiência de uma migração anterior realizada a São Paulo, o depoente terá no apoio de alguns familiares que já estavam aqui, a possibilidade de consolidar sua presença no Sudeste na segunda tentativa. Constituindo família, com dois casamentos e filhos, tornou Caxias, atualmente, em local de trabalho, moradia e relações.

Embora a presença de Silvandir venha a se dar na década de 1990, chama a atenção para o fato de duas tias já haverem realizado o caminho para Duque de Caxias na década de 1970, onde permaneceram e se estabilizaram. Criaram condições para outros familiares tomarem o mesmo caminho, como o caso do entrevistado. No caso de Silvandir, diferentemente de outros depoentes, não existiram novas experiências dos pais e irmãos em direção ao município.

---

<sup>33</sup> Entrevista com Silvandir Mendonça Barbosa.

De forma análoga a Silvandır, a experiência da sergipana Claudia Teodoro também é iniciada em São Paulo. Oriunda do município de Aquidabã, acompanhou a mãe em um processo de migração em direção ao Sudeste já na década de 1990. Segundo a mesma, as motivações para o deslocamento estavam na reconstrução de vida após a separação dos pais. Como estratégia, em um primeiro momento, Claudia ficou no Nordeste com a avó e posteriormente a irmã mais velha teria ido buscá-las para uma mudança definitiva. Após o estabelecimento dos meios de vida familiares em São Paulo, em 1994, a migrante de Sergipe desembarca em Duque de Caxias para morar com uma família de migrantes baianos que residiam no município. O motivo da segunda mudança está relacionada a formação de um novo seio familiar com o companheiro que havia conhecido em São Paulo<sup>34</sup>.

Na verdade quando eu saí de Sergipe eu fui morar em São Paulo. Meus pais eram separados e minha mãe veio tentar a vida em São Paulo, eu fiquei com a minha avó, em seguida, logo depois eu vim pra São Paulo.... foi aonde eu conheci o Niltinho, pai dos meus dois filhos... quando a família dele morava aqui no Rio de Janeiro, eu terminei grávida e acabei vindo aqui pro Rio.... Em 1994, direto para Duque de Caxias. (Entrevista com Claudia Teodoro).

Chegando em Duque de Caxias, Claudia vai morar com os sogros. Sua experiência no município também ocorre em período posterior ao “boom” demográfico ocorrido entre as décadas de 1950 e 1980. Ao chegar ao novo município de residência da região Sudeste, passa a conceber algumas percepções quanto a sua observação sobre o novo local de residência. Embora frequentasse a casa dos sogros e já possuísse certo conhecimento do localidade, a mudança de forma definitiva trouxe alguns reflexos sobre a imagem da região.

Eu já tinha uma ideia... os pais deles já residiam em Duque de Caxias... eu já conhecia aqui.... aí a gente continuou morando lá um período e em seguida a gente já veio pra cá... a primeira vez eu não gostei muito... a impressão que você tinha dela, visualmente era muito sujo, com muitos camelôs na rua... como na atualidade... está como na primeira vez que eu vim aqui, muito suja e com muito camelô na rua.(Entrevista com Claudia Teodoro).

O contexto representado por Claudia sobre a Duque de Caxias dos anos 1990 e da atualidade reflete a realidade de uma cidade populosa e com crescimento acelerado. O processo periférico de ordenação urbana, rápido e desordenado, combinado a busca por melhores condições de vida, condicionam as populações a procurarem ofertas alternativas de sustento. Os comércios alternativos e informais funcionam nesse sentido. Inicialmente são uma fuga inerente à dificuldade em se inserir no “mundo tradicional do trabalho”.

---

<sup>34</sup> Entrevista com Claudia Teodoro de Sá

Subsequente ao ingresso no meio alternativo de comércio, os homens aos pouco passam a ter o discernimento de que essas atividades não somente são corriqueiras como são meios de vida e sobrevivência de uma série de pessoas. Em um território como Duque de Caxias, com uma intensa circulação de culturas oriundas de diversas realidades que se encontram no município, o comércio em seus mais diversificados âmbitos está inserido no cotidiano local.

A assimilação de Claudia sobre a presença de outros nordestinos, além dos sogros baianos, logo é despertada. A migrante percebe inclusive, familiares que migraram de Sergipe vivendo no município.

Depois eu já morando aqui, eu descobri algumas pessoas que são de Sergipe e já moram aqui. Por sinal na minha própria rua... a aparência né... parecia-se ter bastantes nordestinos... os cabeçudinhos né, como costuma falar... Com o passar do tempo aqui, eu descobri uma prima da minha mãe que mora aqui, próximo até... temos contato... eu conhecia o pai dela, meu tio... não conhecia ela porque ela já morava aqui, ela é mais velha do que eu. (Entrevista com Claudia Teodoro).

Interessante notar no relato acima, que Claudia utiliza-se de um estereótipo criado no Sudeste (os cabeçudinhos) para se referir aos nordestinos em Duque de Caxias. O codinome possui relação com uma das formas pejorativas pelas quais os migrantes nordestinos ficaram habitualmente conhecidos. No depoimento de uma retirante denota-se que tais termos foram interiorizados e naturalizados.

Dentro do novo município, a sergipana Claudia entra em contato com outros sergipanos e nordestinos que tiveram como destino de migração a mesma localidade. Um caso peculiar é o acesso a uma prima que acabou conhecendo no Sudeste, que havia feito o processo migratório antes dela. De forma geral, para esses migrantes existe a construção de um novo Nordeste em Duque de Caxias, consolidado pela presença de migrantes de diversos municípios que se aproximam na nova localidade, e, principalmente, derivado do imaginário criado pelo próprio morador local sobre as populações que iam chegando.

Em alguns casos, devido ao largo intervalo de tempo em que se realizaram as migrações, foi preciso consultar os descendentes dos migrantes que ainda moram em Duque de Caxias, ou realizam suas principais atividades econômicas e sociais no município. Vale ressaltar que os mesmos possuem aspectos relacionados às regiões de origem de seus antepassados, como o trabalho na Feira com produtos típicos e o desenvolvimento da gastronomia.

O caso de Carlos Alberto demonstra que as relações de solidariedade entre migrantes atingiu não apenas aqueles que nasceram no Nordeste e realizaram as migrações. Os filhos e

descendentes que são das gerações já nascidas do Sudeste, mais especificamente de Duque de Caxias, desenvolveram suas relações pautadas no fortalecimento dessas redes. Filho de baianos que migraram diretamente para Duque de Caxias (a mãe era de Ilhéus e o pai de Feira de Santana, ambos municípios da Bahia), Carlos relata em suas memórias compartilhadas aquilo que escutava, mediante o atento olhar de ouvinte, das histórias contadas pelos pais<sup>35</sup>:

Pra ter uma vida melhor né. Lá era muito difícil naquela época. Eles casaram de pouco. Meu irmão era recém-nascido. Eles viviam muita dificuldade lá. Meu pai era da construção civil, e minha mãe era do lar. Eles tinham uma vida muito difícil. Aí vieram pro Rio para tentar a sorte. (Entrevista com Carlos Alberto).

O depoimento demonstra que apesar de já ter nascido em Duque de Caxias, Carlos segue os padrões de memória, agregando aspectos e sentimentos de superação e dificuldades na decisão de migração da família. As condições de vida enfrentadas pelos pais na Bahia teriam sido o motivo principal para a migração. A ideia de “tentar a sorte”, expressão também utilizada por Gilma, é compartilhada por Carlos, como uma forma de dar maior ênfase ao sentimento de superação.

Ciente de sua origem familiar retirante, Carlos Alberto conta com orgulho a superação da mãe após a morte do marido, quando Carlos tinha apenas 4 anos de idade. Decorrido este fato, as redes de auxílios e amparos entre nordestinos começaram a funcionar na vida da família de Carlos. Segundo o próprio, mesmo com a mãe se negando a aceitar ajuda, receberam contribuições do primo do assassino do pai, de uma amiga da mãe e de um homem que é nomeado pelo depoente como, “seu Wilson”<sup>36</sup>:

[...] Essa tia emprestada era espírita, ela ajudou muito a matar nossa fome, por isso a gente chamava ela de Tia também. Ela era baiana, era amiga da minha mãe. Minha mãe fez amizade depois que meu pai morreu... Seu Wilson matou muito a nossa fome... cara, eu acho que ele era sergipano, não sei a origem dele não cara. Eu acho que ele era sergipano ou baiano. (Entrevista com Carlos Alberto).

É perceptível que embora a memória de Carlos falhe no que diz respeito a origem de um homem que ele chama de Seu Wilson, existe uma certeza por parte do depoente de que o mesmo teria uma origem nordestina. O sujeito citado teria contribuído com a família nos momentos de dificuldades. Outra personagem rememorada por Carlos Alberto é sua “tia emprestada”, da qual a mãe de Carlos tinha iniciado as relações de amizade em Duque de Caxias.

---

<sup>35</sup> Entrevista com Carlos Alberto Cerqueira.

<sup>36</sup> Entrevista com Carlos Alberto Cerqueira.

Em outras palavras, a história de Carlos funciona como um exemplo de como se organizavam os migrantes no novo território, evidenciando que as redes de solidariedade não se restringiam aos migrantes que se conheciam antes do processo de deslocamento. No Sudeste, em decorrência da proximidade entre as trajetórias de vida, as populações retirantes buscavam auxiliar um ao outro. Os que já estavam melhor assentados, eram solidários com aqueles que acabavam de chegar, ou estavam passando por alguma necessidade. Tal contexto, vale ressaltar, não se limitava ao caso de migrantes nordestinos. As redes também funcionavam como auxílio mútuo para as populações de outras regiões do Brasil, como os migrantes do próprio Sudeste, geralmente oriundos das áreas rurais de Minas Gerais e Espírito Santo.

Outro caso semelhante ao de Carlos Alberto, no que se refere a descendência familiar retirante, é o de Maria Angélica. Afirmando ser descendente de índios e portugueses que teriam consolidado suas vidas em Magé (município limítrofe com Duque de Caxias na Baixada Fluminense), a depoente possui relação com o Nordeste fundada no pai, originário de Pernambuco. Em seu relato, conta com orgulho o sucesso que o produto artesanal da família, a Farinha de Suruí, faz na Feira de Caxias.

O meu avô é o primeiro assim, farinheiro de Suruí. O Engenho de Suruí é dele. Ele foi passando pros filhos, depois dos filhos, netos... meu avô na verdade é português e minha avó é descendente de índia né... a minha mãe que casou com português, com paraíba, né... de Pernambuco, né, no caso, o pai. (Entrevista com Maria Angélica).

A tradição de produção da Farinha de Suruí, no engenho homônimo à farinha e ao bairro de Magé, chama a atenção devido ao local de escolha para ser comercializado. Duque de Caxias, mais especificamente na feira dominical da cidade, conhecida pela constante presença de migrantes e descendentes de nordestinos, tanto no que se refere aos trabalhadores, quanto em relação ao público. Atualmente, além de comercializar a farinha, a família de Maria Angélica trabalha com tapioca, carne de sol e outras iguarias típicas das localidades nordestinas, justamente na Feira de Caxias. Essa circunstância é análoga a de outros entrevistados aqui citados, que utilizam a Feira como meio de trabalho ou mesmo frequentam (frequentaram) com o intuito de buscar produtos relacionados ao Nordeste.

Nos capítulos 3 e 4 discorreremos com mais afinco sobre o tema em específico (Feira de Caxias), mas vale citar a importância da mesma na consolidação de vida e relações dos migrantes em Duque de Caxias. O próprio pai de Maria Angélica, vindo de Pernambuco diretamente para Caxias e posteriormente indo morar em Magé, após casar-se, teve dois

irmãos que realizaram o mesmo caminho. Ambos trabalharam na Feira de Caxias ao longo da vida e residiram (residem) no município. A própria opção da família de Maria Angélica em comercializar a farinha e a tapioca em Duque de Caxias, está dimensionada na grande presença de uma população oriunda do Nordeste que propicia um mercado de consumidores para este produto<sup>37</sup>.

Outros casos comuns no processo de migração eram daqueles que o destino inicial não era Duque de Caxias. Posteriormente, as condições de vida no município tornam-se atrativas, na mesma medida em que os meandros das histórias particulares modificaram o destino familiar, possibilitando a mudança para o município, como no caso da família de Marlene Costa. Oriunda da Paraíba, a migrante detalhou que só veio a ter registro de nascimento já em Duque de Caxias. O atraso na emissão da referida documentação decorreu das dificuldades econômicas dos familiares no Nordeste. A experiência de deslocamento de Marlene é peculiar a de outros entrevistados, embora seja corriqueira ao cotidiano migrante. A paraibana afirma ter chegado ao município com 8 ou 9 anos de idade (segundo a mesma), vivendo desde 1 ano (quando chegou ao Sudeste) na favela do Caju, localizada no município do Rio de Janeiro. Ou seja, diferentemente dos outros depoentes, o destino original era em uma comunidade carente localizada no atual município do Rio de Janeiro.

A percepção de outras pessoas que contribuíram para o estabelecimento no Sudeste, é um ponto em comum entre Marlene e os outros entrevistados. Em suas memórias, a entrevistada demonstra clareza e percepção ao falar dos auxílios mútuos no período de infância<sup>38</sup>:

Pra tentar a vida aqui no Rio de Janeiro, o Nordeste muito paupérrimo... da minha casa somente eu, de filhos... Nós morávamos naquela favela do Caju... naquela época, os vizinhos eram muito solidários... dividiam o pão que tinham em casa... se fez amizade aqui no Rio... minha mãe não conhecia ninguém aqui no Rio... Aí meu pai faleceu... a minha mãe arrumou meu padrasto, esse meu padrasto veio pra Caxias... eu tinha uns 8, 9 anos... na Mangueira... dali eu saí pra casar... trabalhava na fábrica do Lopes, na Fábrica de botão... Em Xerém, eu moro há 48 anos... (Entrevista com Marlene Costa).

A memória de Marlene não permite precisar o ano em que a família chegou ao Rio de Janeiro, devido a pouca idade que possuía na época e a falta de detalhamento quanto a história de migração. Em seu relato, se restringe aos motivos que teriam sido o estopim para a decisão de deslocamentos dos pais, que em suma relacionam-se a situação de pobreza no Nordeste.

---

<sup>37</sup> Entrevista com Maria Angélica Ribeiro Macedo Paganós.

<sup>38</sup> Entrevista com Marlene Costa Andrade.

Levando em consideração alguns dados fornecidos pela entrevistada como sua idade ao chegar ao Sudeste, a idade atual e aquele com a qual chegou em Duque de Caxias, é possível se aproximar do período ao qual teria chegado ao Rio de Janeiro. Realizando uma rápida reconstituição pode-se perceber que possivelmente a família realizou seu caminho de migração em direção ao município da Baixada Fluminense no final década de 1950, após ter vivido no Caju.

As redes de solidariedade surgem na história da família de Marlene, na favela do Caju, antes de realizarem um novo deslocamento em direção a Caxias. A migrante possui recordações que ilustram as contribuições entre cada vizinho para superar a situação da fome e da miséria. Já em Duque de Caxias, a família passou por situação semelhante, na favela da Mangueira (Mangueirinha), localizada em bairro próximo ao centro municipal.

O relato de Marlene permite extrair de sua memória situações em que tanto sua mãe quanto ela teriam atuado trabalhando em fábricas no município do Rio de Janeiro, principalmente de costura, e em supermercados. Nesta etapa da vida, a família de Marlene tinha Duque de Caxias como uma localidade de moradia. Em trajetória semelhante à de outros retirantes, a dilatação das relações sociais e econômicas, tal como a ambientação no novo município levou a família a desenvolver novas formas de vivência, inclusive no mundo do trabalho. Após um longo tempo realizando a movimentação pendular entre Duque de Caxias e Rio de Janeiro, Marlene e seus familiar encontra nas feiras pelo município de residência, Caxias, por Xerém (atual local de residência e sede do 4º Distrito de Duque de Caxias) e por Santa Cruz da Serra (no 3º Distrito de Duque de Caxias), a possibilidade de sustento familiar. Semelhante a outros migrante, Marlene e seus familiares passam a trabalhar com os chamados “produtos típicos” nas feiras pelo município de Duque de Caxias, como a Feira de Caxias. O uso da culinária da região de origem funciona como uma alternativa financeira para os retirantes que se consolidam na região, pavimentado um tipo ação e estratégia de sobrevivência que agrega trabalho e relações culturais.

Um ponto interessante a ser destacado no caso família de Marlene é que nos dias atuais grande parte do seio familiar trabalha na atividade. Filhos, genros, noras, marido e netos se dividem na função de dar continuidade a atuação da família de origem paraibana nas feiras pelo município. Os produtos para comércio são: a tapioca, a farinha, buchada, carne de sol, entre outros.

A trajetória de migração na qual a família de Marlene realizou, compreendendo desde a decisão de migrar, até o consolidação das relações em Duque de Caxias, possui um capítulo que precisa ser explicitada aqui: a mudança da Favela do Caju para Duque de Caxias.

Segundo a depoente o processo de transferência de residência foi motivado por um novo casamento da mãe de Marlene, após o falecimento do pai. O padrasto também era um migrante nordestino, oriundo do Ceará. Novamente, existe um caso de casamento entre migrantes nordestinos que se conheceram no Sudeste. A repetição deste quadro da maior balizamento a teoria levantado anteriormente quando tratamos da família de Maria Gorete: As proximidades de experiências de vida e o convívio em lugares de forte presença de retirantes leva a uma composição familiar que agrega diversos migrantes mesmo após estarem no Sudeste. Obviamente, os casos não se restringem a tal configuração, mas é comum o encontro de nordestinos ou descendentes que se casaram com outros nordestinos ou descendentes.

As trajetórias de vida de famílias inteiras saindo do Nordeste em direção ao Sudeste se conciliam em diversos aspectos. Resumidamente, as motivações se aproximavam entre diversos fatores, destacando: a busca por melhores condições de vida, a superação da pobreza e a entrada no mercado de trabalho na região mais industrializada do país. Essas são algumas das justificativas utilizadas pelos migrantes que se consolidaram em Duque de Caxias. Os itinerários dos migrantes transformaram não somente os aspectos individuais e familiares como o de cidades inteiras que passaram a ter como uma de suas marcas a forte presença de migrantes nordestinos. O município de Duque de Caxias se encontra exatamente dentro desta categoria.

Dando continuidade ao processo de análise das memórias daqueles que cederam suas experiência em formato de entrevista oral, a história da família de Maria José apresenta um ineditismo e peculiaridades na trajetória, quando comparada a de outros entrevistados. A depoente afirma que a mudança “habitat” não foi realizada devido às dificuldades financeiras, uma vez que em suas lembranças, a vida em Viçosa (Pernambuco) não era análoga à pobreza:

Não fui eu quem decidiu, quem decidiu foi meu pai, meus pais, né. Porque meu pai era bem vivido lá na nossa terra, tinha as casas, tinha plantação... mas um irmão que veio pra São Paulo, quando escrevia dizia que era o melhor lugar. São Paulo era o Eldorado naquela época... e chamava meu pai pra vir, meu pai ficou iludido com a vida e jogou tudo fora e veio pra São Paulo encontrar o meu irmão, que até hoje não encontrou.... naquele tempo, 1937... quando chegava uma carta lá, ele já tinha mudado. (Entrevista com Maria José).

Maria José possui em sua memória uma infância com certo conforto no Nordeste, quando comparado a outras experiências já citadas aqui. Atribui a decisão de migração a um irmão do pai que ao escrever cartas sempre colocava São Paulo como um lugar melhor e de mais oportunidades. Chegando na capital paulista em 1937, a família de Maria José (na época com apenas 8 anos de idade) não encontrou o elo responsável por entusiasmar a sua



movimentação familiar para o Sudeste (o tio). Em situação intrincada, tampouco a família encontra o “Eldorado” prometido nas cartas.

Diferentemente de outros entrevistados, no depoimento fornecido por Maria José, não existe conciliação entre a superação da pobreza, a fuga da seca ou algum trauma enfrentado no Nordeste com as motivações para migrar. Como exercício de análise do caso, é preciso fazer algumas ressalvas. De forma geral a decisão de migrar deve ser compreendida como um exercício difícil e carregado de possibilidades. Dentro desse contexto, a justificativa de que seria realizada mediante a cartas de incentivos surpreender, uma vez que, segundo a depoente, a vida em Viçosa era confortável. Dentro do âmbito analítico, é necessário dimensionar a presença de uma memória compartilhada expressa pela depoente. Seguindo essa permissa, o “dito” e o “não dito” estariam presente nos processos de seleção da memória e sua relação intrínseca com o esquecimento.<sup>39</sup>

Diante na presença da família de Maria José no Sudeste, as lembranças passam a não representar um sentimento harmônico e saudoso. As recordações da depoente sobre a posterior mudança familiar para o Rio de Janeiro já apresentam características de fuga das condições ruins encontradas em São Paulo:

Nós viemos pro Estado do Rio de Janeiro, fugidos de lá... uma fazenda que não podia sair... meu pai queria sair, eles não deixavam. Os empregados eram escravos naquela fazenda. Só comiam o que eles deixavam... tinha aquela venda, tinha que comprar tudo ali e no fim do mês estava sempre devendo..... meu pai tinha um irmão aqui no Rio, em Madureira, papai se lembrou... então vamos pro Rio que eu tenho um irmão lá em Madureira. Foi aonde nós viemos parar aqui em 1938...nós fomos parar em Madureira, lá onde meu tio morava... (Entrevista com Maria José.

O depoimento acima extraído da entrevista de Maria José possui um fato inédito entre os depoentes deste trabalho dissertativo. A denúncia de trabalho escravo vivido pela família em São Paulo é mais um fator que constitui o ineditismo das revelações realizadas entre os entrevistados. Segundo a entrevista, foi o motivador para a nova mudança de vida em direção ao Rio de Janeiro, onde havia outros familiares. Interessante perceber que a circunstância enfrentada em São Paulo não induziu a uma tentativa de retorno a Viçosa, visto que não foram enfrentadas situação de penúria no local. A permanência da família no Sudeste leva a reabertura de uma problematização acerca de afirmação anterior de que “cartas” de um tio teriam motivado a migração de todo o seio familiar para uma nova região. Não se trata de questionar a veracidade dessas cartas como um incentivo, mas sim de considera-las como uma

---

<sup>39</sup> Ver em Pollack (1989, 1992); Candau (2004); Catroga (2001).

motivação a mais mediante a uma série de fatores que influenciam a decisão final de migrar de forma definitiva para uma outra localidade então desconhecida.

No Rio de Janeiro, no bairro de Madureira (Zona Norte e subúrbio carioca), a realidade novamente é diferente daquele eldorado que havia se deslumbrado com as cartas recebidas e histórias contadas sobre o Sudeste brasileiro. O relato de Maria José, novamente, permite perceber o enfrentamento de dificuldades enfrentadas pela família no objetivo de reestruturar as condições financeiras em sua nova localidade. Mediante as condições enfrentadas no bairro carioca, e motivados pela presença de um tio de Maria José com uma estrutura mais estável em Duque de Caxias, levam a família finalmente ao seu destino final, a Baixada Fluminense:

A casa do meu tio, era quarto, sala e cozinha, não tinha espaço pra tanta gente... os outros vizinhos começaram a ajudar a gente... dia 10 de outubro de 1938 minha mãe faleceu... nós comíamos o que os vizinhos davam... depois de ter casa... nossa casa lá tinha 16 cômodos, lá no Nordeste, em Viçosa...Caxias a gente veio em 39, que a mamãe morreu em outubro, nós ficamos perambulando por lá. Aí um outro tio soube que nós estávamos aí, e foi lá saber como é que a gente estava... esse meu tio tinha uma situação boa... quando ele viu a nossa situação, ele ficou horrorizado... foi quando nós viemos pra Caxias. (Entrevista com Maria José).

Como pode ser visto acima, em Madureira os auxílios mútuos foram fundamentais para a sobrevivência da família de Maria José. As chamadas redes de solidariedade permanecem como estratégia de permanência para a família em Duque de Caxias. A mudança para município da Baixada Fluminense foi motivada pela morte da mãe e pelas condições precárias em que viviam em Madureira. O tio, já residente de Caxias foi um ponto de fundamental importância para a permanência no Sudeste, dando condições para que o pai de Maria José pudesse trabalhar no município do Rio de Janeiro.

O relato de Maria José, embora tenha apresentado especificidades quanto ao conjunto de fatores que levam a migração, possui semelhanças com outros migrantes. O amparo e a cooperação entre os retirantes novamente é manifestado dentro de uma trajetória pujante de superação que atravessa o antagonismo entre sofrimento e conquista. Esse fator está relacionado ao estabelecimento de marcos presentes na memória que produzem uma narrativa voltada a uma trajetória de sucesso que se assemelha entre os diversos migrantes.

Outro entrevistado, o feirante Edilson da Silva, oriundo de Campina Grande (Paraíba) possui uma história de vida semelhante a de outros habitantes do município. Residente de Duque de Caxias e trabalhando na Feira de Caxias aos domingos, é um retirante que se estabeleceu e criou família, moradia, relações sociais e culturais na Baixada Fluminense. Ao

relatar as motivações para tomar a decisão de migrar, realizou um depoimento próximo ao de outros migrantes:

Porque as pessoas achavam que aqui era melhor, no Rio de Janeiro... tinha mais emprego, as coisas estavam melhores que lá no Nordeste... foi quarenta anos atrás mais ou menos, mais ou menos 1980... vim direto aqui pra Caxias... tinha minha tia que morava aqui, Bar dos Cavalheiros. Quando eu vim, eu vim sozinho... Quando eu cheguei, eu fui pra casa da minha vó em Parada de Lucas, que eu não tinha dinheiro né... Caxias, ali é pertinho... aí eu passava aqui em dia de domingo... aí achei graça em tentar trabalhar por conta própria... eu percebi que era melhor do que trabalhar de empregado...foi a quarenta anos atrás 1980. (Entrevista com Edilson da Silva).

Edilson, em seu relato, realiza uma relação muito próxima entre a sua chegada em Duque de Caxias com o início de seu trabalho na Feira. Sua história reflete a própria relação entre o município e o evento dominical, que apresentam semelhantes momentos históricos de crescimento e fortalecimento. É importante perceber que os caminhos que levaram o retirante a Duque de Caxias se aproximam de outras experiências aqui relatadas. Em busca de melhores condições de vida e da superação da realidade em que enfrentava, Edilson enxerga no Sudeste uma possibilidade de superar a falta de emprego em sua região de origem. Para se estabelecer foi preciso buscar regiões mais longevas do centro comercial do Rio de Janeiro, que naquele momento se apresentava em larga avanço de ocupação e especulação imobiliária, levando ao encarecimento dos imóveis. Como forma de permanência, se hospedou inicialmente em casas de parentes. Logo em seguida, o paraibano passou a realizar visitas ao município vizinho ao bairro em que vivia, Duque de Caxias, levando a percepção da existência e da grandeza da Feira de Caxias. A decisão de trabalhar no local vai compreender motivos semelhantes a de outros feirantes, como a proximidade com outros conterrâneos que realizaram a migração e a possibilidade de estabelecer uma ocupação autônoma de sustento. Com a transformação da Feira de lugar de visita para ambiente de trabalho, o migrante passa a morar em Duque de Caxias, onde já possuía parentes (a tia) que realizaram semelhante caminho de migração.

É interessante perceber que a chegada de Edilson na década de 1980 já remete a uma feira estabelecida e consagrada como espaço de comércio e intervenções culturais. Embora se demonstrasse como novidade para aqueles que estavam visitando pela primeira vez, o espaço já se encontrava estável e fortalecido no imaginário popular fluminense. No caso de migrante recém chegado, o ambiente apresentava um viés de grandeza que motivou a busca pelo estabelecimento na atividade.

A nova localidade do migrante Edilson possuía uma peculiaridade segundo o mesmo. Saindo do Nordeste, mais especificamente de Campina Grande na Paraíba, passando por Parada de Lucas<sup>40</sup>, chega em Duque de Caxias ainda em 1980. O município já havia passado por uma grande onda de migração e crescimento populacional que levou o retirante a perceber a grande quantidade de conterrâneos no local. Comparando aos dias atuais para demonstrar essa dimensão, Edilson ressalta:

Nordestino agora eu acho até que tem muito pouco... era tudo paraíba... eu me senti bem aqui, a gente achava que estava tudo normal. Você nem percebia que todo mundo era paraíba... quando a gente se aproxima a gente sabe né, quem é da terrinha e quem não é né. Sabe né, que o jeito de falar né, o sotaque da pessoa. (Entrevista com Edilson da Silva).

Para além da percepção da notável presença de nordestinos atuando na Feira, existe um quesito interessante a ser observado no relato acima de Edilson. O retirante utiliza um termo pelo qual os nordestinos que migraram para o Rio de Janeiro eram chamados, “paraíba”. A naturalização do termo ocorre amparado na convivência em Duque de Caxias com outros migrantes e com a nova realidade em que se enquadra como o diferente (vale ressaltar que Edilson já ingressa como migrante em um período que o conceito “paraíba” havia passado para um ressignificação). Importante notar a percepção de satisfação de Edilson quando observa a quantidade de conterrâneos em sua nova localidade. Tudo leva a crer que esses migrantes que o entrevistado percebeu ao chegar, já estavam estabelecidos em Duque de Caxias e se consolidaram com ancoragem nas redes de solidariedade, auxílio mútuo, identidade e pertencimento.

Para findar a análise da memória dos migrantes e seus descendentes sobre a experiência de deslocamento e a chegada a Duque de Caxias, é preciso destacar que essa população constituiu no município um ambiente que notabiliza as suas trajetórias de vida e suas memórias de resistência. A existência de uma feira com fortes elementos culturais das localidades do Nordeste, representa essa resistência e a forte presença. As motivações para a escolha de Duque de Caxias como novo local de moradia variam, não necessariamente respeitando a uma lógica estratégica pautada no conhecimento prévio da nova localidade. Muitas das vezes, sendo o caminho já construído por outros familiares e conterrâneos. Ou seja, as redes de relações, solidariedade e os familiares são fundamentais para a chegada e a permanência desses retirantes nordestinos no município da Baixada Fluminense.

---

<sup>40</sup> Bairro do subúrbio carioca, próximo a Duque de Caxias.

Mas afinal, como caracterizar Duque de Caxias ao longo do século XX? Quais os condicionantes que o município agregava como principais atrativos aos migrantes de diversas regiões do país? Em suma, por que Duque de Caxias é escolhido como destino final por uma série de populações que se deslocavam em direção à região Sudeste do país?

Antes de dar continuidade ao texto dissertativo, é importante ressaltar que considera-se aqui, a constituição do município não somente pela migração de nordestinos, como de uma série de populações “expulsas” das zonas rurais do país, como em Minas Gerais, Espírito Santo e interior do Estado do Rio de Janeiro. O destaque que se realiza aos nordestinos é inserido justamente pelas fortes marcas dessas populações no município, constituindo inclusive uma feira, onde prevaleceram as redes de relações e memória como marcas notáveis da atividade.

## **1.2 Duque de Caxias: a região e o município**

Com o intuito de analisar os modos de vida e o desenvolvimento de hábitos e costumes no novo habitat, é imprescindível compreender o ambiente em que os migrantes nordestinos eram inseridos em Duque de Caxias. Com o objetivo de assimilar justamente a concepção de novas relações sociais na inserção de novos habitantes, serão apresentados a partir de agora a realidade da Baixada Fluminense e de Duque de Caxias. Dessa forma, entenderemos as estratégias de permanência dos migrantes ao longo do século XX.

### **1.2.1 Baixada Fluminense e seus conceitos**

O atual território do município de Duque de Caxias encontra-se geograficamente localizado na região da Baixada Fluminense, conhecida principalmente por meio de um caráter violento e por ser periférica à cidade do Rio de Janeiro. A região não possui uma definição ou formulação conceitual homogênea, devido à complexidade de seus significados que ao se ampliarem geram uma confusão entre os aspectos geográfico, histórico, político, econômico, cultural e social.

Considerando-se o quesito sócio econômico, os bairros do Rio de Janeiro que contornam a Baixada Fluminense possuem realidades próximas as dos municípios da região. Como exemplo vale citar os bairros de Anchieta, Vigário Geral, Pavuna, Parada de Lucas, Jardim América, Ricardo de Albuquerque, Brás de Pina, entre outras localidades que possuem um contexto social e econômico que se aproxima a bairros dos municípios da Baixada. Dentro desta conceituação que leva em consideração o aspecto sócio econômico, a Baixada Fluminense seria uma região fortemente marcada pela produção e cultura da violência, caracterizada pela carência de serviços públicos e atividades de lazer.<sup>41</sup>

Historicamente a Baixada Fluminense, em seu caráter sócio econômico, vai possuir uma formação atrelada ao centro do Rio de Janeiro e sua oferta por emprego. Com a estruturação das áreas centrais dos principais municípios como São João de Meriti, Duque de Caxias e Nova Iguaçu, formaram-se conglomerados urbanos que se transformam em locais de forte circulação de pessoas e mercadorias. O aumento da infraestrutura e o crescimento populacional propicia a essas áreas centrais uma capacidade de absorção de algumas demandas não somente dos moradores do próprio município, como de bairros periféricos do Rio de Janeiro e de outros municípios.

Desconsiderando os bairros da cidade do Rio de Janeiro com realidades sociais e econômicas próximas aos municípios da Baixada Fluminense, encontramos outros conceitos voltados para as questões geográficas e históricas. Essas concepções excluem e adicionam municípios de acordo com a denominação que apresentam. Aparentemente existe um consenso na inclusão de alguns municípios como participantes da Baixada Fluminense. Em todas as delimitações analisadas incluiu-se Duque de Caxias e Nova Iguaçu, seguidos daqueles municípios com maior contato direto com esses dois (Belford Roxo, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti e Queimados). Dependendo do autor, os municípios de Japeri, Magé e Guapimirim são incluídos, e outrora são desconsiderados devido a um certo distanciamento nas relações sociais e políticas com Duque de Caxias e Nova Iguaçu. O mesmo ocorre com os municípios mais a oeste como Paracambi, Itaguaí e Seropédica.

Formando-se à margem do estereótipo da “Cidade Maravilhosa” (Rio de Janeiro), a região passa a representar um local de fornecimento de mão de obra, de produtos alimentícios e constituindo uma relação direta de ir e vir. A Baixada Fluminense está presente dentro de um imaginário entre aqueles que a conhecem, habitam e frequentam. Por outro lado existe

---

<sup>41</sup> Ver mais em Alves (2003).

uma imagem presente entre os que se distanciam a partir do conceito relacionado à violência e à miséria criado nos jornais e revistas.

Antes de discutirmos sobre os autores que trabalham com o termo Baixada Fluminense, é fundamental apresentar um mapa da configuração da região. A ilustração possibilita a percepção da origem de cada município. Segue abaixo o mapa da Baixada Fluminense (em sua conceituação mais abrangente) para a compreensão da região que estamos tratando e do território de Duque de Caxias:

Figura 1 - Mapa do Fórum Cultural da Baixada Fluminense delimitando os municípios que fazem parte da sub região da Baixada Fluminense



Fonte: Disponível em: <<http://www.forumculturalbfluminense.org.br/baixada.html>>.

Vale ressaltar que estamos tratando da delimitação mais ampla quando nos referimos aos municípios que constituem a Baixada Fluminense. Dentro desta ótica, são considerados aqueles oriundos do desmembramento de Iguassú<sup>42</sup> (Nova Iguaçu), como o próprio “município mãe”: Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Mesquita, Japeri, Queimados. Acrescenta-se os municípios oriundos da antiga Vila de Estrela: parte de Duque de Caxias, referente aos atuais 3º e 4º distritos, parte de Magé e parte de Guapimirim. Por fim, inclui-se Paracambi, Seropédica e Itaguaí.

O enquadramento de Magé encontra uma discussão mais profunda a respeito do aspecto histórico, uma vez que o município em questão é anterior a fundação das antigas Vila

<sup>42</sup> Iguassú é o local de origem do atual território do município de Nova Iguaçu antes das emancipações de Duque de Caxias, São João de Meriti, Belford Roxo, Nilópolis, Mesquita, Queimados e Itaguaí. Em 1846 a Vila de Iguassú já havia perdido a Vila de Estrela, que desmembrada de Iguassú deu origem partes de Magé, parte de Guapimirim e parte dos atuais 3º e 4º distritos de Duque de Caxias.

de Iguassú e Vila de Estrela. Em outras palavras, Magé existe antes do próprio conceito de Baixada Fluminense, tendo surgido ainda no século XVI, no período colonial do Brasil.

O conceito de Baixada Fluminense surge amparado em uma denominação geográfica de uma delimitação nomeada de Baixada da Guanabara. Os estudos geográficos consideram a região a partir de planícies que se estendem desde o litoral do Rio de Janeiro até a Serra do Mar. Nesse conceito, a Baixada Fluminense (ou da Guanabara) iria do município de Itaguaí até o município de Campos dos Goytacazes.<sup>43</sup> Embora tenha sido a gênese conceitual do território, o conceito geográfico de baixada não é o mais usual para definir os municípios da Baixada Fluminense, enquadrando-os em parâmetros de regionalização.

A Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (FUNDREM) agrupa a região com base no que chamou de Unidades Integradas a Oeste (UIIO), considerando os municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Queimados, Mesquita e Japeri.<sup>44</sup> Nesse conceito estariam integradas somente as regiões oriundas da Vila de Iguassú, desconsiderando Magé e Guapimirim (oriundas do próprio município de Magé e partes da Vila de Estrela). Vale destacar que o agrupamento de Belford Roxo, Mesquita e Queimados como integrantes do conceito de Baixada do FUNDREM respeito aos parâmetros de enquadrá-los como originários da antiga Vila de Iguassú, uma vez que quando o documento foi lançado em 1979, ambos ainda não tinham atingido a categoria de município. O primeiro se emancipando em 1990, o segundo em 1999 e o terceiro em 1990, nos três casos os desmembramentos são originários de Nova Iguaçu. Salientamos que a opção por enquadrá-los se dá pelo fato de no momento da delimitação estarem integrando a região como distritos de Nova Iguaçu.

Muitos autores vão considerar a Baixada Fluminense considerando como fatores de delimitação a fragmentação administrativa e territorial de Nova Iguaçu ao longo do século XX. Para Simões (2004), a região foi se consolidando como um termo relativo a área de concentração dos municípios surgidos da antiga Vila de Iguassú<sup>45</sup>. A perda de grande parte do território do antigo município é que vai gerar a região da Baixada Fluminense. Tal representação do termo salientada por Simões se aproxima muito daquela desenvolvido pela Fundrem.

---

<sup>43</sup> Geiser, P. Pinchas e Santos, Ruth Lyra. Notas sobre a evolução da ocupação humana da Baixada Fluminense. Rj: IBGE, 1955.

<sup>44</sup> FUNDREM (Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro). Unidades Urbanas Integradas a Oeste. Plano direto, V. II – Duque de Caxias. RJ: FUNDREM, 1979.

<sup>45</sup> Até 1916 o município era chamado de Iguaçu, só a partir de então passa a ser chamado de Nova Iguaçu.



Como forma de explicar os critérios para regionalização Monteiro (2001) se aproxima do conceito desenvolvido por Simões ao destacar que os municípios provenientes de Iguassú possuem realidades sociais e econômicas muito próximas. O fato de considerá-los participantes de um cotidiano e um contexto semelhantes é que vai levar a enquadrá-los como Baixada Fluminense. O autor enfatiza que Paracambi, Seropédica e Japeri apresentam cotidianos mais próximos a Magé e Guapimirim, excluindo esses municípios de sua delimitação de Baixada.

O fato que chama atenção na delimitação de Monteiro é a exclusão de municípios que encontrem-se mais longevos do centro urbano e comercial de Nova Iguaçu, denotando um enquadramento regional que supera o aspecto histórico.

Em Oliveira (2004) encontramos o termo “Baixada Política”, onde é enfatizado que a delimitação somente pelas emancipações de Nova Iguaçu esvaziaria em demasia a realidade e aproximação política da região. Considera como Baixada o grupo de municípios que possuem proximidade e semelhança no que diz respeito ao viés político, e não apenas aqueles desmembrados de Nova Iguaçu. Para Oliveira, os municípios originários de Magé (Magé e Guapimirim) e de Itaguaí (Itaguaí, Paracambi e Seropédica) integram a Baixada Fluminense.

Dentro da discussão sobre o termo, não se pode excluir uma análise voltada basicamente para o processo histórico de formação e desmembramento das Vilas de Iguaçu e Estrela como regiões originais da Baixada Fluminense. Dentro desta perspectiva, os municípios de Paracambi, Itaguaí e Seropédica encontram-se suprimidos. O desenvolvimento desta formulação de enquadramento conceitual ganhou notoriedade no Instituto de Pesquisas e Análises Históricas e de Ciências Sociais da Baixada Fluminense (IPAHB).

Para findar a análise sobre as discussões conceituais e os enquadramentos geográficos do território da Baixada Fluminense, citaremos Prado (2000). Embora o citado autor realize uma demarcação semelhante a do IAHB, existe uma divergência quanto a anexação do município de Paracambi, que para Prado precisa ser inserido na delimitação.

É dentro dessa região, com municípios que possuem características semelhantes que Duque de Caxias vai se formar. Historicamente o local ofereceu subsídios de complementação a cidade do Rio de Janeiro. Inserido dentro desta realidade, a Baixada vai absorver parcelas de populações carentes, migrantes de diversas regiões do Brasil e grupos que a enxergavam como alternativa nos momentos de modernização da antiga capital federal.

A localidade de Duque de Caxias, por apresentar uma maior proximidade em relação ao centro do Rio de Janeiro, favorece o estabelecimento como via de destino para os migrantes. Concomitante ao processo de modernização do Rio de Janeiro, o próprio

município inserido na Baixada Fluminense é incluído nas condições de mobilidade oriundas da modernização (estrada de ferro e rodovias). A facilidade de ir e vir transforma o espaço em um importante polo para a instalação de migrantes e populares fugindo dos elevados preços dos alugueis no Rio de Janeiro, entre esses, os nordestinos.

Inserida dentro da realidade dos municípios da Baixada Fluminense, Duque de Caxias, vai participar de um processo crescimento populacional motivado principalmente pelos movimentos de êxodo rural entre as décadas de 1940 e 1970. Esta movimentação de grupos humanos surge em um período de diversas emancipações municipais em relação a Nova Iguaçu. Os primeiros municípios a surgirem são: Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis.

Grande parte desses migrantes que irão chegar a Baixada Fluminense são originários de estados do Nordeste do país. O deslocamento populacional é motivado, principalmente, pelas constantes crises de seca e do processo de concentração industrial no Sudeste brasileiro, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A perceptível presença de nordestinos na Baixada Fluminense torna-se um ponto comum. O que diferencia esta presença em Duque de Caxias é a formação de uma feira livre que se fortalece com chegada desses migrantes. O espaço passa a funcionar como um local de comercialização de produtos oriundos dos estados do Nordeste, além de propiciar o fortalecimento dos aspectos de solidariedade, memória e recordação. A Feira de Caxias se diferencia das demais feiras da região, não só pela forte presença de migrantes nordestinos, como pela atuação desses no ambiente.

### 1.2.2 Formação do município de Duque de Caxias

Em 31 de dezembro de 1943 é assinado o Decreto Estadual Lei 1.055 que institui sobre a emancipação política e administrativa do até então, Oitavo Distrito de Nova Iguaçu. Surge o Município de Duque de Caxias com limites geográficos entre a Baía de Guanabara e os municípios do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Miguel Pereira e Petrópolis (atualmente Duque de Caxias faz divisa também com Belford Roxo e São João de Meriti, municípios surgidos posteriormente). As motivações para o evento emancipacionista são pautadas em disputas políticas com interferências tanto internas quanto externas. Somado a esses fatores, ocorre uma alteração de demandas devido ao acelerado crescimento demográfico pelo qual a região

estava experimentando. O surgimento de uma elite que pleiteava protagonismo político amparada na cobrança popular por necessidades básicas, é viabilizada justamente pelo acréscimo populacional oriundo de diversos migrantes que vão chegando ao local.

Integrante do município de Nova Iguaçu até 1943, Duque de Caxias encontrava-se, em diversos momentos históricos, distante de sua sede em vários aspectos. Tal distanciamento levará às reivindicações de emancipação da região. Contudo, como entender esse distanciamento sem compreender a formação e organização de Iguassú?

Antes de adentrar no processo de emancipação política, é necessário realizar uma breve contextualização da história de Iguassú e de sua relação com Duque de Caxias. Ao fim compreende-se que é possível relacionar esse processo histórico à emancipação de Caxias. Sobretudo na formação de uma elite política que vai buscar melhorias de infraestrutura, possibilitando o surgimento de núcleos urbanos, onde a população nordestina vai construir suas relações.

Com o intuito de compreender este ambiente formado em Iguassú é preciso remeter ao Período Colonial no Brasil. Durante a colonização portuguesa na América, a atual região do Estado do Rio de Janeiro foi pretendida por expedições militares francesas. Como forma de consolidar o seu domínio, os portugueses passam a conceder imensos lotes de terras na região para serem ocupados e povoados rapidamente. A experiência com tentativas de invasões orientam o início da ocupação do território de Iguassú, pautada da concessão de sesmarias. Segundo Silveira (1998), desde o século XVI até o século XIX, centenas de sesmarias foram doadas na região. Já Maia Forte (1993), destaca que as primeiras doações foram de enormes lotes de terras para Cristóvão Monteiro e para Braz Cubas. O intuito desta ação portuguesa era implantar o início de uma exploração na região que resultaria na ocupação territorial. Imediatamente ao processo de colonização local, é iniciada a exploração do solo e dos rios da região a partir da extração madeireira, produtos na Mata Atlântica e na montagem de engenhos para a produção de açúcar.

Maia Forte (1993) enfatiza que as ocupações se desenvolveram pela extensão dos rios da região, como os rios Meriti e Sarapuí, mas principalmente o rio Iguassú, o mais extenso na localidade. É a partir da ocupação realizada ao longo desse último rio que vai surgir o nome da futura vila. A respeito desse período, Braz (2006) destaca a Fazenda Iguassú, atual Fazenda São Bento, localizada no bairro São Bento em Duque de Caxias:

Um dos exemplos desse modelo produtor era a Fazenda Iguassu. Ao longo dos séculos XVI e XVII, sob propriedade da Ordem beneditina (1602) produziria açúcar, melão e aguardente. Ao longo do século XVIII, agora denominada São Bento, se especializaria na produção de farinha, aguardente, feijão e na extração de madeira que abasteceria, o cada vez mais significativo mercado consumidor de cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A região se estabeleceria então como uma área de produção agrícola voltada para o abastecimento da cidade carioca e da capitania, mas sem abandonar uma bem assentada produção de açúcar voltada para exportação que, no entanto, não alcançou a mesma relevância de outras áreas produtivas da Colônia. (BRAZ, 2006, p. 23).

Pela descrição de Braz citada acima, é possível perceber que nesse primeiro momento a região já fica atrelada a economia da cidade do Rio de Janeiro, como se fosse um complemento desta. Segundo Braz (2006), a organização administrativa desse território era baseada no viés religioso, centralizando o caráter católico da colonização. Formaram-se circunscrições eclesiásticas, chamadas de freguesias. Ao todo, foram seis as freguesias formadas pela extensão regional (Nossa Senhora do Pilar, Santo Antônio de Jacutinga, Nossa Senhora da Estrela dos Mares, Nossa Senhora de Piedade de Iguassú, São João de Meriti e Nossa Senhora de Conceição de Marapicu). Dessas seis freguesias, aquelas que corresponderiam ao território atual de Duque de Caxias ficariam entre Pilar, Meriti, Jacutinga e parte de Estrela. Braz destaca também que a região de Caxias, e também de Iguassu, muda a partir do século XVIII, com a construção do novo caminho do ouro que contornava os rios locais. Segundo o autor, com o crescimento da produção aurífera das Minas Gerais e a centralização do escoamento no porto do Rio de Janeiro, fez-se necessário organizar outros caminhos. O caminho que passava por Paraty era considerado perigoso e propenso a saques e roubos. É dentro deste contexto que os rios de Iguassú vão entrar na rota da economia colonial. Os novos caminhos do ouro passavam pela atual Baixada Fluminense, levando desenvolvimento, solidificando vilas, como as de Iguassú e de Estrela, e proporcionando um grande progresso econômico para a Freguesia de Pilar.

Segundo Alves (2003), com a posterior queda na produção aurífera nas Minas Gerais, Iguassú vai entrar no ciclo do café, funcionando como polo logístico de escoamento a partir de seus portos fluviais. Nesse período, dinamizaram-se as relações na Vila de Iguassú com a passagem constante de mercadores, viajantes, tropeiros e produtores de café pela região. Tal situação fez surgir uma elite iguaçuana que se constituiu na exploração da produção do café.

Para Soares (1995), com o passar do tempo e as mudanças no dinamismo de deslocamento dos rios da Baixada vão sendo substituídos pelas estradas de ferro. O empreendimento chegou a Iguassú com a presença Estrada de Ferro D. Pedro II, inaugurada em 1858. Partia do Rio de Janeiro e atravessava o território iguaçuano até o atual município

de Japeri, e de lá chegava ao Vale do Paraíba atingindo a produção do café. Todavia, esse percurso não atingia a atual cidade de Duque de Caxias. É nesse momento que se escancaram os distanciamentos entre Iguassú e Caxias. A Vila de Iguassú vai abandonando a região que atualmente corresponde a Duque de Caxias, uma vez que a mesma havia sido atingida por uma profunda crise. O advento da linha férrea transforma a Baixada em uma zona de passagem, seus portos perdem a serventia, os rios assoreavam e o solo se desgastava. Por fim, o local se transformava em um grandioso pântano rodeado de doenças e epidemias. Ao final do século XIX, a Baixada passa a ser uma região evitada pelas populações.

A recuperação econômica ocorre acompanhada da transferência da sede da Vila de Iguassú para Maxambomba (que abrange as atuais áreas centrais de Nova Iguaçu e Belford Roxo). Nessa nova sede é iniciada a produção da laranja e o povoado vai se deslocando nessa direção em busca da superação da crise (PEREIRA, 1977). Fora do novo eixo econômico, Caxias é abandonada e entra em profunda crise. Enquanto a nova sede de Maxambomba experimenta em um novo ciclo econômico, a região de Caxias é deixada de lado devido aos surtos de epidemias e a baixa expectativa de vida. É nesse contexto que em 1910 a localidade vai atingir o assustador número de 800 habitantes (Braz, 2006).

Em suma, a realidade perpassada em Caxias não apresentava condições favoráveis ao estabelecimento de populações nesse momento, incluindo a nordestina. Os números apresentados (800 habitantes) precisam ser melhor estudados devido a pouca precisão no período em que Duque de Caxias estava inserida no atual município de Nova Iguaçu. É preciso colocar na ordem do dia interrogações sobre como se deu esse decréscimo populacional e o posterior salto no crescimento demográfico e como ocorreu o surgimento de uma elite em uma região antes abandonada. Não se trata de um questionamento sobre a veracidade de dados. Não obstante, envolve uma proposta de problematização ao termo “abandono” e as fontes coletadas quando autores da história local tratam da relação entre Caxias e Iguassú.

É preciso compreender que o processo de emancipação insere-se em uma série de transformações ocorridas na primeira metade do século XX. Este processo é atrelado a fatores inerentes a realidade tanto social quanto econômica do local e o contexto político da época. A primeira mudança no sentido de conceber maior autonomia a Duque de Caxias se deu pelo Decreto Estadual nº 2.559, de 14 de março de 1931, do interventor Plínio Casado, que alterou o nome de Meriti para Caxias (na expectativa de superar o nome pejorativo “Meriti do pavor”) e elevando a região a 8º distrito de Nova Iguaçu. Essa mudança teria sido resultado de uma reivindicação organizada por uma elite política e econômica formada na região.

Novamente se faz necessário pensar em uma maior investigação sobre o surgimento dessa elite econômica na literatura local.

O surgimento de grupos de reivindicação supõe a inserção do local nas mudanças urbanas nas cidades e conglomerados urbanos ao longo do século XX. Em outras palavras, o crescimento demográfico ocorrido em Caxias, proveniente das primeiras gerações de migrantes, transformam o local em um aglomerado urbano. Ao redor da antiga estação de Merity (atual centro de Duque de Caxias) emerge uma elite que se fortaleceu nas novas relações comerciais e resolução de pequenas demandas. Como forma de organização no intuito de reivindicar a autonomia do Distrito, esses grupos utilizam a narrativa da falta de atenção política para as resoluções dos problemas de Caxias.

Como citado anteriormente, a primeira mudança notória organizada, como resultado da atuação de um conjunto de pessoas que buscavam a emancipação de Duque de Caxias, foi a alteração do nome da estação da região. A mudança de nome de Meriti para Caxias e a elevação da região a Distrito demonstra que essas composições sociais na região estavam se organizando na busca por mudanças. Entre essas alterações reivindicadas estava a formação de um novo município em Caxias.

Para Simões (2004), o antigo Distrito de Meriti vai se desenvolver ao redor da estação de trem de mesmo nome. A proximidade com o Rio de Janeiro, as obras de saneamento e a existência de loteamentos baratos vão fazer emergir uma nova classe política e uma população desvinculada das características rurais da sede Nova Iguaçu. A chegada de migrantes oriundos de diversas regiões do Brasil e que compartilhavam o sonho de ganhar a vida no Rio de Janeiro, transforma gradativamente a realidade local. As relações sociais passam a se dinamizar, incentivando o surgimento de lideranças políticas. É a partir dessas lideranças que o movimento emancipacionista ganha força. Logo, Simões compactua com a tese de que o surgimento de um núcleo urbano em volta da estação de Meriti faz emergir lideranças políticas. Essas lideranças formam um grupo que passa a fazer reivindicações e pleitear mudanças para a região. Uma dessas mudanças, que demonstra o caráter ativista dessa elite política que surge em Caxias, é o ato de alterar a placa da estação de trem em 1930. Incomodados com as caracterizações que o nome Meriti trazia para o local, remetendo as doenças e ao pântano que a região havia se tornado na virada do século XIX para o século XX, ações dessa elite são organizada. O antigo nome do distrito era relacionado imediatamente ao termo “Meriti do Pavor”.

Segundo Lacerda (2003), um grupo de moradores invade a estação e muda o nome de Meriti para Caxias (associando ao antigo morador do local e patrono do Exército Brasileiro).

O ato demonstra a força estabelecida por aquele conjunto de pessoas e a necessidade de mudanças em Caxias, ancorada na superação do espectro pejorativo que Meriti trazia.

O ato político de mudança do nome da estação foi acompanhado pelo já citado Decreto Estadual nº 2.559 de 14 de março de 1931. Nesse decreto, o interventor estadual Plínio Casado reorganiza o município de Nova Iguaçu, transformando Caxias em 8º distrito e corroborando com o ato das forças locais. Caxias deixava de ser uma região entre os distritos de Xerém, Estrela e Meriti, e passava a ser de fato um distrito próprio e delimitado, formando-se a partir da estação de trem (atual estação de Duque de Caxias, na região central do município). Com o advento da mudança do nome da estação e a delimitação como distrito, as forças políticas começam a crescer e se demonstram de forma mais clara.

Embora a realização tenha ocorrido de cima para baixo, ela corresponde a atuação dessa elite formada na região, uma vez que seguiu-se a sugestão do novo nome. É nesse sentido que vão surgir lideranças que irão resultar na formação da União Popular Caxiense (UPC). Esta associação vai atuar na organização de reivindicações para o local e vai ser assumindo um importantes papel nas ações de caráter emancipacionista.

A UCP divide o protagonismo político com outros grupos e personagens. Entre esses, vale destacar a liderança de Tenório Cavalcante, que se robusteceu em semelhante período. As documentações e a bibliografia que trata sobre Tenório não permitem uma manifestação incontestável sobre a posição do mesmo frente a emancipação. Cavalcanti tinha fortes relações com políticos iguaçuanos como Getúlio Moura, e por isso, não deixava clara a sua posição, uma vez que representaria uma ameaça de perda para Nova Iguaçu. A personalidade torna-se a mais notável figura migrante na região, adquirindo prestígio e poder ao longo dos anos, não somente entre os migrantes como pela população em geral, por medo ou por admiração.

Segundo Santos (2012), o ambiente de abandono local em relação a sede municipal, leva as novas lideranças a atuarem de forma assistencialista. Para a autora, são formadas relações clientelistas que vão nortear as políticas caxienses até os dias de hoje. Pequenos favores, incentivo a eventos de lazer, fornecimento de materiais e facilidades na aquisição de lotes para construção de casas, eram exemplos de atuações assistencialistas. Em troca, a população deveria conceder seu voto, apoio e fidelidade.

Os migrantes ficam inseridos dentro dessa novo realidade. Uma vez que estavam estabelecidos em Duque de Caxias, as facilidades dadas por esses políticos, como habitação e cidadania passam a servir como via de atração para a região. Segundo, Beloch (1987), a

liderança de Tenório Cavalcante personificava as relações clientelistas evidenciadas no local, principalmente nas relações com os nordestinos.

O jogo político que resulta na estruturação de um novo município na antiga Vila de Iguassú precisa ser analisada com base em fatores inerentes ao local e mesmo em uma realidade mais ampla. Segundo Marlúcia dos Santos (2012), a emancipação é resultado de uma estratégia adotada durante o Estado Novo, que buscava a criação de novos municípios pleiteando o apoio de elites políticas que se formavam. A autora relaciona a emancipação municipal à reforma territorial organizada por Amaral Peixoto nas regiões fluminenses. Não obstante, destaca o já citado grupo que emergia na região de Meriti, de jornalistas, médicos e políticos locais que formaria a União Popular Caxiense (UPC). Para Santos, inicialmente, a UPC pretendia pleitear melhorias, organizando encontros para debater os problemas da região, realizando trabalhos filantrópicos e promovendo atividades recreativas. Somente a partir de 1940, o grupo compreende que a melhor solução para os problemas de Meriti seria a desvinculação política e territorial de Nova Iguaçu e passa a organizar a Comissão Pró-Emancipação. Dentro desta nova realidade, a visão em relação a Nova Iguaçu se transforma. A então sede municipal recebe a imagem pejorativa de uma “madrasta”, considerada responsável pelos males de “Meritiy”: “Madrasta, que de todos recebendo, a alguns tudo dando, a outros menos que merecem e aos últimos nada fornecendo, ou melhor ou pior, tudo lhes negando.”<sup>46</sup>

No mesmo ano de 1940, a UPC lança um Manifesto Pró Emancipação, porém, não existe o apoio popular e político esperado. Os organizadores são reprimidos e a maior parte dos membros do grupo são presos. Essa trajetória tortuosa permite perceber que, nessa primeira fase de organização, o governo do Estado, comandado por Amaral Peixoto, não enxerga com bons olhos a divisão de Nova Iguaçu. O panorama político e social do período ainda permita a influência e a interferência do político iguaçuano Getúlio de Moura nas resoluções sobre a reorganização de Nova Iguaçu.

A repressão e a prisão dos organizadores do Manifesto Pró Emancipação viabiliza a atuação auxiliadora do então deputado Natalício Tenório Cavalcante junto aos membros da UPC. Pela primeira vez o político alagoano desempenha papel como ativista da emancipação, operando na defesa dos presos. Formado em Direto, Tenório integra o grupo que vai conseguir soltar as lideranças da UPC. O ato arbitrário das forças políticas discordantes do processo emancipacionista assentiu a reunião entre os dois principais grupos que se

---

<sup>46</sup> Apud SILVA, 1995, p.12.



outorgavam como representantes da defesa dos direitos locais. Segundo Helenita Silva (2003), o acordo entre a UPC e o grupo de Tenório é o que vai tornar possível a emancipação de Caxias. Após a libertação dos presos, o Manifesto ganhou maior apoio e prestígio popular.

O desgaste entre as emergentes lideranças em Caxias e as forças políticas iguaçuanas apresenta-se cada vez mais evidente. O distanciamento e a insatisfação tornavam-se mais aparentes com a publicação das notícias de que, naquele momento, o distrito de Caxias era o que mais arrecadava impostos entre todos de Nova Iguaçu. Para Souza (2014), o crescimento de um imaginário de negação em relação a Nova Iguaçu era um indicio de uma movimentação política ancorada no discurso da má gerência iguaçuana. Segundo a mesma, o esforço para consolidação dessa imagem do “município mãe” como “município madrastra” evidenciava alguns aspectos:

Esse discurso nos permite perceber dois aspectos: o primeiro está relacionado à política clientelista do governo municipal de Nova Iguaçu, que não estava sendo cumprida, ou pelo menos não de forma satisfatória aos olhos de parte do núcleo político de Caxias. O segundo diz respeito a necessidade de criação de espaços de maior autonomia e de acesso de um aparato burocrático novo, já que o anterior não era mais eficiente. (Souza, 2014).

O fortalecimento do movimento emancipacionista ocorre na mesma medida da aversão a Nova Iguaçu. A narrativa de ineficácia tanto no aspecto “clientelista” (termo utilizado por parte da bibliografia, mas que deve ser problematizada levando em consideração que as relações política são mais dinâmicas do que compreender os eleitores como clientes de um grupo dominante) quanto na relação de autonomia política permitem a legitimação ao grupo que pleiteava a emancipação. Com discurso mais robusto e relações mais consolidadas junto a outros personagens de destaque na política fluminense, o projeto é sacramentado em 1943. O sucesso em nova empreitada é relacionado aos interesses de Amaral Peixoto de buscar domínio de influência e apoio no novo território fluminense. A região da Baixada Fluminense é vislumbrada como um importante centro populacional para angariar apoio eleitoral e político. A emancipação de Duque de Caxias em 1943, pode ser analisada dentro de um contexto de desmembramento de Nova Iguaçu e reordenamento das forças políticas da Baixada. A inserção de Amaral Peixoto visava o enfraquecimento de políticos já consolidados na região. Na década de 1940, Nova Iguaçu viu seu território perder três localidades: Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis. No conjunto total, era uma região com alto crescimento demográfico, com estabelecimento de população retirante que buscava a resolução de suas demandas, que passava por uma transformação comercial e urbana. É

partindo dessa compreensão sobre o ambiente, que o Governo do Estado muda de postura, passando a atuar na emancipação de Duque de Caxias.

A emancipação duque caxiense parecia um caminho sem volta, uma vez que os núcleos urbanos que cresceram entre a Estrada Rio Petrópolis e a Estrada de Ferro Leopoldina<sup>47</sup> desenvolveram dinâmicas sociais, econômicas e políticas próprias. Os conglomerados urbanos formados naquela região tornam possível um crescimento econômico e demográfico e a geração de uma elite política que passa a pleitear melhorias e protagonismo. O processo ganha mais viabilidade com os problemas internos de Nova Iguaçu. Com o início da II Guerra Mundial (1939-1945), ocorre uma queda de exportações no Brasil. Nova Iguaçu é atingida diretamente por este processo, entrando no período conhecido como crise da citricultura<sup>48</sup>.

No que se refere ao processo emancipatório, Braz (2006) utiliza-se de contribuições presentes na pesquisa de Souza (2014) para atribuir o surgimento do movimento de reivindicação da emancipação em relação a Nova Iguaçu às precárias condições sanitárias e a distância geográfica entre o município sede e Caxias. O autor defende que o crescimento populacional, a alta arrecadação local e a falta de investimentos na superação da crise e dos problemas de infraestrutura tornaram o ambiente propício para insurgências. Para o autor, as diversas mudanças ocorridas em Duque de Caxias, como a recuperação do solo e dos rios, o aumento populacional, a formação de uma elite política e econômica e o melhoramento do sistema de transportes, fazem crescer o clamor pelo movimento emancipatório da região. Embora a emancipação tenha se tornado uma realidade, os objetivos de protagonismo e autonomia dos grupos políticos da região não são conquistas percebidas nos quatro primeiros anos do município. O novo município fluminense é incluído dentro de uma política de interferência do então presidente Getúlio Vargas e do interventor federal (governador) Amaral Peixoto. Os primeiros prefeitos municipais eram interventores que possuíam relações com o governo estadual e não com os políticos de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense. Fato esse que leva Tenório Cavalcante, conhecido opositor de Amaral<sup>49</sup> a ficar descontente com os rumos políticos em que o novo município ficou inserido, aumentando seu ativismo contra o interventor.

---

<sup>47</sup> Será discorrido mais especificamente sobre a Estrada de Ferro da Leopoldina no decorrer do texto.

<sup>48</sup> No período a economia iguaçuana era baseada majoritariamente na exportação de frutas cítricas, principalmente da laranja.

<sup>49</sup> Ver em Beloch (1986).

Resumindo, a emancipação de Duque de Caxias decorre de causas e motivações que se inserem dentro de quesitos locais, regionais e mesmo nacionais. O ato de institucionalização ocorre no Decreto-Lei 1.055 de 31 de dezembro de 1943, em que Duque de Caxias passa a ser um município, levando consigo os antigos distritos iguaçuanos de Merity, Imbariê, Xerém, e uma parte de Belford Roxo.

### 1.2.3 Surge o município: Duque de Caxias emancipada

Nas primeiras décadas do século XX a região em que se constituiu o município de Duque de Caxias experimentou uma breve recuperação econômica e demográfica, porém, a fama da região permanecia pejorativa devido ao seu degradado solo e a falta de soluções econômicas e administrativas. Desde o final do século XIX até as três primeiras décadas do século XX, Caxias sofreu uma intensa crise que levou a população residente a procurar outras localidades.

Na tentativa de recuperar o solo, dois projetos foram postos em prática. O primeiro, já citado anteriormente, foi de Nilo Peçanha, por volta de 1910. Já o segundo foi realizado por Getúlio Vargas durante a Era Vargas (1930 - 1945). Considerando os dois fluxos migratórios de maior impacto, o primeiro entre as décadas de 1910 e 1930 e o segundo entre 1940 e 1970, períodos onde o município tem um espantoso crescimento demográfico, é possível elaborar as principais motivações para fenômeno de movimentação.

Como forma de ilustrar os processo de crescimento demográfico tendo em vista o território de Duque de Caxias e os impactos provenientes de cada projeto de recuperação (de Nilo Peçanha e de Getúlio Vargas), é preciso visualizar os dados dos censos demográficos.

No quadro abaixo pode ser observada a sequência do número de habitantes residentes em Duque de Caxias entre as décadas de 1930 e 1980:

Tabela 1 – Censos demográficos de Duque de Caxias – Relação Habitantes/Ano<sup>50</sup>

Ano	Habitantes
1930	28.756
1940	28.338
1950	92.459
1960	241.026
1970	431.397
1980	575.814

Legenda: Relação de habitantes por censo demográfico entre as décadas de 1930 e 1980 para o município de Duque de Caxias/RJ.

Fonte: Beloch (1986) / Recenseamentos 1950, 1960, 1970 e 1980.

Para iniciar a análise dos números expostos acima é preciso dimensionar uma problemática referente aos recenseamentos anteriores ao surgimento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As contagens realizadas anteriores a década de 1940, coincidentemente a do surgimento do município, careciam de uma pesquisa unificada por um órgão nacional responsável. A utilização desses dados é devido a não existência de outro parâmetro populacional sobre a região no período anterior a 1940. O quantitativo deve ser problematizado considerando variáveis devido a diversos fatores, como a inexistência de um território definido como Duque de Caxias, dificultando a percepção do local de análise.

Realizadas as ressalvas quanto a análise dos dados acima, deve-se enfatizar ainda que os mesmos evidenciam a existência de algumas tendências populacionais na região que cerca Duque de Caxias. O primeiro quesito a ser enfatizado refere-se às questões da infraestrutura e da instabilidade do solo e afetam a ocupação do território duque caxiense. A alternância dos números censitários possibilitam compreender os períodos de fuga e os de atração para o município.

Anterior a análise sobre o quadro exposto, é preciso citar que existe uma queda populacional entre 1872 e 1910<sup>51</sup>. O processo é explicado em decorrência de uma alteração no equilíbrio do terreno pantanoso e da proliferação de doenças na região. Junto a esses fatores, existia a crescente sensação de abandono em relação a sede municipal. O temor de viver e passar pela “Merity do Pavor” vai gerar uma intensa fuga em direção a outros distritos de Iguaçu, para a então capital federal, Rio de Janeiro, para capital fluminense, Niterói, e para

<sup>50</sup> Tabela adaptada de Beloch (1986), com confirmação aos censos de 1950, 1960, 1970 e 1980, quando Duque de Caxias já se configurava como município emancipado.

<sup>51</sup> Em Beloch (1986) é informado que neste período a população cai drasticamente de 10.542 para 800 habitantes.

outras cidades do estado. Não havia atratividade econômica, social e política, Merity representava a repulsão.

A alteração da dinâmica interna e externa ao município podem explicar o salto demográfico entre 1910 e 1930. O local sentia a influência de diversos eventos e contextos em variados níveis. A iniciar pela recuperação de alguns solos da região no período Nilo Peçanha, passando pela expulsão de populações carentes do centro do Rio de Janeiro e o pelo esgotamento da economia cafeeira no norte fluminense.

No que se refere as transformações internas que irão impactar na formação de núcleos urbanos é necessário ponderar que se encontram atrelados a outros fatores externos. Entre esses elementos existe a melhoria dos transportes e da infraestrutura municipal, como a estrada de ferro e a construção da Rodovia Rio Petrópolis. Ambos empreendimentos cercam o atual centro do município de Duque de Caxias. Suas atividades funcionam como elemento atrativo para formação de núcleos urbanos na região, que irão formar os bairros mais populosos como o Centro e o bairro do Gramacho. Para além de núcleos urbanos, as transformações provenientes do advento da linha férrea na região, possibilitando o transporte dessa população, vai facilitar o contato entre Duque de Caxias e o Rio de Janeiro. São esses núcleos urbanos que irão representar uma atratividade para a população nordestina, que vislumbra na região a possibilidade de moradia barata, com rápida e acessível locomoção para a então capital federal.

Voltando a tratar especificamente sobre os dados censitários, o questionamento que se realiza na análise desses dados gira em torno das explicações para esse “boom demográfico” entre 1940 e 1970. Quais as condições criadas pelo poder público para atrair essa população para a região que salta de 28.328 habitantes em 1940 para 431.397 habitantes em 1970?

Considerando os fatores já mencionados acima (transporte pela linha férrea, a rodovia Rio–Petrópolis, melhorias sanitárias e recuperação do solo, expulsão da população carioca da capital federal e esgotamento da economia do café no norte fluminense), o fluxo de migração permaneceu em ascensão nas décadas seguintes. Destacamos ainda como fatores de transformações na região: o incremento de obras de recuperação dos solos implementadas no período Getúlio Vargas com o objetivo de construir uma zona agrícola na região; a construção da Reduc e de seu parque industrial como atração de trabalhadores; a emancipação municipal, possibilitando maior investimento voltado diretamente para ao local, melhoria de

infraestrutura, dos transportes e dos serviços públicos de modo geral; e, por fim, o fenômeno da migração em direção ao “Sudeste Maravilha”<sup>52</sup>.

Duque de Caxias experimenta uma mudança demográfica em consonância com outras cidades do Sudeste. O fenômeno do crescimento populacional foi uma tendência para as cidades ao redor do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e de São Paulo, em meados do século XX. Não obstante, dentro do universo de transformações demográficas que ocorrem nas cidades ao redor o atual município do Rio de Janeiro, Duque de Caxias é o que apresentou maior ascensão em termos de porcentagem, como pode ser acompanhado na tabela abaixo.

Tabela 2 - Crescimento demográfico de cidades fluminenses entre 1950 e 1960<sup>53</sup>

MUNICÍPIOS	POPULAÇÃO		CRESCIMENTO ENTRE 1950 E 1960. <sup>54</sup>
	1950	1960	
	1950	1960	%
Duque de Caxias	92.495	241.026	161
Nilópolis	46.406	95.111	105
Niterói	186.309	243.188	31
Nova Iguaçu	145.649	356.645	145
São Gonçalo	127.267	244.617	92
São João de Meriti	76.469	190.516	149
Total	674.552	1.371.103	103

Legenda: Relação de crescimento demográfico comparativo entre os municípios fluminenses de Duque de Caxias, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, São Gonçalo e São João de Meriti entre as décadas de 1950 e 1960.

Fonte: Beloch (1986) / Recenseamentos do IBGE de 1950 e 1960.

Como observado acima, mediante o crescimento populacional dos municípios que cercam o Rio de Janeiro, Duque de Caxias é o que apresenta a maior taxa entre as décadas de 1950 e 1960. É justamente dentro deste processo que se inserem os migrantes nordestinos. Caxias não era uma exceção no que diz respeito ao processo de crescimento demográfico na região metropolitana do Rio de Janeiro, porém, o município além de ser o com maior percentual de crescimento, assiste a formação de uma forte identidade nordestina na região.

<sup>52</sup> Chama-se de Sudeste Maravilha a visão de um ambiente de oportunidades em relação esta região. Vislumbrada a partir de sua industrialização, urbanização e modernização de suas capitais. As oportunidades estariam relacionadas ao emprego nos setores industrial e comercial.

<sup>53</sup> Tabela adaptada de Beloch (1986), com confirmação aos censos de 1950 e 1960 dos respectivos municípios.

<sup>54</sup> Dados do censo do IBGE 1950 e 1960.

Não se trata aqui de questionar os autores já citados acima, mas sim de acrescentar que as disputas políticas e o surgimento de uma elite que propiciará a emancipação de Duque de Caxias mediante Nova Iguaçu é possibilitada justamente pela mudança de contexto ocorrido em voga do crescimento populacional. Com o aumento da população, crescem as necessidades por melhorias locais, e uma vez que os migrantes que fixavam suas residências no antigo distrito o utilizavam como moradia de fácil deslocamento ao centro do Rio de Janeiro, surgem comerciantes e líderes políticos com o intuito de utilizar as novas demandas para pleitear apoio político. Logo, a emancipação de Duque de Caxias dar-se-á por fatores de origem externa (interesses do governo federal, estadual e regional), fatores internos políticos (surgimento de uma elite que objetivava o seu crescimento político e econômico) e fatores internos sociais (crescimento da demanda e lutas por necessidades básicas incentivadas pelo rápido crescimento populacional oriundos de um forte processo migratório).

Como já salientado anteriormente, a emancipação política fortalece aquela elite que se formará em Duque de Caxias no sentido de possibilitar o surgimento de forças políticas locais. Por outro lado, não significa necessariamente uma vitória no que diz respeito a possibilidade de eleger um dos membros desse grupo como prefeito do município. Os primeiros prefeitos são interventores indicados por Amaral Peixoto e Getúlio Vargas, em uma característica típica da política destinada a municípios e estados durante o período conhecido no Brasil como Ditadura do Estado Novo (1937 – 1945). Esse poder de intervenção das forças políticas estaduais e federais sobre os municípios vai muito do controle social e político local. Fazia parte de um projeto que pleiteava a reafirmação do poderio estatal sobre as diversas localidades, desprestigiando a atuação de políticos regionais não vinculados aos projetos Varguista e Amaralista.

Os interventores indicados para prefeitos em Duque de Caxias, não necessariamente possuíam relações com o município ou mesmo a Baixada Fluminense. Sua principal função era atuar na perpetuação do poder e do prestígio do interventor federal no estado. Dentro desse enquadramento político, o grupo que se outorgou como principal responsável pela emancipação não obteve a participação esperada nas tomadas de decisões. A possibilidade de participar das reuniões políticas estavam vinculadas à participação no projeto amaralista e nas relações com os próprios interventores. Abaixo podemos observar um quadro com os interventores nomeados por Amaral Peixoto:

Tabela 3 – Relação dos primeiros prefeitos de Duque de Caxias

<b>INTERVENTOR</b>	<b>PERÍODO</b>
Homero Lara	01/01/1944 a 10/09/1944
Heitor Luis Amaral Gurgel (1º mandato)	10/09/1944 a 1/08/1945
Heitor Luis Amaral Gurgel (2º mandato)	2/09/1945 a 8/11/1945
Doutor Jorge Deniz Santiago	10/11/1945 a 22/03/1946
Antônio Cavalcanti Rino	Assume interinamente entre 02/08/1945 e 02/09/1945
Gastão Reis	25/03/1946 a 18/10/1946
José dos Campos Manhães	18/10/1946 a 13/03/1947
José Rangel	13/03/1947 a 31/03/1947
Custódio Rocha Maia	31/03/1947 a 30/07/1947
Tenente Coronel Scipião da Silva	01/08/1947 a 28/09/1947

Legenda: Interventores de Duque de Caxias entre 1944 e 1947.

Fonte: Instituto Histórico Vereador Thomé Siqueira Barreto – Câmara dos Vereadores de Duque de Caxias.

De imediato, dois quesitos chamam atenção. Em primeiro lugar, o tempo de mandato não era delimitado, cabendo ao interventor no Rio de Janeiro o estabelecimento de um novo encarregado quando este achasse necessário. Os períodos variavam entre duas semanas e dezoito meses, denotando a necessidade de alternância das lideranças e a não vinculação dos interventores aos grupos políticos locais, tal como a própria população duque caxiense. Em segundo lugar, deve ser ressaltado que o sistema de intervenção permanece mesmo após o fim do Estado Novo, culminando na saída de Getúlio Vargas e Amaral Peixoto do poder como Presidente da República e Interventor Federal no Rio de Janeiro, respectivamente. O fato se explica nas nuances do sistema eleitoral democrático que estava sendo posto em voga após a Ditadura do Estado Novo. Na inexistência de governadores e prefeitos eleitos democraticamente, cabia ao novo presidente, Eurico Gaspar Dutra, nomear interventores para os estados, os quais decidiriam os nomeados para as intervenções municipais.<sup>55</sup> Posteriormente, com o advento das eleições, Macedo Soares é eleito para governador do Rio de Janeiro e Gastão Glicério de Gouveia Reis (ex-interventor) é eleito prefeito de Duque de Caxias. Pela primeira vez em sua história o município vai ser governado

<sup>55</sup> Nesse período o Rio de Janeiro teve seis interventores federais: Alfredo Neves, Abel Magalhães, Lúcio Meira, Hugo Silva, Francisco Santos e Álvaro Rocha.



por um prefeito eleito, em 1947, no mesmo ano em que a Câmara Municipal foi instalada, com os primeiros vereadores eleitos.<sup>56</sup>

É dentro desse território de mudanças em diversos âmbitos que as populações nordestinas serão inseridas, constituindo nessa região as relações de memória, identidade e pertencimento. Vale ressaltar que na década de 1950, a “Feira” já estava se consolidando no local, inclusive enfrentando resistência do poder público e da elite econômica da região. Os mesmos grupos que se utilizaram das mudanças ocorridas no município ao qual os migrantes estavam introduzidos, operava a repressão à atuação social e à construção das relações de pertencimento.

No período da Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985), Duque de Caxias é atingida pela política de segurança nacional, tendo seus prefeitos novamente nomeados no âmbito da esfera federal, os interventores indicados pelo governo. No período, o município tornou-se Área de Segurança Nacional, em 1971, e a partir deste momento, os prefeitos passaram a ser interventores. O tão desejado protagonismo político e eleitoral dos grupos que se formaram em Caxias vai conviver com a falta de autonomia e as disputas por privilégios ou legitimidade de atuação local. Do mesmo modo como ocorrida na Ditadura do Estado Novo, era preciso estar em concordância com os políticos federais e possuir relações nas mais diversas esferas para conseguir angariar prestígio no município.

Embora o processo de independência gerasse na população a sensação de melhoramento no município, o desenvolvimento dos níveis de qualidade de vida e de infraestrutura, como o saneamento básico, ocorriam em ritmo lento. Por outro lado, uma grande parcela de migrantes continuavam chegando ao município, como podemos ver na evolução demográfica nas décadas de 1950 (92.459), 1960 (241.026) e 1970(431.397). A população de Duque de Caxias continua crescendo em ritmo acelerado, não sendo acompanhado pelos investimentos públicos necessários.

O periódico “*Folha da Cidade*” realiza diversas denúncias sobre as intervenções necessárias para o desenvolvimento de Duque de Caxias. As denúncias variavam de acordo com o período, mas traziam como marca alguns pontos em comum, como as promessas de chegada de água em Duque de Caxias. Em 8 de janeiro de 1956, o jornal publicou como reportagem de capa:

---

<sup>56</sup> Informações contidas no Instituto Histórico Vereador Thomé Siqueira Barreto – Câmara dos Vereadores de Duque de Caxias.

### BREVE A ÁGUA JORRARÁ EM CAXIAS!

Dentro de dez meses estarão instaladas os canos d'água. Esse serviço custará ao Estado 7 milhões de cruzeiros. (Folha de Caxias. 09. 01.1956. Capa).

O projeto de água encanada para toda a população do município é uma promessa que vai funcionar como artifício eleitoral de diversos políticos. A população que ocupava o local teve que passar por longos períodos de espera em torno desta expectativa que era reforçada por reportagens de jornais. São diversas as matérias a respeito do compromisso do poder público para o início das obras. Posteriormente, o mesmo jornal vai anunciar em sua reportagem de capa que o prazo de 10 meses não será cumprido, dando uma nova previsão para o abastecimento de água encanada, em 1958: “Secretário de viação à Folha da Cidade: - “AGUA SÓ EM 58” (Folha da Cidade. 12 – 13 de agosto de 1956. Capa).

Em suma, a reportagem denuncia que um desacordo entre as esferas de governo e as questões financeiras teria dificultado as obras no município. Com a aproximação do ano de 1958, uma nova reportagem não garante que a promessa será cumprida: “DUQUE DE CAXIAS AMEAÇADA DE NÃO TER ÁGUA NO ANO DE 1958.”(Folha da cidade 29 de setembro de 1959, página 4.)

Como justificativa, informa-se que a promessa de campanha realizada pelo então governador do Estado do Rio de Janeiro, Miguel Couto, poderia não se realizar. Os motivos do descumprimento dos prazos estabelecidos estariam relacionados aos problemas referentes a concessão para as obras, que teriam gerado o retardamento na concorrência pública.

A vida da população que desenvolveu seus modos de vida em Duque de Caxias sem água encanada resolvia-se com as longas filas nas bicas d'água, que se formavam. Essa experiência é recordada por Carlos Alberto. Embora ainda muito jovem, possui em sua memória a busca diária nas bicas municipais:

É, eu morava ali no Centenário... onde eu morava não tinha bica... enchia as latas, carregava naquela balanças nas costas, vinha duas latas de cada vez.... o pessoal até se entendia direitinho... às vezes tinha até uns que furavam a fila das latas.... Aí na antiga Rua da Grota Funda, colocaram uma bica lá.... aí acabou meu sofrimento, que era uns cem metros da minha casa....Ele (Roberto Silveira), veio pra Baixada inaugurar a água. Porque a água em Caxias tinha dono, igual a água no Nordeste também tem dono. Muita gente enriquece com isso. Em Caxias não era diferente. (Entrevista com Carlos Alberto).

O depoimento de Carlos denota que a disputa pela água em Duque de Caxias fazia crescer as redes de solidariedade. A organização das filas e as histórias de vida em semelhanças ultrapassam a experiência de migração. As condições de vida em Duque de Caxias não permitiam ao migrante manter a imagem do Sudeste como terra de esplendor e

desenvolvimento. Seria necessário constituir o desenvolvimento de uma cidade em constante construção.

As dificuldades provenientes da falta d'água não são facilmente resolvidas. O processo de distribuição da água encanada foi lento e gera algumas controvérsias. Segundo Maria José:

Nós andávamos muito pra pegar água em Caxias... uma turma de pessoas se reuniu... um deputado lá de Niterói... prometeu que ia botar água em Caxias... quando eu me casei já tinha água em Caxias... me casei em 52... mas não pra todo mundo, mais no centro, e faltava muito... foi no governo do Getúlio Moura.... custou muito pra botar água em Caxias, porque o governador puxava por trás, por causa do Tenório... demorou porque o governador era o Getúlio de Moura, e puxava pra trás... por causa da inimizade (com o Tenório)...A minha rua nós pagamos calçamento... aquele pedaço não calçavam de forma nenhuma... ele deu a mão de obra (o prefeito) e nós compramos o paralelepípedo... estou tentando lembrar (o prefeito)... (Entrevista com Maria José).

A experiência de Maria José em Duque de Caxias se assemelha a de Carlos Alberto no que se refere ao enfrentamento de filas e as dificuldades para se obter água em bicas. A migrante relaciona a demora no processo de obras de água encanada às rivalidades políticas entre forças locais e regionais que buscavam o protagonismo no recém surgido município. A complementação da depoente é importante para entender a ação autônoma da população em muitos casos estruturais, como o do calçamento e pavimentação das ruas.

Importante perceber que o jornal *Folha da Cidade* também atentava para o acelerado crescimento populacional do município oriundo das migrações realizadas ao longo de décadas do século XX, denunciando a “favelização” e o aumento da violência. Era uma indicação de que o crescimento populacional não estava sendo acompanhado pela melhoria da infraestrutura. Enquanto o primeiro crescia em ritmo acelerado, o segundo crescia em ritmo lento, o que de acordo com o jornal resultava em diversos problemas para a região: “FAVELAS - Entre os grandes males que ase abatem entre nós, um dos principais é o da moradia...” (Folha da Cidade. 08.11.1959. nº 172).

Tomando como base o relato de alguns migrantes, podemos ter a real noção da imagem a qual encontravam em Duque de Caxias e as primeiras impressões sobre o município entre 1950 e 1960. Segundo Maria José, que chegou a localidade ainda na década de 1940:

Tinha nada, né. Tinha a igreja, mas a igreja era muito simples... tinha um posto de saúde, mas também era muito pequeno. Tudo a gente tinha que andar a pé... não tinha nada, quase nada... tinha uma escola pública... na Manoel Correia ali... (Entrevista com Maria José).

O depoimento exposto acima corrobora com a imagem de uma cidade que foi se adaptando na medida em que os migrantes iam chegando. A falta de serviços públicos básicos, como transporte, água e escola evidencia que Duque de Caxias foi se construindo junto a chegada dos migrantes a região. Essa visão de um município que não estava preparado para receber um grande contingente de pessoas é compartilhada por outros entrevistados.

Nascido em Duque de Caxias, mas filho de migrantes nordestinos oriundos do Estado da Bahia, Carlos Alberto reconstitui em sua memória, as lembranças que possui do município em sua infância:

De 65 pra cá, eu já comecei a assimilar as coisas. Que eu já tinha 10 anos.....era muito difícil, Caxias era tudo barro. Rua quase não tinha, era tudo caminho. Iluminação tinha muito pouca. Eu morava ali no Centenário, que hoje chama-se Complexo da Mangueirinha. Nossa luz era de cabine. Puxava a luz de um lugar que gastava assim, 4 quilômetros, 5 quilômetros. Aquela luz ali ligava para 20, 30 50 casas. A luz era muito fraca... tinha dia que nem acendia pra ligar a casa... Água era difícil, a gente tinha que ir pra fila da bica pra pegar água, botar a lata na bica pra pegar água... assim era Caxias, Caxias primitiva. Pouca rua, era mais caminho. Asfalto não tinha nenhum, calçamento não tinha nenhum, era tudo chão. (Entrevista com Carlos Alberto).

O depoente demonstra que mediante o seu reconhecimento do contexto local, a percepção da vida em Duque de Caxias era de busca constante pela sobrevivência. Novamente, a falta de estrutura é refletida como marca central no município que estava recebendo grande quantidade de migrantes de outras regiões. A falta de iluminação, de água encanada, de calçamento e de ruas asfaltadas são demonstrações de que a vida no Sudeste, representada em Duque de Caxias, não era exatamente o que se esperava quando os migrantes tomavam a decisão de mudar-se para o Estado do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que Carlos está relatando um município a partir de 1965, onde a realidade de escassez de infraestrutura parece ser bem semelhante àquela reproduzida por Maria José quando relata a década de 1940.

As memórias a respeito do município de Duque de Caxias durante os períodos imediatos as migrações possuem em comum as denúncias sobre a falta de infraestrutura ou mesmo de uma dignidade de vida humana. Constantemente, os habitantes sofriam preconceitos pelo estereótipo criado aos moradores da região (da Baixada Fluminense de um modo geral). O imaginário desenvolvido pelos moradores do município do Rio de Janeiro em relação aos da Baixada eram baseados em três características: violência, sujeira e pobreza.

[...] Porque quando eu vim morar... aqui em Caxias, eu tinha que andar em ruas... praticamente eu tinha que andar de quatro... pra conseguir subir se chovesse, entendeu? Era horrível, era um lugar horrível. Trabalhei na Zona Sul e quando você dizia que morava em Caxias, as pessoas até se afastavam de você. Tinha medo as pessoas da gente. Caxias era conhecida, primeiro como cidade dormitório, segundo como local de desova. Se matava lá, se jogava em Caxias, era assim que o povo via. Então tudo de ruim era Caxias... Eu falo pra minhas filhas, quando a gente vinha da cidade, chegava na entrada de Caxias era impossível você se perder, que você conhecia Caxias pelo cheiro. Caxias fedia, entendeu? Caxias inteiro fedia, sempre foi um lugar largado. (Entrevista com Gilma Medeiros).

O depoimento de Gilma, exposto acima, denota um local que tinha má fama dentro e fora do município. A ideia de “pavor” da qual os manifestantes pretendiam romper com a mudança de nome da placa não foi acompanhada por melhorias do poder público que pudessem superar de forma definitiva o espectro construído pelo senso popular. Duque de Caxias continuava representando um imaginário de sujeira e doenças na década de 1970. A falta de ruas asfaltadas geravam transtornos durante os períodos de chuva que não permitiam a superação do estereótipo de pântano.

As memórias perpassadas acima são compartilhadas por outros migrantes que se estabeleceram no município. Os períodos de dificuldades estruturais variam desde meados do século XX até o final do mesmo, na década de 1990. Em alguns momentos, os depoimentos se repetem dando uma rápida impressão de que existe uma continuidade, como o de José Gilvan:

Caxias era um mar de lamas ali no Centro. E a rodoviária toda ruim, caindo aos pedaços... Toda... um troço muito feio... o cemitério era uma lástima, o muro caindo, não tinha portão, era um torço terrível... Caxias era terrível... (Entrevista com José Gilvan).

Era justamente diante de todo esse contexto que vai surgindo a Feira de Caxias. Originária da necessidade de produtos baratos e da oferta de trabalho e venda de artigos produzidos pelos feirantes. A Feira vai agregando ao seu espaço as histórias de migração, diáspora, as memórias das terras que ficaram para trás e a possibilidade de criação de um espaço para recordar e construir relações de identidade pautadas nas experiências de vida. É um espaço estruturado no tocante a originalidade propiciada pelo sincretismo de migrantes e principalmente pelo caráter de resistência social e cultural.

## 2 FATORES DE ATRAÇÃO E REPULSÃO PARA OS MIGRANTES EM DUQUE DE CAXIAS

Levando em consideração a realidade perpassada acima (primeiro capítulo) e a recorrente falta de infraestrutura básica que o município apresentava, em um primeiro momento, Duque de Caxias parecia não ser um polo atrativo para populações migrantes. Os fatores de expulsão das zonas rurais do Brasil, do Nordeste brasileiro (atraso industrial em relação ao Sudeste oriundo de um projeto industrializante centralizador no Brasil e problemas referentes as crises de seca e produção) não explicam por si só a chegada de uma grande parcela de migrantes a um município sem que esse pudesse oferecer atratividades. Por outro lado, não se pode analisar o processo de deslocamento em direção a Duque de Caxias ancorada na simplificação da correspondência econômica com o Rio de Janeiro e de sua proximidade geográfica. Concomitante a esses dois fatores (repulsão no Nordeste e atração no Sudeste), existiam questões internas que tornavam Duque de Caxias como uma possibilidade de destino final, local de residência ou mesmo de trabalho.

O município de Duque de Caxias, ao longo do século XX, vai tomando uma configuração que abrange um sincretismo baseado na conexão de diversas culturas e experiências que se encontram na localidade com o objetivo de mudarem suas vidas. Na medida em que chegavam ao município essas populações iam se agregando e influenciando os hábitos, costumes e a cultura local. Essa visão de uma população diversificada, balizada na troca de experiências pode ser observada em diversos discursos presentes na população municipal.

Segundo o artista múltiplo Beto Gaspari<sup>57</sup>, morador de Duque de Caxias e descendente de italianos, o município em debate é uma expressão multicultural entre diversos migrantes das zonas rurais e urbanas do Nordeste brasileiro, de Minas Gerais, Espírito Santo, de libertos e ex-cativos, quilombolas, indígenas.<sup>58</sup> Em suma, o depoente apresenta a visão de uma população sincretizada a partir do caráter migratório. Tal avaliação é a defendida também por essa pesquisa. Acrescenta-se em concordância com o que foi desenvolvimento da experiência

---

<sup>57</sup> Músico, escritor, dramaturgo, ator teatral e artista. Trabalha na Secretaria de Cultura de Duque de Caxias, assumindo importantes cargos ao longo das últimas três décadas, como o de subsecretário. Atualmente é Conselheiro Estadual de Políticas Culturais. 44 Entrevista com Beto Gaspari.

<sup>58</sup> Entrevista com Beto Gaspari.

do artista, os traços de elementos da cultura nordestina que se sobressaem nas relações de sincretismo cultural no município.

Tem uma coisa do retirante, tem a questão do negro também. Se você fizer um levantamento na Baixada Fluminense, as pessoas são migrantes, retirante, ou oriundas inclusive de quilombos que foram feitos aqui nessa região. Então você tem esse amalgama... eu vejo Caxias como um retrato 3 por 4 do Brasil, onde tem muita migração, basicamente nordestina, essa cultura negra... mas tivemos também migração do interior do Estado do Rio, Espírito Santo, meu pai é de Espírito Santo, minha mãe é de Macu que é no interior do estado do Rio, Minas Gerais. Essa galera começa a se juntar aqui. Bicho! Isso vai virando uma efervescência... e eu fico olhando o que se produz de arte em Caxias.... você vai observando os traços, só que cai aqui e vira um negócio nosso. (Entrevista com Beto Gaspari).

A entrevista com o músico Beto Gaspari demonstra que a sua experiência como morador, artista e membro da Secretaria de Cultura do município o fizeram desenhar a população de Duque de Caxias ancorada em seu fator migratório. Ou seja, o local é um encontro de migrantes de diversas regiões do Brasil, que criam novos hábitos e costumes, adquirem novas formas culturais, tal como influenciam com as suas vivências. O resultado é a formação de uma cultura multifacetada em Caxias.

As explicações para a forte presença de migrantes nordestinos e das marcas culturais de suas respectivas regiões são variáveis. Desde as elucidadas, mais complexas, com teor analítico das condições sociais e econômicas das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil ao longo do século XX. Até elaborações de epopeias e explicações folclóricas que se popularizaram pelo município.

O poeta e escritor duque caxiense, Vicente Portella relaciona a presença de migrantes nordestinos e a disseminação dos elementos culturais das diversas sub-regiões do Nordeste à representatividade de alguns personagens icônicos na região. Segundo o mesmo, o primeiro traço marcante teria sido a venda de um sítio de Ataulfo Alves (cantor e sambista brasileiro) ao pernambucano Luíz Gonzaga (conhecido como Rei do Baião, artista nordestino de sucesso no Rio de Janeiro e em todo o Brasil), entre as décadas de 1930 e 1940. A família de Gonzaga (forma como Luíz Gonzaga era popularmente conhecido) realizava festas e reuniões nesta propriedade, carregadas de elementos pernambucanos e frequentada por migrantes que chegavam à região ainda na primeira metade do século XX. Segundo o depoente, este fator propicia a criação de uma noção de pertencimento dos retirantes nordestinos no município, amparadas pela presença icônica de uma artista e conterrâneo renomado.<sup>59</sup>

---

<sup>59</sup> Entrevista com Vicente Portella.

A tese desenvolvida por Portella ganha coro com outros artistas que atuaram no local e que possuíam origens em municípios do Nordeste. O depoente cita a presença de dois escritores, poetas e ativistas que faziam as representações culturais de retirante ascenderem em Duque de Caxias. Solano Trindade e Barbosa Leite foram grandes desenvolvedores de atividades culturais no município e na Baixada Fluminense, e funcionavam como espelhos a outros migrantes que desejavam trabalhar na área cultural.<sup>60</sup>

O artista realiza uma concepção de que a região possuía uma característica histórica voltada para a migração, uma vez que funcionava como local de passagem para os diversos ciclos econômicos que ocorreram no Brasil. Com a chegada de personalidades oriundas do Nordeste, fortaleceu-se a presença das populações oriundas desta região do Brasil.

Caxias sempre foi região de passagem, foi caminho do ouro... primeira estação de trem do Brasil foi em Magé e Caxias era caminho para ali. Até o século XVIII, começo do século XIX, Caxias era laranjal para tudo quanto é lado... veio aquela coisa de febre amarela e a região ficou completamente abandonada por um montão de tempo, até que começou a se recuperar. E diga-se de passagem que Nilo Peçanha foi o primeiro governador e depois presidente da República a se tocar sobre o saneamento da baixada... mas a gente continua sendo caminho de tudo... e juntamente com essa cultura nordestina que começou com Ataulfo vendendo um sítio para o Luís Gonzaga... Como tem essa história e também a coisa de ser caminho, então as pessoas vinham por aqui e acabavam se estabelecendo aqui. Quem vinha de Minas pelo antigo Caminho do Ouro, acabava achando uma área legal, se estabelecendo e ficando ali... no começo do século passado, você já não tinha disponibilidade de terras no Rio de Janeiro em locais próximos pra nada. Você tinha ali na Zona Oeste... as pessoas se situavam aqui que era mais próximo do Rio de Janeiro, de Caxias para o Rio de Janeiro são 17 quilômetros... isso gente de Minas, de São Paulo, de Espírito Santo, iam se estabelecendo aqui. (Entrevista com Vicente Portella).

É preciso contextualizar duas questões importantes dos quesitos relatados por Vicente no depoimento acima. Primeiro é referente ao fato de Caxias ser uma região de passagem, enquadramento este que é destacado por diversos autores que trabalham com a história local. Dentro desta ideia existe o entendimento de que após a decadência oriunda de febres e pestes ocorre o abandono local no final do século XIX. Com a posterior recuperação do solo a região passa a funcionar como refúgio mais barato e próximo ao encarecido e demograficamente denso Rio de Janeiro. Esta construção histórica também é defendida neste trabalho de dissertação e será desenvolvido mais à frente.

Em segundo lugar, quando o artista se refere a Ataulfo é uma referência ao sambista mineiro Ataulfo Alves. Vicente Portella delimita o contato do sambista com o “Rei do Baião” como um evento fundamental no desenvolvimento cultural do município. A história da venda

---

<sup>60</sup> Entrevista com Vicente Portella.



de um sítio em Duque de Caxias para Luíz Gonzaga é retratada na reportagem do jornal *O Estado de São Paulo*.<sup>61</sup>

A cerca de 40 km do Rio de Janeiro, num pacato bairro de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, um conjunto de casas simples guarda uma parte pouco conhecida da história de Luiz Gonzaga. O lugar pode não dizer muito sobre o Gonzagão músico e compositor, mas é uma das chaves para entender o Gonzagão humano, seu amor à família e ao Nordeste.

É nesse terreno comprado de Ataulfo Alves, em 1956, que o Rei do Baião decidiu instalar sua mãe e suas quatro irmãs quando as trouxe de Exu. Ainda hoje conhecido pelos moradores da redondeza como o "Sítio dos Gonzagas", serviu para que mantivesse parte da família por perto (a outra parte do clã, a dos filhos adotivos e dos irmãos, fixou residência no Rio), mas também como uma espécie de refúgio, onde podia reencontrar as tradições de sua terra natal organizando festas, casamentos, novenas e batizados. (Torres, Bolívar. Lá no meu pé de Serra. O Estado de São Paulo, 08.12.2012).

Embora a reportagem traga divergências de datas com o depoimento de Vicente, possibilita evidenciar que as histórias a respeito do Sítio dos Gonzagas em Duque de Caxias podem ser comprovadas. Os próprios familiares do "Rei do Baião" relatam a vida no sítio, na citada reportagem. A evidência contida acima abre possibilidade para alguns questionamentos, como: A presença do reconhecido artista na localidade seria uma influência para a formação de sanfoneiros, repentistas e músicos que habitaram a Feira de Caxias posteriormente? Mais do que isso, essa presença pode funcionar como um fator incentivador da migração?

Defende-se aqui neste trabalho dissertativo que a decisão de migrar é calculada e analisada em diversos âmbitos. Remete a uma difícil escolha familiar que abrange fatores de atração e repulsão nas regiões de origem e destino. Considerar a presença de um artista ou de ídolos no local de destino seria reduzir a capacidade de organização dos migrantes. Mas a presença da família Gonzaga pode funcionar como um incentivo ao desenvolvimento de atividades culturais relacionadas a elementos da cultura nordestina, principalmente aqueles introduzidos e fortalecidos na Feira de Caxias. Vale ressaltar que em 1956, o evento dominical já funcionava, segundo as histórias sobre o surgimento da atividade.

A forma como Luíz Gonzaga tratava o sítio em Duque de Caxias é importante para compreendermos o desenvolvimento de sua família ao longo dos anos nessa localidade. A respeito disso, o jornal apresenta uma entrevista com a sobrinha do músico. O relato de suas lembranças sobre o convívio no espaço, permite a Ana Lídia Macial afirmar que:

---

<sup>61</sup> Ver em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,la-no-meu-pe-de-serra-imp-,970916>>.

Para ele, isto aqui era um pedacinho do Nordeste", resume Ana Lúcia Maciel, sobrinha de Luiz e filha de Raimunda Januário, segunda irmã do compositor. "Tanto que chamava o sítio de 'Exuzinho da Baixada'. Mas o mais importante era reunir a família em um mesmo lugar, para que pudesse visitar todo mundo ao mesmo tempo. (Torres, Bolívar. Lá no meu pé de Serra. O Estado de São Paulo, 08.12.2012).

É importante citar novamente o cuidado que precisa existir na citação de entrevistas em que o conteúdo já esteja selecionado, sem o acesso ao todo. Nos remeteremos aqui nesses casos somente ao que foi publicado.

A entrevista de Ana Lúcia que foi publicada no Estado de São Paulo, permite conceder ao leitor a percepção do tratamento dado a propriedade (Sítio dos Gonzagas). O local funcionava como uma representação de Exu (cidade Pernambucana de onde a família Gonzaga é originária), ou um pequeno espaço do Nordeste dos Gonzagas na Baixada Fluminense. As atividades ocorridas foram importantes para o desenvolvimento de diversos atos culturais, com músicas e eventos que reuniam diversos artistas. A percepção da sobrinha de Luiz Gonzaga, permite conceder aspectos de memória e afetividade ao imaginário desenvolvido no espaço. Exemplo claro é o relato realizado pela mesma entrevista do jornal sobre as festividades e eventos realizados no local:

Tinha muita festa, muito forró", lembra o compositor Sergio Gonzaga, filho de Chiquinha, que passou boa parte da infância e juventude no sítio, mas mora atualmente em João Pessoa. "Bastava ele chegar para que os músicos aparecessem. Às vezes chegavam de 20 a 30 sanfoneiros. Era uma briga para tocar. (Torres, Bolívar. Lá no meu pé de Serra. O Estado de São Paulo, 08.12.2012).

O incentivo que sanfoneiros, músicos e repentistas possuíam com a presença de uma importante personalidade nordestina, também migrante no Rio de Janeiro, estimula a formação de grupos culturais voltados a elementos da cultura nordestina em Duque de Caxias.

Em outra reportagem que cita a presença da família Gonzaga, o Diário do Nordeste realiza uma matéria<sup>62</sup> sobre os descendentes musicais de Luís Gonzaga. Ao citar alguns familiares que possuíam a herança artística do "Rei do Baião", afirma aqui:

A família Gonzaga morava em um sítio, em Santa Cruz da Serra, em Duque de Caxias, mais conhecido como Sítio dos Gonzaga, no Rio de Janeiro. Ali eram realizadas grandes festas de casamentos, batizados, aniversários, novenas, com muitos convidados, músicos, comidas típicas nordestinas e a presença de artistas famosos, entre os quais, Maria Inês, Abdias, Trio Nordestinos e Dominginhos. (Os seguidores de Luís Gonzaga. Diário do Nordeste. 13.12.2007).

---

<sup>62</sup> Ver em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/os-seguidores-de-luiz-gonzaga-1.452398>>.

Artistas famosos, como é visto acima, circulavam por Duque de Caxias, nos eventos festivos da família Gonzaga. Comidas típicas do Nordeste, atividades culturais, músicas, entre outras iguarias e atrações, denotavam que havia uma aglomeração cultural com elementos do Nordeste de Gonzaga. As populações nordestinas que chegavam ao município conviviam com essas histórias e se fortaleciam cada vez mais no novo ambiente.

Parte da família de Luiz Gonzaga residiu no sítio de Caxias por um longo tempo. É o caso sua irmã, Chiquinha Gonzaga<sup>63</sup>, que inclusive faleceu quando morava na propriedade, em 2011. Alguns jornais realizaram reportagens que citam este caso, como podemos ver abaixo na *Folha de São Paulo* online<sup>64</sup>:

No início dos anos 50, Luiz Gonzaga tirou a família de Exu, comprou um sítio em Duque de Caxias (RJ) e instalou todos lá. Naquela época, Chiquinha chegou a se apresentar com ele e com os outros irmãos no grupo chamado Os Sete Gonzagas. (Bertoni, Estêvão. A irmã sanfoneira de Luís Gonzaga. *Folha de São Paulo*, 21.03.2011).

Não se pode tratar o caso acima de forma isolada, instruindo que a presença de Luiz Gonzaga fez uma grande parcela de nordestinos buscarem Duque de Caxias como local de moradia nas décadas de 1950 e 1960, quando o artista ainda possuía grande comoção nacional. Mas de certo, contribuiu para o desenvolvimento de atividades culturais que ocorrem até hoje no município. Além de fortalecer a identidade e o fator de pertencimento dos nordestinos que chegavam a Duque de Caxias. Os retirantes oriundos do Nordeste poderiam olhar a família Gonzaga como um espelho dos migrantes nordestinos que deram certo no Sudeste.

Embora sozinho o “Rei do Baião” não tivesse a capacidade de mobilizar movimentos populacionais, haviam outras personalidades que podem se encaixar dentro da explicação que propõe que a consolidação de nordestinos de destaque no município influenciaram em menor escala na chegada de outros migrantes, e principalmente, na permanência. Por exemplo, a presença do famoso babalorixá baiano João da Goméia (conhecido como Rei do Candomblé), do político alagoano Tenório Cavalcante e mais recentemente do pernambucano José Camilo Zito. Todos esses citados serão tratados mais à frente.

O número de migrantes nordestinos em Duque de Caxias é difícil de ser dimensionado, uma vez que os dados do IBGE não traziam os números da federação de origem ao longo do século XX. O que se tem a respeito é a percepção local e um forte senso

---

<sup>63</sup> Francisca Januário Custódio (1925 -2011).

<sup>64</sup> Ver em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2103201115.htm>>.

popular existente no município, construído a partir de uma narrativa onde a população nordestina foi fundamental para a constituição e o desenvolvimento municipal.

Alguns migrantes são enfáticos ao destacarem a forte presença de nordestinos no município. Em suas memórias, realizam relações entre a atualidade e o momento da chegada a Duque de Caxias. Segundo, Maria José: “Já tinha já, sempre teve muitos nordestinos... fugir da seca, do desequilíbrio... fazendo um barraquinho aqui, outro ali...” (Entrevista com Maria José).

Mesmo que de forma simplista, a depoente destaca que a presença de nordestinos no município sempre foi uma característica perceptível na estrutura populacional, denotando uma marca local. Esse senso popular pode ser originário de dois pontos, que podem se conciliar: 1- Desenvolvimento de locais de moradia que agrupavam os migrantes em bairros e loteamentos próximos, possibilitando a sensação de que a localidade era formada majoritariamente por migrantes da região Nordeste do Brasil. Neste caso considera-se também migrantes de outras regiões que possuem hábitos e costumes semelhantes. 2 – O surgimento de uma narrativa que ganhou coro entre os moradores baseada na presença marcante da população oriundo do Nordeste no município. Evidentemente os dois fatores não excluem uma larga parcela de homens e mulheres que mudaram suas vidas mudando todos os seus meios e suas relações em direção a Duque de Caxias.

A percepção baseada na construção de um senso comum não exclui o olhar e a percepção da população sobre a característica e a realidade local. No entanto, deve-se considerar o caso mediante sua complexidade e suas origens em âmbitos micro e macro, local, regional e nacional.

Filho de baianos, Carlos Alberto, possui uma forma mais crítica em relação ao contexto do período, destacando que a presença dos retirantes em Duque de Caxias se insere na realidade da Baixada Fluminense. A região absorvia toda uma população que não encontrava condições financeiras de permanecer residindo no município do Rio de Janeiro.

Qualquer um que é de Caxias, você sente a presença de nordestinos né cara. Que todo nordestino quando vem pro Rio de Janeiro, ele só vem pra Baixada. Que é onde ele tem um conhecido, ele tem um amigo, ele tem um parente... Se tiver na Zona Sul é na comunidade. Mas a maioria é tudo Caxias cara... é muito forte cara, muito forte mesmo. E isso não vai enfraquecer nunca. Porque tem pessoa de lá que continua vindo... de parentes que já estão aqui à anos. Pelo menos tem uma casa, tem uma vida assim mais estável, já pode acolher eles. (Entrevista com Carlos Alberto).

Em outras palavras, o depoente insere Duque de Caxias em uma realidade regional de absorção dos migrantes que se movimento em torno de um processo de deslocamento que

possui explicações fundadas em questões nacionais relativas a transformação urbana e industrial brasileira concentrada na região Sudeste. Não obstante, o depoimento de Carlos também possui reflexos da visão popular da população duque caxiense em relação a presença de nordestinos no município. Termos e expressões presentes em frases do entrevistado dão maior entonação, demonstrando o forte impacto desses habitantes em Caxias e denotam a observação realizada ao longo de anos. Interessante perceber que Carlos afirma que todos em Caxias possuem a percepção dessa presença e que a maioria que vem para a Baixada opta pelo município. Por fim, o entrevistado insere os próprios descendentes de migrantes na constituição do imaginário social de uma formação populacional marcada pela forte presença de nordestinos.

A noção de que a presença de nordestinos no município pode ser percebida também pelos atuais descendentes é compartilhada por outros entrevistados nesta pesquisa, como o caso de Gilma, ao enfatizar veementemente que:

Aqui principalmente em Caxias, quem não é nordestino é descendente. Não tem ninguém sangue puro carioca... É tudo descendente de nordestino... Quando não nasceu lá é descendente deles (migrantes nordestinos). No Rio de Janeiro todo... (Entrevista com Gilma Medeiros).

O discurso de Gilma entona a percepção existente não somente entre migrantes e descendentes, como por uma parte da população duque caxiense. A narrativa comum que relaciona a população municipal aos migrantes nordestinos que ocuparam o município no século XX e transformaram a realidade do local denota que a acentuada atuação desses migrantes nos mais diversos âmbitos. As histórias de notáveis nordestinos que atuaram no município são indícios que salientam para os sujeitos sociais que habitam a região a presença e destacada atuação dos migrantes nordestinos em Duque de Caxias, reforçando a sensação de destaque dessa população.

Entre os entrevistados para o desenvolvimento deste trabalho dissertativo, chamou a atenção a versão de Henrique. Com peculiaridade em sua trajetória de migração em relação a outros migrantes, destacando o desejo de aprofundar os estudos em nível superior, o depoente expõe uma consideração que atrela o crescimento do município aos migrantes nordestinos que foram chegando à região. Em seu depoimento, o entrevistado realiza uma relação direta com a presença do ex-prefeito Zito e de sua família, trabalhando na Feira como um elemento de fortalecimento desses habitantes no local:

Na realidade, Duque de Caxias é uma cidade praticamente populosa devido aos nordestinos... pra trabalhar, enfim, é uma cidade acolhedora. Duque de Caxias é acolhedora mesmo... eu digo até pelos primórdios, onde tem um antigo morador que é o Zito, o pai dele, a família dele, que comandavam a feira, e até hoje comandam.... Caxias tem muito nordestinos... (Entrevista com Henrique com Henrique Mendonça).

A versão de Henrique corrobora que a ideia de que as personalidades de destaque no município, que são originárias de estados da região Nordeste do Brasil, reforçam o senso de presença e intensificam a impressão de que a população do município possui fortes traços demográficos e culturais desta região.

Como forma de dimensionar a presença da população nordestina em Duque de Caxias, é preciso utilizar alguns dados e reportagens sobre o atual quadro de distribuição da população duque caxiense por origem de estado e região. É necessário reiterar que considera-se aqui o grande “boom” de movimentação populacional de nordestino para Duque de Caxias o período entre 1940 e 1980. Nesta fase o município passa por um processo de constantes mudanças no contexto político e social, transformando-se em um importante polo populacional ao lado do antigo Distrito Federal (Rio de Janeiro).

As publicações em jornais são boas perspectivas para uma análise sobre a visão que existe da população oriunda do Nordeste em Duque de Caxias. Em reportagem publicada pelo jornal *Extra* online, de 25 de agosto de 2012, intitulada “Feira de Duque de Caxias resgata cultura nordestina”, é enfatizado que existe uma forte presença de nordestinos e seus descendentes no município. Segundo a reportagem, com foco na feira livre ocorrida entre os bairros Vinte e Cinco de Agosto e Centro, elementos relacionados a tradição e a cultura nordestina são mantidos em Duque de Caxias, constituindo-se assim uma identidade. Tal feira, resiste ao tempo, tendo registros de seu funcionamento já nas décadas de 1940 e 1950.

A reportagem datada de 2012 permite perceber que ainda nos dias atuais a compreensão de que a Feira de Caxias se destaca na formação cultural e de identidade das populações migrantes em Duque de Caxias é contida nos mais diversos âmbitos da sociedade que cerca o município. No entanto, é preciso questionar como se deu a construção dessa identidade em Caxias? Quais os fatores de atração para essa massa de migrantes? É possível transportar uma tradição de um lugar de origem para o local de destino (Como pode parecer supor ao trabalhar com a expressão “cultura nordestina”)? Quais os condicionantes políticos? Esses são os principais questionamentos que pretendemos realizar em nossa investigação. Especificamente neste capítulo, pretendemos desenvolver os condicionantes políticos e os fatores de atração que o município possuía.

É preciso considerar uma grande dificuldade para quem trabalha com pesquisas acadêmicas voltadas para a região da Baixada Fluminense: a disponibilidade de fontes históricas. Por se encontrar em uma região marginalizada e de pouco apoio na preservação de acervos, o território da Baixada Fluminense e sua história passam pela descarte de documentos e fontes diversas. Outra problemática enfrentada é o modo como esses resquícios estão espalhados, muitas das vezes sendo preciso recorrer a antigos moradores que possuam fotos ou mesmo documentos que enveredam na investigação da pesquisa em específico. Essa dificuldade no acesso às fontes esteve presente também em nossa pesquisa, principalmente no que se refere a dados sobre a presença nordestina na região no período ao qual trabalhamos. Em termos de porcentagem, a movimentação de nordestinos com destinação final para Duque de Caxias, carece de comprovações, uma vez que os censos demográficos não informavam sobre a origem dos migrantes no município nas décadas de 1940, 1950 e 1960. O período corresponde a grande explosão demográfica do local e maior ocorrência de transformação urbana da região. Como parâmetro da presença nordestina em Duque de Caxias, utilizaremos as pesquisas dos dois últimos censos demográficos.

Os dados fornecidos pelo IBGE são elementos que tornam possível o embasamento da presença nordestina em Duque de Caxias. Conquanto, é importante ressaltar que em uma rápida visita ao centro do município percebemos a existência de diversos elementos relacionados a cultura nordestina. Um dos exemplos é a já citada Feira, porém, os exemplos vão além. Constantemente são encontradas vendas de produtos nordestinos pelas ruas da cidade, como as barracas de tapioca e lojas comerciais voltadas para a culinária nordestina.

Os dados dos dois últimos censos demográficos realizados pelo IBGE, em 2000 e em 2010, foram importantes para encontrarmos números que comprovem a existência de migrantes nordestinos em Duque de Caxias nos dias atuais. Essa presença fica marcada não apenas pelas estratégias de pertencimento e pelos espaços comerciais, como possuem base nos dados do recenseamento. Infelizmente, como foi citado anteriormente, os censos das décadas de 1940, 1950 e 1960 não possuíam dados sobre o local do nascimento da população. Optamos por apresentar os dois últimos censos no intuito de estimar e compreender o mapeamento desses migrantes na atualidade, entendendo como frutos do processo migratório ocorrido nas décadas citadas. Um olhar atento sobre esses números permite entender as dinâmicas de deslocamento populacional ao longo do tempo, e principalmente na atualidade, na medida em que existe um novo fenômeno ocorrendo (migração de retorno).

Tabela 4 - População residente por lugar de Nascimento – Duque de Caxias: População total x população oriunda do Nordeste

	<b>2000</b>	<b>2010</b>
<b>Total</b>	775.456	855.048
<b>Região Nordeste</b>	101.482	79.983

Legenda: Atual presença de nordestinos no município de Duque de Caxias na comparação entre os dois últimos censos demográficos realizados pelo IBGE.

Fonte: Recenseamento IBGE 2000 e 2010

Os números fornecidos através dos censos demográficos realizados pelo IBGE nos anos de 2000 e de 2010 viabilizam a realização de importantes considerações. Os dados acima chamam atenção para dois fatores: em primeiro lugar, é importante perceber que ainda nos dias de hoje a estrutura populacional da região possui um grande aparato de habitantes oriundos do Nordeste, e não apenas de descendentes de migrantes. Cabe questionar se essa configuração diz respeito a um mero resquício do forte movimento migratório ocorrido em meados do século XX, ou seria uma continuidade deste processo de deslocamento? Com base neste questionamento poderíamos extrair se além da população do período entre 1940 e 1970 que ainda reside no município, existiriam os familiares, amigos, compadres, que realizaram a migração em momentos posteriores para seguirem o mesmo caminho. Nessa concepção, os movimentos migratórios, embora tenham desacelerado, continuam ocorrendo em direção a Duque de Caxias, em torno de uma atratividade relacionada a questões familiares e afetivas e ambicionadas na busca por melhores condições de vida.

O segundo ponto a ser destacado é a queda do número de nordestinos em Duque de Caxias entre 2000 e 2010. Embora a população do município tenha apresentado um crescimento, o número de migrantes nordestinos está em queda. Como fatores responsáveis por essa queda, destacamos a desaceleração da migração do Nordeste para o Sudeste e a migração de retorno para a região Nordeste. Vale considerar que mesmo com essa queda populacional de nordestinos entre os residentes do município, permanecem fortes as relações de identidade exemplificados pela Feira na reportagem exposta neste capítulo (jornal *Extra Online*, de 25 de agosto de 2012).

A percepção desses migrantes em Duque de Caxias nos dias atuais representa um quantitativo expressivo, visto a atual propensão do movimento migratório interno no Brasil. Segundo o mapa da migração, a tendência que se desenvolve no Brasil em relação a movimentação populacional é a migração de retorno para o Nordeste, em busca de oportunidades novas nas cidades da região, como podemos ver em Oliveira e Jannuzzi (2005). Segundo tais autores, a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios – PNAD 2001,



apresenta como principal característica dos movimentos populacionais do país é a chamada migração de retorno, em direção ao Nordeste. Os fatores variam de acordo com a região de origem e a região de destino. No que diz respeito ao Sudeste, os principais motivos para a população de nordestinos decidir retornar a sua região de origem são as oportunidades de trabalho (oriundos de novos investimentos no Nordeste e da descentralização industrial no Brasil), e o acompanhamento do caminho de retorno realizado pela família. Destaca-se ainda como aspecto de influência para um novo deslocamento o quesito “outros motivos”, que variam entre diversos fatores motivadores. Para Oliveira e Jannuzzi, entre os outros motivos estaria o crescimento da violência nos grandes centros urbanos e metropolitanos do Sudeste. Com o intuito de melhor detalhar a atual presença nordestina em Duque de Caxias, considerando os estados da região Nordeste como originários da população migrante, será exposta e analisada abaixo os dados censitários com a federação de origem. Os números apresentados permitem perceber que alguns estados possuem maior proporção populacional no município. Cabe questionar os motivos de tal incidência. Vejamos os dados no quadro abaixo:

Tabela 5 - População residente por lugar de Nascimento – Duque de Caxias: Por Estado de origem

<b>Lugar de Nascimento</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>
Região Nordeste	101.482	79.983
Maranhão	3.853	3.783
Piauí	1.383	1.470
Ceará	10.761	8.316
Rio Grande do Norte	8.175	5.885
Paraíba	35.436	26.759
Pernambuco	20.072	15.658
Alagoas	4.982	4.133
Sergipe	3.986	2.564
Bahia	12.835	11.414
<b>Total da População</b>	<b>775.456</b>	<b>855.048</b>

Legenda: Relação de nordestinos em Duque de Caxias por estado de origem nos censo de 2000 e 2010.  
Fonte: Recenseamento do IBGE de 2000 e 2010.

Doravante a análise dos dados acima pode-se perceber que alguns estados da região Nordeste se destacam como local de origem desses migrantes nordestinos em Duque de

Caxias em 2000, sobretudo, a Paraíba com grande incidência de população originária desse estado (35.436) e Pernambuco (20.072). Outros estados possuem taxas médias semelhantes entre eles, porém longe de disporem de números comparáveis aos dois citados anteriormente, como Bahia (12.835), Ceará (10.761) e Rio Grande do Norte (8.175). A explicação de tal fenômeno, onde algumas regiões do Nordeste encontram-se com maior destaque entre os estados de origem dos migrantes em Duque de Caxias, requer uma pesquisa focada especificamente nesta temática. A base de dados e fontes utilizados neste trabalho dissertativo permitem considerar duas possibilidades: 1 - a consolidação das relações de pertencimento entre as populações oriundas desses dois estados. 2 - as problemáticas enfrentadas especificamente pelos cidadãos dessas regiões, principalmente no que diz respeito a estiagem e ao fenômeno da seca nordestina, ou seja, tais fluxos estariam inseridos dentro das relações de atração e repulsão dos locais de origem e destino, e são interdependentes.

Comparado aos números de 2000, o censo de 2010 demonstra muito mais do que a tendência para a migração de retorno. Seus dados relatam a grande queda populacional justamente daquela população oriunda dos estados com maior índice de migrantes em Duque de Caxias. Os migrantes oriundos da Bahia tem decréscimos de 1.421 em números totais, os do Ceará passam a ser 2.445 a menos, e o Rio Grande do Norte segue a tendência de queda com menos 2.290 habitantes de origem potiguar em Duque de Caxias. Quedas consideráveis, mas baixas se comparadas com Pernambuco e Paraíba. O primeiro passa a ter 4.414 habitantes a menos em Duque de Caxias, e o segundo possui uma incrível queda de 8.677 habitantes no município. O caso pode ser explicado em termo percentuais, se considerarmos como uma matemática exata. Uma vez que o número de migrantes oriundos destes estados era desproporcional em relação aos demais, a queda do número de residentes no município está na mesma medida de desproporção. Em números gerais, inserem-se na nova realidade de “migração de retorno” em direção a região Nordeste. Entretanto, não se trata de ciências exatas, mas sim de uma pesquisa analítica sobre as dinâmicas em torno desses estados que acarretaram no retorno da população ao seu local de origem. Neste caso, é necessário uma pesquisa com enfoque na temática em específico, mapeando o caminho dessa população e compreendendo as problemáticas envolvidas neste fenômeno.

Embora seja evidente a desaceleração da migração nordestina para Duque de Caxias, as relações de identidades construídas pelos migrantes de primeira geração, principalmente do período de 1940 à 1970 são mantidas até os dias atuais. A Feira, como já citada anteriormente é a maior exemplificação dessas relações.

## 2.1 O processo de deslocamento

Os movimentos de deslocamentos populacionais no Brasil durante o século XX destacaram um forte processo de êxodo rural entre 1940 e 1980. Motivados pela industrialização do campo, que introduziu a mecanização do trabalho e da produção, o que culminou na geração de desemprego, os trabalhadores passam a ambicionar empregos nas zonas urbanas. As fábricas concentradas na região Sudeste do país tornam-se uma representação de oportunidades para ingressar no mercado de trabalho. Para além do quesito trabalhista, vislumbravam o ingresso na realidade transformadora do território brasileiro voltando-se à modernização, à urbanização e à industrialização.

As cidades do Sudeste brasileiro passaram por um acelerado processo de urbanização em meados do século XX. Dentro deste processo de mudanças destacam-se, principalmente, São Paulo e Rio de Janeiro. No Brasil, o processo de urbanização é atrelado a alguns ciclos industrializantes que surgiram no país. Inicialmente no Período Joanino (Brasil Colônia – 1808-1821), com uma tímida industrialização no Rio de Janeiro. Já no Período Republicano, a Revolução de 1930 (no contexto nacional), a crise de 1929 e a II Guerra Mundial entre 1939 e 1945 (no contexto internacional) levaram o país a diversificar a economia e incentivar o processo industrializante mediante a queda do preço do café (matriz de exportação brasileira no período). Daí em diante, o país segue em algumas escalas industrializantes, como o período do nacional desenvolvimentismo do governo Juscelino Kubitschek (1956 – 1961). Porém, esses processos foram realizados concentrando-se na região Sudeste do Brasil, principalmente nos já citados municípios do Rio de Janeiro e de São Paulo.<sup>65</sup>

Os fatores discutidos acima são traduzidos em uma forte movimentação em direção a região Sudeste do Brasil. As cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, ou seus municípios vizinhos que possuísem fácil acesso, deslocamento rápido e barato e possibilidades de moradias mais econômicas em relação às capitais industriais, apresentavam as melhores condições de mudanças populacionais. Desembarcavam diretamente do interior dos próprios estados em questão, que possuísem uma realidade mais rural, de outros estados da região Sudeste (Minas Gerais e Espírito Santo) e de estados de outras regiões do país (Sul, Norte, Centro-Oeste e Nordeste).

---

<sup>65</sup> Ver mais em AREND (2009), CANO (1985) e SUZIGAM (1986).

As condições enfrentadas em algumas regiões do Nordeste brasileiro tornavam as saídas populacionais mais evidentes e numerosas. Enfrentando diversas crises cíclicas e de secas dos rios que o cercam, o Nordeste externa uma grave crise não só ambiental como econômica. Com o novo contexto industrial do Brasil centralizado no Sudeste, o esgotamento da economia agrária na região e as recorrentes crises de seca, resta a uma parcela considerável da população nordestina trilhar o caminho da migração em direção ao “Sudeste Maravilha”, industrial e urbano, na possibilidade de se estabelecer no novo mercado de trabalho.

De forma geral, o processo de migração do Nordeste em direção a outras regiões em decorrência dos períodos de seca no semiárido era realizado em diversos ciclos de expansão econômica de outras regiões, como por exemplo, durante o desenvolvimento das economias da mineração e da borracha. O que parece diferenciar no século XX é o fato desta movimentação ter se tornado definitiva.

A ideia de Nordeste constituída no imaginário popular no Brasil esteve presente em diversas obras literárias e artísticas que disseminaram o nordestino na seca, com a peixeira na mão, o cidadão matuto, desprovido de conhecimento urbano, entre outros termos e características pejorativas. Tais imagens foram salientadas em filmes, novelas e em obras literárias consagradas de Camará Cascudo e Euclides da Cunha. As obras desconsideravam as peculiaridades nordestinas, de cada cidade e das sub regiões do Nordeste. Desenvolvendo um cidadão uno, com os mesmos hábitos e costumes em comum. Dessa forma, erroneamente tratou o termo cultura nordestina<sup>66</sup> como uma forma pejorativa e uma criação ou invenção social oriunda de um Sudeste que pretendiam alavancar suas práticas como forma de ser brasileiro.<sup>67</sup> Em outras palavras, criou-se um antagonismo proposital entre Nordeste e Sudeste, respectivamente caracterizados como o atraso e o moderno.

## 2.2 O sudeste maravilha

“Moderno, industrializado, urbanizado, transformador...” Eram essas as principais características que os migrantes nordestinos pretendiam encontrar nas cidades do Sudeste brasileiro. A superação da terra seca, da mortalidade infantil, da fome e da falta de empregos

---

<sup>66</sup> Vale ressaltar que aqui se trata como cultura migrante sincretizada ou elemento s de cultura nordestina.

<sup>67</sup> Ver mais em ALBURQUERQUE (2009) e NEVES (1994).

eram os principais motivos que levavam levas de populações retirantes a tomarem a decisão de buscar novas condições de vida no Sudeste.

O deslocamento intenso entre o Nordeste e o Sudeste do Brasil é facilitado em decorrência de uma infraestrutura de locomoção baseada na instalação de linhas de trem entre a Bahia e São Paulo e na travessia via Rodovia Rio-Bahia, seja em ônibus (regularizados ou não) ou mesmo em caminhões chamados “paus de arara”

O município de Duque de Caxias englobava, junto a outros municípios da Baixada Fluminense, uma via de destino. Sua atratividade inicial correspondia a proximidade geografia com o centro do Rio de Janeiro e da região industrial do Estado, pelos fáceis e rápidos deslocamentos, inserindo-se em uma realidade de “cidade dormitório”. Rapidamente o município se transforma, superando a complementação ao Rio de Janeiro e dinamizando suas relações sociais, políticas, econômicas e culturais. As características de dormitório não explicam suficientemente a compreensão sobre o espaço. A localidade evolui de um aglomerado urbano para uma grande cidade, desenvolvendo comércio, relações políticas, econômicas, culturais e sociais próprias.

Não se trata aqui de enquadrar Duque de Caxias no mesmo patamar das grandes capitais regionais, mas sim de problematizar o termo “cidade dormitório”. O que se pretende é questionar alguns quesitos referentes a realidade cotidiana do município, ou seja, não restringir os polos de atração para os migrantes nordestinos em Duque de Caxias às possibilidades de ir e vir entre o município e a zona industrial do Rio de Janeiro. A localidade da Baixada Fluminense, ao longo do século XX, desenvolveu uma realidade que possibilitou as populações de fora vislumbrarem oportunidades de emprego. O desenvolvimento em particular de Duque de Caxias é alavancado por uma série de fatores como as instalações industriais consolidadas pelo próprio setor (motivadas por empreendimentos ao redor da Fábrica Nacional de Motores e da Refinaria de Duque de Caxias) tornaram viável uma nova visão sobre o local. Considera-se ainda, a importância das relações de identidade, solidariedade e pertencimento para o fortalecimento, a resistência e a chegada de novos migrantes ao município. Envolvidos nesse emaranhado de transformações, esses sujeitos sociais se inserem na Feira de Caxias, transformando-a em um espaço que ultrapassa as características comuns das feiras livres. A Feira passa a representar um polo atrativo com foco em seu viés de identidade e memória, um chamariz aos novos habitantes, com capacidade de lazer, sociabilidade e ativismo cultural.

Em resumo, Duque de Caxias estava inserida tanto na ideia de “Sudeste Maravilha”, como cidade margeando o Rio de Janeiro, ou mesmo oferecendo trabalho e moradia mediante

as transformações ocorridas. Ao mesmo passo que é um ambiente em que o reforço de uma narrativa antagonista entre Nordeste e Sudeste, representando respectivamente o rudimentar e o moderno estava presente na medida em que era um município do Sudeste recebendo habitantes nordestinos.

### 2.3 A atratividade em Duque de Caxias

Levando em consideração os depoimentos dos migrantes que chegavam em Duque de Caxias entre as décadas de 1950 e 1980 é possível construir um panorama com afirmações que possuem em comum um sentimento de deslumbramento. A expectativa de encontrar o “Sudeste Maravilha” capitaneado pelas imagens da “Cidade Maravilhosa” do Rio de Janeiro não se transformam em realidade em Duque de Caxias. Os migrantes apresentam uma narrativa onde foi preciso construir as condições necessárias de infraestrutura dentro do município. É preciso tomar um certo cuidado com a romantização das experiências e memórias para não cair em uma “cilada” das fontes orais. Ao mesmo tempo em que os migrantes buscam explicar suas experiências por meio de epopeias, existe uma variação entre a “memória compartilhada” e a “memória propriamente dita”<sup>68</sup>. O município possuía uma infraestrutura que propiciou a permanência de um grupo de pessoas que chegava cada vez de forma mais acelerada ao local.

O desenvolvimento de uma melhor qualidade de vida no município parece ser lento quando analisada sobre o aspecto da infraestrutura. Seus interesses correspondem a uma elite política que se relacionava intrinsecamente com os líderes regionais. Dentro deste contexto é que irão surgir possibilidades da criação de espaços de resistências. Em outras palavras, os migrantes nordestinos em Duque de Caxias embora não tenham encontrado no município a visão de Sudeste que foi constituído no imaginário social, observaram no local uma possibilidade de desenvolverem modos de vida e espaços de relações sociais e de modos de resistências.

Esta pesquisa separa os fatores da atração dos migrantes nordestinos em Duque de Caxias alicerçada por questões relacionadas ao ir e vir com o município do Rio de Janeiro e por questões inerentes ao município, que se referem as mudanças ocorridas ao longo do

---

<sup>68</sup> Termos (Memória compartilhada e memória propriamente dita) discutidos anteriormente a partir da concepção de Joel Candau.

século XX. Essas transformações ocorridas em Duque de Caxias alteraram a dinâmica da cidade fazendo emergir um forte setor industrial, uma diversificada rede de comércio e uma feira livre de destaque em âmbito nacional. A Feira de Caxias é a tradução literal das transformações no município. Entre as suas singularidades, angariou destaque pelas relações de identidade e pela construção de um espaço de trocas de experiências culturais entre populações nordestinas e fluminenses.

### 2.3.1 O ir e vir com o Rio de Janeiro

Eu fiquei viúva com 20 anos cara... novinha né? Meu primeiro marido morreu atropelado, lá em Irajá... a firma que ele trabalhava era lá também... (Entrevista com Maria Gorete).

O triste relato de Maria Gorete a respeito do momento em que ficou viúva demonstra muito mais do que a evidência de sua tristeza perante a morte do marido. O fato de ter morrido enquanto trabalhava em uma indústria em Irajá, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, envolve uma realidade que não pode ser analisada de maneira individual. Os relatos fornecidos pelos migrantes denotam a um cotidiano comum para os nordestinos baseado na ideia de que o município do Rio de Janeiro era um polo de empregos e oportunidades próximo a Duque de Caxias. Dentro desta realidade este fator é um dos principais motivos para a decisão do deslocamento em direção a Duque de Caxias.

A análise sobre os processos de deslocamento precisa superar a proximidade com o município da natureza concentradora do antigo Distrito Federal. Existiam fatores que se inserem no aspecto de locomoção direta ao próprio Rio de Janeiro e a formação urbana de Duque de Caxias. Exemplo destes fatores é a instalação da Estrada Rio-Petrópolis em 1928, que passava justamente no atual centro do município, onde se formam os bairros mais populosos e os principais núcleos urbanos.

Ao longo das análises dos entrevistados, era comum a recordação de uma relação direta entre o Rio de Janeiro e Duque de Caxias. Henrique e seu irmão, por exemplo, reproduzem exatamente a imagem do migrante que utilizava os meios no município da Baixada para facilitar o ir e vir com a atual capital do estado. Enquanto Henrique conseguiu emprego nos setores financeiros e comerciais, vivenciando a realidade no município nos períodos noturnos e aos finais de semana, seu irmão, segundo o entrevistado, não chegava a

morar em Duque de Caxias, uma vez que passava toda a semana lotado em navios da Marinha do Brasil.<sup>69</sup> Quando não estava trabalhando era preciso uma moradia em localidade próxima ao trabalho ou com acesso facilitado. Os altos custos com moradia no Rio de Janeiro motivaram o irmão de Henrique a buscar regiões alternativas. Duque de Caxias surge exatamente como essa catalizadora das necessidades primordiais de sobrevivência e ir e vir. Além de residências mais baratas, havia a possibilidade de deslocamento rápido e barato com o uso da linha férrea que realizava a ligação entre Duque de Caxias e o Rio de Janeiro, garantindo o transporte entre trabalho e residência.

Os exemplos relatados nos casos acima são fundamentais para a compreensão da importância da Estrada Rio-Petrópolis e da Estrada de Ferro Leopoldina para o crescimento demográfico em Duque de Caxias. Ambas funcionam como instrumento de transporte e vias de atração para os migrantes nordestinos em busca de emprego no município do Rio de Janeiro. Amazonete, Gilvan, Gilma, Maria Angélica, Maria Gorete, são exemplos de migrantes nordestinos que moravam em Duque de Caxias e trabalhavam na antiga Capital Federal.

### 2.3.2 A importância das vias de deslocamento e da formação dos núcleos urbanos: Rodovia Washington Luiz e Estrada de Ferro Leopoldina

A formação do município de Duque de Caxias e de seus limites urbanos, inicialmente, correspondeu a uma configuração das povoações em volta da Estrada Rio Petrópolis e da Estrada de Ferro Leopoldina. Os dois empreendimentos funcionaram como facilitadores na locomoção entre a localidade e a cidade do Rio de Janeiro, e no que tange ao transporte no interior de Caxias, atenuando os problemas de infraestrutura apresentados pelo município. A ferrovia e a rodovia reuniram características que permitiram o enquadramento de ambos na categoria de vias de atração. Se destacam pela capacidade de contribuírem para a dinamização do deslocamento entre Duque de Caxias e antiga capital federal. A instalação desses meios de transporte possibilitaram a mudança de perspectiva em relação ao município. A visão em torno de uma localidade desordenada é substituída por uma expectativa em torno de habitações mais baratas quando consideradas com o centro comercial e financeiro do Rio de

---

<sup>69</sup> Entrevista com Henrique Mendonça.



Janeiro, com oferecimento de meios de transporte que possibilitavam a locomoção rápida em direção a urbana e industrial capital do país.

Construída em 1886, a The Rio de Janeiro Northern Railway (Estrada de Ferro Leopoldina), ligava o Rio de Janeiro a Meriti (atual Centro de Duque de Caxias). Inicialmente deveria seguir o mesmo padrão da Estrada de Ferro D. Pedro II, voltada a cidade do Rio de Janeiro, em substituição a função de transporte que os rios da região da Baixada Fluminense ofereciam aos produtos e mercadorias. Segundo Braz (2006), a construção da ferrovia representou a total deterioração do solo e dos rios locais, agravando a crise econômica de Meriti. Em suma, a transformação econômica propiciada pela via férrea, não é experimentada pelos moradores da região no momento imediato a instalação. Historicamente relacionada ao progresso, a ferrovia é traduzida pelo autor como uma mudança que ocasiona mazelas ao solo e conseqüentemente aos habitantes de Duque de Caxias, nos anos posteriores a sua instalação:

[...] As obras de construção dessa e de outras ferrovias agravaram a situação de drenagem da região já comprometida com o desinteresse pela conservação e limpeza dos rios e canais cada vez menos usados, na medida em que os aterros necessários represavam o curso natural das vias fluviais que cruzavam... (Braz, 2006, p.27).

De modo instantâneo, a Leopoldina Railway (como passou a ser chamada) intensificou o já eminente processo de deterioração do local. Sua construção objetivava o transporte de material de construção para as obras na rede de abastecimento de água da cidade do Rio de Janeiro, localizadas em Xerém e em Tinguá. A trajetória de sua linha seguiu o percurso dos encanamentos da rede, objetivando garantir a conservação dos canos de abastecimento (Braz, 2006).

Se em um primeiro momento a Estrada de Ferro Leopoldina representa uma maior deterioração do solo e o aumento da sensação de abandono, com o passar dos anos a ferrovia vai modificar a realidade social e urbana local, funcionando no transporte de populações entre diversas localidades. A mudança de função da linha férrea vai ocorrer concomitante a um processo de recuperação do solo. Paralelo a todas essas modificações, o município experimentava o fenômeno migratório de populações rurais em direção aos novos aglomerados urbanos que iam se formando ao redor das estações de trem. Esses núcleos desenvolveram grande capacidade para as atividades de serviços e comércio, amparados na crescente circulação de pessoas que utilizavam a linha férrea como via de deslocamento. Noronha (1934) enfatiza o desenvolvimento do comércio ao redor das estações da Leopoldina Railway, principalmente de Ramos, Bonsucesso e posteriormente de Meriti. Segundo sua

perspectiva, a estrada de ferro possuiu ao longo do século XX uma grande capacidade de interligar diversos núcleos urbanos na Zona Norte do Rio de Janeiro, o que possibilitou o intenso comércio nas imediações de suas estações.

Em Duque de Caxias, a ferrovia vai tornar possível o maior contato entre os bairros e a formação de núcleos urbanos. A contar de Merity, existiam seis estações localizadas dentro do município: Sarapuí (Gramacho), Actura (Campos Elísios), São Bento, Jardim Primavera, Rosário (Saracuruna) e Parada Angélica. Ao redor dessas estações surgem aglomerados urbanos, com populações que rapidamente constituem uma rede de comércio e serviços. Atualmente são localizações com concentração populacional e vasto comércio.

As populações migrantes que não encontravam mais espaço propício para ocupação na antiga capital federal, somaram-se aquelas que já estavam se deslocando do centro da cidade do Rio de Janeiro devido ao seu processo de modernização. Em busca de condições mais baratas de sobrevivência, seguiam pelas estações da linha férrea, ocupando localidades ao redor, incluindo Duque de Caxias. A locomoção rápida pelos trens e as passagens baratas e tabeladas facilitaram tal estratégia, onde o centro do Rio de Janeiro era o objetivo final de trabalho, e Duque de Caxias funcionaria em um primeiro momento como a “cidade dormitório”. Segundo Rodriguez (2004), entre 1886 e 1896 cerca de 30 milhões de pessoas foram transportadas por essa malha ferroviária. O número cresce progressivamente e salta para 84 milhões somente nos anos da década de 1930, mostrando a eficiência do transporte ferroviário no período e a sua importância para o deslocamento de pessoas na região.

Realizando uma análise crítica sobre o processo de constituição de uma estratégia de deslocamento e ocupação pela linha férrea, podemos realizar considerações pautadas em dois pontos: 1 - Inicialmente o deslocamento pela linha férrea fortalece a ideia de cidade dormitório. As populações vislumbravam oportunidades no mercado de trabalho movimentado no centro do Rio de Janeiro. É dentro deste contexto que surgem os conglomerados urbanos ao redor das estações. 2 - Ao mesmo tempo, a linha férrea é um instrumento fundamental para a superação da categoria de cidade dormitório em Duque de Caxias. A alta rotatividade e movimentação ao redor da estação de Merity (Caxias) abre a possibilidade de formação de uma rede de comércio e serviços. Aos poucos essa rede vai transformando a realidade do município. A própria Feira surge a partir desse comércio ao redor da estação. Dentro desta lógica, a linha férrea se apresenta em dois sentidos destoantes que ao longo dos anos tornam-se complementares. Representa a origem e superação da caracterização como cidade dormitório.

A análise sobre a influência da Estrada de Ferro para a instalação de populações migrantes em Duque de Caxias precisa ser realizada em combinação a outros fatores de transformação urbana. Inserida nessa realidade transformadora, a construção da Rodovia Rio-Petrópolis, ligando o Rio de Janeiro a cidade de Petrópolis e passando por grande parte do atual território de Duque de Caxias, é um fator que, igualmente a Leopoldina, incide sobre o aspecto de deslocamento. O traçado inicial partia de Vigário Geral (bairro do Rio de Janeiro limítrofe com Duque de Caxias) e passava pela extensão do atual centro do município. Atualmente, o primeiro traçado é a Avenida Governador Leonel de Moura Brizola, antiga Presidente Kennedy, principal via no entorno da região comercial. Cortava Caxias até o bairro do Pilar, local de entroncamento com a atual Rodovia Washington Luiz (BR 040 – Rio-Juiz de Fora).

Com a construção da rodovia passando bem no centro de Merity (Caxias) e o advento da linha férrea, a região passa a ser vista como atrativa devido as opções de locomoção com rapidez para o centro do Rio de Janeiro e entre os bairros da região. Doravante a essas mudanças, diversos loteamentos e núcleos urbanos se constituem ao longo dessas duas vias de locomoção, constituindo o que atualmente são as áreas de maior concentração demográfica de Duque de Caxias.

A Estrada Rio Petrópolis funciona como instrumento complementar, tanto na formação dos núcleos urbanos quanto na movimentação populacional no interior de Caxias e para outras localidades. O empreendimento possibilitou estender um processo de interiorização da ocupação urbana, com ruas transversais que levavam até a via central.

### 2.3.3 A recuperação do solo e a oferta de moradias

A superação do aspecto de insalubridade e da característica pantanosa no território da Baixada Fluminense necessitou de projetos que possibilitassem a recuperação local em torno da formação de loteamentos urbanos e colônias rurais. Uma vez que a passagem da ferrovia pela região teve um primeiro impacto danoso para o solo, era preciso reorganizar a estrutura da terra e os rios da região para que as localidades voltassem a ser ocupadas. Este processo de regeneração teve um ponto de partida no governo de Nilo Peçanha como presidente do Estado do Rio de Janeiro em 1906, e posteriormente, como Presidente da República em 1908, substituindo Afonso Pena que havia falecido.

Inicialmente, Nilo Peçanha tentou pôr em prática antigos projetos de recuperação da região que não haviam sido realizados. Com o intuito de mapear a origem dos problemas e traçar um plano de ação, foram criadas novas comissões, a partir de 1910, que seriam as responsáveis por iniciarem as obras de recuperação. As intervenções de Nilo Peçanha estão presentes em uma série de ações que projetavam o usufruto do território da Baixada como região complementar de ocupação e produção agrícola do Rio de Janeiro. Nesta primeira fase, as obras contínuas foram suspensas em 1916, coincidentemente quando Nilo Peçanha voltou a ser presidente do Estado do Rio de Janeiro (1914 - 1917). A justificativa para a paralização do projeto gira em torno de uma disputa por verbas e de desentendimentos quanto a continuidade das obras<sup>70</sup>. Segundo Braz, o projeto consistia em:

O planejamento das ações propunha que uma vez saneados esses terrenos, que haveriam de ser previamente desapropriados, seriam divididas em “grandes e pequenos lotes e vendidos a particulares ou a empresas industriais que o quisessem cultivar”. Além disso, essas desapropriações a um custo muito baixo possibilitariam, finda as obras, uma intensa valorização do capital fundiário que revendido ou arrendado poderiam representar aos cofres da União um significativo retorno financeiro. (Braz, 2006, p. 42).

Como método de análise, o trabalho de Braz consulta os relatórios da Comissão Federal de Saneamento da Baixada Fluminense. Em suas considerações, o autor afirma que os objetivos em torno do projeto eram de transformar a região da Baixada em fornecedora de alimentos para abastecer a então capital federal. A interrupção das obras em 1916, possui consequências nocivas para a região, aumentando a sensação de abandono da até então Merity.

Embora o projeto de recuperação da área não tenha atingido o êxito esperado, as obras funcionaram como instrumento de reorganização espacial, possibilitando uma nova visão sobre o caráter habitacional do local. Fernandes (1998) salienta que este primeiro projeto propiciou a desobstrução dos principais rios da região, como o rio Meriti, e a reutilização de outros como o Rio Sarapuí, o Rio Iguaçu, o Rio Saracuruna e o Rio Imbariê. As obras trouxeram melhorias para o saneamento da região e contribuíram para diminuição da fama de insalubridade. Por outro lado, o projeto não atingiu o seu objetivo principal de tornar a região um centro de fornecimento de produtos agrícolas, preparado para a divisão de lotes para habitação e produção.

Finalmente em 1933, durante o governo Getúlio Vargas, as obras foram retomadas sob coordenação do engenheiro Hildebrando de Góes, com a criação da Comissão de Saneamento

---

<sup>70</sup> Ver em Braz (2006)

da Baixada Fluminense. O trabalho foi pautado principalmente na diminuição da incidência de entrada de águas do mar pelo Rio Meriti, criando diques, desobstruindo rios, reutilizando canais e rios. O foco das atividades do governo superavam os aspectos estabelecidos no projeto de Nilo Peçanha. Paulatinamente a um programa voltado para criação de um núcleo de abastecimento agrário, houve o combate a pestes como a malária, que assombravam as populações que passavam pela região<sup>71</sup>. Segundo Beloch (1986), a amplitude dessas obras atingiu principalmente Duque de Caxias, grande foco de malária e caracterizado por sua configuração pantanosa. O território atingia a categoria de recuperado. Embora a malária não houvesse sido efetivamente erradicada, as condições sanitárias na região atingiram melhores níveis comparados aos períodos anteriores as obras.

O projeto de recuperação iniciado no governo Vargas falhou em seu objetivo principal em Duque de Caxias, ou seja, não tendo resultado em uma transformação da área em uma zona de colonização de gêneros agrícolas voltada para o abastecimento para o Rio de Janeiro. Não obstante, as obras precisam ser avaliadas por outras óticas, principalmente na sua relevância para articulação de grupos urbanos. A recuperação do solo possibilitou a divisão da região em lotes, que vendidos a preços baratos comparados aos altos valores do Rio de Janeiro repercutiu em Duque de Caxias o aspecto de atratividade para as diversas populações, que ancoravam-se na possibilidade de ter acesso a um terreno.

Essa configuração corresponde por um lado a uma realidade de transformação inserida no contexto das metrópoles latino americanas ao longo do século XX. O incremento da mecanização do campo e o processo de industrialização compõe os elementos que condicionam ao êxodo rural. Os meios de vida e espaços de convivência se transformam. Nesta perspectiva, o rural torna-se um complemento ao urbano. Por outro lado, a constituição de um território com características urbanas estabelece um questionamento a respeito do real sucesso das políticas de recuperação e transformação do solo. Embora o objetivo final fosse a consolidação de um núcleo de abastecimento agrícola próximo ao Rio de Janeiro, as obras abriram a possibilidade para o crescimento de aglomerados urbanos que progressivamente foram assumindo posições de destaque. É dentro deste contexto de implementação de um novo setor urbano, complementado pela industrialização tardia ocorrida no Rio de Janeiro, que irá se formar o universo urbano e populacional da Baixada Fluminense. O município de Duque de Caxias inseriu-se dentro deste contexto de transformações com eixo na urbanização.

---

<sup>71</sup> Ver em Beloch (1986)

O quadro abaixo demonstra que as áreas recuperadas foram majoritariamente para ocupações de áreas urbanas. Esse novo ambiente torna-se propício para a chegada de novas populações em busca de habitações baratas e disponibilidade de terrenos próximos à linha férrea e à oferta de transporte acessível. Em suma, o projeto agrícola se mostrou como um instrumento de urbanização na Baixada Fluminense e em Duque de Caxias. Vejamos o quadro abaixo:

Tabela 6 - População Urbana e Rural – Duque de Caxias<sup>72</sup>

<b>Ano</b>	<b>População total</b>	<b>População urbana</b>	<b>População rural</b>	<b>%da população rural sobre a total</b>
1940	28.328	23.963	4.365	15,4
1950	92.459	74.565	17.894	19,6
1970	431.397	404.496	26.901	6,2
1980	575.814	555.208	20.606	3,6

Legenda: Tabela comparativa entre a população urbana e a população rural em Duque de Caxias.

Fonte: Beloch (1986)/ IBGE (1940, 1950, 1970, 1980).

De forma geral, o crescimento da população do município é acompanhado pelo processo crescente de urbanização. A tabela acima comprova com base nos dados de porcentagem, que embora existisse um crescimento numérico da população rural em Duque de Caxias, em termos comparativos, essa parcela vai reduzindo ao longo das décadas, quando comparada a população urbana. A localidade não se transforma no núcleo colonial de produção agrícola que se esperava, mas sim em uma importante cidade, com fortes características urbanas.

É importante citar que na medida em que o fluxo de migração aumenta a porcentagem de residentes na zona rural em Duque de Caxias diminui. Este fator denota os objetivos de uma parcela considerável dos retirantes em formar uma força de trabalho com foco nos setores indústria, comercial, de serviços e da construção civil.

As transformações ocorridas em Duque de Caxias em meados do século XX transformam o município em um destacado setor de atração para os migrantes que desejavam estar próximos a zonas industriais do antigo Distrito Federal. Com a recuperação do solo foi propiciada a divisão do território local em lotes para serem destinados a esse rearranjo urbano. Um novo quadro que poderá ser analisado abaixo propicia a percepção dessa recuperação

<sup>72</sup> Tabela adaptada de Beloch (1986), com confirmação aos censos de 1950, 1970 e 1980, quando Duque de Caxias já se configurava como município emancipado.

sanitária dos rios e do solo, resultando em uma mudança na quantidade de lotes ofertados e no tamanho dos mesmos, uma vez que o crescimento demográfico também levou a diminuição da oferta e aumento da procura.

Tabela 7 - Loteamentos aprovados em Duque de Caxias<sup>73</sup>

<b>Período</b>	<b>Nº de lotes</b>	<b>Área total (ha)</b>	<b>Área média dos lotes (m<sup>2</sup>)</b>
Até 1949	57.206	6.198	1.083
1950 – 1959	85.642	7.001	817
1960 – 1969	60.038	3.274	545
1970 – 1978	27.988	1.376	492

Legenda: Relação da média de área dos lotes em Duque de Caxias entre 1950 e 1978.

Fontes: Beloch (1986)/ Prefeitura municipal de Duque de Caxias – cadastro municipal – 1978; FUNDREM, 1978.

Relacionando o quadro acima com o quadro do crescimento demográfico, podemos realizar uma relação entre os dois fatores. A falta de investimentos em infraestrutura básica, os problemas de saneamento, o medo das doenças, pestes e do alto índice de mortalidade infantil são considerados aqui como elementos de repulsão do município em transformação. Duque de Caxias torna-se uma região a ser evitada, sem atratividade econômica e com forte risco de contaminação por doenças. Os próprios estabelecimentos comerciais eram poucos, demonstrando a falta de confiança em uma recuperação da região, e de políticas públicas que buscassem a superação do quadro social e econômico. De acordo com a recuperação do solo e a superação da fama de região degradada, o município volta a atrair populações. Concomitante a esse processo, ocorre a urbanização pautada na organização de loteamentos para moradia e habitação. Adiciona-se a esses elementos atrativos as já citadas vias de acesso com ênfase no transporte e na locomoção facilitada e por um baixo custo.

Embora Duque de Caxias estivesse se recuperando, com crescimento econômico e populacional, as condições de saneamento básico domiciliar não acompanhavam a velocidade do processo de mudanças. Os lotes em ocupações desordenadas com instalações sanitárias e rede de esgotos improvisadas eram comuns. Basicamente, a divisão em pequenas propriedades não era o suficiente para propiciar uma melhora na qualidade de vida dos moradores da região. Era preciso estabelecer uma política condizente com o acréscimo populacional que o local estava recebendo. O quadro abaixo apresenta números a respeito dos domicílios com sistema de abastecimento de água e rede de esgoto. Nele podemos perceber

<sup>73</sup> Tabela adaptada de Beloch (1986).

que os investimentos em saneamento básico crescem em ritmo lento quando comparados aos dados demográficos. Vejamos o quadro:

Tabela 8 - Instalações dos domicílios particulares permanentes – Duque de Caxias<sup>74</sup>

Ano	Nº de domicílios	Rede geral de água	Poço ou nascente	Iluminação elétrica	Instalações sanitárias: Rede geral	Inst. Sanitárias: Fossa sépt	Inst. Sanitárias: Fossa Rudimentar	Inst. Sanitárias: Outros escoadouros
1950	21.003	1.635	-	9.333	-	13.940	13.940	13.940
1960	51.194	1.906	40.742	36.227	-	10.502	22.941	9.639
1970	89.482	34.616	34.286	64.667	-	20.831	22.926	28.395

Legenda: Saneamento básico e acesso a água em Duque de Caxias nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

Fontes: Beloch (1986)/ IBGE (1950, 1960, 1970).

Enquanto o número de domicílios salta de 21.003 para 89.482 em duas décadas (1950 até 1970), outros números não acompanham o crescimento. Chama atenção o acréscimo de domicílios com redes de água entre 1950 (1.635) e 1970 (34.616). Comparativamente é a maior proporção de crescimento, acima inclusive da relação de domicílios. O quadro, porém, pode representar uma armadilha ao pesquisador e analista se visto apenas na ótica dos padrões numéricos. Como veremos mais à frente, ao longo da década de 1950 foram constantes os pedidos para o abastecimento de água encanada no município. Com as obras para o incremento, naturalmente as residências passam a possuir o atributo de rede de água. Desta maneira, explica-se o espantoso salto de 1.635 domicílios abastecidos em 1950, para 34.616 em 1970. A rede, porém, abrange a menos da metade de residências que existiam no município em 1970. Vale ressaltar que os dados referentes ao abastecimento com uso de poços ou nascente possui uma pequena queda entre 1960 e 1970. Enquanto a esmagadora maioria da população vivia a partir deste atributo em 1960, na década seguinte existe uma queda acompanhada pelo aumento da rede de água. A realidade modificada não representa uma extensão para a maior parte da população, existindo inclusive domicílios não alocados em nenhuma das duas categorias.

Igualmente aos dados referente ao abastecimento de rede de água, a iluminação elétrica recebe um acréscimo entre 1950 e 1970. Em análise semelhante, deve-se considerar que junto a chegada de novas populações, surgem reivindicações e demandas. O número de domicílios com iluminação elétrica supera em muito aqueles com rede de água. Questiona-se

<sup>74</sup> Tabela adaptada de Beloch (1986), com confirmação aos censos de 1950, 1960, 1970.



aqui o tipo de iluminação realizada, se oficiais ou não. Não obstante, parte da população ainda encontrava-se sem acesso a iluminação.

Os dados que geram maior impacto referem-se ao de instalações sanitárias. Majoritariamente a população sobrevivia por fossas rudimentares e por outras instalações sanitárias, denotando um improviso para os meios de sobrevivência. A recuperação do solo e dos rios deveria funcionar junto ao investimento em melhorias sanitárias. Porém, assusta a falta de informações quanto a domicílios com rede geral de instalações sanitárias em 1970. As fossas além de provocarem incômodos como odor, insetos e ratos, prolifera doenças contagiosas.

Os nordestinos se estabelecem em condições de moradia e infraestrutura precárias. Ainda que mais baratas que no Rio de Janeiro, as habitações em Duque de Caxias levavam ao sujeito o receio da violência, das doenças, a falta de infraestrutura e condições sanitárias. Na medida em que são realizadas obras de melhorias e recuperação, o crescimento demográfico também entra em ascensão. Lentamente as condições de vida vão melhorando. Em suma, as populações chegam, se estabelecem, reivindicam e contribuem para as melhorias ocorridas no município ao longo do século. Duque de Caxias se formata em uma configuração em que os migrantes de diversas regiões são construtores de uma nova realidade.

#### 2.3.4 A Fábrica Nacional de Motores (FNM)

Outro evento de importância fundamental para a transformação de Duque de Caxias, que vai funcionar como via de atratividade dos migrantes, foi o anúncio das instalações da Fábrica Nacional de Motores na região. Popularmente conhecida como FNM (Fenemê), sua construção estava inserida no projeto nacionalista de desenvolvimento do Estado Novo, e coloca novamente Getúlio Vargas e Amaral Peixoto no controle dos rumos da localidade.

Criada no intuito de produzir materiais para serem utilizados na II Guerra Mundial (1939 – 1945), mais especificamente motores de aviões, a FNM teve o anúncio de sua construção em 1940. Segundo Costa (2009), a fábrica ocupou 54 milhões de metros quadrados em Xerém, então distrito de Nova Iguaçu (até 1943, quando torna-se parte de Duque de Caxias). O terreno teria sido resultado de terras devolutas, desapropriações e doações.

Costa (2009) enfatiza que a escolha de Xerém como local de instalação da estatal respondeu inicialmente a um pedido de Amaral Peixoto (genro de Getúlio Vargas e interventor do Rio de Janeiro) que pretendia tornar a região um polo industrial. Ramalho (1989) detalha diversos motivos para o local de instalação, como o fato de Xerém ter facilidades de escoamento, uma vez que era cercada pela Estrada Rio-Petrópolis e pela Estrada de Ferro Rio D'Ouro, facilitando o transporte dos motores de aviões de guerra para o porto do Rio de Janeiro e a chegada de equipamentos para a construção da fábrica na região. Além disso, o local era cercado de rios com água abundante, o que facilitava a produção. No quesito estratégico, a região é cercada de serras, configurando um vale, o que facilita na fabricação de equipamentos de defesa militar que necessitem de restrições de visualização externa. Por fim, o terreno plano facilitava os pousos de aviões no local.

Souza(2012) atenta para a curiosidade entre um projeto moderno de cidade industrial ser montado em uma região ainda pantanosa como Xerém, afirmando que naquele momento, a empreitada se deu em divisão com animais selvagens e dificuldades provenientes de doenças da região, como a malária, já citada aqui.

O projeto da FNM vai estimular a busca por emprego no local em vista da produção na própria fábrica e do possível polo industrial que a mesma incentivaria.

A execução do projeto da “cidade dos motores”, em Xerém/DC, requereu um expressivo contingente de operários (mais de 6 mil, além de seus familiares) envolvidos na produção industrial, de alimentos, na construção da cidade e nos serviços. Atraiu camponeses do interior do estado fluminense e de outros estados, como Minas Gerais e Espírito Santo, que vislumbravam a possibilidade de acesso à terra e de venda da produção agrícola para FNM gerando condições favoráveis de permanência inicial.” (Souza, 2012).

As formas de trabalho na construção da fábrica e da estrutura necessária para desenvolver os motores de aviões eram muito próximas a disciplina militar. Ramalho (1989) enfatiza que até as vilas operárias tinham divisões pautadas na hierarquia militar, separando operários, técnicos e administradores. Dentro dessa lógica de divisão, os “funcionários graduados” montavam habitações modernas e bem acabadas para a sua vila de casa. Já a vila dos operários possuíam artigos básicos, o necessário para residirem próximo a fábrica.

Marlucy Santos (2012) destaca que a fábrica era conhecida como um grande quartel devido as exigências de disciplina e educação comportamental de seus operários. Tal estratégia era necessária, segundo os oficiais responsáveis pela empreitada, para o sucesso e execução do projeto. A construção de uma fábrica da magnitude da FNM em Duque de Caxias é outro fator que funciona como incentivador e atrativo para a população migrante. A

FNM é o primeiro elemento de superação do espectro de “cidade dormitório”, uma vez que os migrantes passam a dimensionar Caxias não apenas na ótica da moradia, como também na expectativa de emprego.

Inserida na lógica trabalhista, a FNM vai possibilitar o início de uma rede industrializante no município e na Baixada Fluminense. Seu funcionamento não se restringe a fabricação de motores durante a guerra. No pós guerra tornou-se fabricante de caminhões, posteriormente de peças de carros, em garagem de ônibus, entre outros empreendimentos que funcionam no extenso terreno da antiga FNM. Ficou destacada como polo desenvolvedor do setor industrial e de serviços em Xerém e em Duque de Caxias.

Vale destacar aqui que atualmente Xerém é sede do quarto distrito de Duque de Caixas. Sua localização é afastada dos centros de aglomeração urbana e comercial capitaneados entre a antiga Estrada Rio-Petrópolis e a Linha Férrea da Leopoldina. A inserção da FNM na realidade de modificações refere-se a todo o processo municipal de transformação do imaginário a respeito da localidade. Em torno da fábrica formam-se conglomerados populacionais que igualmente representam a lógica de ir e vir com o Rio de Janeiro e com a própria sede municipal em Duque de Caxias. A instalação da FNM cria condições para que o município passe a apresentar condições de habitação, trabalho e desenvolvimento de relações sociais e políticas.

### 2.3.5 A refinaria de Duque de Caxias (Reduc)

A compreensão das mudanças ocorridas em Duque de Caxias que resultam na transformação local em uma zona de recepção de migrantes precisa levar em consideração os impactos da instalação de uma estatal de refino do petróleo. Em suma, a construção e o funcionamento da Refinaria de Duque de Caxias (Reduc) transforma em definitivo o município em uma região industrial, com atratividade voltada para as oportunidades de emprego, oriundas do parque industrial que se formaria a partir do novo empreendimento.

O impacto da construção da Reduc sobre a área central de Duque de Caxias e a influência sobre o processo migratória é mais latente na medida em que a localização geográfica da refinaria é mais próxima ao centro municipal do que a da antiga FNM.

Desde o anúncio da construção de uma refinaria federal em Duque de Caxias, o município é contagiado por uma grande esperança de progresso e desenvolvimento.

Acreditava-se que a Reduc iria angariar em torno de suas instalações o crescimento da geração de empregos, investimentos públicos e privados, aumento da arrecadação e a formação de um parque industrial ao seu redor. Podemos observar nas reportagens do jornal “*Folha da Cidade*”, a grande onda de entusiasmo:

SERÁ INSTALADA EM CAXIAS UMA REFINARIA DE PETRÓLEO

Não será mais na Ilha do Governador – Declarações à imprensa, do coronel Janary Nunes, presidente da Petrobras – ante projeto do vereador Leandro Maia... - Esta refinaria que vamos construir não será instalada na Ilha do Governador. Posso afirmar, apenas que ficara perto de Caxias. Não dissemos até agora onde pretendíamos fazer a instalação para que os proprietários de terrenos não aumentassem os preços. (Folha da Cidade – 17 – 18 de fevereiro de 1957).

A reportagem acima de um jornal do município é exemplo da grande euforia em torno do novo empreendimento que anunciava sua instalação no local. Com título em letras garrafais e espaço destacada como matéria principal de capa são demonstrações do sentimento de mudança que se instala nos setores da população duque caxiense com o anúncio de que a construção de uma nova refinaria de petróleo no Rio de Janeiro seria em Duque de Caxias. O jornal apresenta uma entrevista onde o presidente da Petrobras sinaliza uma preocupação em não anunciar o local para não encarecer o preço dos terrenos a serem desapropriados. A afirmação do executivo denota uma fuga da própria estatal dos altos valores envolvidos nas transações imobiliárias e de lotes de terras no Rio de Janeiro. Por outro lado, vai ao encontro de um aspecto de visibilidade do município da Baixada Fluminense como região atrativa para migrantes e novos investimentos, a oferta de terrenos e lotes a preços mais acessíveis, oferecendo melhor custo benefício na relação tamanho e preço.

Em outra reportagem do mesmo jornal, também de capa, é dado maior ênfase ao investimento que seria feito na cidade.

Em Caxias a maior refinaria de petróleo do Brasil

Capacidade para refinar 90 mil barris por dia – Custará R\$ 55 milhões – Início da construção em 7 de setembro – Declarações do Governador Miguel Couto... A Refinaria do Estado do Rio de Janeiro empregará quatro mil operários e suprirá, totalmente, o abastecimento de petróleo do Distrito Federal e do Estado do Rio, de gasolina, querosene, óleo diesel e borracha sintética. A refinaria será a maior do Brasil, com capacidade de refinar 90 mil barris de óleo bruto por dia. (Folha da Cidade 24 – 25 de fevereiro de 1957).

O conteúdo expresso na reportagem acima é fundamental para a percepção da grande expectativa criada com a construção e atividade na refinaria. Dentro da matéria do jornal se tem a noção da construção de uma nova ideia. Seria o caminho em direção ao progresso e a

possibilidade de finalmente consolidar o caráter industrial ao qual Amaral Peixoto objetivava com a instalação da FNM.

Segundo Costa (2009), a construção da Reduc muda substancialmente o município de Duque de Caxias. Para o autor, a região passa a ficar reconhecida como cidade do petróleo, do progresso e de uma possibilidade de investimento industrial. As alterações na dinâmica municipal vão muito além. Com a instalação da refinaria, cresce a arrecadação e a atividade industrial no município.

A notícia da construção e o início das atividades na refinaria funcionam como um fator de atração para o município. Na medida em que se noticiava os trabalhos para as obras de edificação, criavam-se expectativas sobre os postos de trabalhadores necessários para a empreitada. Posteriormente, o aproveitamento em trabalhos internos na própria Reduc são vislumbrados. Por fim, existia a esperança em torno das oportunidades criadas, da expectativa de um parque industrial em volta da Reduc e do aumento do padrão de investimentos na região.

Vale ressaltar que desde o anúncio de construção da Reduc na década de 1950, o crescimento demográfico em Duque de Caxias já se encontrava em uma crescente. Compreende-se neste trabalho dissertativo que boa parte dessa população tenha realizado a migração direta da região Nordeste do Brasil em direção ao município. Por outro lado, existiam nordestinos que outrora tentaram residir no Rio de Janeiro e em outros municípios ao redor e que passaram a enxergar a possibilidade de progresso com focos nos investimentos prometidos para a Reduc.

O estabelecimento da Reduc em Duque de Caxias supera os aspectos financeiros, no que se refere a arrecadação direta. Ao longo do tempo, na medida em que novas populações vão se consolidando no município, com base na ideia de progresso, aumenta-se a arrecadação com impostos, possibilitando melhores condições de infraestrutura que incidem em melhorias nos novos núcleos comerciais. A própria expectativa pelo crescimento industrial no município doravante a construção da Reduc, é consolidada pelo “prometido” parque industrial ao seu redor. Vejamos abaixo, os dados de evolução industrial em Duque de Caxias para analisarmos as mudanças proporcionadas pela presença da Reduc.

Tabela 9 - Estabelecimentos industriais em Duque de Caxias – 1956 a 1983<sup>75</sup>

Ano	Estabelecimentos industriais
1956	172
1960	206
1968	370
1975	504
1978	605
1983	826

Legenda: Tabela de análise do crescimento industrial de Duque de Caxias entre 1956 e 1983.

Fonte: Beloch (1986)/ “O Globo (29/10/1978 e 13/03/1983, IBGE (1950 e 1960), M. Roberto/PLANORTE (1970)

Com a tabela acima podemos ter a percepção do crescimento da atividade industrial em Duque de Caxias a partir da década de 1960, aumentando a arrecadação municipal e mudando o status da região. Entre 1956 e 1983, os estabelecimentos industriais saltam de 172 para 826, um acréscimo que é acompanhado desde o anúncio das obras da Reduc e permeia suas atividades. Chama atenção o salto ocorrido entre 1960 e 1968, considerando o início das atividades da refinaria em 1961.

A perceptível alteração na dinâmica industrial e urbana de Duque de Caxias com a instalação da Reduc precisa ser enxergada em um aglomerado de ações e empreendimentos que incidem sobre as transformações na realidade local. Resumindo, junto a outros fatores (Recuperação do solo, Estrada de Ferro, Estrada Rio Petrópolis e Instalações da FNM) a Reduc é um instrumento de fundamental importância para as mudanças ocorridas em Duque de Caxias. Com a alteração na dinâmica do município, o local passa a ter uma infraestrutura básica que permite a recepção de uma grande parcela de populações migrantes que vão chegando ao longo do século XX.

### 2.3.6 Visões sobre dois nordestinos de destaque em Duque de Caxias: Tenório Cavalcante e João da Goméia

Habitante marcante de Duque de Caxias, João Alves de Torres Filho, o Joãozinho da Goméia, possuía uma trajetória familiar baiana, originária de Inhanbupe. Radicado em

<sup>75</sup> Tabela adaptada de Beloch (1986), com confirmação às fontes informadas pelo autor.

Salvador(Bahia) foi um dos mais marcantes migrantes que viveu em Duque de Caxias. Construiu um terreiro de Candomblé no bairro duque caxiense de Copacabana (próximo ao Gramacho), que foi frequentado por diversos religiosos do Estado do Rio de Janeiro e mesmo do país. A figura de João da Goméia no município remetia a diversas sensações. Conhecido como “Rei do Candomblé”, devido à popularidade de seu espaço religioso, transfigurava-se em sua representação religiosa e mesmo de gênero.

Quando interrogados sobre a figura e o que representava o “Rei do Candomblé” em Duque de Caxias as respostas variavam desde o respeito ao questionamento quanto a sua atividade. Como um baiano, que desempenhava o seu papel religioso, de trabalho e de moradia no município, Joãozinho transformou a realidade de muitos bairros que passaram a conviver diariamente com a efervescência do espaço. Em comum nas lembranças sobre a personalidade, era a sensação de que em torno das ações sociais e religiosas, havia um respeito pelo seu prestígio, inclusive de líderes de outras religiões.

Um exemplo da relação entre João da Goméia e a população de Duque de Caxias foi a depoente Maria José. Alagoana, de Viçosa, trabalhava na área de saúde coletando exames em regiões carentes. Além disso, possuía forte atuação na Catedral de Santo Antônio<sup>76</sup> onde realizava trabalhos sociais. Por diversos momentos necessitou dialogar com o babalorixá, tanto no âmbito do trabalho, quanto no religioso, desenvolvendo uma relação de amizade:

A gente ia visitar pra saber porque faltava doente... eu tinha autorização do pai de santo, o João, que lá era ele que mandava em tudo... o Joãozinho da Goméia, ele era muito bom, dava muita assistência lá.... foi muito meu amigo. O Joãozinho era uma pessoa maravilhosa. Ele tinha aquele negócio dele lá... teve uma vez que eu fui... Ou você traz a moça aqui, ou me leva lá (para coletar material de uma moça que estava em trabalho, mas doente)

O Joãozinho era uma pessoa muito boa, muito prestativa... ajudava os pobres... mas ele tinha lá a seita dele.... ele praticava o bem, João era uma pessoa boa... você pensa naquele tempo né, o preconceito com o homossexual, essas coisas... era uma coisa absurda, era um preconceito no geral... ele era uma pessoa maravilhosa... ele sempre ia me visitar, levava uma flor, uma planta.... o negócio dele era a seita dele, a religião dele, fazia muito bem feito... pelo resultado.... dizem que vinha até da Alemanha... era muito carro... quando eu ia, mas mesmo era serviço (fala que foi em almoço já, como convidada)... João era pessoa boa da gente lidar, pessoa educada, pessoa fina.... mas ele era muito caridoso.... toda religião é boa, nenhuma delas manda fazer nada de errado. (Entrevista com Maria José).

O depoimento de Maria José permite sintetizar a constituição de uma memória sobre a personalidade de João da Goméia. É enfatizado pela depoente que mesmo mediante as diferenças religiosas, havia o reconhecimento do trabalho social realizado pelo líder religioso. Sua relação com uma população pobre em Duque de Caxias, composta em grande parte por

---

<sup>76</sup> Matriz católica localizada no centro de Duque de Caxias – na atual Avenida Governador Leonel de Moura Brizola.

esses migrantes dos quais estão sendo tratados nesta pesquisa, permitem inserir o babalorixá nas relações de solidariedade que permeiam as estratégias de permanência. Ou seja, as atuações de João da Goméia em Duque de Caxias estavam além da sua relação religiosa. Ao longo dos anos a liderança vai recebendo respeito dos migrantes nordestinos e de parte da população duque caxiense, denotando afeição e admiração.

Um outro fator que chamou atenção no depoimento de Maria José foi o sucesso que o babalorixá fazia no que se refere ao aspecto religioso. O senso popular do qual a depoente se utiliza, permite afirmar que “dizem que vinha até da Alemanha”, tamanha a sensação de intensa movimentação que o famoso religioso que se consolidou em Duque de Caxias perpassava ao redor de sua atuação. A memória da alagoana permite incluir que “era muito carro”, dando sentido da circulação de visitantes, fiéis e curiosos ao espaço demarcado.

A lembrança de Maria José a respeito do funcionamento do espaço religioso e da atuação do líder no município não é um caso isolado de proximidade com a personalidade. Carlos Alberto, filho de baianos que se estabeleceram em Duque de Caxias, possui em sua memória uma visão de igual admiração em relação a João da Goméia, afirmando que: “...Tive o prazer de conhecer e conversar com ele... minha mãe era espírita, eu tinha uma tia que era espírita... a minha tia ia muito lá, e ela me levou várias vezes lá na macumba dele... e como pessoa, era um cara bom...”<sup>77</sup>.

Novamente o conteúdo do depoimento contém a valorização de um caráter de “bondade” a João da Goméia, permitindo denotar o respeito, a admiração e o reconhecimento popular em relação ao babalorixá. No depoimento de Carlos Alberto, é preciso ressaltar o uso de termos que ficaram marcados como pejorativos e de desconhecimento quanto ao ato religioso, como “macumba”. Não obstante, o destaque a atuação do líder religioso como um sujeito de realizações sociais permanece.

Outra personalidade que fez fama no município em meados do século XX foi o alagoano Tenório Cavalcante. Como já citado anteriormente, o político é enxergado em diversas aspectos, dentre os quais como um instrumento de permanência dos migrantes nordestinos em Duque de Caxias. Sua capacidade de angariar apoio político possibilitou a estruturação de uma espécie porto seguro, inclusive funcionando como espelho para os migrante, de um retirante que fez fama política e enriqueceu no Sudeste. O imaginário social

---

<sup>77</sup> Entrevista com Carlos Alberto.



construído sobre Tenório é sempre confuso, colocando-o em posição de herói e vilão no mesmo cenário.<sup>78</sup>

Entre os migrantes nordestinos que prestaram suas memórias a esta pesquisa, a maior parte utiliza o senso comum e a chamada memória coletiva para se referirem a visão sobre o político alagoano. Mesmo aqueles que tiveram contato próximo com Tenório Cavalcante, não conseguem desvendar suas fases antagônicas. É o caso de como Maria José, que afirma:

Muito, muito (conheceu)... conheci mesmo a peça.... pinteí muita faixa pra lá, não que eu quisesse pintar, por necessidade...  
O Tenório era o seguinte... ele morreu e eu não consegui entender... ele era bom pro um lado, e ruim como um demônio por outro lado... Quem fosse amigo dele tinha tudo, quem não fosse estava perdido...Ele era meu vizinho, era boa pessoa... ele dizia: meu amigo tem tudo, inimigo não tem nada... (Entrevista com Maria José).

A proximidade da relação de vizinhança permitiu a Maria José maior conhecimento sobre a personalidade. A concepção formada sobre o mesmo, se aproxima daquela criada ao longo da história. As duas faces de Tenório permitem apresentar interferências de partidários e opositores políticos em sua imagem. É dentro desta justificativa que se pretende interpretar a visão social construída em torno do político. Em outras palavras, o antagonismo entre um sujeito rudimentar, violento e que se utilizava de métodos eleitorais baseados na força podem ser vinculados a uma imagem social e política que foi fortalecida pelos opositores, ao mesmo passo que permitiu ao ilustre político a sobrevivência no seio das relações truculentas que se consagraram como modo de fazer política na região. Por outro lado, os partidários e o próprio Tenório buscavam fortalecer o seu lado “benfeitor”, atrelado a um imaginário de “homem justo” e defensor dos mais abastados.

No que se refere a sua aceitação junto aos migrantes nordestinos, Maria José realça a presença e influência do mesmo junto a população pobre do município, tendo os nordestinos uma certa preferência nessa relação:

Era sempre né (uso dos nordestino), ele e os nordestinos tudo com ele... ele dava sim (algo em troca), por exemplo, como todo político faz, você precisava colocar o filho na escola...ele ajudou era modo de dizer, porque era dever do Estado sabe... o governo não fazia, então ele tinha essa coisa com ele...  
... eu acho que ele tem uma tendência por nordestinos. Porque os nordestinos adoravam ele, gostavam muito dele... (Entrevista com Maria José).

A percepção da depoente de que o político alagoano aproximava-se do migrante nordestino em Duque de Caxias dá uma concessão para abrir uma discussão sobre os aspectos

---

<sup>78</sup> Ver mais em Beloch (1986).

da atuação de Tenório. Neste caso, os questionamentos giram em torno de suas ações, gerando uma interrogação quanto ao seu limite no campo eleitoral ou se existia uma atuação instintiva ao perceber a grande presença de conterrâneos no município. Reconhecendo-se como um migrante de prestígio em Duque de Caxias, Tenório pode ter buscado uma relação próxima aos nordestinos como forma de montar um eleitorado fiel e com relações de pertencimento. Membro da máquina pública, como deputado estadual e posteriormente federal, possuía proximidade suficiente para pleitear melhorias a seu público eleitoral como emissão de documentos, matrículas em escolas, contatos de trabalhos.

No período do sucesso político de Tenório Cavalcante, década de 1950, Carlos Alberto ainda era uma criança. O que sua memória permite recordar sobre o personagem, leva a descrição justamente do antagonismo presente entre as suas principais características (herói e vilão), contudo enaltecendo que:

Eu era muito garoto cara... cheguei a ver várias vezes, falar com ele mesmo(,) nunca falei não... mas ele cansei de ver várias vezes quando criança... A minha visão sobre ele? Ele não era uma homem bom cara... (fala do Parque São José, questionando se foi Tenório quem deu aos “pobres” )... esse personagem aí, pra muitos na cidade, em Caxias, ele foi um Deus. Mas pra muitos ele foi um terror. (Entrevista com Carlos Alberto).

No trecho acima, extraído do depoimento de Carlos, a visão sobre Tenório é de um personagem sem motivos para ser enaltecido, relacionando ao termo “terror” para se referir a violência presente nas relações em que estava inserido. É ressaltado que dentro do município o político possui boa fama (“ele foi um Deus”). Embora assumo não compreender os motivos que levaram ao enaltecimento da imagem pela qual o político alagoano adquiriu, de um suposto auxílio aos mais pobres, Carlos Alberto reconhece que dentro do imaginário social existem diversas história que levam a mitificação do citado político.

A própria construção da imagem de um Tenório que buscava resolver as questões e os problemas a base da imposição do medo e da violência permite a criação de mitos e de lendas. Essas narrativas ficam entre o temeroso e o pitoresco, como o exposto abaixo no depoimento de Maria Gorete (Dona Dora):

Moro pertinho do Tenório ali... contato; com o filho dele... veio pra vereador... o Tenório era danado tá... tinha um vizinho da gente que foi fazer xixi no portão dele, ele deu um tiro no cara... eu lembro até hoje... eu não conheci muito ele assim... dizem que ele era carrasco a beça....(Entrevista com Maria Gorete).

Vale ressaltar que a citação de morar perto remete ao Parque São José, região da qual Tenório Cavalcante se gabava de ter conseguido verbas para construir casas para desabrigados após a ocorrência de uma enchente em uma favela na parte central de Caxias. Outro ponto que vale ser explicitado é referente refere a forma como a depoente narra a história. Ao reproduzir um fato da ação violenta do personagem, a entrevistada diverte-se com altas risadas, denotando o quanto as histórias de violência ganharam um teor cômico ao longo dos anos.

Chegando ao município em 1970, o maranhense Henrique Mendonça não conviveu na Caxias de Tenório como político. Mas segundo o mesmo, a fama do personagem atingiu a patamares externos em relação ao município e ao estado. A ideia da Duque de Caxias com mandos e desmandos de um político nordestino atinge o âmbito regional e nacional. Segundo o migrante oriundo do Maranhão:

Tinha aquele chamado o homem da capa preta que era um dos comandantes de Duque de Caxias né, mas tinha seus governantes também. Isso era uma marca fundamental de Duque de Caxias, que era o Homem da Capa Preta né, Tenório, o grande Tenório... Quer dizer, aqueles coronéis vindos do Nordeste, chegando aqui, mandando, mandando e mandando. (Entrevista com Henrique Mendonça).

O quesito mandonista de Tenório em Duque de Caxias é atribuída por Henrique como uma característica marcante do Nordeste brasileiro. Segundo o mesmo, são faces do coronelismo<sup>79</sup>. Vale lembrar que assim como os aspectos culturais, as características coronelista não se transferem para outra localidade, mas desembarcam de forma sincretizada no município. O reconhecimento da figura do político alagoano atrelada a Duque de Caxias foi marcante entre as décadas de 1940 e 1960. Adaptando diversos aspectos que eram incrementados ao município, como a violência, os mandos e desmandos e principalmente o sincretismo de diversas culturas migrantes.

O uso das recordações em grupo e da memória coletiva são evidenciados nos relatos de outros migrantes a respeito de Tenório Cavalcante. Marlene Costa assume que nunca teve contato com o político aqui debatido, no entanto afirma que havia uma imagem do personagem que circulava no município:

Sinceramente, eu só sei, nunca vi, mas pra mim era uma pessoa que não deixava acontecer as coisas, né, era na bala. Não sei... eu posso até estar falando errado... eu não tenho a recordação tão boa pra mim (sic) falar sobre uma pessoa que eu não tive muito contato... mas ele uma pessoa severa, um homem brabo, isso dizem né. (Entrevista com Marlene Costa).

---

<sup>79</sup> Ver em Leal (1948)

A memória compartilhada da qual Marlene se utiliza permite incluir uma conotação de segurança aos mandos e desmandos de Tenório. Sua atuação era vista como severa, “que não deixava acontecer as coisas... era na bala”. Ou seja, mesmo mediante a um aspecto de violência, havia um enaltecimento compreendido pela falsa noção de segurança. No imaginário social, a presença de políticos como Tenório não permitia o crescimento de práticas criminosas.

A imagem apresentada por Marlene é compartilhada por outros migrantes, como o do pernambucano José Gilvan. O depoente engrandece o papel político de Tenório Cavalcante ao reportar ao ilustre deputado como um proprietário local de característica mandonista: “Duque de Caxias, para começar, um dos donos era Tenório né... então, você tinha que pisar macio, mas era mais manso do que hoje... Tenório era o dono daqui rapaz...sem ser traficante, ele era o dono de tudo...”<sup>80</sup>

O depoimento exposto acima, fornecido por José Gilvan é uma boa exemplificação da visão a respeito do político aqui tratado. Ao longo do tempo, a admiração e o temor acabam construindo algumas lendas de propriedade sobre o território e de uma suposta paz e harmonia que sua presença trazia ao local. De forma mais específica, o entrevistado explica a maneira de controle social imposta no período de Tenório. Muito além disso, reconhece a relação de respeito e proximidade entre o deputado e os nordestinos que se estabeleciam no município:

A relação é de respeito rapaz, até porque ele é de Alagoas... era né... A escola que eu estudei, a Escola Federal de Agricultura, escola agrotécnica né. O inspetor de alunos era primo aqui do Tenório. Existia entre o Tenório e o povo nordestino, ou não, uma relação pacífica, ou de respeito... agora ninguém pisava no calo de um ou outro... (Entrevista com José Gilvan).

A relação de respeito precisa ser analisada com ênfase na questão eleitoral. Tenório dimensionava sua popularidade justamente dentro dessa relação direta com o eleitor. Inserido neste contexto, o morador e artista Vicente Portela enfatiza que é preciso ver o caso de Tenório por outros ângulos. Em seu depoimento, enquadra-se a tradição das resoluções políticas em Duque de Caxias e na Baixada Fluminense no período para explicar a construção do “mito de Tenório”.

---

<sup>80</sup> Entrevista com José Gilvan.

É uma figura controversa, mas sem dúvida é uma figura importantíssima pra cidade... não só os coroinhas fazem história... a política da cidade era altamente violenta, não só o Tenório... ele foi o cara que ousou reagir, tinha aquele Getúlio Cabral que mandava na cidade... os capangas dos caras andavam tudo armado... o Tenório foi o cara que teve coragem de bater de frente... O que ele fez foi enfrentamento político. E o exercício da política na Baixada Fluminense naquela época era feito a bala... o homem público para ser forte tinha que ter a fama de violento mesmo.

A Baixada não tem os benefícios do poder público, então nunca diluiu os benefícios... naquele momento, a violência que você tinha na cidade se resumiu a questões políticas... a violência política era uma disputa de poder e o Tenório enfrentou porque ele queria chegar ao poder

Os adversários do Tenório dominavam todos os canais de mídia da época, por isso que o Tenório fez a Luta Democrática... esses canais conservadores de imprensa, dominados pela turma do Getúlio Cabral... eram quem escrevia a História... (Entrevista com Vicente Portella).

A problematização realizada acima no depoimento de Vicente Portella, denota o reconhecimento de que Tenório se insere na cultura política praticada na Baixada Fluminense. O depoente inclusive relaciona o clima de tensão constante no local a outro político do período, Getúlio Cabral. Tenório teria se utilizado de artifícios característicos da política da Baixada Fluminense para se consolidar como um homem forte na região. A ideia de que um homem com uma arma na mão, seus mitos (construídos a partir das histórias, da capa preta e da metralhadora apelidada de Lurdinha) e suas relações de poder, empunham prestígio e respeito popular e eleitoral. Na visão de Portella, Tenório é visto como um conhecedor do contexto local que utiliza todos os artifícios para primeiro resistir e posteriormente realizar o enfrentamento e a oposição. Para tal, foi preciso inclusive se inserir na imprensa para formar seus mitos e criar a popularidade baseada na outra versão dos casos.

Em suma, os dois personagens citados neste tópico, João da Goméia e Tenório Cavalcante, funcionaram como figuras ilustrativas que fortaleceram a presença e a auto estima da população migrante no local. Tendo migrado de localidades do Nordeste brasileiro ingressaram dentro das relações de solidariedade. O babalorixá, por intermédio do auxílio entre os quesitos religioso e social. Já Tenório, realizou uma estratégia dentro dos aspectos político e ‘social, em volta de sua relação com os migrantes, de proximidade e pertencimento a uma mesma região e pela experiência de migração.

### 2.3.7 Questionamentos sobre caráter violento como fator repulsivo

O aspecto de violência no qual se inseriu o político alagoano, Tenório Cavalcanti, fez surgir em Duque de Caxias, e por toda a Baixada Fluminense, a fama de local a ser evitado. O questionamento que se realiza aqui é justamente em torno dessa fama violenta. Em algum momento, os migrantes se interrogaram sobre a permanência no novo município após terem percebido sua fama no Rio de Janeiro?

É preciso realizar uma problematização desse aspecto violento ao qual era destinado aos municípios da Baixada Fluminense, entre eles Duque de Caxias. Não necessariamente a base deste espectro seriam números de comparação a outros municípios como Niterói e o próprio Rio de Janeiro. Como “cidade maravilhosa” a ser vendida nacional e internacionalmente, a antiga capital federal transferia para os municípios que a cercava as características que poderiam afastar os turistas. A violência está dentro deste contexto. Jornais impressos e televisivos realizavam manchetes onde a Baixada Fluminense aparecia como uma região que possuía a característica de ter uma constante e crescente onda de violência. Por outro lado, o Rio de Janeiro absorvia a imagem de destino turístico, industrial, comercial e financeiro.<sup>81</sup>

Ao serem consultados sobre a visão externa em relação a Duque de Caxias durante o século XX, os migrantes e os moradores reconhecem a má fama, mas questionam exatamente esse aspecto de violência, como se o município fosse uma ilha dentro do estado. Maria José, ao relatar a visão em relação a Duque de Caxias, enfatiza que a violência é originária da presença de Tenório e a sua fama de violência, mas questiona exatamente o estereótipo constituído sobre o local:

Não... quando alguém fala que mora em Caxias... eu faço questão de falar que moro em Caxias... como se Caxias fosse um matadouro... lá embaixo está pior... Tenório contribuiu muito com isso... ele era violento com os inimigos, com o povo não era... ele era violento com os inimigos políticos... ele ajudou, inclusive mandava panos, mandava recolher... a violência dele era política... ficava como Caxias era a terra de Tenório, e Tenório era violento. Tem nordestino violento, tem paulista... em toda família tem gente violenta... (Entrevista com Maria José).

Quando cita Tenório, a própria depoente lembra que sua fama de violência deveria ser lembrada restringindo ao caso especificamente político. Uma vez que o mesmo realizava algumas ações de auxílio a pobres (segundo Maria José). Em suma, a migrante demonstra incomodo com a fama que o município adquiriu, questionando justamente a violência que existe no Rio de Janeiro (município). Seu depoimento pode ser inserido dentro do aspecto de pertencimento, denotando a defesa sobre o local de moradia.

---

<sup>81</sup> Ver em Alves (2003).

A paraibana Gilma Medeiros realiza um questionamento semelhante ao de Maria José. Segundo a entrevistada, o município nunca teve a violência na dimensão da fama ao qual recebeu. Concebe relações de igualdade na comparação com o Rio de Janeiro, no que se refere a sensação de insegurança, porém, com maior destaque dado a Caxias. Relata inclusive que na atualidade, considera o município do Rio de Janeiro mais violento que o de Duque de Caxias:

Eu nunca enxerguei essa violência que o povo fala lá. Até hoje eles ainda tem essa visão de que Caxias é um lugar perigoso. Onde que não é perigoso hoje? Rio de Janeiro...onde que não é perigoso hoje? Mas antes, é como se só Caxias tivesse violência, as coisas aconteciam lá, eles jogavam aqui. Ai achava em Caxias... Caxias era mal falado. Mas eu nunca vi Caxias assim pior que o Rio de Janeiro não. Nunca tive essa visão. Hoje eu acho que o Rio de Janeiro é uma das cidades mais violentas do mundo, eu acho. (Entrevista com Gilma Medeiros).

O relato acima realizado por Gilma traduz a visão da maior parte dos entrevistados. Considera-se aqui que para além da fama adquirida, externamente incentivada pela figura de Tenório Cavalcante e pelas reportagens que tendiam a criar um imaginário de violência para a região, houve a inserção de Duque de Caxias dentro de uma realidade de rápido crescimento demográfico e urbano, gerando ocupações sem o devido incentivo do poder público. O abandono, o crescimento abrupto e desordenado gera territórios de resistência, traduzidos por intermédio do caráter de violência e disputas por espaços. Por outro lado, existe o teor de cultura das resoluções dos problemas políticos a partir da violência, como enfatiza Vicente:

Tenório era violento ou as relações políticas em Caxias eram violentas? Porque... as notícias e manchetes que surgem são justamente contrárias a ele, inimigos dele. Por isso ele fez o jornal, A Luta Democrática. As relações eram violentas, e ela foi o que se adaptou melhor e era colocado como um vilão. Mas existe uma outra visão sobre Tenório e sobre a violência..." (Entrevista com Vicente Portella).

Resumindo, os próprios migrantes e moradores do município questionavam e ainda questionam a violência da qual Duque de Caxias recebeu fama ao longo do século XX. As observações que problematizam o aspecto da insegurança urbana podem funcionar como um fator explicativo para a presença dessa população mesmo mediante a imagem que o local recebeu externamente.

Inseridas dentro do contexto ao qual o presente capítulo procurou discutir, populações oriundas de diversas regiões do país vão chegando a Duque de Caxias ao longo do século XX. Destaca-se aqui, especialmente aqueles oriundos do Nordeste brasileiro. Diagnosticados pela população local com base em termos como retirantes e “paraibas”, os migrantes nordestinos

constituem uma nova realidade e contribuem na consolidação de relações diversas. Ao mesmo tempo em que o município altera a vivência dos retirantes, a localidade recebe novas configurações populacionais, culturais, sociais, econômicas e políticas. Como forma de analisar a presença e atuação dessas populações em Duque de Caxias, a Feira funciona como o mais exemplar caso de sintetização das vivências e realidades ocorridas ao longo do século XX.



### 3 A “FEIRA DE CAXIAS”: LUGAR DE SOCIABILIDADE, FORNECIMENTO DE PRODUTOS E FORTALECIMENTO DE RELAÇÕES DE IDENTIDADE E PERTENCIMENTO

A discussão sobre os fatores migratórios e a presença de retirantes nordestinos no município de Duque de Caxias em meados do século XX foi um fator norteador deste trabalho. O processo de análise foi baseado em reportagens de jornais, nos censos do IBGE que contribuem com a movimentação populacional e com relatos orais de migrantes “nortistas” que ainda hoje fixam suas residências na região. A preocupação desta dissertação neste capítulo, passa a ser justamente exemplificar as relações entre esses migrantes no tocante à resistência, tanto cultural quanto social, além da consolidação de espaços de convivências e solidariedade. Como parâmetro será utilizada a “Feira de Caxias”, que possui espaços que corriqueiramente são chamados de “Feira dos Nordestinos” ou “Feira dos Paraíbas”.

O termo paraíba, atribuído também à Feira, foi uma forma pejorativa que as populações do Rio de Janeiro encontraram de se diferenciarem dos migrantes nordestinos.<sup>82</sup> Ao se referirem ao retirante nordestino por este termo, os residentes involuntariamente realizavam uma negação de pertencimento a mesma realidade, a hábitos e costumes que se aproximavam. Por outro lado, a designação englobava uma série de populações de diferentes estados da região Nordeste, que estavam inseridos dentro de distintos contextos e realidades diversas.

Segundo Gilma, o termo remetia a vergonha. O próprio sotaque e o jeito de se expressar era uma forma de demonstrarem para ela a diferença regional:

Eu morria de vergonha dos outros descobrirem que eu era paraibana. Era criança. Na nossa carteirinha vinha na frente né, o estado que a gente nasceu. E aí a professora, ela recolhia as carteirinha na escola, na sala de aula, pra carimbar a presença, e se ela estivesse muito ocupada, ela mandava algum aluno fazer isso. Aquilo pra mim era o fim. Eu pensava: vai ler na minha carteirinha, que eu sou paraibana né. Ai pronto, vou virar chacota né. Morria de vergonha, tudo que a gente falava era motivo de deboche. Tinha vergonha mesmo de dizer que era paraibana, hoje não... eu, minha irmã, minha mãe, tudo era motivo de deboche... hoje eu moro num bairro que tem muito nordestino. (Entrevista com Gilma Medeiros).

O sentimento de vergonha da depoente reflete a forma como o termo era utilizado no Rio de Janeiro e em Duque de Caxias. A ideia de chacota está na concepção de uma

---

<sup>82</sup> Ver discussão sobre identidade na introdução.

“brincadeira” que faça o outro passar vergonha. Por ser oriunda da Paraíba (Estado), Gilma sofria ainda mais com a ideia de afastamento, uma vez que era paraibana e “paraíba”. Ao longo dos anos, a vergonha foi se transformando na percepção da presença de migrantes nordestinos em Duque de Caxias, da atuação e do trabalho dos mesmos: “Quando eu era criança, pra mim paraíba era sinônimo de vergonha. Hoje, paraíba pra mim é sinônimo de orgulho”<sup>83</sup>.

Outros migrantes ouviam o termo paraíba em Duque de Caxias e naturalizavam o ato. Para Maria José:

Ah isso era comum... a gente... ninguém ligava para isso... nós por exemplo somos de Alagoas... qualquer um, até o colega da Alagoas... tenho orgulho de dizer que sou nordestina, não escondi... isso não fez nada... só me ajudou... nada disso me atrapalhou. (Entrevista com Maria José).

Em outras palavras, a migrante procura demonstrar que não havia constrangimento pelo termo. Relaciona imediatamente ao ser nordestino. Uma demonstração de que não era um termo utilizado somente para aqueles que vinham do estado da Paraíba, como a todos os migrantes nordestinos que estavam no Rio de Janeiro.

Recém-chegados a um município que havia acabado de se emancipar e que apresentava problemas de infraestrutura básica, os migrantes em Duque de Caxias careciam de serviços públicos e de atividades de lazer. Objetivando utilizarem os meios de transporte que facilitavam o ir e vir entre o Rio de Janeiro e a sua nova residência, tratam Caxias, inicialmente, como uma cidade dormitório durante a semana. Aos fins de semana e nos dias de folga, não encontravam muitas opções no município para se distraírem. Duque de Caxias não representava a “cidade maravilhosa” vendida no Brasil e no mundo na figura da cidade do Rio de Janeiro.

Dentro desse contexto é que os retirantes nordestinos se utilizavam do espaço da Feira como local de lazer e recordação. Não obstante, o espaço era um centro comercial dominical que comportava as relações de trabalho, abastecimento, consumo e complementação financeira. No que se refere a capacidade de concentração de nordestinos, não se tratava (trata) de criar, mas sim de ocupar um local já existente, caracterizando-o com base das trocas de experiências e transformando-o em um ambiente de hibridismo cultural baseado nas constantes trocas de trajetórias de migrações entre nordestinos, no sincretismo com os fluminenses, nas recordações de seus locais de origem junto a conterrâneos, no encontro com

---

<sup>83</sup> Entrevista com Gilma Medeiros.

amigos e familiares que haviam acabado de realizar a migração. A Feira de Caxias se transforma em um espaço onde o migrante poderia expor seus modos e costumes. As populações oriundas do Nordeste vão ocupando o espaço como feirante, como frequentador e como transformador. Músicas, comidas, cordéis, histórias, memórias eram componentes que caracterizavam (caracterizam) o palco que logrou (logra) fama como difusor cultural.

A Feira enfrenta um longo caminho até chegar aos dias atuais. Teria surgido na primeira metade do século XX, crescido assustadoramente adquirindo fama nacional entre as décadas de 1950 e 1960 e declinado no fim da década de 1960 e por toda a década de 1970. Entre 1980 e 2000, embora não houvessem acabado as trocas culturais e o comércio de artigos produzidos por migrantes nordestinos, a fama e a procura havia se esvaziado, mantendo o local mais como uma feira livre que possuía produtos de fusão e mistura entre o Nordeste e o Sudeste em algumas de suas galerias. A partir dos anos 2000, o então prefeito José Camilo Zito, nascido em Pernambuco e que realizou o caminho entre o Nordeste e Duque de Caxias ainda com um ano de idade junto a seus pais, resolve reutilizar o ambiente. É criado o Forró da Feira de Caxias, espaço exclusivamente destinado a valorização da tradição de trocas culturais entre nordestinos e fluminenses.

O período de diminuição na procura na Feira de Caxias levou ao surgimento de outras feiras na Baixada Fluminense e no próprio município que integrassem o papel de feira livre e de resistência cultural em torno do hibridismo. Em Duque de Caxias destacam-se as feiras dos bairros da Vila São Luís, de Santa Cruz da Serra e de Xerém. Ambas não surgem como concorrentes, mas sim como uma complementação, tornando possível o funcionamento das quatro feiras até os dias atuais.

### **3.1 O surgimento da “Feira de Caxias”**

O surgimento das feiras como espaço de comércio e abastecimento da população local é um tema do qual não existe um consenso sobre o período exato de início das atividades. Tradicionalmente as feiras livres remetem ao período medieval na Europa, originárias do desenvolvimento de formas alternativas de comércio. Era um ponto de encontro entre

mercadores de diversas regiões do Mar Mediterrâneo que se fortaleceram e ganharam corpo durante o evento da Expansão Ultramarina Europeia.<sup>84</sup>

Inserida nas vilas e cidades, as feiras possuem o seu nascimento atrelado a um período em que o domínio da agricultura nos meios econômicos transformavam o espaço rural em dominante, quando comparado ao urbano. Em suma, o urbano seria o complemento ao rural, excedentes das relações de atividade econômica dominante durante séculos.<sup>85</sup>

Não se deve excluir que as relações entre campo e cidade são intrínsecas desde o desenvolvimento das atividades humanas. Se a cidade antes era um complemento às relações agrícolas de subsistência e de mercado do campo, as feiras livres se encaixam justamente nessas relações.

A existência de uma feira livre no município de Duque de Caxias que além de comercializar produtos como frutas e verduras, evidencia os elementos da cultura nordestina chama a atenção. Sua existência envereda não só a presença dessa população como a sua atuação nos espaços locais. A participação popular na atividade não era restrita a população da Baixada Fluminense bem como de todo o atual estado do Rio de Janeiro.

Segundo Mascarenhas (1991), as feiras são resultados e expressão de uma territorialidade popular, representando uma experiência peculiar de sociabilidade e uso da rua. Inserem-se no contexto de resistência na atualidade devido ao crescimento de diversas atividades urbanas oriundas da tecnologia, do crescimento das cidades e do uso dos automóveis. Em suma, é um espaço de sobrevivência e alternativa das populações mais pobres, como resposta às imposições de mercado das classes dominantes. Excluídos pela hegemonia local, essas populações mais abastardas criam mercados livres a céu aberto, com configuração, linguagem e imagem próprias, repletos de autonomia e com menor influência possível dos setores públicos.

É dentro dessa análise de Mascarenhas que se compreende o surgimento da Feira de Caxias. Espaço desigual e repleto de uma população marginalizada, que encontra na feira livre um ambiente de sobrevivência, consumo, liberdade de expressão de suas memórias e identidades.

A configuração constituída na Feira de Caxias, superando o teor de comércio e se instituindo como um local de sociabilidade, parece comum entre outras feiras formadas em regiões periféricas e de confluência de populações diversas. Para Almeida (1989), as feiras possuem a tendência de superar o viés econômico, desempenhando outros aspectos como o

---

<sup>84</sup> Ver mais em Godinho (1994), Justino D. (1989) e Bradel, F. (1979).

<sup>85</sup> Ver em Guimarães (1982).

cultural, através de seu papel de comunicação, local de encontros, recordações e mesmo de lazer.

No âmbito comparativo quanto a análise do surgimento, imediatamente se remete a “Feira de Tradições Nordestinas de São Cristóvão”, fixada no bairro de mesmo nome do município do Rio de Janeiro. Conhecida no Estado pelo mesmo codinome dado a Feira de Caxias, em São Cristóvão existem histórias que se misturam a mitos e lendas sobre o surgimento do espaço. Segundo Silvia Regina Bastos Nemer (2012), as histórias sobre a origem do espaço em São Cristóvão são diversas, controversas e apresentam uma característica de eleger um protagonista, como um mito fundador na personificação de um retirante. Oficialmente a feira adota a versão do cordelista Raimundo Santa Helena, segundo o qual teria surgido em setembro de 1945, após a Segunda Guerra Mundial. Nesta versão, o próprio Raimundo é protagonista ao trocar “reliquias da guerra, por lembranças da terra” com um retirante nordestino no Campo de São Cristóvão. E deste então, o local passava a ser um espaço de encontro entre cordelistas e repentistas:

Conta o poeta que, no dia 22 de setembro de 1945, se encontrava ancorado no porto do Rio de Janeiro um navio da Marinha Mercante brasileira que retornara da Europa após ter participado da Segunda Guerra Mundial. Os pracinhas a serviço na embarcação foram autorizados a desembarcar e, em passeio pelo Campo de São Cristóvão, pararam para ouvir o poema de Santa Helena que, por acaso, estava passando pelo local e decidiu homenageá-los recitando os versos por ele compostos por ocasião da derrota das tropas do Eixo pelo bloco Aliado. Esse poema constitui a base da construção do marco fundador da Feira de São Cristóvão cuja referência é o ano de 1945, a despeito das versões que apontam para outras datas. (NEMER, 2012, p. 28 e 29).

A tese de Nemer possui fontes diversas como relatos, cordéis e poemas de retirantes nordestinos que utilizavam o espaço da Feira de São Cristóvão. Em suas descrições, outro mito fundador que chama atenção é o do poeta cantador Azulão, no qual denota protagonismo a um personagem conhecido como João Gordo. Nesta narrativa, Gordo inicia a venda de produtos e artigos nordestinos no Campo de São Cristóvão, sendo acompanhado em seguida por outros retirantes, o espaço vai crescendo com o tempo até ganhar as dimensões da feira.<sup>86</sup>

Em Duque de Caxias, os mitos fundadores são repletos de protagonismo e curiosidades, de forma semelhante a São Cristóvão. Não existe uma data ou ano que se torne consenso entre os feirantes e a opinião pública sobre o surgimento do espaço, e muitas histórias se perderam ao longo dos anos.

---

<sup>86</sup> Ver em Nemer (2012).

No que tange as reportagens de jornais, vale destacar que as mesmas não delimitam a década, tão menos o ano do surgimento da atividade. São suposições a respeito do início e da montagem das primeiras barracas.

Em forma de depoimento jornalístico, Eldemar Souza<sup>87</sup> realiza uma análise descritiva sobre a Feira que ele chama de “A tradicional Feira de Caxias”. A partir de diversos depoimentos recolhidos no espaço, Eldemar conclui que não existe afinal, uma versão oficial sobre o surgimento da mesma, ou sequer uma versão popular. Entretanto, o autor relaciona a origem da atividade feirante no local ao crescimento do município em uma correlação que permite o fortalecimento de ambos:

A grande Feira de Duque de Caxias, tem suas origens estreitamente ligadas à história do município. Tanto assim, que pouco gente é capaz de precisar como, quando ou com quem começou todo esse movimento, que leva o nome de Caxias a outros lugares. Só os mais antigos na localidade relembram velhos fatos que remontam há mais de 3 décadas tendo a feira como pano de fundo...(SOUZA – sem ano – IHDC).

Eldemar escreve à revista Caxias Magazine em 1984, afirmando que a Feira faz parte da paisagem dos domingos de Duque de Caxias há mais de três décadas. Em uma conta retroativa simples, nesta versão a origem teria sido na década de 1950. No que diz respeito a origem do espaço, embora admita que não exista a capacidade de precisar quando começou, quem deu início e como ocorreu, fornece um parecer interessante. Na sua interpretação, a atividade e município possuem relações diretas de origem e crescimento, denotando que o próprio crescimento demográfico oriundo das migrações permitiu o surgimento e fortalecimento de um mercado de consumidores, além de uma leva de retirantes buscando a atividade como um meio de vida.

Uma solução para a resolução do impasse quanto a origem e os personagens que atuaram na criação do espaço, segundo Eldemar, seria a consulta aos primeiros migrantes que começaram a frequentar a Feira no final da década de 1940 e nos anos 1950. Mas o encontro com os mesmos no município é dificultado devido ao retorno de muitos ao Nordeste, aos óbitos ou mesmo por faltas de condições ou lucidez devido à idade avançada.

Os relatos dos feirantes e nordestinos recolhidos na pesquisa para o desenvolvimento da dissertação também não dão conta de uma data exata para o seu surgimento. Restringem-se a afirmar que “essa feira é muito antiga”, denotando ao mesmo tempo a ideia passada ao

---

<sup>87</sup> Eldemar Souza é um autor e escrito de Duque de Caxias que realizou um trabalho de análise a respeito da feira. O texto se encontra no Instituto Histórico do município e não possui ano de produção.

longo de anos de que o espaço permanece ali há muitas décadas e atribuindo a si próprios um desconhecimento sobre os fatores de surgimento e periodização.

Mesmo as reportagens dos jornais que circulavam no município não tinham consenso entre o período em que haviam se iniciado as atividades na Feira. Ao longo de diversas matérias relatando as problemáticas enfrentadas pelo espaço, alternam-se sobre o surgimento do local como evento comercial aos domingos.

Segundo o dossiê de patrimonialização da Feira de Caxias, o surgimento do espaço está intrinsicamente relacionado a chegada dos migrantes nordestinos ao município:

É que, na década de 40, chegaram à região levas de migrantes que deixavam suas terras, gado, cachorros, gatos, galinhas e parte dos familiares, fugindo da seca e da fome que assolavam o agreste e o sertão nordestinos. Vinham, em sua maioria, trabalhar na construção civil.

Nesse deslocamento trouxeram para Caxias suas manifestações culturais, hábitos, música, culinária, tradições e esperanças de viver dias melhores.<sup>88</sup>

As narrativas construídas, embora não consigam se certificar de um evento ou um ano, parecem entrar em consenso de que os nordestinos se inseriram e realizaram transformações, trazendo consigo suas memórias de retirantes e se adaptando ao local tanto por meios comerciais quanto por meios culturais. Dentro da ótica perpassada no documento acima, é possível ter uma noção da relação direta que é feita no município entre Feira e crescimento demográfico local.

Em “Uma passagem pela Caxias dos anos 60”, Stélio Lacerda<sup>89</sup> segue a mesma ideia de relação entre as migrações de nordestinos para Duque de Caxias e o crescimento da Feira no município:

Desde os anos 40, os caxienses têm na feira dos domingos - situada na Presidente Vargas, trecho da Avenida Duque de Caxias e ruas adjacentes (com inclusões e exclusões de ruas ao longo dos anos) opção de abastecimento de verduras, legumes, frutas, aves, ovos, carne fresca ou salgada, culinária nordestina, roupas e calçados populares, animais silvestres; louçaria e ferragem, assim como qualquer produto que o tirocínio comercial dos "camelôs" indicasse. A feira (...) não era simples lugar para "ir às compras, mas uma projeção da cultura nordestina na Baixada Fluminense. Atraindo gente dos municípios vizinhos e do então Estado da Guanabara, que vinha adquirir gêneros ou saborear pratos da culinária nordestina (acarajé, vatapá, carne de sol, beiju, queijo de coalho, feijão de corda, manteiga de garrafa, farinha de mandioca...) a boa cachaça e viver um momento cultural, onde não podia faltar música típica, repentistas, folhetos de cordel e outras lembranças da terra nordestina. (LACERDA, 2005).

<sup>88</sup> Dossiê para registro da Feira de Duque de Caxias. Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 2015.

<sup>89</sup> Professor e autor de livros sobre a história local, como “Uma passagem pela Caxias dos anos 1960”. Já foi responsável pela pasta de secretaria de Cultura do município durante o governo de José Lacerda e o primeiro mandato de José Camilo Zito.

Novamente se cria uma narrativa de crescimento e consolidação do espaço atrelada a chegada de nordestinos. Trabalhando, frequentando, se projetando, atuando, enfim, eram diversas as formas desses migrantes estarem presentes no espaço, tornando-o relevante para os domingos duque caxienses e fluminenses.

Na consulta aos relatos e fontes, somente uma citação parece dar dados mais precisos a respeito do surgimento da Feira. Trata-se de uma reportagem do jornal que circulava no município, *Tópico*, de 25 de agosto de 1958, em uma edição especial:

Os iniciadores da feira de Meriti foram: José Luís Machado, José Miguel, José Marques Pinto, José Joaquim Borges, Miguel Português e Joaquim Valoura. Na época, um cacho de banana era vendido a 400 réis e uma dúzia de laranjas, 500 réis. Os feirantes pagavam, ao fiscal Alberto Jeremias, a quantia de 400 réis por licença de localização. Funcionava a feira em frente à estação, cujas plataformas eram aproveitadas como tabuleiros.  
(Jornal Tópico, 25.08.1958).

O grande questionamento a se fazer em cima dos dados fornecidos pela reportagem acima é justamente a origem das informações. Embora seja uma raridade nas versões sobre o surgimento da atividade, com a citação de nomes, os dados carecem de confirmações, podendo ter surgido a partir de uma tentativa de protagonismo aos personagens citados, ou mesmo por crença popular e tradição oral. Não obstante, existe um ponto em comum com outras versões e mitos fundadores ao relacionar o surgimento do espaço e da atividade ao intenso comércio já existente ao redor da estação de trem local.

Entre a população que frequenta e participa da Feira de Caxias também não há uma versão precisa sobre o surgimento da atividade dominical. Os depoimentos possuem em comum, a ideia de surgimento a partir da forte presença de nordestinos em Duque de Caxias. Sendo assim, embora não haja um mito fundador oficial, a Feira de Caxias possui, no imaginário popular, sua gênese atribuída aos migrantes nordestinos que iam se agrupando no município o longo do século XX.

Essa feira começou, com o pessoal nordestino mesmo cara. Que começaram vendendo as coisas. Um bocado de gente que vinha do recante (sic) ai de Caxias mesmo. O pessoal que vinha de Mantiqueira e pra esses lados ai. E assim, ela começou e foi crescendo, e crescendo. E isso é o que eu sei né. E ela foi crescendo e crescendo, e hoje é isso ai. Quando eu conheci, ela já era isso ai, essa grandeza.  
(Entrevista com Carlos Alberto).

O relato de Carlos, feirante desde 1965 quando tinha apenas 10 anos de idade, demonstra como que a história da criação da Feira é atrelada ao migrante nordestino que vivia



por todo o município. A compra e venda de produtos entre a população se encaixa dentro do contexto de falta de infraestrutura na primeira metade do século XX. Como forma de superar essa problemática foi criado um comércio complementar. Vale ressaltar que a Feira de Caxias se diferenciava das demais por englobar em seu interior, o comércio de diversos artigos que fugiam aos característicos de uma feira (legumes, verduras e frutas). Em suma, a atividade funcionou como uma possibilidade de absorver as demandas comerciais da população migrante que chegava e dos próprios duque caxienses. O crescimento desordenado devido ao processo de migração foi um fator preponderante na formação e no fortalecimento do espaço.

Embora os entrevistados tenham chegado em Duque de Caxias em diferentes momentos, as memórias a respeito da atividade feirante aproximam-se no que se refere aos mitos de surgimento. Quando interrogados sobre sua origem, relacionam a forte presença de migrantes oriundos dos municípios da região Nordeste do Brasil. A própria ideia de uma cultura única em todo Nordeste está presente no relato dos entrevistados. Tal fato denota a interiorização das relações de pertencimento e identidade construídas no Sudeste (“Nós e eles”). Vale ressaltar que o desenvolvimento do termo cultura nordestina já está dentro do contexto de uma vida vivida no Sudeste, onde a percepção sobre um Nordeste unitário é muito forte. Reforça-se desta maneira, que os sujeitos se tornam nordestinos e paraíbas em suas novas localidades, uma vez que essas categorias não existiam como unidade cultural em suas regiões de origem.

Dando continuidade aos relatos dos migrantes e feirantes sobre o surgimento do espaço, Gilma Medeiros realiza uma narrativa próxima a de outros entrevistados ao caracterizar o surgimento da Feira relacionada à intrínseca relação entre esses nordestinos em Duque de Caxias. A depoente afirma que: “se você for bater papo com cada um daquela feira, são muitas barracas, mas a maioria é nordestino. Acho que até esse negócio de feira veio meio da cultura nordestina. Não é coisa de carioca não... Se você for ver ali, 99% dos donos daquelas barracas são de nordestinos.”<sup>90</sup>

O teor de exagero ao qual Dona Gil (como é chamada na região) atribuindo 99% dos donos das barracas como nordestinos, é uma clara demonstração de que o espaço é relacionado a presença dos habitantes oriundos dessa região. Ainda que não seja trabalhadora da atividade, frequentando-a como forma de lazer, a depoente possui a percepção da forte presença de migrantes no local. Além disso, quando questionada sobre o surgimento da

---

<sup>90</sup> Entrevista com Gilma Medeiros.

mesma, realiza uma relação direta entre a população oriunda do Nordeste e a atividade comercial aos domingos.

As relações entre a Feira e os migrantes atravessa o século XX e ainda hoje parece ser comum no município. A alagoana Maria José é a mais antiga moradora de Caxias entre os entrevistados. Desde a década de 1940 no município, assistiu o surgimento e o desenvolvimento da atividade ao longo das décadas. Embora não cite os migrantes nordestinos no que tange ao surgimento da Feira, citando-os quando relata a atividade atualmente, em seu depoimento são lembrados alguns produtos de comercialização no espaço, que são atribuídos aos migrantes nordestinos.

[...] quando ela começou, começou do lado de lá, margeando a linha do trem, ali onde era a Plínio Casado, era pequena.... depois que ela foi tendo essa estrutura toda... ela passou pro lado de cá... Quando surgiu era muito pobrezinha, barraquinhas muito simples... só vendia mais a comida, feijão de corda, tapioca, essas coisas assim... hoje vende rádio... (Entrevista com Maria José).

Maria José cita alguns produtos dos quais se recorda que eram comercializados no local, como feijão de corda e tapioca, dois produtos relacionados a regiões do Nordeste. Novamente relacionando a ideia do surgimento de uma atividade atrelada às necessidades de consumo dos migrantes que chegavam ao município. A importância do relato da depoente se encontra também no detalhamento sobre o início da Feira. Ao enfatizar que haveria se iniciado margeando a linha do trem, na Avenida Plínio Casado, temos um traçado instaurado exatamente no centro de Duque de Caxias. A afirmação da entrevistada encontra concordância com os principais mitos de surgimento, que destacam o desenvolvimento de um comércio seguindo a estação de trem de Caxias que vai se estendendo até formar a atual Feira. A versão em voga, concebe reconhecimento a importância do modal de transporte como grande fator de integração e presença de pessoas circulando o local em volta da formação da atividade feirante. Logo, o desenvolvimento do ambiente surge ancorado exatamente em um local onde já havia um forte fluxo populacional ao longo da semana. Vale lembrar, que tal configuração se assemelha a outros relatos já descritos aqui. Atualmente, a mesma ainda margeia a linha do trem, porém funcionando do outro lado da ferrovia, no bairro Vinte e Cinco de Agosto.

A versão de que a atividade teria iniciado margeando a estação de trem do município, do lado do bairro Centro, é disseminada por outros moradores e frequentadores. Moradora de Suruí (Magé) e com um depoimento com orgulho da presença de membros da família na história local, Maria Angélica demonstra o conhecimento adquirido com base na tradição oral.

Descendente de nordestinos que viveram em Duque de Caxias (família do pai) ou desenvolveram seus modos de vida e trabalho no município (família da mãe), mais especificamente no espaço aqui tratado, a depoente afirma que sua família foi pioneira na atividade. Sua memória remete ao compartilhamento da história que lhe foi contada:

A mamãe dizia... que a feira começou assim, por trás ali da linha de Caxias, não era ali nesse lugar que é atualmente. E ai começou assim, o pessoal vendendo umas bananinhas, aipim, milho, e começou a crescer.... nisso meu avô começou a vender farinha.... acho que era seu Francisco, o pai de Toinho, começou a vender carne de sol... no máximo 55, eu acredito que tenha sido na década de 60. (Entrevista com Maria Angélica).

Utilizando-se da tradição oral, da construção de sua imagem da história familiar e atribuindo protagonismo aos membros de sua família, Maria Angélica endossa a tese de que a Feira teria surgido das necessidades de consumo a produtos básicos dos quais o município não oferecia em quantidade e acessibilidade suficiente para a população mais pobre. Ou seja, uma forma de adaptação e mesmo uma estratégia de permanência das populações que foram ocupando Duque de Caxias ao longo do século XX. A presença da família da depoente demonstra que ao longo dos anos, a imagem de Caxias como uma região de confluência de pessoas foi popularizada. O município era atraente para a constituição de relações sociais, modos culturais e meios de trabalho.

Mesmo aqueles que não possuem em suas memórias registros ou histórias mais precisas das quais lhe foram contadas sobre o surgimento da atividade, em seus depoimentos relatam alguns sentidos que perpassam entre os feirantes. O exemplo mais próximo do qual podemos citar é o caso de Henrique Mendonça, originário do Maranhão, morador de Duque de Caxias desde a década de 1970 e feirante desde os anos 1990. Segundo Henrique: “Olha, pelo o que eu sei, essa feira tem quase 100 anos. Mas eu sei pouca coisa porque o próprio Zito que foi um dos, o pai dele que trabalhava em feira... e ele falava, mesmo sendo funcionário da Prefeitura, eles trabalhavam em feira...” (Entrevista com Henrique Mendonça)

Em suma, embora não haja uma versão oficial sobre o surgimento da Feira, existe a prevalência de alguns aspectos em variados relatos. O senso popular que foi construído entre os feirantes, moradores e frequentadores do espaço constituem um quesito glamoroso, de grandeza e de fortes relações no espaço. As versões costumam entrar em dois pontos em comum: 1. A Feira de Caxias teria surgido da necessidade de se criar um espaço de comercialização de necessidades básicas. Participavam tanto como feirantes, tanto como frequentadores aqueles que encontravam no espaço a oportunidade de sobrevivência e

permanência. 2. A partir da chegada de migrantes das diversas regiões do Nordeste brasileiro, a Feira foi ganhando novas conotações, ou mesmo tendo sua gênese.

Defende-se aqui que o surgimento da Feira de Caxias foi incentivado pelas atividades autônomas, independentes e originais. As barracas foram surgindo no início do século XX por necessidades dos trabalhadores de complementarem a renda e devido a ausência de infraestrutura sólida que garantisse os gêneros alimentícios. Os migrantes foram se inserindo no espaço na medida em que chegavam a Duque de Caxias. Inicialmente assumiram o papel tradicional de feirantes e frequentadores em busca de produtos e mantimentos. Com o passar dos anos, o fortalecimento das relações e o crescimento da presença de populações retirantes, transformaram o espaço em torno de atividades culturais, de recordação e memória. O modo como participam da atividade permite que a mesma atravesse o tradicional formato de trabalho, adicionando quesitos de identidade e pertencimento por meio da comercialização de produtos relacionados aos locais de origem e manifestações artísticas e culturais desempenhadas no espaço.

### **3.2 A resistência e a consolidação do espaço**

As feiras historicamente resistem e se consolidam, principalmente no tocante a um embate entre feirantes, poder público e comerciantes lojistas. Este conflito permeia a disputa pelo espaço e pelo mercado de consumidores. Se em seu surgimento funcionavam como comércio de abastecimento de produtos alimentícios, com a chegada desses produtos aos mercados e supermercados é preciso repensar não só o papel das feiras, bem como a sua atuação no que se refere ao controle e disputa por consumidores com as grandes redes varejistas.

Na Feira de Duque de Caxias tal embate também é assistido e relatado pelos jornais locais que enfatizam e caracterizam como “A batalha da feira”. Não é possível precisar quando se deu início a discussão entre feirantes e o poder público. O que chama a atenção é a capacidade de organização dos trabalhadores e a resistência que possibilita a permanência.

O jornal “*Folha de Caxias*”, por exemplo, acompanha a luta dos feirantes na década de 1950. Em reportagem publicada em 1956 com o título “OS FEIRANTES IRÃO À

LUTA”<sup>91</sup> é tratada da tentativa da Prefeitura do município<sup>92</sup> de institucionalizar as atividades da Feira a partir do monopólio sobre a mesma. Os trabalhadores, enquanto lutam para resistirem ao seu poder de autonomia, recebem apoio de deputados e vereadores, entre eles, o polêmico Tenório Cavalcante.

Na edição seguinte do jornal, a questão citada acima volta a ser uma preocupação. Em nova reportagem, foi destacado que os feirantes estavam “dispostos a ir até a última instância para ganharem judicialmente a ‘batalha’”<sup>93</sup>. Segundo a matéria, a motivação das desavenças girava em torno de uma reivindicação “contra a concessão para exploradores das barracas e tabuleiros da Feira Livre de Duque de Caxias.”<sup>94</sup> Ao longo da reportagem é enfatizado que as relações entre feirantes e Prefeitura estavam assumindo um aspecto mais grave. O endurecimento das relações é ilustrado pela prisão do presidente da Sociedade dos Feirantes e Ambulantes Autônomos de Duque de Caxias, Moisés Trajano da Silva. O evento ocorreu durante a atividade, quando Moisés recolhia contribuições dos feirantes com o intuito de possibilitar a luta pelo o que a própria associação expressa como “combate do monopólio das barracas da feira, é lutar pela nossa liberdade comercial”.

A tentativa da Prefeitura de instruir uma organização no espaço da Feira fundamentado em mecanismos para conceder licenças com via na exploração das barracas e tabuleiros, demonstra que a fama e o público que o local atraía chamam a atenção para o interesse do poder público e da própria iniciativa privada. Por outro lado, os feirantes tentam manter a autonomia que foi constituída no espaço ao longo de anos, pautado na construção de um ambiente híbrido e de trocas culturais.

O “*Folha de Caxias*” acompanha de perto o acirramento da disputa entre feirantes e Prefeitura. Por diversas vezes, o periódico dedica-se a dar seu parecer sobre o embate. Na edição de número 96, publicada em 5 de fevereiro de 1956 alerta para uma derrota dos feirantes nas vias judiciais. A promotoria havia devolvido à justiça o mandato de segurança que garantia a autonomia dos feirantes, proibindo a concessão de exploração que a prefeitura buscava. Na reportagem é destacado que o procurador compreendeu que poderia ser

---

<sup>91</sup> “OS FEIRANTES IRÃO À LUTA”. *Folha de Caxias*, nº91, 1 de janeiro de 1956, página 1.

<sup>92</sup> NA época a prefeitura de Duque de Caxias estava no mandato do ex-prefeito Francisco Correa.

<sup>93</sup> “EXPECTATIVA EM TORNO À BATALHA DA FEIRA”. *Folha de Caxias*, nº92, 2 de janeiro de 1956, página 2.

<sup>94</sup> *Idem*.

considerado um serviço público. De forma destacada, a reportagem é exposta na capa com o título em letras maiúsculas “BOMBA CONTRA OS FEIRANTES.”<sup>95</sup>

Passado um mês, uma nova reviravolta no caso garante a atividade dos feirantes sem que passem por intermediários da Prefeitura e da iniciativa privada. Desta vez, um juiz da comarca de Duque de Caxias, Ari Penna Fontenelle, despacha um mandado de segurança pedido pelos feirantes contra a concessão da Feira. A Prefeitura, que naquela altura já havia concedido o direito para Jonathan Gonçalves da Silva, deveria indenizar o concessionário.<sup>96</sup>

A relação entre feirantes e Prefeitura não se refere apenas a interesses comerciais. Na fala da própria associação dos feirantes, a luta era também pela autonomia e pelo direito de atuar sem intermediários. Mais do que isso, a organização dos feirantes denota que na década de 1950, o local já se apresentava como um espaço tradicional. A movimentação em torno do ambiente possibilitou não apenas fama e retorno financeiro aos feirantes, como desencadeou interesses público e privado.

Embora a organização da associação dos feirantes instituísse uma luta em torno dos interesses desses trabalhadores, havia aqueles que eram favoráveis ao novo empreendimento. Em reportagem publicada em março de 1956, diversos feirantes entrevistados se colocam a favor as concessões de exploração. Argumentavam que com uma concessionária seria mais fácil o trabalho, facilitando o deslocamento até a Feira. Seriam evitados, por exemplo, os problemas enfrentados para carregar as barracas até o local, serviço que seria executado pela concessionária. Outra justificativa, era a de que as novas barracas dariam maior organização, beleza e limpeza ao espaço, que por diversas vezes recebeu reclamações e críticas justamente pela falta de organização e pela sujeira que despejava durante e após o funcionamento.<sup>97</sup>

Dentro desse embate, os feirantes se dividem entre aqueles que desejavam manter a autonomia, a liberdade comercial e não correr o risco de perder a identidade e as trocas comerciais que fizeram a fama da Feira, e aqueles que desejavam a melhoria do espaço estimulada na concessão da exploração à iniciativa privada. Entre o interesse financeiro, baseado na expectativa de aumento de público com os benefícios de uma suposta limpeza e a organização, e o interesse de autonomia, baseado na existência de um espaço construído e fortalecido pelos feirantes, havia a identidade e a representação da qual a atividade havia consolidado. A Feira de Caxias, como veremos mais à frente, ultrapassava as simples relações

---

<sup>95</sup> “BOMBA CONTRA OS FEIRANTES”. Folha de Caxias, nº96, 5 - 6 de fevereiro de 1956, página 1.

<sup>96</sup> “VITÓRIA DOS FEIRANTES NA JUSTIÇA”. Folha de Caxias, nº100, 4 – 5 de março de 1956, página 1.

<sup>97</sup> “GRANDE NÚMERO DE FEIRANTES FAVORÁVEIS A EXPLORAÇÃO DA FEIRA”. Folha de Caxias, nº102, 18 – 19 de março de 1956, página 8.

comerciais. Era um espaço de intensas trocas culturais ao ar livre, possibilitando a recordação da terra de origem para os migrantes. Era o ambiente de fortalecimento do hibridismo entre nordestinos de diversos estados bem como das relações entre cariocas, fluminenses, mineiros, capixabas, paulistas e diversas outras populações que encontravam um ambiente propício para o lazer e a manifestação distinta.

A Feira trazia à tona a realidade de um município surgido recentemente, até então, com sua desorganização e grande quantidade de nordestinos. Era o retrato de um local que superou o espectro de “cidade-dormitório” e que aos domingos era invadida por populações de diversas regiões. Curiosos, frequentadores, revendedores, clientes, feirantes, políticos, todos em busca da famosa Feira. Invertendo o fluxo em direção a Guanabara, para a saída que levava à Caxias. Aos poucos, o conceito de dormitório passava a não funcionar mais para Duque de Caxias.

Já inserido no contexto e no cotidiano municipal, o empreendimento cultural e comercial se consolida aos domingos tendo como polo norteador a Avenida Duque de Caxias entre os bairros do Centro e da Vinte e Cinco de Agosto. Devido ao seu crescimento vertiginoso vai ocupando também as ruas transversais. Atualmente permanece nas mesmas ruas citadas acima e ocorrendo aos domingos. Além dos migrantes, de seus descendentes e de duque caxienses, habitantes de bairros do Rio de Janeiro e de outros municípios, principalmente da Baixada Fluminense, frequentam a região na expectativa de encontrar não apenas os “produtos tradicionais” e os elementos da cultura nordestina, como visam participar das histórias e lendas que cercam o espaço, além de buscar a compreensão sobre os motivos da formação de uma feira de tamanha magnitude em Duque de Caxias.

### **3.3 A “Feira de Caxias” como espaço de convivência e memória dos migrantes nordestinos**

Com todo esse potencial, Caxias é o verdadeiro centro cultural do Brasil. (Nelson Pereira dos Santos).

A frase acima é de autoria do cineasta Nelson Pereira dos Santos fazendo menção a intensidade das trocas culturais que se realizavam na Feira de Caxias. O impacto e o teor da mensagem dão conta justamente do que veremos a seguir.

Em termos de comparação, a Feira de São Cristóvão é um local onde nos dias atuais são destinadas as noções e as citações sobre a presença de tradições e elementos culturais nordestinos. Atualmente diversas críticas são realizadas a respeito das suas modificações ao longo dos anos que teriam transformado o local em um setor de turismo voltado para a indústria gastronômica, proporcionando sua abertura para excursões organizadas. Os feirantes e os migrantes nordestinos que antes atuavam na região perdem espaço para os grandes empreendedores. Porém, desde o seu surgimento até a sua transformação em pavilhão, a Feira de Tradições Nordestinas Luiz Gonzaga<sup>98</sup> foi um espaço de relações híbridas e onde diversos migrantes se encontravam para a realização de exercícios de memória e recordação.<sup>99</sup>

Já a feira formada em Duque de Caxias surge como uma feira livre que ao longo do tempo vai recebendo elementos da cultura nordestina, influenciada principalmente pela forte presença de uma população oriunda dos estados da região Nordeste no município fluminense. O espaço passa a representar uma fuga da cidade grande e um retorno às “origens”, uma busca por experiências de migração, e principalmente, um local de solidariedade e convivência entre retirantes das diversas regiões do Nordeste brasileiro que desembarcaram em Duque de Caxias fixando ora somente suas moradias e outrora suas relações sociais, culturais, econômicas, políticas e trabalhistas.

Como forma de exemplificação se faz necessário citar o relato narrado por Stélio Lacerda (2004) em um panfleto em forma de cordel onde o autor conta a história de “Uma família de migrantes nordestinos na Caxias de 1950”. Segundo Lacerda, o patriarca do episódio narrado era conhecido de sua família e foi o primeiro a migrar para Duque de Caxias. Posteriormente vieram mulher, filha e a irmã. Logo nos primeiros momentos é possível perceber a surpresa com o novo município, mas o que nos chama a atenção é o fato de o primeiro programa organizado pela nova família em Duque de Caxias ser justamente conhecer a feira dominical, onde poderiam reencontrar produtos, memórias e culturas nordestinas. A visita abre a possibilidade de poder compartilhar, junto a outros migrantes, as expectativas e as frustrações com a vida de retirante no Rio de Janeiro. A Feira, nesse momento, surge para a família como um elemento de lazer diante das dificuldades enfrentadas e da difícil rotina de trabalho na Guanabara. Os momentos em que estavam em Duque de Caxias eram partilhados juntamente com outros nordestinos no município.

---

<sup>98</sup> Atualmente este é o nome oficial.

<sup>99</sup> Ver em Nemer (2012)



As histórias e as memórias a respeito da Feira de Caxias estão presentes em cordéis, principalmente de artistas que moravam no município e frequentavam a Feira. Um dos mais destacados cordéis a respeito do local é de autoria de Barbosa Leite. Artista de origem cearense, o cordelista chega no município ainda na década de 1950 e destaca-se em suas atividades culturais, sendo inclusive responsável pela composição do atual hino do município.

Não se trata de pessoa nem visagem ou pensamento, a minha estória é boa descreve um acontecimento grande e feliz evento como tal considerado muitas vezes relatados, favorece a economia contribui para a alegria do pobre ao remediado. Trata-se de fera afamada que acontece em Caxias, igual não há na baixada com tantas mercadorias faianças ou prataria em grande variedade espantosa quantidade de tudo que se imagine minha pena não define toda sua enormidade A feira ocupa ainda muitas ruas transversais a energia não finda nos seus braços colossais brilham cores e metais em viva policromia numa audaz acrobacia. A forma me falta ao verso pra cantar esse universo tão rico de fantasia. Uns pontos quero marcar de graça tão evidente, basta você esperar daí há pouco pressente... Para, então, ouça e atente para uma viola afiada num recanto de calçada, os violeiros glosando quem fica ou quem vai passando 239 com rimas bem apuradas (LEITE, 2007).

O cordel exposto acima, obra de Barbosa Leite, “A Grande Feira de Duque de Caxias” demonstra a visão do autor cearense sobre o espaço, descrevendo como grandioso, diversificado e citando os violeiros. Barbosa por ser um grande ativista e militante político e cultural se utilizava da atividade para transformar sua arte e sua memória em herança da população nordestina em Duque de Caxias. No capítulo final será realizada uma análise minuciosa sobre o cordel de Barbosa. De momento, é destacado a relação de pertencimento e orgulho do espaço criado e fortalecido com auxílio dos migrantes nordestinos.

A existência e a consolidação da Feira de Caxias chamam a atenção para um público que vai além do município e da região da Baixada Fluminense. Algumas reportagens e artigos buscam compreender o funcionamento do espaço através de visitas e investigações no local. Os jornais enfatizam a forte presença nordestina na feira dominical e destacam a “pulsção” da mesma pautada nas trocas de experiências e no forte comércio de gêneros alimentícios, inclusive de produtos que remetiam a localidades da região Nordeste do país. Logo, a Feira passa de um evento municipal para se tornar regional (no âmbito estadual), chamando a atenção e despertando a curiosidade.

A frase que iniciou este tópico, de autoria do cineasta Nelson Pereira, foi entonada após uma visita à Feira. A mesma está inserida na descrição realizada por Eldemar de Souza (já citado anteriormente). Sua presença na localidade (incentivada pela gravação de um filme) e a afirmação de que Duque de Caxias era um centro cultural do Brasil demonstra a

surpresa e a dimensão que os visitantes de fora acabavam por possuir ao terem contato com tantos feirantes oriundos de diversas regiões realizando suas atividades, exercitando suas memórias e suas identidades.

Junto ao crescimento da Feira, aumentam as curiosidades e as reportagens a respeito da mesma, que entre as principais questões debatidas, chama a atenção para os destaques sobre a popularização do espaço e ao desenvolvimento de estratégias para a visitação do local. Diversos elementos culturais relacionados a estados e municípios do Nordeste são citados. Muitas vezes confunde-se inclusive, o ato da realização das feiras livres como uma peculiaridade típica dos retirantes nordestinos em suas cidades de origem.

Não cabe aqui discutir a origem das feiras no Brasil, mas é de se atentar a relação direta que a entrevistada Gilma realiza: “- se você for bater papo com cada um daquela feira, são muitas barracas, mas a maioria é nordestino. Acho que até esse negócio de feira veio meio da cultura nordestina. Não é coisa de carioca não...” (Entrevista com Gilma Medeiros)

Na ótica da depoente, não apenas no surgimento da Feira de Caxias, como nas feiras do Sudeste de forma geral, existe o protagonismo dos migrantes nordestinos. A crença de que foram os próprios migrantes que iniciaram as atividades está no senso popular e possui duas explicações. Em primeiro lugar refere-se a existência de períodos específicos e mesmo na atualidade, locais internos na Feira, com uma nomenclatura popular relacionada a “feira dos nordestinos ou dos paraíbas”, denotando propriedade e pioneirismo sobre o evento, quando se remetia a forte atuação desses migrantes. Em segundo lugar, trata-se de exercícios de protagonizar o próprio papel nas atividades municipais e cotidianas, incidindo em importância e destaque na atuação própria, de familiares e de conterrâneos.

Para além da problematização sobre a origem das feiras livres no Brasil, destacam-se inicialmente a venda de produtos típicos do Nordeste e mesmo de artigos, de animais e a própria divisão da feira em setores. As reportagens de jornais, funcionam como exemplificação da relação entre a Feira de Caxias e a exaltação dos elementos da cultura nordestina desenvolvidos no espaço de forma híbrida.

Em reportagem do jornal “*O Comércio*” de 10 de junho de 1962 é destacada a forte presença de nordestinos circulando pela feira do município, enfatizando a troca de informações e a culinária presente no local. A matéria traz uma imagem de um comerciante de redes que parece equilibrar mercadorias no meio da cabeça, carregando consigo mudas de coqueiros. Na legenda da fotografia é questionado se a paisagem seria integrante da Feira de Caruaru. O autor da reportagem busca realizar uma comparação para reafirmar a forte presença de migrantes e comerciantes oriundos do Nordeste brasileiro na Feira de Caxias,

evidenciando uma correlação de paisagens que se identificam pela cultura das pessoas que a habitam.<sup>100</sup> A imagem descrita segue abaixo. Entretanto, é preciso considerar que devido ao tempo e ao estado de conservação, a mesma não se encontra com a nitidez necessária. Mas podemos perceber algumas questões fundamentais:

Figura 2 – Migrante nordestino chegando na Feira de Caxias com seus produtos nas costas e chapéu de cangaceiro na cabeça



Legenda: A imagem se encontra pouco nítida. No centro, mais escuro, o migrante em destaque e ao fundo, as barracas da feira.

Fonte: “Caruaru? Não, Caxias”. *O Comércio*, 10.06.1962.

A análise sobre a imagem demonstra que os sujeitos que atuavam na Feira de Caxias superaram uma atuação comercial, seguindo o desenvolvimento natural dos ambientes de feiras. Uma outra característica que pode ser percebida na imagem, que é destacada nos períodos iniciais da atividade é a atuação ambulantes realizando a venda de suas mercadorias por meio da relação direta com os frequentadores. As barracas que são uma configuração comum às feiras na atualidade, organizadas por tamanho, cores e tabuleiros não eram tão comuns nesse período. Dentro de um espaço aberto, as possibilidades de integração, trocas culturais e intensificação das relações de identidade e pertencimento se tornam mais latentes.

Em letras garrafais, o título da reportagem no interior do jornal, encontrando-se na página 5 do caderno 1, realiza uma relação direta entre a atividade feirante em Duque de Caxias e uma outra feira em uma cidade no Nordeste: “CARUARU? NÃO, CAXIAS”. Após a imagem e a descrição da mesma há um subtítulo, novamente com letras destacadas,

<sup>100</sup> “Caruaru? Não, Caxias”. *O Comércio*, 10.06.1962.

chamando a atenção: “NORTE TEM SUA FEIRA EM DUQUE DE CAXIAS”. A realização de uma comparação metafórica entre os dois locais ocorre de forma proposital. O autor confere similaridade entre as feiras de Caruaru e Caxias. Existe outra questão que é perceptível nos dois títulos da matéria. A delimitação do espaço de pertencimento dos migrantes parece gerar uma controvérsia. Não fica claro o conceito de Norte e Nordeste ao qual a reportagem trabalha. Nesse sentido existem duas explicações a serem expostas aqui: primeiro diz respeito a própria divisão regional do Brasil, ao qual seguimos na atualidade e que foi proposta pelo IBGE em 1969, logo, posterior a publicação da reportagem. Deste modo, a configuração citada na reportagem não representa a atual regionalização oficial do IBGE. Em segundo lugar, e não menos fundamental, diz respeito a própria percepção que parte dos migrantes tinham sobre a sua região de origem. Ou seja, os próprios migrantes desenvolvem um senso de afirmação que enquadrá-os como “os de cima”, considerando ao norte.

Por diversas vezes, na busca por nordestinos que residiam em Duque de Caxias para a realização do trabalho com História Oral, a primeira reação quando interrogados sobre a sua origem era: “Sou do Norte, sou nortista.... lá de cima”. Após uma investigação mais aprofundada sobre o caminho da pessoa interrogada, era possível mapear o estados de origem do depoente, permitindo a compreensão de sua noção de região e território. Dessa forma, podendo definir se era nordestino ou nortista, levando em consideração a delimitação oficial do IBGE. Curioso perceber que na maior parte das vezes, o entrevistado era de uma localidade do Nordeste brasileiro.

Voltando à última reportagem citada, o exercício de adentrar ao conteúdo será fundamental para uma análise mais aprofundada do que ela trazia. Assinada por Amaury F. de Almeida, a matéria inicia realizando quase que um convite para o nordestino e o nortista visitarem a Feira de Caxias:

Se o leitor é do Norte e quer comprar carne de sol, farinha de mandioca da boa e demais coisas da terrinha, é só ir ali pertinho, a Caxias. A 30 minutos da Praça Mauá funciona uma feira nordestina na Baixada Fluminense.

A Feira de Duque de Caxias, ou melhor, simplesmente Caxias como é geralmente conhecida a cidade que se tornou famosa pelos tiroteios tem a cancha das congêneres do Norte e do Nordeste. Lembra, embora, é claro, em escala mais reduzida, feiras como a da Feira de Santana, na Bahia e de Caruaru, em Pernambuco.<sup>101</sup>

---

<sup>101</sup> “Caruaru? Não, Caxias.” *O Comércio*, 10 de junho de 1962, página 5.

A descrição inicial da reportagem demonstra um jornalista empolgado com a proximidade cultural entre a Feira de Caxias comparada com outras feiras localizadas no Nordeste, famosas por sua grandiosidade e intensidade nas relações culturais. Outro ponto importante que pode ser percebido é que a feira localizada no município da Baixada Fluminense muda o foco das reportagens direcionadas ao município de Duque de Caxias. Se outrora Caxias só era evidenciada para os cariocas e demais fluminenses em reportagens que remetiam a violência local, a Feira é fundamental para redimensionar os olhares sobre a região. Novos valores são destacados como a existência de uma atividade que tornar-se famosa com base na disseminação de histórias produzidas e assistidas pelos frequentadores. Por meio da tradição oral, os relatos efervescentes sobre o local ganham espaço no imaginário popular do estado. Os jornais passam a prestar a atenção na peculiaridade deste ambiente de convivência ao ar livre, representando toda uma parcela de retirantes nordestinos presentes no Rio de Janeiro e na Baixada Fluminense.

O trecho da reportagem traz ainda um detalhe interessante. Se no subtítulo o repórter parece deixar subentendido uma correlação entre Nordeste e Norte o conteúdo da reportagem envereda esta afirmativa adicionando outros elementos. Inicialmente o autor destaca o funcionamento do que ele chama de “uma feira nordestina na Baixada Fluminense”. Neste momento, nos remetemos tanto a presença de nordestinos quanto a comercialização de produtos oriundos da região, que o autor enfatiza logo no início ao citar “carne de sol, farinha de mandioca da boa e produtos típicos da terrinha”. O próprio termo utilizado, “terrinha”, pode ser relacionado a uma expressão utilizada pelos nordestinos e a sua relação com o seu local de origem quando estava presente em outro ambiente como retirante. Por outro lado, existe uma nova confusão de termos realizada pelo autor. Uma vez que se propõe na realização de uma avaliação abrangente no quesito regional. A separação entre as regiões ocorre a partir da frase: “tem a cancha das congêneres do Norte e Nordeste”. Neste momento, percebe-se a diferenciação realizada entre as regiões, embora no início da reportagem, inclusive no título, o autor pareça tratar Norte e nordestinos como oriundos de uma mesma localidade. A reportagem continua apresentando o que foi encontrado na Feira de Caxias:

Uma grande parte dos barraqueiros e dos vendedores em geral, assim como os donos de casas de negócios que ficam abertas no dia da feira dominical, são procedentes do Norte e Nordeste do país... , no melhor sotaque paraibano ou cearense e o tipo de cabeça chata, logo denunciam que o pessoal que ali está viu a luz do sol em rincões muito mais distante que o Estado do Rio, Guanabara, ou mesmo Minas Gerais. Engana-se, porém, quem pensa que a maioria dos paus-de-arara de Caxias são conterrâneos do Deputado Tenório, isto é, alagoanos de Quebrangulo, Anadia ou Penedo. O homem da barraca que vende amendoim com casca (vagem que, cozida, é muito apreciada no Norte), por exemplo, veio do Rio Grande do Norte... Já seu companheiro, ao lado, é da Bahia, de Feira de Santana. E um outro vizinho, cearense. O velho que vende a carne-de-sol (não confundir com a carne seca ou charque), no bom estilo do Norte, é paraibano de velha cêpa... No local também se vendem frissuras de porco para o bom sarapatel nortista, carne fresquinha e miúdos.<sup>102</sup>

O trecho acima possui características de um relato escrito sobre o local e impressiona pela riqueza de detalhes pela qual foi descrito. Nele, a Feira de Caxias é apresentada como uma área de atuação de nordestinos que chegavam ao município, se integrando ao espaço transformando o mesmo na medida em que incorporavam elementos de sua região de origem. Ao relatar a sua visita, o repórter atentou para a forte presença de migrantes oriundos do Norte e do Nordeste do país em Duque de Caxias, com uma concentração na sua feira dominical. Tal percepção se dá não somente pelo contato com os barraqueiros que afirmam serem do Rio Grande do Norte, do Ceará ou da Bahia, como citados acima. O reconhecimento do sotaque é um quesito interessante para o reconhecimento da presença desses migrantes. Embora não possuam o mesmo sotaque, uma vez que podem ter vindo de inúmeros locais, estados e municípios, enfatiza-se que não se assemelham aos encontrados nos estados do Rio de Janeiro, da Guanabara ou mesmo de Minas Gerais (que se destaca pela forte migração dos habitantes do interior em direção ao Rio de Janeiro).

O sotaque não era o único modo de percepção da presença desses retirantes no local. O próprio preconceito com os chamados “paraíbas” está embutido na avaliação da matéria denotando a caracterização por unificação de hábitos e costumes no senso popular. O uso de termos como “os paus-de-arara” e “cabeças chatas”, muito comuns no Sudeste ao se referirem aos retirantes nordestinos, aparenta uma formatação de texto que permite o reconhecimento dos leitores da utilização dos mesmos. Abre-se aqui um questionamento se a motivação para utilização de tais termos é baseada apenas no reconhecimento de uma diferenciação pautada na “relação nós e eles” ou se pode ser realizada uma avaliação com foco na evidenciação de um preconceito. De todo modo, a percepção da utilização dos termos na própria matéria demonstra que apelidos e nomenclaturas pejorativas eram atribuídas aos migrantes nordestinos que viviam no Rio de Janeiro. Seria então, a Feira de Caxias o espaço em que essa

---

<sup>102</sup> Idem.

população poderia se sentir em casa, no sentido de perceber uma proximidade com aqueles que estão em sua volta?

Retornando a análise da reportagem, ao longo do texto produzido para a publicação é perpassado o ambiente da Feira, onde se enfatizam os “produtos típicos” dos estados das regiões Norte e Nordeste do Brasil, destacando a atuação dos nordestinos. É dada evidência à existência do comércio de pássaros e animais no interior do espaço, destacando que a atividade era típica das feiras “da Bahia para cima”, segundo a reportagem. Dupla de cantadores vindos do Nordeste também são citados como elementos presentes na atividade que remetem a costumes das feiras nordestinas. Os artistas se apresentavam com seus chapéus para o recolhimento de contribuições.<sup>103</sup>

Os depoentes que conviveram no espaço nos períodos próximos a reportagem possuem recordações que se aproximam do ambiente de intensas atividades comerciais e culturais que a matéria explicita. Segundo Maria Angélica, as duplas, os forrozeiros, sanfoneiros, e demais artistas eram comuns na Feira de Caxias nos idos das décadas de 1960, 1970 e início de 1980, como podemos ver no depoimento abaixo:

[...] antigamente tinha o forró, não tem mais... antigamente... vamos botar ai nos anos 70, 80 tinha o forró que tocava no meio da feira, que o cara saia tocando, hoje não pode mais... então foram quebrando essa característica de feira né... Por exemplo, tem a barraca da carne de sol. Aí chegavam ali, tocavam uma música, e um vinha recolhendo com o chapeuzinho. (Entrevista com Maria Angélica).

A recordação exposta acima por Maria Angélica demonstra o saudosismo de uma descendente de nordestinos por uma feira, que segundo a narrativa dos feirantes e frequentadores, fez sucesso em décadas passadas justamente no amparo das atividades de trocas culturais independentes e espontâneas. Dentro da memória entonada pela depoente é possível compreender que no entorno das atividades havia o interesse financeiro no sentido de possibilitar o sustento da família no Rio de Janeiro. Por outro lado, o encontro semanal era baseado na troca de informações dos artistas que percorriam a atividade na certeza de que encontrariam um público disposto a ouvi-los e recompensá-los. Uma população que encontrava nas músicas tocadas e cantadas um parte da vida e dos costumes que havia deixado para trás quando tomaram a decisão de migrar. Esse intenso contato com sujeitos que tinham realizado a migração do Nordeste em direção ao Sudeste, se encontrando em Duque de Caxias, era ilustrado por um espaço intensamente frequentado aos domingos.

---

<sup>103</sup> Idem.

O cenário na Feira de Caxias apresentava artistas declamando histórias do Nordeste, cantando e tocando músicas as chamadas típicas, com a compra e venda de comidas relacionadas a estados da região, a comercialização de diversos produtos, entre outras peculiaridades. Eram esses elementos que representavam o elo transformador da Feira de Caxias. Aos domingos era aberto um teatro a céu aberto, baseado na originalidade dos sujeitos participantes que valorizavam suas trajetórias e o seu cotidiano, criando, recriando, reforçando e lembrando as histórias e memórias da terra de origem. Entre essas atividades relacionados a regiões do Nordeste brasileiro, os cordéis demonstravam-se como uma das formas mais notáveis de recordação, baseado na importância da performance e da tradição oral.

O relato abaixo é mais um de Maria Angélica que engloba sentimentos de orgulho e nostalgia. É importante destacar que a transformação de sentimento em relação a origem nordestina dos migrantes é um dos traços mais notáveis entre os depoentes desta pesquisa:

Tinham muitos, ficavam sempre ali na praça, acabou com tudo também... Eles ficavam sempre ali na esquina da praça, ali né, em Caxias. E ali eles vendiam livrinhos de cordéis, faziam aquelas rimas deles né, e isso era todo domingo. Com isso tinha uma roda de pessoas... mas isso acabou... Ah a gente sempre ficava olhando também, andava por ali, quando tinha descanso a gente ia, mas na maioria das vezes sempre trabalhando. (Entrevista com Maria Angélica).

No depoimento acima podemos perceber novamente, a exaltação de uma feira que trazia consigo atividades culturais e manifestações diretas da população que convivia no município. O cordel era uma forma de contar histórias utilizando um teor irreverente e irônico, ao passo que era um instrumento de fortalecimento dos laços de pertencimento ao conciliar histórias de migração.

O saudosismo de Maria Angélica, descendente de nordestinos, incentivada desde pequena a produzir farinha de mandioca e tapioca, complementa sua experiência de crescer em um ambiente em que ouvia histórias dos antepassados e das peculiaridades das localidades do Nordeste. Sua memória denota que os elementos culturais permanecem no seio familiar mesmo que o contato direto não tenha existido.

A lembrança de um espaço no auge de suas trocas culturais e comerciais representada pela depoente acima, pode ser reconhecida na análise jornalística de Amaury de Almeida para a reportagem do Jornal “*O Comércio*”. Além de detalhada, a matéria conclui que a Feira de Caxias representava um “pedaço do Norte no Rio de Janeiro”.



E na imensidão da Feira de Caxias, que altera o movimento da cidade nos dias de domingo até às 14 horas, aqui e ali se encontra mais coisa do Norte, que nas feiras da Guanabara, por mais que se procure, não se acha. Ora é um tempero como o hortelã graúdo, fruta como amora-do-Pará, erva como a vinagreiras (indispensável ao pato-tucupi dos paraense), rapadura, inhame, chapéu de palha ou uma boa rede fabricada no sertão do Ceará...<sup>104</sup>

O relato em forma de reportagem encontrado no jornal demonstra o entusiasmo por parte do autor com a quantidade de elementos do Norte e Nordeste do país presentes nas feiras destas regiões que estariam sendo comercializados em Duque de Caxias em sua feira dominical. Em uma comparação com feiras espalhadas pelo Estado da Guanabara, a Feira de Caxias é traduzida como um verdadeiro exercício das relações entre os retirantes e entre esses e a população que habitava e frequentava o local. Este tipo de discurso propicia um crescimento do número de pessoas que buscam a Feira de Caxias como espaço de convivência, preços em conta e produtos variados.

Como forma de concluir a reportagem investigativa em cima de uma constatação, é afirmado que:

Inegavelmente as gentes que desceram de caminhão em São Cristóvão, ou de navio na Praça Mauá, procedentes do Pará, Pernambuco, Ceará, Bahia e demais Estados - o grande exército do Parás- fizeram um pedaço de sua terra na cidade de Caxias. Assim como os italianos fizeram o Brás, em São Paulo, Caxias é um pedaço do Norte a meia hora da Guanabara.<sup>105</sup>

O olhar de observador analítico é fundamental para a percepção diante do que se formava em Caxias aos domingos, era mais do que uma feira livre, era um espaço de convivência que possibilitava uma fuga da frustração de não ter “enricado” no Rio de Janeiro. Seguindo as características das quais as feiras tradicionalmente possuem, superando o espectro comercial, a Feira de Caxias assume um papel de resistência da população migrante no local. Sua grandeza é fortalecida pelas atividades ocorridas aos domingos e pelos discursos entusiasmados presentes nos jornais e entre os frequentadores.

Seguindo uma característica semelhante, o periódico “*O Jornal*” publicou uma reportagem em 23 de março de 1969 assinada por Batista de Paula que realiza uma investigação densa sobre a Feira. No interior do mesmo o título é apresentado de modo a delimitar uma relação direta entre a feira ocorrida em Duque de Caxias e a famosa Feira de Caruaru no Nordeste brasileiro: “CAXIAS, CUJA FEIRA FAZ INVEJA A CARUARU.” Ao longo do texto, produzido para distribuição do jornal, é salientado que o espaço possui o

<sup>104</sup> “Caruaru? Não, Caxias.” *O Comércio*, 10 de junho de 1962, página 5.

<sup>105</sup> Idem.

comércio de produtos encontrados por diversas feiras nos estados do Nordeste. Algumas figuras nordestinas históricas e atuantes no município são destacadas, como Barbosa Leite ao qual se evidencia uma foto de sua atividade no espaço. O folclórico deputado Tenório Cavalcante também é citado como uma personalidade que realiza uma ponte entre Nordeste e Sudeste, neste caso em uma construção de relação entre o crescimento do município e a ascensão do político. Outro personagem de destaque do município que é citado na reportagem é o babalorixá João da Goméia, que possui enorme prestígio e renome na questão religiosa e social. O líder religioso habitualmente era visto trabalhando ou frequentando a Feira.<sup>106</sup>

As imagens reproduzidas pela reportagem, embora não se encontrem em perfeito estado de conservação, denotam a percepção de uma forte troca cultural e atuação dos migrantes nordestinos. A participação desses sujeitos de destaque no município demonstra que o espaço era utilizado para angariar maior prestígio social e uma proximidade com a população do município. As imagens citadas, que seguem abaixo, foram publicadas no jornal como forma chamar a atenção do leitor, construindo uma narrativa de participação dinâmica entre as diversas classes sociais no município:

Figura 3 – Participação de migrantes na Feira de Caxias



Legenda: As imagens remontam a participação de migrantes na Feira de Caxias, atuando artisticamente e na venda de produtos. (a) Destaque de fotografia para o artista cearense Francisco Barbosa Leite; (b) Destaque para Dona Isabel, migrante de Macapá (Amapá) comercializando massas de puba na Feira de Caxias.

Fonte: “Caxias, cuja feira faz inveja a Caruaru” *O Jornal*, 23.03.1969.

A primeira imagem, à esquerda, possui foco na figura do artista Barbosa Leite em posição de observador da Feira de Caxias. Reconhecido no município como um retirante nordestino que contava a sua vida e a de outros migrante com base em sua arte, o artista cearense viveu e produziu suas obras como pinturas, cordéis, peças e poemas em Duque de Caxias. Era destacado por sua atuação como ativista das culturas nordestinas no município.

<sup>106</sup> “Caxias, cuja feira faz inveja a caruaru.” *O Jornal*. 23 de março de 1969.

Já na segunda fotografia, à direita, com pouca nitidez e legenda da própria reportagem, observa-se o comércio de massa de puba, tipo extraído da mandioca, por uma migrante de Macapá, no Amapá. Interessante perceber o comércio cercado de clientes em busca do produto produzido, a massa de puba. O encontro de um público que buscava os produtos de origem nortista e nordestina, denota a formação de um mercado de consumidores ativo que aos domingos se reunia. A possibilidade de encontrar em Duque de Caxias, produtos do Norte e do Nordeste e de seus estados de origem transformam a Feira de Caxias em um espaço que vai muito além das relações comerciais.

A forte presença de frequentadores de diversas origens em busca de produtos e elementos da cultura nordestina, além da procura pela consolidação das relações culturais e trocas híbridas entre elementos de diversas regiões, confirmam o ambiente de trocas culturais entre diversas populações. O próprio periódico ilustra a interação e a busca por produtos entre feirantes e frequentadores.

A fotografia abaixo apresenta-se em tonalidade escura, o que impede uma melhor avaliação das atividades realizadas, porém, é importante notar os produtos destacados:

Figura 4 – Comércio do coco da Bahia na Feira de Caxias



Legenda: Cocos da Bahia em primeiro plano, com frequentadores e fregueses ao lado e ao fundo.

Fonte: “Caxias, cuja feira faz inveja a Caruaru” *O Jornal*, 23.03.1969.

O comércio do coco da Bahia, como pode ser observado acima, demonstra a participação de migrantes desse estado (Bahia) no espaço da Feira, na tentativa de utilizar a área como local de sobrevivência ou complementação de renda. Muito além disso, denota a existência de um mercado de consumidores, sejam baianos, descendentes ou mesmo

simpáticos aos elementos culturais da Bahia. Em resumo, havia um mercado aberto para a participação e comercialização dos migrantes nordestinos em Duque de Caxias.

A fama recebida pela Feira de Caxias é oriunda inicialmente de seus frequentadores que partilhavam diversas experiências e trajetórias. Posteriormente, as publicações em jornais possuem a capacidade de dar maior publicidade ao espaço. A cada matéria é enfatizada a presença desses migrantes atuando na feira do município e o impacto que a mesma gera para a dinâmica municipal.

O jornal “*A Última Hora*” é outro período que se atentou a forte presença de migrantes nordestinos na Feira de Caxias. Em publicação de um artigo da famosa jornalista e escritora brasileira, Rachel de Queiroz<sup>107</sup>, é dada ênfase a localidade no estado de Rio de Janeiro que se notabilizam como ambientes de atuação desses retirantes. A escritora cearense, que assina a reportagem, teve destaque nacional em obras que possuíam em suas temáticas a luta contra a miséria e a seca no Nordeste brasileiro, como no romance “*O Quinze*” (1930) e na peça “*Lampião*”(1953). A publicação de artigo de Rachel no jornal é um importante elemento para o enriquecimento das fontes que possibilitam a análise acerca das relações e atividades relacionadas aos migrantes nordestinos no Rio de Janeiro. O alcance nacional da influente escritora e jornalista, que possuiu uma abrangência diversa, principalmente por seu pioneirismo como mulher na Academia Brasileira de Letras, permite perceber que as atenções em torno da presença e atuação de retirantes nordestinos no Rio de Janeiro e em Duque de Caxias era um fenômeno que superava os âmbitos regionais e municipais. Especificamente em relação ao conteúdo do artigo, Rachel de Queiroz disserta sobre as movimentações populacionais no Sudeste Brasileiro e de forma mais incisiva para o Rio de Janeiro, destacando a formação de nichos de concentração de migrantes nordestinos no estado. Datada de 26 de março de 1984 e publicada na página 4 do jornal, o ensaio apresenta um panorama acerca da construção de espaços de convivência de retirantes nordestinos em suas novas localidades, citando a Feira de Caxias como um local de concentração e ponto de encontro:

---

<sup>107</sup> 1910 – 2003. Escritora e jornalista cearense. Primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Autora de romances que abordavam a questão social e política do Nordeste, como em *Caminho de Pedras* (1937).

Figura 5 – Reportagem de Rachel de Queiroz em “A Última Hora”<sup>108</sup>

Legenda: Destaque para a importante matéria publicada por Rachel de Queiroz, em A Última Hora.  
Fonte: QUEIROZ, Rachel de. “Os migrantes”. A Última hora. 26.03.1984. p.4

Apesar de a reportagem possuir como cerne o movimento de deslocamento populacional de populações nordestinas pela Brasil, com destaque para as suas consequentes estratégias de movimentação e permanência, um dos quesitos enfatizados é a formação de nichos de concentração dessa população. No penúltimo paragrafo existe uma citação à feira que ocorre no município de Duque de Caxias, como um dos locais em que os retirantes utilizam como ponto de encontro:

Formam os nordestinos uma espécie de quisto de nação, cujos principais pontos de encontros são, no Grande Rio, a feira de Caxias, na Zona Sul, a Praça Serzedelo Corrêa, em Copacabana, também chamada dos paraibas, e têm sua grande concentração habitacional na Rocinha.”<sup>109</sup>

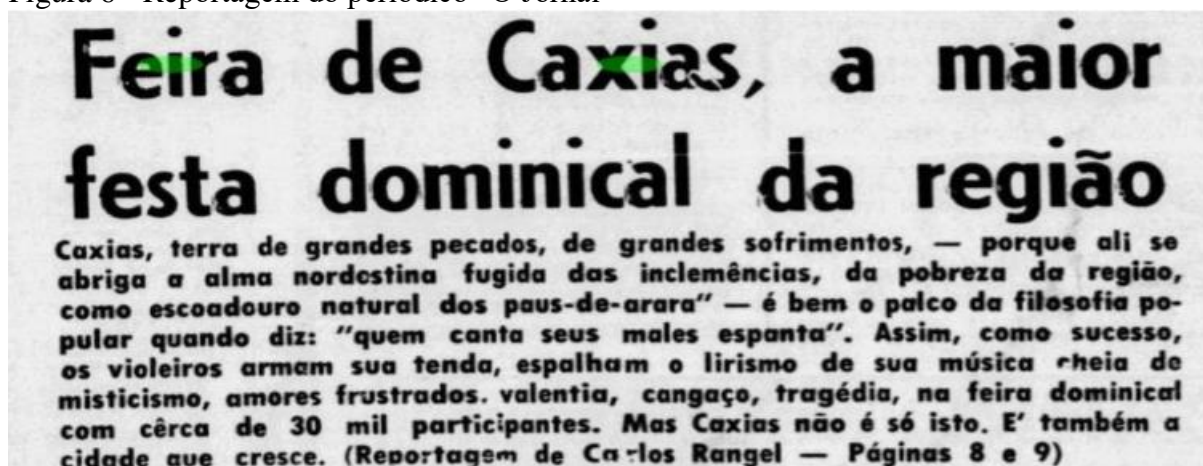
O destaque para a Feira de Caxias como espaço de concentração de nordestinos no Grande Rio, denota a atuação dos mesmos no local, não apenas aqueles que moram no município. O ambiente tornou-se ao longo da segunda metade do século XX, um local de aglutinação e troca entre os migrantes que residiam na Baixada Fluminense, nos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, ou mesmo aqueles que vinham para visitar familiares ou para turismo.

<sup>108</sup> “Os migrantes”. A Última hora. 26 de março de 1984, p 4.

<sup>109</sup> Idem.

As reportagens a respeito da Feira recebem destaque cinematográfico, através de títulos emblemáticos que denotam não apenas a representação do espaço como também o impacto que a visita causa aos repórteres. A mesma reportagem do “*O Jornal*” de 23 de março de 1969 (já relatada anteriormente, entre as páginas 158 e 160) trouxe em sua capa uma matéria que chamava a atenção para que os leitores dimensionem o impacto e o dinamismo que a atividade trazia para o município e para o próprio Rio de Janeiro. De forma destacada, é anunciada a matéria na capa da edição sobre o título: “FEIRA DE CAXIAS, A MAIOR FESTA DOMINICAL DA REGIÃO”:

Figura 6 - Reportagem do periódico “O Jornal”<sup>110</sup>



Fonte: “Feira de Caxias, a maior festa dominical da região. *O Jornal*, 23.03.1969.

O anúncio da reportagem realiza uma relação das tradições trazidas pelos retirantes nordestinos entonada por suas experiências de vida e pautando-se na ideia de heroísmo. Chegando no Rio de Janeiro, encontravam em Duque de Caxias não apenas a sua residência como também a oportunidade de estarem cercados por uma população que realizou caminho semelhante de “fuga” das condições de vida em seus locais de origem. Dentro deste contexto, os migrantes fazem o uso de suas experiências como forma de recomeçarem suas vidas na nova localidade, influenciando sobre a criação e readaptação de um espaço público no município.

No interior do jornal em reportagem, assinada por Carlos Rangel, na página 8, são enfatizados diversos elementos presentes na feira dominical de Duque de Caxias, destacando os elementos identificados como de origem dos nordestinos que residiam no Sudeste, tais como os violeiros cantando ao longo do espaço na expectativa de serem agraciados com

<sup>110</sup> “Feira de Caxias, a maior festa dominical da região”. *O Jornal*. 23 de março de 1969, capa.

moedas. Segundo o jornalista, os artistas cantam as histórias de Lampião e do Nordeste. O próprio uso de história vinculadas a um personagem mítico e cercado de mistérios como Lampião, compõe o universo de representações que os migrantes foram inseridos e se reorganizaram assumindo e resignificando suas identidades.

A reportagem em específico afirma que a presença dos migrantes é marcante no local, a começar pela entonação de que importantes capitais como Salvador e Recife estariam presentes na Feira. Chama atenção ainda a relação feita com a ideia de progresso do município representada pela refinaria de petróleo recém instalada, dando a sensação de relação direta entre a chegada dos migrantes e o crescimento econômico de Duque de Caxias. Por fim, vale ressaltar as informações de locomoção entre a Feira e o município do Rio de Janeiro, expressa nas linhas de ônibus disponíveis e constantes<sup>111</sup>:

Figura 7 – Reportagem: Caxias Capital do Nordeste



Legenda: Destaque para as duas imagens. A primeira destacando a Feira de Caxias à esquerda. A segunda destacando uma roda que aparenta estar havendo alguma atração artística.

Fonte: Caxias capital do Nordeste. O Jornal, 23.03.1969

As duas imagens em proeminência logo no início da reportagem denotam o caráter de atribuição de evidencia que o jornal busca dar a uma característica de grandeza e da relação com as trocas culturais e comerciais entre nordestinos e fluminenses. A primeira ilustração é uma visão panorâmica do evento aos domingos, no período da reportagem, demonstrando as barracas armadas na rua, com frequentadores e consumidores. Na segunda imagem, uma roda em volta de um contador nordestino no interior da Feira, atividade que denota não apenas a presença de nordestinos como também a miscigenação de manifestações antes realizadas no

<sup>111</sup> "Feira de Caxias, a maior festa dominical da região". *O Jornal*. 23 de março de 1969, p. 8.

<sup>112</sup> Idem.

Nordeste com o cotidiano duque caxiense. As rodas de narração de história, além de representarem uma atividade de lazer do retirante no Rio de Janeiro, possibilitavam o fortalecimento das relações de identidade, o exercício da memória por meio das experiências de vidas contatas, da saudade da terra que era diminuída com a presença de outros retirantes e ao ouvirem histórias de seus locais de origem. Não obstante, essa atividade manifesta a importância da tradição oral entre essas populações.

A reportagem supracitada vem ao encontro dos aspectos que estamos tratando aqui: O fortalecimento do espaço da Feira fundamentada nas experiências de migrantes nordestinos que vão se alocando no local como forma de lazer, resistência cultural e atividade de reforço da memória e da identidade apoiado no compartilhamento de experiências semelhantes e da proximidade com conterrâneos. Retratando a grandiosidade de uma atividade feirante que “vende de tudo”, a matéria destaca que existem várias feiras dentro da Feira de Caxias. No desenvolver, vai citando feirantes nordestinos na montagem de suas barracas, na venda de seus produtos e nas atividades artísticas no espaço. Violeiros, desenhistas, pintores, cordelistas, reunidos aos domingos em um espaço tradicional de comércio. Para além da venda das frutas e verduras, é destacado o comércio de diversas mercadorias como geladeira, roupas, produtos antigos e novos no mercado, artigos de moda e cosméticos, livros, camarão, bicicletas, entre outros. Por outro lado, diversos produtos relacionados aos locais de origem dos migrantes nordestinos em Duque de Caxias são comercializados como cocada, pé de moleque, amendoim, tapioca, carne de cabrito, acarajé, cuscuz, bolo de aipim e produtos da prática de curandeira. Para finalizar, é preciso citar a venda de animais como tartaruga, macacos, micos e codorna como uma peculiaridade vinculada a uma tradição das feiras nordestinas.

O hábito da venda de diversos produtos na Feira de Caxias parece surpreender as reportagens que se dedicam a analisar o espaço. A venda de animais, as atividades de curandeiros, a atuação de artistas violeiros, cordelistas, poetas, cantores, contadores que se organizam em volta de artistas famosos no Nordeste e no Brasil, como Luíz Gonzaga e João Martins de Ataíde, enfim, era um emaranhando que concebia as características de um complexo comercial da mais variada origem e necessidade. Reunidos em um mesmo local, esses migrantes transformam um evento clássico de comércio em um rico ambiente de trocas culturais e de associação entre Nordeste e Sudeste que se encontravam aos domingos na Feira: “O Nordeste ficou distante e um folclore novo surge na Baixada Fluminense!”<sup>113</sup>

---

<sup>113</sup> Idem.



Outro aspecto de destaque na reportagem, é a superação da imagem de Duque de Caxias como cidade violenta. Segundo a matéria, o desenvolvimento e o progresso estavam chegando ao município, oriundos da instalação da Refinaria de Duque de Caxias, a construção de um parque industrial e o forte comércio. A percepção desse crescimento ocorre junto ao interesse dos jornais cariocas e fluminenses pela Feira de Caxias. Ao mesmo tempo em que as atividades do espaço estão em franco crescimento, o município consegue aumentar a sua arrecadação, caminhando em direção à superação do estereótipo violento e do enquadramento como cidade dormitório. Em outras palavras, existe uma narrativa construída na ideia de que o “progresso” vai chegar em Duque de Caxias concomitantemente ao crescimento da fama da Feira, denotando uma participação ativa dos feirantes e dos migrantes nordestinos nas atividades municipais.

Retomando a análise da matéria do jornal (*“O Jornal”*), os responsáveis pela mesma realizaram um exercício de visita que tornou possível dissertarem de forma densa sobre o espaço. No findar da citada reportagem são expostas fotografias que ilustram as atividades dos nordestinos na Feira de Caxias e a grandiosidade do espaço, com o uso do termo “colorido” para se referirem ao grande fluxo de pessoas que circulam na região aos domingos, transformando-a em um ciclo de trocas culturais entre moradores, frequentadores, migrantes do Nordeste e de outras partes do Brasil. Embora se utiliza da ideia de que “tem de tudo” no local, desde os produtos tradicionais de feiras até os artesanais construídos por diversos migrantes que pleiteavam uma renda extra ou mesmo o sustento familiar, as atividades dos nordestinos são sempre destacadas. A evidencia deste realçamento esta exemplificado na terceira imagem, onde é notabilizado um contador centralizado em uma roda de pessoas, algumas com chapéus, ao todos os presentes atentos as histórias contadas. As imagens permitem ilustrar as recordações que fortalecem as relações de identidade e o exercício da memória que estavam presentes no local não apenas nos aspectos culinários e comerciais. As trocas culturais eram realizadas e incentivadas por artistas que conciliavam recreação, trabalho e representação:

Figura 8 – Três imagens lado a lado demonstrando as atrações artísticas e comerciais na Feira de Caxias<sup>114</sup>



Legenda: Primeira imagem com a comercialização de produtos, a circulação de pessoas. Segunda imagem com o comércio de redes nas ruas da feira. Terceira imagem em uma reunião artística de cordelistas e repentistas com o público formando uma roda em volta.

Fonte: Caxias capital do Nordeste. O Jornal, 23.03.1969.

A densidade demográfica presente na Feira de Caxias, como podemos observar nas imagens acima, agregava uma população extremamente diversificada. Paulistas, mineiros, fluminenses, cariocas, duque caxienses, nordestinos, reunidos na expectativa de participarem da diversidade cultural do espaço. A percepção sobre a forte atuação dos nordestinos, denota a utilização destes migrantes do espaço como o local escolhido para a resistência cultural e o lazer que faltava ao longo da semana, devido a necessidade de trabalhar para alcançar as expectativas de trabalho e melhores condições de vida criadas no momento da decisão de migrar.

No que se refere ao comércio de animais no interior do espaço da Feira, diversas reportagens destacam tal atividade como uma característica das feiras existentes nas cidades do Nordeste. Importante ressaltar que constantemente eram denunciadas as vendas de animais raros e silvestres, inclusive sendo proibida a atividade voltada para tal comércio (de animais) na Feira de Caxias. Os riscos aos quais os seres eram expostos, a forma de locomoção, a exposição para venda, o mal cheiro, eram muitas as críticas e as denúncias destinadas ao espaço da venda de animais. Vale ressaltar que o destaque maior é dado ao comércio de pássaros e aves, visto como maléfico ao equilíbrio do meio ambiente devido a grande quantidade de animais que eram retirados da natureza para serem vendidos em Duque de Caxias. A revista “*O Cruzeiro*” de 30 de abril de 1975 realiza uma denúncia a respeito desta atividade: “UMA CAMPANHA REPRESSIVA PODERÁ ACABAR COM A FEIRA, UM CRIME CONTRA A AVIFAUNA.”:

<sup>114</sup> Idem.

Considerada como um permanente desafio para a destruição da avifauna brasileira, a feira de aves de Caxias continua em atividade. Aos domingos, quando funciona, são comercializadas as pequeninas aves de todos os tipos e de várias regiões, principalmente do Norte e Nordeste. Em geral, são fracas e debilitadas em consequência de longas e penosas viagens, sem comida e água no interior de caminhões de carga, camionetes ou kombis. Fechada, oficialmente, desde janeiro de 1969, pelo IBDF, vive na clandestinidade...<sup>115</sup>

Muito além da denúncia sobre a venda de aves na Feira de Caxias, que ocorre mesmo após a proibição feita em 1969, são realizadas considerações a respeito do transporte desconfortável e prejudicial aos animais. A reportagem nos permite realizar diversas observações, como a afirmação de que os principais polos de fornecimento das aves que são comercializadas na feira em Duque de Caxias são as regiões Norte e Nordeste do país. A atratividade comercial exercida pela demanda no comércio desse tipo de ser vivo denota uma cultura de compra e venda construída no espaço, que mesmo após a proibição da comercialização permanecia viva de forma clandestina.

As reportagens de destaque para a Feira de Caxias chamam a atenção principalmente, por estarem dentro de uma categoria em que quebram o paradigma que foi condicionado não só ao município como a toda a Baixada Fluminense. Os jornais fluminenses e cariocas costumavam destacar somente o caráter da violência e do mandonismo que pareciam estarem restritos às “fronteiras da Baixada”. Com as reportagens sobre a Feira são destacados os movimentos sociais e culturais que demonstravam que Caxias e a Baixada iam muito mais além da caracterização pela violência, sendo um local de moradia, convivência, e principalmente de construções de diversas relações.

A atividade voltada para a venda de aves na Feira de Caxias, além de representar uma prática realizada em tais espaços no Nordeste, era uma maneira do retirante se sustentar na sua nova localidade. A reportagem da revista destaca que grande parte dos que realizam o trabalho direto com o comércio dos animais possuem origens nos estados do Nordeste:

Considerado crime contra a avifauna brasileira, a Feira de Caxias representa meio de vida para muitos. Os vendedores são quase sempre nordestinos que vieram para o Rio tentar a vida e servem de intermediários para os testas de ferro que compram os passarinhos em vários Estados, muitas espécies já ameaçadas de extinção. Poucos são os que vendem canários, belgas e periquitos, aves criadas em cativeiro, e cuja comercialização é permitida.<sup>116</sup>

---

<sup>115</sup> “Uma campanha repressiva poderá acabar com a feira, um crime contra a avifauna.” *Revista O Cruzeiro*. 30 de abril de 1975.

<sup>116</sup> Idem.

Apesar da preocupação central que se percebe na investigação da reportagem seja a clandestinidade da atividade, há ainda o modo como os animais eram transportados, causando mortes e transtornos para as aves. Diversos aspectos a respeito da Feira são destacados, como a própria venda desses animais no local, a forte presença de nordestinos trabalhando na atividade, a proibição deste comércio em específico e a continuidade da atividade. Além dos fatores citados, atenta-se para a grande demanda e concorrência no espaço:

A concorrência é grande na Feira de Caxias. O vendedor garante que o interessado pode levar o passarinho para casa e que ele estará cantando dentro de uma semana. Contudo, morre em 24 horas, ou no máximo, sete dias. Além do doping, há o fato de que, quando é retirado da gaiola, o passarinho é apertado nas mãos do comerciante, que evita assim sua fuga. Ocorrem lesões internas que o levam a morte.<sup>117</sup>

Mesmo proibida, a atividade da avifauna em Caxias parecia ser consagrada no interior da Feira. A forte concorrência é originária da grande procura e da fama que se criou no espaço pelo comércio de diversos produtos, principalmente pela atividade específica da venda destes animais. Desse modo, o frequentador enxergava no espaço um atrativo para observar aves raras e quiçá adquirir uma. Embora estivesse proibida, a procura continuava, devido as notícias que os próprios feirantes e frequentadores faziam circular.

Além dos feirantes que em sua maioria eram migrantes nordestinos que viviam em Duque de Caxias, haviam os migrantes de municípios próximos que utilizavam o grande mercado de consumidores que representavam a Feira para comercializar os seus produtos rurais e os artigos que eram conhecidos no Rio de Janeiro como de origem nordestina. Exemplo destes sujeitos está presente na reportagem do *Correio da Manhã* de 29 de outubro de 1969, intitulada “FARINHA DE SURUÍ É PRODUZIDA A 144 ANOS DA MESMO FORMA.” Presente na página 6 do periódico, conta-se a história de uma família residente de Suruí (distrito de Magé, município limítrofe com Duque de Caxias na Baixada Fluminense). Fabricando a farinha de mandioca de forma artesanal, a família prepara o produto durante toda a semana e tem como mercado principal justamente a Feira de Caxias aos domingos.<sup>118</sup>

Entre os frequentadores da Feira havia muitos nordestinos que viviam em Duque de Caxias e em outras regiões do Rio de Janeiro. Entre os principais objetivos para participar da atividade estava o próprio costume advindo da região de origem, o momento de lazer perante a uma realidade de trabalho no Sudeste brasileiro, a busca por produtos típicos e a socialização com conterrâneos, buscando notícias das cidades do Nordeste ou para

---

<sup>117</sup> Idem.

<sup>118</sup> Farinha de Suruí é produzida a 144 anos da mesma forma. *Correio da Manhã*. 29 de outubro de 1969, p. 6.

reencontrar antigos amigos. Os nordestinos passam a ter um espaço de encontro cotidiano e a Feira progride em seu papel, não se restringindo ao ciclo comercial das vendas, mas estendendo o seu funcionamento e sua dinâmica como espaço de sociabilidade, convivência e memória.

Mesmo entre os mais jovens e os que não participavam diretamente das atividades, existia o partilhamento de história que propiciou o conhecimento da existência e da natureza do espaço a partir da vivência de seus pais, parentes ou outros conhecidos que costumeiramente estavam presentes na Feira. O espaço ficou caracterizado como um ambiente frequentado não apenas por nordestinos, mas também por outros migrantes, fluminenses e cariocas, que tinham em comum a busca pela convivência, pelos produtos e pelas histórias e transcendiam na localidade. Como no relato abaixo realizado pela pernambucana Maria José a respeito da frequência de seu marido, migrante oriundo de Minas Gerais, na Feira de Caxias:

Vem gente de tudo quanto é lado pra comprar ali né, comprar carne de sol, comprar tapioca, eu acho ótimo.. eu quase não vou a Feira, o meu marido era mineiro, mas ele não ficava sem ir nessa Feira por nada nesse mundo. Ele tinha que ir nem que fosse pra comprar passarinho, nem que fosse pra comprar um troço qualquer ele vinha... E eu que sou nordestina vinha muito pouco... a feira é pela manhã, domingo pela manhã eu estou na igreja.... quando eu chegava da igreja, ele já tinha feito a feira..(Entrevista com Maria José)

A depoente destaca que havia o contato entre diversas culturas migrantes do Brasil, com ênfase maior justamente aos próprios retirantes nordestinos que buscavam um local de memória, de recordação e de construção das relações híbridas entre o local de origem e o local de destino baseada na representação de um espaço público e original. Conscientemente, ou não, construiu-se em Duque de Caxias, uma feira que cumpria não apenas seu papel comercial. O local evidenciava as relações sociais e culturais de uma massa de migrantes que tomavam a decisão de realizar o caminho entre as regiões Nordeste e Sudeste do Brasil e encontravam em Duque de Caxias a possibilidade de reconstruir suas vidas. Como exemplo, citamos o também pernambucano Henrique, que atualmente sustenta a casa e a família nas diversas feiras pelo município:

[...] embora durante a semana eu estava trabalhando no Rio de Janeiro. Mas eu, aos domingos, a gente sempre se deslocava pra comprar alguma coisa nas feiras. Sempre foi frequentada por mim. Não todos os domingos... Mas eu sempre vinha na feira, minha família sempre foi na Feira. Pra comprar mantimentos, ou a comida assim. Os pratos nordestinos, enfim, essas coisas de nordestinos mesmo....utensílios do nordestino, carne seca, essa manteiga de garrafa, coisas de nordestino, que exatamente o nordestino adora. (Entrevista com Henrique Mendonça).

A frequência de Henrique e sua família na Feira de Caxias era motivada pelo consumo de alimentos que o próprio chama de “utensílios do nordestino”, ou seja, produtos que eram acostumados a consumir. A Feira era um terreno fértil para encontrarem os “produtos típicos” e permanecerem com as práticas gastronômicas que possuíam em seu local de origem.

Entre os relatos de migrantes, moradores e feirantes, são comuns as relações entre o espaço e a presença de retirantes nordestinos em busca de produtos chamados de tradicionais. A pernambucana Amazonete, moradora de Duque de Caxias desde a década de 1960, enumera os produtos que busca atualmente no espaço: “Eu vou na feira para comprar três coisas... goma (que eu já tinha a moça que eu compro), farinha que é igual e do norte, e aqueles bolos de cuba...” (Entrevista com Amazonete Ferreira).

O hábito de frequentar a Feira de Caxias para esses migrantes se transformou em uma constante busca por produtos específicos. O marido de Amazonete, José Gilvan, realiza um relato semelhante quanto a sua assiduidade no espaço e o que busca encontrar a cada domingo. Em suma, habitualmente o retirante frequenta o espaço com objetivo restrito de consumo a frutas que dificilmente são encontradas no Rio de Janeiro e que eram consumidas em Pernambuco: “Na feira eu só vou procurar o que tem lá no nordeste, eu quero umbu, graviola... aqui é difícil...” (Entrevista com José Gilvan).

O depoimento de Gilvan é fundamental para a compreensão da imagem que uma parcela da população possui da Feira de Caxias. A expectativa de encontrar nos dias atuais frutas comuns em estados do Nordeste, mas que segundo o mesmo não são comercializados no Rio de Janeiro advém justamente da fama que o espaço adquiriu ao longo de sua existência. O imaginário social constitui uma imagem de um local onde se encontrava de tudo, onde os migrantes poderiam ter acesso a produtos que encontravam em suas regiões de origem.

A presença de nordestinos era perceptível entre os feirantes, não somente entre aqueles que trabalhavam, mas também entre os frequentadores. Filho de baianos que migraram para Duque de Caxias e feirante na atividade, Carlos é membro de uma família de feirantes e desde a década de 1960 utiliza o local como forma de sustento. Seu depoimento sobre o cotidiano da Feira de Caxias ao longo do século XX é fundamental para se ter a compreensão do funcionamento e da dinâmica que a atividade possuía a cada domingo. Quando interrogado sobre a presença de nordestinos como feirantes e frequentadores do espaço ao longo do século passado, o feirante responde que:

Ah existia! As baianas lá que vendiam acarajé, igual tem no centro da cidade, aquelas baianas lá que vendem acarajé na hora. Aqui tinham muitas, tinham várias. Eu conheci várias, tem uma que ainda está viva, a Dona Helena... A dona Conceição, que era amiga da minha mãe, já faleceu, vendia isso também. Eu tive o prazer de conhecer. Vendeu muito acarajé em Caxias. Hoje diz que quem domina é a Jô, que domina aí com o acarajé, que eu nem conheço a pessoa, nem nunca comi o acarajé. E o pessoal da tapioca não são baiano não. A maioria desse pessoal da tapioca são daqui de cima de.... Sarapuí, que eles vem vender a farinha, aquele bolo de aipim, bolo de massa puba. Aí faz na tapioca.... Suruí, Sarapuí...eles fazem a farinha torrada da mandioca, fazem o polvilho, aí eles vem (sic). (Entrevista com Carlos Alberto).

Naturalmente, Carlos concilia a ideia de nordestinos na Feira aos baianos, devido ao laço familiar e histórico que possui com o estado do Bahia. Seu depoimento é rico em detalhes, o que permite nomear alguns dos participantes do comércio de produtos típicos da Bahia. Exemplo mais notório desses produtos é o acarajé, que faz sucesso no Rio de Janeiro e naturalmente na Feira de Caxias. O depoente realiza uma narrativa de forte presença desses migrantes no local utilizando de alguns termos como “Aqui tinham muitas, tinham várias”. Por outro lado, enfatiza que atualmente existe a presença de uma barraca em específico que domina o comércio de acarajé no local, o que denota que ao longo dos anos foram diminuindo as barracas que trabalhavam com o produto.

Quando se remete ao “pessoal da tapioca”, o depoente está se referindo aos feirantes que se dedicam ao comércio do citado produto e dos derivados da farinha da mandioca, como bolo de tapioca, a própria farinha, bolo de puba, polvilho. Naturalmente nos remetemos a reportagem que relatava a família de farinheiros de Suruí trabalhando na Feira de Caxias. Para compreensão do início de tal atividade no local é fundamental se atentar ao depoimento de Maria Angélica. Filha de nordestino e feirante desde a sua infância, possui uma vida dedicada a atividade feirante, assim como Carlos Alberto. Quando interrogada sobre o início do trabalho da família na atividade dominical em Caxias, conta aquilo que aprendeu na tradição oral consagrada no interior do seio familiar. Segundo a entrevistada, a família teria sido a primeira farinheira de Suruí, donos do Engenho de Suruí. A Feira de Caxias teria sido o local escolhido para comercializar o produto devido à grande circulação de pessoas e a presença de muitos nordestinos que consumiam os seus produtos<sup>119</sup>. A presença e a convivência da depoente com feirantes e migrante, além da tradição familiar, permite a ela ingressar em um ciclo de memória que agrega diversas experiências relacionadas as novas identidades retirantes. A vivência social da entrevistada e de sua família na Feira permitiu que ela pudesse concluir que:

---

<sup>119</sup> Entrevista com Maria Angélica Ribeiro.

Ah eu acho que a maioria ali... quando não é nordestino é como a gente fala papa goiaba, que é mageense e né, que veio do nordestino e do índio né...Olha, atualmente eu acredito que tenha assim, tipo eu né, filhos. Mas ali tinha a Dona Maria que é falecida né. Tinha a minha mãe e meu pai. Tinha também a outra Dona Maria né, que chamavam de Dona Maria Aguiar e a outra de Dona Maria... elas duas que junta com minha mãe foram, assim, os primeiros daquela feira né... (Entrevista com Maria Angélica ).

Em uma relação entre o passado e o presente dos feirantes, Maria Angélica realiza uma análise muito próxima à de Carlos Alberto. Ou seja, a percepção de que havia mais nordestinos nas décadas anteriores. Atualmente compreende que os barraqueiros e feirantes são descendentes daquela população que tinha dado início ao processo de montagem e desenvolvimento da Feira, tal como sua própria experiência e da família. Ao ser questionada sobre os motivos para o crescimento da Feira de Caxias ao longo do século XX, novamente relaciona a presença de nordestinos no local:

[...] No passado eu acredito que se tornou muito grande primeiro por causa da vinda dos nordestinos pra cá. Ou eles vinham pra cá ou pra São Paulo. Aqui o serviço mais fácil era esse né, a Feira de Caxias... que se tornou muito conhecida. (Entrevista com Maria Angélica).

A busca por produtos relacionados as cidades do Nordeste eram constantes ao longo do século XX na Feira de Caxias. A paraibana Marlene, que chegou a Duque de Caxias com nove anos de idade, conta que suas idas a feira no domingo junto a mãe eram constantes, motivadas pela busca de: “... a feira era grande, não imensa como é hoje... eu ia com minha mãe, a gente comprava muito. Nordeste ia comprar o que? Tapioca... tapioca, goma, farinha, fava...” (Entrevista com Marlene Costa)

A compreensão dos aspectos culturais e gastronômicos que marcaram a Feira de Caxias no período do século XX precisa ser compreendida também pelos aspectos culturais que circulavam na cidade. Ao que parece, os artistas escolhiam a atividade como espaço para manifestarem suas artes. Era o local de encontro entre os artistas e o público de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense. Como forma de compreender esta relação torna-se necessário expor o depoimento de Vicente Portella. Vicente era um jovem artista independente quando entrou em contato com outros artistas que desenvolviam atividades artísticas por Duque de Caxias, utilizando as ruas como local para a manifestação das artes. Seu contato com outros artistas permitiu um enriquecimento como experiência de vida que se relaciona ao hibridismo cultural presente em Duque de Caxias. Segundo ele, no período havia uma grande efervescência cultural no município, devido entre outros fatores a:



[...] porque a feira é tradicionalíssima... era extremamente popular, era o local onde as pessoas se encontravam no domingo. E estes artistas exploravam, faziam teatro na feira, faziam venda de cordel na feira...eles criaram essa concepção de que o público está na feira então vamos até a feira.

A feira lá nesses anos passados era um evento social fantástico... não tinha teatro na região, não tinha cinema na região... e ali era onde as pessoas se encontravam para fazer de tudo. Inclusive tocar viola, inclusive recitar poesia de cordel, encontro de repentistas... (Entrevista com Vicente Portella).

A falta de grande atratividade artística institucional no município de Duque de Caxias fez emergir a arte da rua. É nesse contexto que a Feira passa a ser utilizada. Em síntese, tanto os artistas se utilizaram do espaço popular constituído na Feira de Caxias para levarem sua arte ao grande público, quanto atuaram como construtores das relações culturais existentes no local. No que se refere a uma análise acerca do espaço, este ganhou enriquecimento e efervescência social a partir das atividades desenvolvidas por esses artistas, transformando o ambiente em um teatro, uma casa de festas ou um cinema à céu aberto pelos ruas de Caxias aos domingos. Enfim, era a construção de uma tradição popular de criação e desenvolvimento de arte da rua, com dia e local marcado, que tradicionalmente foi refletida na Feira de Caxias aos domingos. Entre as manifestações são citados os cordéis e os repentistas. Vale recordar aqui que esses encontros também eram realizados em festas no “sítio dos Gonzagas”, ou seja, havia espaços em Duque de Caxias de fortalecimento da arte e da cultura e é nesse sentido que os migrantes nordestinos fortalecem as suas relações.

### 3.4 A “decadência” da Feira

Surgida de forma autônoma e espontânea como uma feira livre que se transforma ao longo do século XX, com a chegada de diversos migrantes nordestinos, a Feira de Caxias atinge características de um espaço com reconhecida mistura entre os “paraíbas” retirantes (como eram chamados no Sudeste) que ocupavam o município, a população residente originária do municípios da Baixada Fluminense, visitantes de outros municípios do Rio de Janeiro e uma série de populações que se encontraram em Duque de Caxias. Em meados da década de 1950, o espaço agrega ao ambiente de suas atividades a fama de possuir elementos da cultura nordestina, influenciada pela forte presença de retirantes desta região no Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense e principalmente em Duque de Caxias. Em suma, transformase em um ambiente de socialização entre migrantes, de recordação, solidariedade e mistura

cultural entre a vida no local de origem e a vida no local de destino. Jornais, revistas, cineastas e artistas em geral passam a atentar para o funcionamento comercial e cultural efetivo da Feira em Caxias, que chega ao seu ápice de publicidade popular.

Após uma série de reportagens e depoimentos que nutrem admiração pelas atividades na feira dominical de Caxias, na virada da década de 1970 para a década de 1980, a narrativa sobre o espaço passa a ser modificada. Os entrevistados a alguns jornais do período seguem uma periodização de decadência da Feira de Caxias. O suposto declínio de vendas e trocas culturais passa a ser retratado por seus frequentadores e pelos periódicos cariocas e fluminenses. Entre os diversos motivos era destacado a concorrência com a feira de igual característica localizada no bairro de São Cristóvão (Rio de Janeiro).

As décadas de 1970 e 1980 correspondem a esse período em que as notícias sobre uma suposta decadência no espaço é publicitada. É justamente o recorte de tempo em que ocorre o crescimento da Feira de São Cristóvão como local de aglomeração das tradições dos migrantes nordestinos. Com fama por todo o estado e fora dele, a feira carioca passa a ser um destino obrigatório de nordestinos que desembarcam na capital do estado. Com um maior número fregueses, uma circulação de pessoas mais constante, mercadorias abundantes e mais atividades culturais, o local torna-se um destino turístico.<sup>120</sup>Diversos frequentadores, feirantes e artistas que procuravam a Feira de Caxias, encontraram maior atratividade em São Cristóvão. Dos nossos entrevistados, Gilma Medeiros e Henrique Teixeira frequentavam o espaço e Maria Gorete trabalhava com “comidas típicas” em São Cristóvão.

Os frequentadores, feirantes e habitantes de Duque de Caxias costumam relacionar a decadência da Feira de Caxias nas décadas finais do século XX justamente ao crescimento da Feira de São Cristóvão. Alguns migrantes e feirantes realizam a mesma perspectiva ao serem interrogados sobre esse período de queda das relações de trocas culturais e de forte presença de migrantes circulando pela atividade municipal. Quando relatava sobre a presença de cordelista e artista nordestinos em Caxias, Maria Angélica complementa que:

Tinham muitos, ficavam sempre ali na praça, acabou com tudo também. E acredito eu que também tenho sido assim com a abertura da feira de São Cristóvão. Que agora o foco ficou lá né, Feira dos Paraibas de São Cristóvão. Muitas pessoas foram pra lá... (Entrevista com Maria Angélica).

A relação realizada por Maria Angélica pode estar relacionada a visão popularizada entre os feirantes sobre a queda do mercado de consumidores e circulação de pessoas pela

---

<sup>120</sup> A respeito do processo de fortalecimento da Feira de São Cristóvão ver Nemer (2012).

Feira de Caxias no final do século XX. Dessa maneira, seria a versão mais disseminada entre os feirantes, os frequentadores e os residentes do município.

Para além da concorrência com a Feira de São Cristóvão haviam os atributos do bairro em que o espaço estava localizado. Rodeando a região central do Rio de Janeiro, onde desembocavam diversas linhas de ônibus, com uma estação de linha férrea que compartilha diversos ramais (possibilitando a troca entre os mesmos), proximidade do centro econômico e financeiro do antigo Estado da Guanabara e atual Estado do Rio de Janeiro, centro industrial carioca e região de desembarque dos antigos ônibus e caminhões paus de arara no Rio de Janeiro. Essa série de fatores transformava São Cristóvão em um local de natural circulação de pessoas e encontro entre diversas populações. A presença da Feira de São Cristóvão em local de fácil acesso e circulação de pessoas permite um público diária e constante que passa a notabilizar a localidade como um centro de manifestações culturais no Rio de Janeiro.

Havia questionamentos quanto a lucratividade advinda da Feira de Caxias no final da década de 1970 e na década de 1980. A mesma explosão comercial, a forte presença de consumidores, com efervescência das trocas culturais e elementos de tradições ditas nordestinas que eram exaltadas pelos jornais são rediscutidas. Jornais e revistas passam a interrogar inclusive sobre o fim da Feira de Caxias. O *Correio da Manhã* de 13 de dezembro de 1969 traz em sua reportagem âncora, o alerta sobre a decadência e o “fim” da feira, intitulada “A MORTE DA GRANDE FEIRA”.

Figura 9 – Reportagem do Correio da Manhã destacando a decadência da feira



Legenda: Destaque para a reportagem que analise a queda de frequência na Feira de Caxias como reportagem de capa.

Fonte: A morte da grande feira. *Correio da Manhã*. 13.12.1969.

Em um primeiro momento, chama a atenção o fato de a reportagem acima ter sido publicada em 1969. No mesmo ano outros periódicos como “*O Jornal*” realizaram investigações que destacavam a grandeza da Feira mediante o seu comércio, da grande procura e das trocas culturais. Comparava-se a Feira de Caxias a outras existentes no Norte e no Nordeste, como a de Caruaru. De modo diferente, o *Correio da Manhã* avalia que o espaço estava entrando em forte decadência, perdendo a sua peculiaridade representada pela presença de nordestinos e elementos culturais dos migrantes oriundos do Nordeste. O sentido de anúncio de morte não diz respeito ao fim das atividades, mas sim a diminuição do comércio, a menor quantidade de produtos diversos e pela menor circulação de pessoas. Motivos estes que tornaram a feira dominical de Duque de Caxias conhecida pelos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara.

Assinada por Manoel Sardinha (do *Correio da Manhã*), a reportagem possui em seu conteúdo relatos de diversos feirantes que reclamam das seguidas proibições de comercialização a produtos que tornavam a atividade diferente das outras existentes na região. Entre as reclamações, vale cita a proibição da venda de aves, como já tratada acima, o veto a venda de carnes cortadas à luz do dia (como porco, boi, carneiro). No que diz respeito aos artigos nordestinos, a matéria parece dar atenção especial a diminuição desses produtos.

- Nossa feira criou fama e deitou-se na cama. - Esta expressão, dita por um feirante com certo ar de amargura e bem carregada de saudosismo, dá a medida exata do que é hoje em dia a tradicional feira-livre que se espalha por um pequeno espaço no centro da cidade de Caxias. Ela perdeu aquele tom pitoresco de antes. Lá se vai um pouco do folclore nordestino que lhe dava originalidade em relação às demais feiras das cidades satélites da Guanabara.<sup>121</sup>

Comparando às outras reportagens do mesmo ano, que exaltavam a grandeza, as trocas comerciais, os elementos nordestinos e a grande quantidade de frequentadores, a reportagem do *Correio da Manhã* demonstra um ambiente em decadência já em 1969, contrariando o senso de que o espaço teria entrado em recessão só decorrer da década de 1970. De fato o antagonismo na análise de um mesmo espaço em um mesmo recorte temporal surpreende. Compreende-se aqui que o motivo das diferenças citadas acima se relaciona com um conhecimento anterior do próprio espaço a ser analisado, gerando um misto na avaliação entre aquilo que havia visto (ou ouvido falar) e aquilo que está vendo. Outro fator importante se refere ao período do mês no qual realizou a visita. Mesmo possuindo as suas peculiaridades comerciais e trocas culturais, o funcionamento da Feira de Caxias espelhava características de

---

<sup>121</sup> “A morte da Grande Feira.” *Correio da Manhã*. 13 de dezembro de 1969.

outras feiras na relação de demanda. A funcionalidade no início do mês é diferente do domingo no final do mês. Por fim, as diferenças entre as narrativas permite compreender uma disputa de memórias na constituição da caracteriza do espaço. Não obstante, mesmo nas reportagens que denotam uma queda e um anúncio de fim, é enfatizado que a Feira de Caxias possui períodos de efervescência e trocas culturais constantes.

Voltando ao conteúdo da reportagem, o saudosismo relatado no depoimento de um feirante parece remeter a fama que a Feira possuía até meados da década de 1960. De modo igual ao surgimento da atividade, não existe um consenso, datas, ou um ano exato quanto ao início do processo de decadência da Feira de Caxias.

A preocupação com o fim da Feira em Duque de Caxias remete ao findar de suas atividades culturais, uma vez que a sua permanência como feira livre não era questionada podendo tornar-se um espaço de menor magnitude. Mas a grande questão sobre a qual os feirantes, os frequentadores e a imprensa investiam era a perda justamente dos elementos tradicionais de hibridez e sincretismo cultural entre Nordeste e Sudeste. O espaço elogiável por representar uma resistência dos “paraíba” na Baixada Fluminense parecia estar se perdendo. De forma mais clara, essa mudança, segundo a reportagem está representada na perda do “tom pitoresco de antes” e na falta da supracitada originalidade a decorrida da fuga do “folclore nordestino”.

Para o *Correio da Manhã*, a “tradicional feira” estava decaindo, levando antigos feirantes a tornarem-se clientes e frequentadores de uma feira que já não possuía tantos elementos da cultura nordestina e que havia simplesmente visto desaparecer metade das barracas que antes ali funcionavam:

A decadência que se constata no ex-empório do Nordeste está bem configurada no número de barracas. Hoje apenas 1.500, quando nos bons tempos, 3.000 barraqueiros faziam ecoar os seus pregões num espetáculo à parte cheio de espontaneidade e bom humor que cativava os fregueses.<sup>122</sup>

O contraste representado pela queda de frequentadores, a diminuição drástica das barracas e a não observação da constância com a qual se encontravam os produtos oriundos do Nordeste tal como as atividades de artistas dessa região na Feira, contrasta com imagens da própria reportagem e com entrevistas de feirantes nordestinos ainda presentes no espaço. Existia sim, naquele momento uma sensação de esvaziamento e de um princípio de declínio, mas ainda havia migrantes que resistiam no espaço tentando manter suas vidas e suas relações

---

<sup>122</sup> Idem.

de identidade e memória. De fato, a Feira começava a entrar em um processo de esvaziamento que seria assistido nas décadas de 1970 e 1980, quando comparada a grande atividade e movimentação da qual dispunha nas décadas anteriores.

Frequentadores e feirantes presentes no local reclamam à reportagem o fato de a “Feira não ser mais como antes”. Muitos, no objetivo de compreenderem as motivações para a decadência tentam realizar seus diagnósticos, como um feirante identificado no jornal por Moisés Valença, que não relaciona a queda ao surgimento dos chamados supermercados no município, tese essa, segundo a matéria, defendida por alguns entrevistados. Para Moisés: “Que nada, moço. Nos bons tempos os cariocas e gente de todas as paragens da Baixada enchiam isto aqui à procura de produtos de lá do Norte. Não me consta que os supermercados vendam isto.”<sup>123</sup>

Embora o entrevistado não acredite que exista uma relação direta entre os grandes mercados e a diminuição da procura no evento dominical do município, o fenômeno de crescimento da função dos mercados na prática é um dos fatores de maior interferência na questão investigada. Uma vez que a população tem a possibilidade de obter diversos produtos em um mesmo espaço durante todos os dias da semana, a expectativa pela feira dominical diminui, incidindo sobre a circulação de pessoas. Ou seja, como consequência imediata, a concorrência de redes de varejo interferem na atratividade oferecida pela Feira de Caxias como espaço que concentra ofertas de produtos alimentícios, frutas e verduras, ocasionando a queda de densidade de frequentadores da feira aos domingos. Por outro lado, a inserção dos supermercados no comércio desses produtos não explica totalmente a mudança no espaço e a diminuição do fluxo de pessoas e produtos na Feira.

O público que frequenta uma feira livre, muitas das vezes está à procura de preços mais acessíveis em comparação aos mercados durante a semana. Para além desse dado, existe a expectativa de ter acesso aos chamados “produtos frescos”, trazidos por produtores de suas roças e hortaliças. O comércio entre próprio produtores e os clientes, em uma relação direta, por si só pode movimentar as atividades, gerando um público diferente daquele que frequenta os mercados ao longo da semana. Mais do que isso, a mesma clientela que utiliza o que o jornal chama de “supermercados gigantesco”, também participa da Feira com objetivo de estar inserida em um mercado a céu aberto que possibilite produtos com melhores condições e que não passem por intermediários industrializantes.

---

<sup>123</sup> Idem.

Evidentemente, o surgimento de grandes mercados não só por Duque de Caxias, como pelas regiões da Baixada e da Guanabara (uma vez que o público que procurava o espaço não era apenas residente do município sede do evento) gera uma diminuição da atração, embora a dimensão pareça muito baixa para que outorgue a narrativa de decadência do espaço.

Defende-se aqui que a Feira de Caxias não se restringia ao comércio de produtos alimentícios que são tradicionalmente relacionados a estes espaços. O evento dominical do município ganhou a fama dentro da concentração de uma população diversificada, principalmente de migrantes nordestinos que utilizavam o local como recreação aos domingos, oportunidade de comercialização de produtos típicos de suas cidades e estados de origem, fortalecimento de suas relações de memória e identidade a partir dos contadores de história, dos cordelistas, repentistas, sanfoneiros, da culinária e do encontro com pessoas que tenham realizado uma experiência de migração semelhante. A Feira tornou-se um espaço de recreação, encontro, resistência cultural e social, levando populações de diversos locais dos Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara a procurarem o local com o objetivo de confirmarem esta fama e obter os diversos produtos relacionados ao Norte e Nordeste. A atratividade constituída por meio do senso popular foi pautada na ideia de que: “Lá se vende de tudo.” Com surgimento dos mercados, embora admita-se aqui que exista um considerável impacto sobre o espaço, a parcela não é capaz de ser aplicada dentro de uma relação de causa e consequência no que se refere ao processo a um processo de declínio. Como o próprio entrevistado do *Correio da Manhã*, Moisés, salientou: “Não me consta que os supermercados vendam isto.”

Os “bons tempos” da Feira ao qual a reportagem e o entrevistado se remetem, parecem fazer sentido na comparação entre o antes e o depois. O primeiro impacto da existência de um local tão peculiar no Rio de Janeiro entra em antagonismo com a um posterior diagnóstico de que o aspecto de novidade, que se ancorava nos fatores diferenciadores presentes no espaço, deixou de representar uma peculiaridade ou uma novidade.

Os entrevistados do *Correio da Manhã* conferem diversos motivos para o suposto declínio da atividade. Desde as proibições, passando pela crescente fiscalização e pela diminuição de produtos nordestinos. Segundo os frequentadores e feirantes entrevistados na matéria, esses motivos fizeram a procura pela Feira diminuir ocasionando a menor circulação de pessoas e a consequente situação de decadência, na avaliação dos jornalistas. Deve-se considerar ainda que a própria inserção dos retirantes na vida social de Duque de Caxias e do Rio de Janeiro e sua absorção no mercado de trabalho naturalmente podem significar uma diminuição no fluxo da Feira. Na medida em que essa população modifica seus costumes, as

manifestações das quais procuravam na Feira aos domingos passam a ser menos consumidas. Segundo um baiano entrevistado pelo periódico que é apresentado pelo codinome Manu:

O Departamento de Caça e Pesca proibiu a venda de pássaros nacionais e só concede licença para a venda dos chamados estrangeiros, que de estrangeiros só têm os nomes: canário, belga, cardeal, argentino, periquito australiano, manon, calafate e mandarim. Também a Saúde Pública proibiu a venda de carne de porco, que era esquartejado na frente do freguês... além disso... tudo aqui era mais barato do que em qualquer feira do Rio e de outras cidades do Estado do Rio. Hoje, não. Tudo é a mesma coisa. A falta de produtos que deram fama à feira de Caxias e os preços caros faliram a feira.<sup>124</sup>

É preciso salientar que os discursos dos entrevistados pelo *Correio da Manhã* devem ser analisados na ótica de seleção do próprio jornal, assim como as outras entrevistas extraídas igualmente de jornais e revistas. Enquanto não se tem a entrevista na íntegra, é preciso tomar cuidado com armadilhas jornalísticas na intenção de enveredar os argumentos centrais da reportagem.

A tiragem exposta acima, retirada do depoimento do baiano Manu ao *Correio da Manhã*, contribui com a tese de que as seguidas proibições de artigos que faziam da Feira de Caxias um ambiente onde “se vende de tudo” leva a mesma a um declínio. A proibição da venda de aves estrangeiras, de carne de porco cortada na hora e a forte fiscalização, são fatores que levam os frequentadores a diminuir a sua frequência no espaço. Para além destas motivações, é salientado que os preços atraentes e mais “em conta” que fizeram a fama da Feira, somado a falta de produtos que circulavam no local, levam o espaço a uma situação de crise.

O relato de Manu é carregado de lamentações e saudosismo, sua exposição no *Correio da Manhã* traz considerações interessantes, mas também não pode ser considerado como um veredito para as motivações de declínio. A entrevista fornecida por Manu pode ser comparada a uma reportagem publicada em 1975 na revista “*O Cruzeiro*” onde é denunciando justamente a comercialização de aves raras e proibidas. Nesta matéria, a comercialização de tais animais encontra público e motiva a forte concorrência entre os feirantes em Duque de Caxias. Ou seja, mesmo que de forma clandestina, a continuidade do comércio de aves raras e proibidas na Feira permite a permanência de um público que busca investir na compra desses pássaros ou simplesmente frequentam o espaço com foco na observação dos animais como instrumento de lazer. Em suma, não parece que a determinação para que não se comercializasse tais aves possa ter levado a um declínio do espaço. Tampouco se pode

---

<sup>124</sup> Idem.



relacionar tal fenômeno de declínio à proibição do corte da carne de porco perante a clientela. Uma vez que a localidade fica marcada pelas relações complexas que demandam sua diversidade, não se torna coerente restringir esta complexidade e dinâmica que notabilizou o espaço ao longo do século XX, ao corte de carne de porco.

Uma terceira relação feita pelo entrevistado (Manu) diz respeito a atratividade dos produtos na sua relação com os preços quando comparadas a outros locais do Rio de Janeiro e da Guanabara. Esta afirmação encontra legitimidade na prerrogativa de mobilização e locomoção dos frequentadores. Uma vez que se encontram produtos semelhantes a preços iguais em outras feiras mais próximas as suas residências, não existe a necessidade de frequentar o espaço em Duque de Caxias aos domingos. Por outro lado, é de fundamental importância a percepção da Feira de Caxias como um espaço que extrapola a atividade comercial. Como já dito antes, a fama do local vai muito além de produtos baratos e acessíveis. Relaciona-se a grande oferta de produtos dos mais diversos e às trocas culturais entre migrantes nordestinos e os frequentadores do espaço. Havia uma série de produtos e elementos da cultura nordestina que eram comercializados, atividades autônomas e espontâneas de artistas e a valorização das relações de memória, identidade e representação.

Por fim, Manu (o baiano entrevistado pela reportagem) emprega a “falta de produtos que fizeram crescer a fama local” como outra motivação importante para a “fuga” dos clientes. É neste ponto que se pretende destacar aqui como motivação central para a sensação de queda de clientela e relações no espaço. Uma vez que a Feira ganha destaque na base da forte presença nordestina e de suas relações no interior do ambiente, a diminuição da oferta desses produtos relacionados ao Nordeste acarreta na menor densidade do local aos domingos. Mas como se deu o fenômeno de declínio das atividades, produtos e da culinária relacionado aos nordestinos e de seu sincretismo com outras culturais do próprio Nordeste e de outras regiões do Brasil? Afinal de contas, houve uma queda brusca de circulação de pessoas e produtos que justificasse uma narrativa de declínio e ameaça de fim?

Não se pretende resolver os questionamentos acima, mas sim propor uma problematização sobre a construção narrativa sobre a Feira. No entanto, é importante ressaltar que o período delimitado concilia com o contexto de crescimento da Feira de São Cristóvão, na área representativa e turística. Permeando esta perspectiva, não são os frequentadores que são obrigados a abandonarem a Feira de Caxias como se fosse um processo de “fuga”. Por diversas razões, desde as proibições e principalmente pelo crescimento de São Cristóvão, os retirantes e artistas de Caxias são incentivados a modificarem seu local de atuação e são atraídos para a feira que ocorria no bairro central da Guanabara. Deste modo, os

frequentadores que antes atuavam de diversos modos na Feira de Caxias, passam a frequentar São Cristóvão, diminuindo o público, a procura e conseqüentemente a oferta de produtos. Para findar, os artistas e os retirantes seguem a lógica de atração em direção a Feira de São Cristóvão, diminuindo as trocas culturais da Feira de Caxias que passa a alimentar a primeira.

O teor de lamentações, com misto de saudosismo, do *Correio da Manhã* é refletido nas entrevistas realizadas. De certo modo, parece que se desenvolveu um senso comum que relacionava as proibições ao declínio da Feira. Como já dito acima, compreende-se aqui que tais fatores possam ter sim influenciado na diminuição do fluxo de frequentadores, mas que não explicam por si só o fenômeno. Seguir esta tendência é o mesmo que enveredar que a fama e o crescimento da Feira de Caxias se deu pelo comércio desses produtos que foram então proibidos. O jornal parece desenvolver uma narrativa não apenas de fim, como de diagnóstico para tal ocorrência, como podemos ver nos trechos de outros dois entrevistados selecionados abaixo. O primeiro diz respeito a uma lamentação de um feirante carioca tratado como Pedro Augusto Alves:

Já trabalhei em inúmeras feiras da Guanabara e de Niterói. Sinceramente, nunca antes eu tinha visto uma igual a de Caxias, onde me erradiquei a mais de 15 anos. Aqui já foi até ponto de turismos e eram encontrados os mais variados artigos de todo o canto do Brasil. O fracasso é o resultado da proibição da venda de um mundo de mercadorias. O carioca, principalmente, vinha de suas cidades comprar carne fresca de boi e de porco. O nortista encontrava um pedacinho de sua terra, matando a saudade ao adquirir sua comida regional. O sulista, a mesma coisa. Hoje, tudo desapareceu. Não sou contra as autoridades, pois acho que elas têm razão ao seu modo. Sou contra apenas a matança da feira.<sup>125</sup>

O relato acima mais se aproxima de um desabafo de um feirante que possuía um mercado de consumidores numeroso e participava de uma atividade que como dizem os jornais “pulsava” aos domingos. O lamento se insere não apenas no contexto financeiro, de perda da clientela, como também no reconhecimento de uma mudança de estrutura e na característica de um espaço. Novamente o entrevistado segue a relação entre declínio e proibições, tal como podemos acompanhar em outro entrevistado, o nordestino Raimundo, que busca manter a tradição local com a sua sanfona e cantando história do Nordeste:

---

<sup>125</sup> Idem.

Seu moço, as coisas aqui não andam muito boas. Não sei o que fazer com os meus passarinhos. Antigamente, tínhamos nossa feirinha, onde gente graúda, lá de longe, se acotovelava para dar seus lances. No fim do dia, o dinheiro compensava. Todos iam embora satisfeitos. Tanto o freguês, como o passarinho. Hoje, vêm os moços do Caça e Pesca e nos perseguem como se fossemos camelos. Nunca fomos isto, porque pagamos licença à Prefeitura. Tínhamos barraquinhas com gaiolas...<sup>126</sup>

É possível perceber, novamente, que os entrevistados possuem um relato de lamentação devido a vivência de um espaço no passado quando a comparam com o presente. Pelo discurso desenvolvido no trecho, Raimundo aparenta ser um dos nordestinos que trabalhava com a venda de pássaros e aves, não permanecendo no comércio clandestino. De forma alternativa, passa a aproveitar seus saberes musicais como modo de “ganhar a vida”.

A decadência da Feira de Caxias representaria não apenas a ascensão da Feira de São Cristóvão, como significaria o surgimento de outros espaços de trocas culturais dos migrantes nordestinos. Na Baixada Fluminense existia a percepção do surgimento de outras feiras voltadas para o comércio de produtos tradicionais do Nordeste e que poderiam funcionar como local de trocas culturais híbridas, como em Nova Iguaçu, São João de Meriti, ou mesmo em outros bairros de Caxias (Vila São Luís, Santa Cruz da Serra, Xerém). A própria reportagem do Correio da Manhã indica esta tendência:

Em geral, os feirantes que conheceram a feira de Caxias no auge, choram o passado e logo imaginam que em breve ela morrerá. E já pensam até em se transferir para Nova Iguaçu, onde aos poucos vai crescendo uma feira que promete repetir a de Caxias...<sup>127</sup>

Mesmo com as constantes quedas de frequência da população na Feira de Caxias, o espaço continua chamando a atenção de quem acaba de chegar ao município. Certamente causava espanto naqueles que conviveram em anos anteriores, que usam de uma certa nostalgia para representar o local. Mas quem chegava ao município ainda ficava impressionado com a dimensão que a atividade possuía. É o caso do paraibano Edilson da Silva, citado como migrante no primeiro capítulo. O início de sua história em Caxias, segundo ele, é motivada justamente pela possibilidade de trabalhar no dinâmico cotidiano duque caxiense que ocorria aos domingos. Após migrar para o Sudeste, mais especificamente para o bairro de Parada de Lucas, na década de 1980, transforma-se em um assíduo visitando da Feira de Caxias. Com o passar do tempo e a percepção da natureza da atividade, o retirante passa a vislumbrar a possibilidade de agregar no espaço em que realizava seu lazer e seu

---

<sup>126</sup> Idem.

<sup>127</sup> Idem.

consumo com trabalho de sustentação familiar. Com intuito de facilitar seu deslocamento, opta por mudar-se para Duque de Caxias. Quando interrogado sobre as transformações ocorridas no espaço desde a sua chegada, Edilson afirma que: “Esses anos atrás, a Feira de Caxias era muito paraíba né, hoje em dia menos né, mas era muito paraíba né, tudo nordestino aqui na Feira de Caxias.... tem a feira lá em cima que vende pamonha, cocada... tudo nordestina.” (Entrevista com Edilson da Silva)

Ao comparar a Feira de quando chegou, na década de 1980, com o dinamismo ocorrido na atualidade, Edilson ressalta que havia muitos nordestinos naquele período, que ele chama aqui de “paraíba”. O exercício de memória realizado pelo depoente demonstra que mesmo com as denúncias queda de público e perda da vivência de suas atividades a partir da década de 1970, na década de 1980 a Feira ainda chamava a atenção por suas relações de sociabilidade e pela peculiaridade de ser um espaço com grande presença de nordestinos, tanto entre os frequentadores, quanto entre os feirantes.

Mediante os constantes anúncios e as preocupações com a incipiente decadência da Feira de Caxias, os migrantes que antes buscavam o local passam a se organizar em torno de outros espaços para dar continuidade aos seus ambientes de memória e recordação. Na medida em que público e consumidores são concentrados na Feira de São Cristóvão, ocorria uma descentralização na Baixada Fluminense quanto aos espaços de trocas culturais dos migrantes nordestinos. Dentro de todo esse processo, é preciso enfatizar que a atividade feirante em Duque de Caxias não apenas sobreviveu, como permanece com suas relações culturais até os dias atuais. Ou seja, dentro de um misto de grandeza e decadência nas décadas de 1970 e 1980, a Feira de Caxias desenvolveu um caráter de resistência cultural e social.

## **4 A IDENTIDADE NORDESTINA NA ATUALIDADE DAS FEIRAS EM DUQUE DE CAXIAS**

A Feira de Caxias surgiu, se tornou famosa e representativa ao longo do século XX. Mesmo mediante as denúncias de um processo de decadência que poderia levar ao seu fim existe a permanência de suas atividades. Ao final dos anos 1990 e início dos anos 2000, o espaço sobrevive e passa por um novo fortalecimento que supera o contexto de uma crise nas vendas e decadência nas trocas culturais. Em suma, a Feira de Caxias permaneceu e continua em funcionamento até os dias atuais.

Observam-se diversas mudanças e outras continuidades na estrutura, na movimentação e na natureza do espaço. Vale ressaltar que entre as permanências observadas no local, chama a atenção a forte tendência a venda de produtos alimentícios de origem dos estados do Nordeste do Brasil. É grande a quantidade de temperos, manteiga de garrafa, carne de sol com aipim, carne seca, tapioca, buchada de bode, baião de dois, acarajé, entre outras variedades de produtos.

A presença de migrantes nordestinos parece menor hoje, segundo os relatos dos próprios feirantes e migrantes que forneceram seus depoimentos. Um ponto importante que é perceptível atualmente no espaço se refere a permanência dos filhos desses migrantes como trabalhadores e frequentadores da atividade. Essa nova geração recebeu influências diretas das experiências e dos elementos culturais de geração em geração, possibilitando a permanência de uma série de tradições consagradas na Feira de Caxias.

### **4.1 A Feira de Caxias nos dias atuais: um panorama dos anos 2000 à atualidade**

Com objetivo de realizar uma análise mais detalhada sobre a percepção da realidade atual na Feira de Caxias foi preciso a realização de diversas visitas às atividades que ocorrem em seu interior. Como forma de dimensionar a atual presença de nordestinos e descendentes no espaço, foi proposto um questionário rápido para aqueles que não se propuseram a gravar entrevistas. Embora aceitassem o diálogo, contribuindo com suas visões sobre os diversos panoramas a respeito do espaço ao longo dos anos, esses feirantes não se sentiram à vontade em realizarem uma entrevista oral. Não obstante, ao aceitarem responder a

um questionário básico tornaram possível o dimensionamento de dados a respeito de locais de onde são originários e a própria origem familiar.

Segue abaixo, a tabela com a quantidade de feirantes que responderam essas perguntas diretas e as regiões das quais são originários:

Tabela10 - Feirantes por região de origem em 2018

Nordeste	Norte	Sul	Sudeste	Centro – Oeste	Exterior	Total
27	1	1	30	1	2	67

Fonte: O autor, 2018.

A tabela exposta, mesmo que possuindo números em uma proporção reduzida, visto que os indícios dão conta de mais mil barracas, apresenta uma realidade em que a presença de migrantes oriundos dos estados do Nordeste brasileiro continua sendo uma marca da Feira de Caxias na atualidade. Dos consultados, o número de nordestinos fica abaixo somente do número dos nascidos no Sudeste, em sua maioria em Duque de Caxias. Vale considerar que dos nascidos no Sudeste existem aqueles que são descendentes de nordestinos já estabelecidos em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro e em outras cidades. Esses descendentes fazem parte de uma segunda ou mesmo terceira geração que propiciam a continuidade das relações e atividades iniciados em meados do século XX. Embora em parcela menor, é importante atentar para a presença de dois imigrantes europeus entre os feirantes, ambos oriundos de Portugal.

As consultas aos feirantes por meio do questionário foram realizadas concomitantemente às visitas no espaço. É relevante destacar que entre os feirantes havia aqueles que se negavam a responder até mesmo o questionário. Constata-se que em alguns momentos as dificuldades encontradas se inserem na dinâmica da atividade de feirante, que realiza uma relação direta com o grande público que circula aos domingos na Feira de Caxias.

O espaço não apenas resistiu como criou outras estratégias de sobrevivência ao longo das últimas décadas, se reinventando na medida em que o tempo parecia fadá-la ao sumiço. Nos anos 2000 surge em seu interior, um local destinado exclusivamente à exaltação dos elementos que eram consagrados como nordestinos. Conhecido como “Forró da Feira de Caxias”. A atividade cultural destinava-se a oferecer diversos tipos de atrações como forrós antigos e atuais de cantores, bandas e duplas do Nordeste, shows ao vivo, barracas

exclusivamente para o comércio de comidas chamadas de típicas. Outro ponto que merece observação é a reserva de um espaço em que são distribuídas cadeiras e mesas embaixo de uma grande lona da qual os feirantes vão disputando a clientela.

O “Forró na Feira” é fruto de uma longa disputa dos feirantes e enfrenta ainda hoje a resistência do poder público e de alguns moradores do bairro da Vinte e Cinco de Agosto (onde concentra-se a maior parte da feira atualmente). O barulho emitido pelo som do forró foi alvo de inúmeras reclamações que levaram os gestores municipais a modificar o local de funcionamento da atividade por diversas vezes. O deslocamento era realizado visando desmobilizar as reclamações e sempre enquadrando as manifestações dentro da Feira de Caxias. Inicialmente se concentrava bem no “coração” da atividade, entre a Avenida Duque de Caxias, altura da Praça da Prefeitura, nome pelo qual é conhecida a praça que abrigava a antiga sede da prefeitura do município. De acordo com os próprios feirantes, o espaço era alvo de constantes reclamações devido aos barulhos emitidos pelo som que atingiam a um hospital da rede privada e as residências da proximidade.

As constantes mudanças lograram uma característica de nomadismo do “Forró na Feira” dentro da atividade feirante, fazendo crescer um sensação de manifestação descartável para os participantes e frequentadores. De todas as alterações no espaço aquela que mais sofreu resistência por parte dos feirantes foi a que levou o forró para a Praça Humaitá. O espaço destinado não era bem visto pelos feirantes, que passaram a negociar um retorno ao antigo local. Entre as principais reclamações destaca-se o posicionamento da praça longevo da área de confluência do público, causando o afastamento de clientes e descaracterizando a atividade como herança e mantenedora das relações originárias de trocas culturais ocorridas na Feira de Caxias desde meados do século XX. Após muitas discussões, o “Forró da Feira” volta para o espaço tradicional nas ruas em que a atividade feirante ocorre. Mediante uma nova onda de modificações passa a se concentrar ao lado da Estação de trem de Duque de Caxias, onde está até os dias atuais.

As mudanças de localidade do “Forró da Feira” são reclamadas pelos feirantes que afirmam que causaram a desmotivação por parte dos participante e o esvaziamento de público (uma vez que não havia estabilidade e local fixo). A circulação de pessoas é afetada pelas interferências municipais que dificultaram a permanência em seu local de origem. As inúmeras modificações e períodos de recessos criaram uma perspectiva de fim ou dúvidas quanto a continuidade do espaço.

Uma das mais atuantes personalidades do atual “Forró da Feira”, Dona Dora (Maria Gorete) relata esses momentos de mudanças que desencadearam em desprestígio e

desmobilização de feirantes e clientes. Se em um primeiro momento o novo modelo de valorização das tradições do espaço foi fruto de comemorações, posteriormente passa a ser motivo de críticas:

Quando era lá em cima estava tudo legal... muita gente reclamava... do barulho né? E depois alguns não catavam a sujeira que deixavam, as comidas, as cadeiras... Aí foram mudando a gente e fomos lá pra Humaitá. Mas lá não estava legal, os clientes não iam, não estava na feira. Foi perdendo a graça. Perdi muitos clientes naquela época. Agora não está legal, mas está melhor.... (Entrevista com Maria Gorete).

Dona Dora, como é conhecida a depoente, se orgulha de possuir o maior espaço do “Forró da Feira”, sendo entrevistada em vários momentos por jornais e por outros pesquisadores. Possui uma barraca chamada “Cidinho e Dora Comidas Nordestinas”, que concentra uma parcela do público em busca de “comidas típicas”. A percepção sobre o funcionamento do espaço levou a criação uma logo na qual a imagem representa o chapéu de cangaceiro. A preocupação em vincular o espaço a um dos símbolos sertanejos denota a importância de utilizar as figuras mais marcantes do nordestino, para a população fluminense, como estratégia indireta de marketing e a aceitação das figuras estereotipadas dos nordestinos no Sudeste ao longo do tempo convivência.

Viúva de dois maridos, o primeiro vindo junto a ela do Nordeste e o segundo ao qual conheceu em Duque de Caxias (Cidinho), Dona Dora utilizou-se de sua sabedoria como migrante nordestina e de seus conhecimentos culinários para contribuir na reutilização do antigo espaço de trocas culturais presente na Feira. Segunda a migrante:

Aqui não tinha nada meu filho... não tinha essas coisas de comida nordestina, carne de sol, sarapatel. Como eu morava aqui e era conhecida por minha comida, me chamaram pra trabalhar aqui e começar com essa coisa. Fui eu que comecei com essas comidas aqui. Vim lá de São Cristóvão, que eu trabalhava lá, mas morava aqui. Não era meu né... aqui eu tenho meu espaço. (Entrevista Maria Gorete).

A fala de Dona Dora é carregada de protagonismo, demonstrando um sentimento de heroísmo no acondicionamento das trocas culturais nordestinas na Feira de Caxias. O caminho entre Duque de Caxias e São Cristóvão realizado duas vezes, primeiro no sentido de ida e depois no de volta, demonstra não apenas a ascensão em Caxias, como também uma mudança substancial no empreendimento do bairro carioca. Como já debatido anteriormente, as feiras presentes em Duque de Caxias e em São Cristóvão possuem semelhanças e diferenças, no entanto, em determinados momentos parecem se aproximar e em outras se



afastar na medida em que um público em específico (os migrantes) circula por ambas aos finais de semana:

Aquilo lá ficou bonito (Pavilhão da Feira de São Cristóvão), mas não é mais feira né... ficou tudo muito caro para a gente ficar lá. Queriam me dar um espaço bem pequeno para o que a gente tinha antes. Aí foram entrando aqueles restaurantes que não estavam lá antes. Só entraram depois com tudo já organizado. Aí é... na mesma época surgiu essa oportunidade aqui, de uma amiga nossa que sabia que estávamos passando por isso e disse. Dora, vai abrir um espaço novo lá na Feira de Caxias... aí eu vim né. (Entrevista com Maria Gorete).

O relato acima é acompanhado por outros migrantes que vivem em Duque de Caxias, que frequentaram os dois espaços e que atualmente não reconhecem em São Cristóvão o papel de feira. Na ótica desses depoentes, a Feira de Caxias possui um papel de vanguarda no sentido de permanência de suas manifestações de rua e na sua origem. Ao longo dos anos o espaço teria resistido e mantido sua estrutura e suas barracas, possibilitando a continuidade dos fatores culturais de sincretismo entre Nordeste e Sudeste. Em Caxias, mesmo após o esvaziamento denunciado de décadas anteriores, as redes de relações, o hibridismo, a subsistência e as práticas sociais parecem ser o que orgulha os migrantes. Segundo Gilma, migrante já citada em capítulos anteriores:

Ah! Lá em São Cristóvão eu não costumo ir. Ia antes, quando era mais nova, com minha mãe. Mas hoje, é mais um pavilhão do que uma feira. Feira mesmo é a de Caxias, lá as coisas continuam como eram, barracas, frutas, produtos. Em São Cristóvão não, ficou bonito... mas feira mesmo ficou aqui em Caxias. (Entrevista com Gilma Medeiros).

As transformações ocorrida na Feira de São Cristóvão geram resultados em dois movimentos contrários. Por um lado o espaço se populariza entre os jovens cariocas e fluminenses, ganhando uma estrutura e uma organização instituída pelo poder público. Visto por uma outra vertente, ocorre uma rejeição de alguns migrantes nordestinos quanto as transformações do local que tiraram a autonomia e originalidade dos próprios feirantes. São Cristóvão passa a perder a alcunha de feira e torna-se um pavilhão, equipado e caro. Muitos feirantes tradicionais perder condições financeiras para permanência, incidindo em reclamações e questionamento a respeito encarecimento e do tamanho reduzido que lhes foi oferecido. Em outras palavras, as mudanças ocorridas dificultem a permanência de migrantes e feirantes tradicionais, facilitando o ingresso das grandes redes de restaurantes que assumem posição nas áreas centrais. Os migrantes nordestinos juntamente com as suas barracas passam a serem empurrados para as áreas periféricas do pavilhão.

Entre os migrantes que sentiram as mudanças em São Cristóvão estava Dona Dora e outros migrantes de Duque de Caxias, que voltam suas atuações e atividades exclusivamente o município. Esses feirantes e artistas acompanharam um processo de esvaziamento em Caxias, decorrente do maior público em São Cristóvão. Com as novas transformações retornam com força para as atividades na feira do município da Baixada Fluminense. O caso de Dona Dora é um exemplo de atuação ao retornar, passando a realizar suas atividades comerciais em sua cidade de residência e abandonando São Cristóvão após a institucionalização do local. Representa as populações que deslocaram seus ambientes de atuação e comércio de acordo com a circulação de pessoas. Dentro desta nova realidade, a Feira de São Cristóvão que representou a fuga de artistas e migrantes nordestinos em Caxias passa a representar as condições que permitem o retorno de um público que buscava justamente as relações autônomas e independentes.

A Feira de Caxias volta a ter um público que buscava justamente o que se perdeu em São Cristóvão, as trocas culturais e cotidianas. Mesmo sem os antigos instrumentos e manifestações, como a esquina do cordel, que após a mudança de vários de seus artistas para São Cristóvão nas décadas de 1980 e 1990 nunca mais voltou a ser consolidada. As relações sociais voltam a efervescer no pequeno espaço do Forró da Feira de Caxias nos anos 2000.

Ainda dentro do contexto de disputas entre poder público, moradores e feirantes, são proibidas as apresentações de bandas de forró ao vivo no espaço em Duque de Caxias. Tal proibição é muito sentida, levando a uma nova desmobilização e diminuição do público que procurava a Feira aos domingos para dançar um “forró raiz”, comer comidas típicas e conversar sobre os tempos de Nordeste e a vida no Rio de Janeiro. Dona Dora reclama dos efeitos causados pela proibição da música ao vivo no palco do Forró da Feira:

Quando acabou (os shows ao vivo) esvaziou mais ainda. As pessoas vêm aí e perguntam. Mas hoje em dia é só aquilo lá ó... é só o palco e as caixas de som tocando forró. Não é ao vivo. Vinha muitas bandas tocar aí, gente famosa. Isso aqui ficava lotado, começava na sexta à noite, sábado já começava de novo e ia até domingo de noite. As pessoas ficavam dançando, enchia isso tudo aí, meu filho! Nessa época era muito bom... (Entrevista com Maria Gorete).

As relações entre o Forró da Feira e o poder público vão muito mais além do que a emissão do som e as reclamações de moradores e feirantes. No ano de 2010, a vereadora Gaete tentou implementar um projeto para transformar o local em patrimônio histórico imaterial do município.

#### **4.2 O processo de transformação da Feira de Caxias em Patrimônio Cultural Imaterial e a presença do ex-prefeito José Camilo Zito entre os feirantes**

A Feira de Caxias em sua profusão de identidades e culturas passa por diversos momentos ao longo das suas décadas de existência. Desde o ápice de seu funcionamento e trocas entre as décadas de 1950 e 1970 até a sua posterior decadência entre 1980 e 1990. Nos anos 2000 é realizada uma tentativa de institucionalizar o funcionamento da atividade pautada em ações que objetivavam resgatar e conservar as relações constituídas ao longo do século XX. A destinação de um espaço voltado para as manifestações dos migrantes nordestinos (Forró na Feira) vem acompanhado da elaboração de um projeto para o reconhecimento do local como patrimônio imaterial do município de Duque de Caxias. O citado projeto denota não apenas a importância do espaço para a região, como também demonstra a existência de uma população nos dias atuais que valoriza a presença e a importância da Feira de Caxias em seu viés econômico, cultural e social.

A proposta de decretação da Feira de Caxias como Patrimônio Imaterial do Município é sancionada em 29 de dezembro de 2010, pelo então prefeito, José Camilo Zito dos Santos Filho. Zito como é conhecido na carreira política, se notabilizou por características de atuação semelhante a de políticos locais ao longo do século XX, com fala forte e estratégia de reproduzir sua imagem como um político popular. Sua trajetória de vida está diretamente relacionada à Feira de Caxias e ao crescimento demográfico municipal no século passado. Como migrante nordestino e filho de ex-feirantes que foram pioneiros na atividade feirante na região, utilizou-se de sua naturalidade para angariar apoio eleitoral dentro de um município marcado pela forte presença de nordestinos. Seu pai, não só marcou presença na atividade dominical, como representa os diversos exemplos de migrantes nordestinos buscando meios de vida e representatividade na Feira de Caxias. A família Zito é lembrado por migrantes e habitantes que frequentaram e frequentam a Feira. O patriarca, Zé do Fumo (pai de Zito), é uma das personalidades mais citadas nas entrevistas realizadas para o desenvolvimento desta dissertação.

Filho de um feirante conhecido na Feira de Caxias, Zito vai conviver no espaço como frequentador (para lazer ou acompanhando os membros da família que trabalhavam na atividade) e trabalhador ao longo de sua infância e de sua adolescência. Em suma, a família manteve uma tradição entre os feirantes de Caxias, que se refere a continuidade do trabalho dos herdeiros na atividade.

Maria Angélica, uma das filhas de migrantes que permaneceram atuando no espaço feirante mesmo após o falecimento dos pais, trabalha até os dias atuais na Feira de Caxias. Com um grande espaço à disposição na Feira, conviveu com a atuação da família Zito no ambiente comercial. A longa jornada da feirante permite constituir uma memória e recordações da presença do patriarca da família:

O Zito apoiava muito a gente... ele era sangue da gente... É, o pai dele era feirante, o Zé do Fumo, era nordestino também. Ele (Zito), eu lembro dele novinho trabalhando na barraca com o pai dele. Mas depois que ele virou prefeito, o pai deixou de trabalhar, mas ele sempre continuou frequentando. Todo domingo estava lá, ajudou muito a gente, não deixava mexerem. O Zito chegou a trabalhar na feira, garoto... talvez por isso que ele tenha ajudado tanto a gente. (Entrevista com Maria Angélica).

O imaginário presente entre parte dos feirantes e da população em Duque de Caxias, concebe a Zito uma personalidade de proximidade com esses sujeitos. Sua própria atuação, como podemos ver no relato da depoente acima, parece entrar em consonância com a visão presente entre uma parcela dos habitantes.

O fortalecimento da identidade nordestina no espaço da Feira de Caxias ressurgiu justamente nos períodos de governo Zito. Não parece coincidência, uma vez que o mesmo é migrante nordestino e filho de nordestinos que dedicaram parte de suas vidas ao trabalho na Feira de Caxias. Constantemente os feirantes citam Zito como um político que contribuiu com a atividade feirante. Frequente assíduo do espaço, mesmo fora dos períodos eleitorais, o político passa a ocupar um local de destaque na relação com os feirantes. Segundo Dona Dora:

Ah! O Zito ajudou muito a gente, se tem um político que ajudou foi ele. Comia todo domingo aqui na minha barraca, rodava a feira, perguntava o que os feirantes estavam precisando. Na época dele não aconteciam essas coisas que aconteceram com a gente não. Foi ele que colocou o Furrô da Feira, ele que tentou melhorar isso aqui. Hoje eu tenho que ir lá na Câmara e brigar com eles. Sempre querem tirar a gente, mas eu vou lá e brigo, eles até me conhecem já... (Entrevista Maria Gorete).

O depoimento de Dona Dora sobre o ex-prefeito parece não ser um fato isolado, uma vez que diversos migrantes entrevistados enaltecem a figura do político. Chama atenção ainda, o fato de a feirante se referir a Zito como o responsável pelos melhores momentos da atividade. Os políticos posteriores seriam os responsáveis pelos mandos e desmandos, pelas mudanças de locais e pelo fim da música ao vivo. Ou seja, Dona Dora concebe uma divisão entre a valorização e o abandono da Feira nos anos 2000 ancorada respectivamente na presença ou não de Zito como prefeito municipal.

Entre os entrevistados nordestinos em Duque de Caxias, é notável o enaltecimento da figura política do ex-prefeito do município, José Camilo “Zito” dos Santos Filho. Filho de

retirantes nordestinos, natural do Estado de Pernambuco, Zito teria chegado em Duque de Caxias no ano de 1953 junto a seus pais quando tinha apenas 1 ano de idade. Após carreira como guarda municipal, acumulou histórias que geram contradições entre seus apoiadores e seus rivais políticos. O início de sua carreira política foi em 1988 como vereador de Duque de Caxias. Foi reeleito e ocupou o cargo de Presidente da Câmara de Vereadores entre 1993 e 1994. Em 1995 assume cadeira como deputado estadual. Já no ano de 1996 se candidata a prefeito e é eleito para mandato que se inicia no ano seguinte. Reeleito em 2000, levou seu governo até 2004. Entre 2007 e 2008 novamente assume a cadeira de deputado estadual, abrindo mão da mesma novamente em decorrência da sua eleição para prefeito de Duque de Caxias pela terceira vez em 2009, estando à frente do município até 2012.

O sucesso da carreira política de Zito não se restringiu a Duque de Caxias, o pernambucano lançou deputados estaduais, deputados federais, vereadores e prefeitos de outros municípios. Exemplo claro é a sua filha, Andreia Almeida dos Santos que utiliza o codinome político do pai (Andreia “Zito”) e se elegeu como deputada estadual em 1998, se reelegendo em 2002. Tais períodos são de grande prestígio dos Zitos pela Baixada Fluminense. Em 2006 Andreia é eleita deputada federal, sendo reeleita em 2010. Outro familiar que se ancorou no sucesso eleitoral de José Camilo Zito, foi seu irmão, Valdir “Zito”, que em 2001 foi eleito prefeito de Belford Roxo. No mesmo ano, Narriman “Zito”, então esposa de ex-prefeito de Duque de Caxias, foi eleita prefeita de Magé no mesmo período. Ambos os municípios, Belford Roxo e Magé, estão localizados na Baixada Fluminense, sendo limítrofes a Duque de Caxias.

A carreira dos Zitos na Baixada Fluminense estava amparada não apenas na estratégia de construção de uma imagem de político popular nos primeiros mandatos de Zito como prefeito do município de Duque de Caxias. Sua origem nordestina e atuação da família como feirante, assemelhava-se a muitos dos populares que viviam na região, e enxergavam na figura pública do personagem um "político do povo" no poder, um retirante de família feirante que havia atingido uma posição central na hierarquia municipal.

Para se ter uma ideia da influência do ex-prefeito de Duque de Caxias na Baixada Fluminense no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a revista *Istó é!* publicou uma matéria sobre a inserção e capacidade de mobilização social do político na região. Na reportagem era enfatizado que Zito possuía uma aprovação na faixa de 90% como prefeito de Duque de Caxias em 2000. Sua popularidade teria permitido a ascensão como político de poder e força eleitoral em toda a Baixada Fluminense, possibilitando a organização de um projeto para estender sua influência com o recursos da eleição de familiares em outros

municípios, como Magé, Belford Roxo e São João de Meriti. Um possível sucesso desse projeto transformaria a Baixada Fluminense em uma “Zitolândia”, segundo a reportagem.<sup>128</sup>

O primeiro governo de Zito foi o grande responsável por sua popularidade. Nesse período, o político investiu no asfaltamento de ruas, saneamento básico, em recuperação e na construção de praças públicas voltadas para o lazer nos bairros mais carentes do município. Sua atuação como prefeito não se restringia a gestão pública. Autor de frases de efeito e de um comportamento próprio, Zito ganha prestígio político e social com o reconhecimento e enaltecimento de sua imagem.

Entre os diversos pontos que explicam a ascensão política de Zito, um ponto de importante destaque é o seu conhecimento acerca da realidade municipal. Seu sucesso político no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 pode ser traduzido por uma frase de efeito atribuída a ele, na qual conseguia angariar tanto duque caxienses, quanto nordestinos, mostrando-se conhecedor da dinâmica cultural e social do município: “Nordestino de nascimento, caxiense de coração”.<sup>129</sup>

O político é frequentemente lembrado como um prefeito que “fez pelos mais pobres”, fato que também assume importância para os migrantes nordestinos que residem em Duque de Caxias. No que diz respeito aos embates entre feirantes e poder público, Dona Dora enaltece a presença de Zito semanalmente na Feira. Destaca o fato de que ele e os pais são oriundos do Nordeste brasileiro e de sua proximidade com os feirantes e a população.

Ele é nordestino também né. Os pais dele também vieram pra cá como a gente. Sabe do que a gente precisa e passa. O Zito foi muito bom com a gente, ele tem que voltar. Ele foi sem dúvidas o melhor prefeito para os pobres, os feirantes, os nordestinos. Não era igual a esses aí que aparecem só no ano de eleições, estava sempre aqui... (Entrevista Maria Gorete).

A trajetória de Zito como político popular, com histórias presentes no imaginário social e proximidade com a população nordestina, lembra em alguns pontos a de Tenório Cavalcante. Embora em nenhum momento encontremos relações diretas ou indiretas, ou mesmo de admiração do primeiro pelo segundo, tem-se aqui a percepção do político peculiar que se utiliza de sua origem e de um estilo que busca se aproximar dos setores mais populares. Tanto Tenório quanto Zito utilizaram muito bem a presença de uma massa de migrantes nordestinos e as suas próprias origens como retirantes para atuarem politicamente,

<sup>128</sup> Ver em: <[https://istoe.com.br/37467\\_O+REI+DA+ZITOLANDIA/](https://istoe.com.br/37467_O+REI+DA+ZITOLANDIA/)>.

<sup>129</sup> A expressão foi repetida quatro vezes entre os consultados durante as visitas na feira. Entre eles, um foi membro da organização do “Forró na Feira”.

cada um em seu contexto e período histórico do município, e lograrem prestígio e admiração de uma parcela do eleitorado duque caxiense.

Chamou muita atenção o enaltecimento da figura política de Zito, como o homem que “fez pelos mais pobres”, que falava a “língua” do povo e que mediante as dificuldades enfrentadas realizou um governo satisfatório para essa parcela da população.

Embora tenha conquistado grande influência no município, o último mandato executivo de Zito terminou sem que conseguisse se reeleger, denotando sua queda de popularidade. A visão do político eficiente perde-se dentro de seu caráter peculiar e da falta de sucesso em seu último mandato.

Mesmo mediante sua queda de popularidade, Zito continua com prestígio entre os migrantes nordestinos em Caxias. Gilma Medeiros, por exemplo, coloca Zito como o prefeito que mais fez por Duque de Caxias e pela população nordestina espalhada pelo município.

As pessoas podem falar de tudo dele, mas ele foi o que mais fez por Caxias. Na época dele as coisas aconteciam, as obras saíam. Ele melhorou muito a vida de quem trabalha na rua. Eu via ele pelas ruas. Ele era nordestino né... ajudava muito a gente. Eu apoio ele, se viesse de novo votaria nele de novo, mesmo depois do último governo. (Entrevista com Gilma Medeiros).

A atuação política de Zito faz o artista Beto Gaspari realizar duas considerações sobre ele. Uma quando tratava da figura de Barbosa Leite (migrante do Ceará do qual iremos trabalhar mais à frente) e outra referente a relação realizada com a figura de Tenório Cavalcante. No que se refere ao artista, Francisco Barbosa Leite, que possuía atuações culturais no município, desde 1947 quando chegou até o seu falecimento na década de 1990, participando inclusive de órgãos na Secretária de Cultura durante a gestão Zito na prefeitura, Gaspari afirma que:

O Zito tem uma coisa contraditória... ao mesmo tempo em que era um ogro... ele tinha um respeito muito grande pelo Barbosa, pela memória do Barbosa... ele convive com a história do Barbosa, ele sabe... o Zito é nordestino... ele tem muito respeito pelo nome do Barbosa... a rua onde o Barbosa mora hoje é rua Francisco Barbosa Leite, tem uma escola no terceiro distrito chamada escola Francisco Barbosa Leite. (Entrevista com Beto Gaspari).

O depoimento do artista Beto Gaspari é esclarecedor ao definir Zito como uma figura contraditória, utilizando como parâmetro a sua relação com Barbosa Leite e sua fama de “ogro”. Por outro lado, é enfatiza que “o Zito é nordestino” denotando justificativa quanto as atitudes populares junto aos mais pobres e aos nordestinos residentes em Duque de Caxias, tal como suas ações de proximidade com os feirantes.

A comparação entre Tenório Cavalcante e José Camilo Zito é muito comum entre os analistas políticos do município. É pautada não apenas no âmbito da figura de força que foram agregadas à imagem de ambos ao longo de suas carreiras políticas. Para além deste fator, existem em comum as suas trajetórias de vida como migrantes oriundos do Nordeste que se consolidaram em Duque de Caxias e que se transformam em líderes políticos. O depoimento de Beto Gaspari problematiza exatamente essa relação:

No governo Zito se tentou levantar aquela fortaleza para ser um centro cultural. E o Zito fica meio reticente, porque a figura do Tenório, se ele Zito engradece a figura do Tenório poderia trazer alguns problemas para ele. E aí a gente não sabe se era criar problema por ele estar engrandecendo a figura do Tenório, ou porque ele estaria disputando um lugar com o cara. (Entrevista com Beto Gaspari).

A fortaleza citada por Beto, é como era chamada a casa de Tenório no Centro de Caxias, devido ao forte aparato de defesa, contendo seguranças, saídas secretas e placas de chumbo. No mesmo espaço, hoje funciona uma escola técnica (FAETEC) e uma drogaria privada. O depoente realiza uma análise em que considera que um resquício de temor por uma relação entre a figura de Tenório e a figura pública de Zito, teria levado o então prefeito a se afastar das questões referentes à criação de um centro cultural na antiga “fortaleza de Tenório”. Não fica clara se o temor é referente a relacionar ambos por um viés de caráter violento, ou se havia uma disputa de poder e imagem de político nordestino popular que Zito buscava superar em Tenório.

Dentro dessas diversas relações entre o presente e o passado, a imagem de Zito está presente no imaginário social da Feira de Caxias e do município de uma forma geral. É esse político de características duais que vai estar no poder como prefeito do município de Duque de Caxias quando é pedida a patrimonialização da Feira de Caxias. O projeto de lei proposto para votação na Câmara dos Vereadores de Duque de Caxias é de autoria de vereadora Margarete Conceição de Souza Cardoso, conhecida popularmente por seu nome político, Gaete.

Vale destacar que a relação realizada entre a aprovação do projeto e o governo Zito não exclui a atuação de outros personagens protagonizando esse projeto. O que se pretende aqui é abrir um leque de possibilidades dos quais se inclui o campo aberto pela figura de Zito que permitiu o debate de um projeto de patrimonizar a Feira.

O Projeto de Lei nº 091, proposto pela vereadora Gaete, no ano de 2010, propõe a preservação da Feira de Caxias, considerando o espaço inicial ocupado pela mesma nos anos de surgimento de Duque de Caxias, paralelo à linha férrea da Leopoldina, que percorre o



município. Como justificativa para proposição de zelo municipal pela atividade, que também ocorre em diversas outras cidades e bairros como uma atividade cotidiana, mas que se difere em Caxias por diversos motivos, o projeto enfatiza que

Segundo o Art. 216 da Constituição Federal de 1988, o patrimônio cultural brasileiro se compõe de bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Com efeito, a amplitude da definição constitucional sobre patrimônio cultural deixa a possibilidade de salvaguardar as motivações identitárias, históricas e culturais que levam os grupos sociais a agir em prol da defesa, valorização e promoção dos bens patrimoniais que lhes são caros e sobressaem como signos portadores de significados representativos de fatos, personagens, lugares, saberes, técnicas e artefatos. Assim, como poderia esta municipalidade deixar de prestar tal salvaguarda a uma das mais antigas feiras livres da região, onde, maravilhosa herança dos formadores desta cidade, gerações inteiras professaram suas atividades artísticas, culturais, étnicas e religiosas, auxiliando na construção de nossa sociedade pluricultural?

Com efeito, tal proteção presta-se, também, para garantir a permanência de tão importante atividade, por primazia, naquele local à qual pertence, ao município e seus cidadãos, e principalmente para a história da Cidade de Duque de Caxias. (Projeto de lei municipal nº 091 de 2010).

Como justificativa para a proposta é fundamental remeter ao artigo 216 da Constituição Federal de 1988, que trata dos assuntos referentes ao processo de tornar patrimônio, enquadrando patrimônio cultural brasileiro como um conjunto de bens de natureza material e imaterial que denotem a presença de referência identitária, de ação e memória dos grupos sociais que formam o Brasil. Adiante, existe o relato da amplitude estabelecida sobre o patrimônio cultural, em que se referem motivações de diversos fatores e influências. Por fim, é justificado que a Feira é um espaço que presta memória e identidade ao município, atuando como ambiente de ação e resistência dos grupos sociais diversos que habitam ou habitaram a região. De modo geral, é a análise de que o local emergiu como a representação de uma herança cultural e histórica dos “formadores desta cidade”, com o estabelecimento por gerações de atividades artísticas, de aspecto cultural, éticas e religiosas, formando uma “sociedade pluricultural”.

Os termos utilizados na justificativa vão ao encontro das fontes e relatos desenvolvidos ao longo desta dissertação. A Feira de Caxias se fortalece na medida do crescimento do município, com atuação de diversas personalidades que utilizam o espaço para aflorar suas memórias e identidades. Faz surgir no município um sincretismo cultural entre essas diversas representatividades que ali habitavam e viviam. O fortalecimento da atividade se dá justamente naquilo que a proposta de projeto lei chama de formação de uma “sociedade pluricultural”. Logo, a Feira de Caxias é formada e é formadora da sociedade que se

estabelece no município. Construída e construtora das relações dos migrantes de diversas regiões em Duque de Caxias, que lá estabelecem seus graus de memória e relações identitárias. Defende-se aqui que a Feira reflete os mais notáveis e transparentes de laços e relações que foram formados pelos migrantes nordestinos doravante sua forte presença não só no município como no próprio espaço da atividade feirante.

Para findar a análise do trecho retirado da proposta tramitada na Câmara dos Vereadores do Duque de Caxias, o projeto defende a garantia da permanência da Feira como justificativa para a sua importância na formação cultural local, na medida em que seja uma atividade que esteja na relação de pertencimento aos cidadãos, ao município e à história de Duque de Caxias. Este trecho citado acima corrobora com a ideia de que o espaço e a localidade desenvolveram ao longo do processo histórico uma relação intrínseca de crescimento, seja no que se refere aos dados econômicos e demográficas, seja no que se refere ao sentido de identidade, memória, pertencimento e cultura municipal.

A proposta de Gaete transforma-se na Lei-municipal 2. 336, aprovada pelos vereadores e sancionada pelo então prefeito, José Camilo Zito em 29 de dezembro de 2010.

Art. 1º. Fica declarada Patrimônio Cultural do Município de Duque de Caxias a “Feira de Duque de Caxias”.

Parágrafo Único. Compreende “Feira de Duque de Caxias” a feira dominical realizada nos seguintes logradouros: extensão da Avenida Duque de Caxias, trecho inicial à Rua Tuiuti; seguindo pela Avenida Presidente Vargas até à esquina da Rua Paulo Lins; continuando à Rua José Carlos Lacerda (antiga Gastão Cruis), trecho compreendido entre a esquina com Rua Paulo Lins até a esquina com a Rua Voluntários da Pátria; trecho da Rua Voluntário da Pátria, esquina com a Rua José Carlos Lacerda (antiga Gastão Cruis) até a esquina da Rua Marechal Deodoro e trecho da Rua Marechal Deodoro desde a esquina da Rua Voluntário da Pátria até a esquina com a Rua Poncho Verde; todas no Bairro Jardim Vinte e Cinco de Agosto.

Art. 2º. (VETADO) Para fins desta Lei, complementam o Patrimônio Cultural, ainda, todas as atividades artísticas, culturais, étnicas e religiosas ali desenvolvidas, ficando os órgãos do Poder Executivo obrigados a zelar por suas realizações, independente de autorização.

Art. 3º. Ao Poder Executivo caberá a efetiva tutela do patrimônio ambiental (cultural e natural), protegendo os locais de sua realização, elencados no Parágrafo Único, do artigo 1º desta Lei, por seu valor histórico, ficando vedada sua alteração.

Art. 4º. A Secretaria Municipal de Cultura providenciará anotação de registro em livro próprio, devendo zelar por sua guarda e conservação.

Art. 5º. A presente Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. (Lei municipal 2.336 de 2010)

No primeiro artigo da lei é tratado a proposição central e o motivo pelo qual se estabelece o fato legislado, em torno da transformação da Feira de Caxias em Patrimônio Cultural do Município de Duque de Caxias. Logo de início a nova legislação municipal institui e declara o espaço e a atividade dominical como patrimônio. Em seguida, em

parágrafo único, existe a preocupação com o espaço a ser preservado. Levando em consideração que o evento aumentou seu raio de ação ao longo das décadas, houve a preocupação, embora se tenha incluído o espaço inicial ao longo da linha férrea entre o Centro do município e o bairro da Vinte e Cinco de Agosto, em citar o atual espaço que constitui a Feira como ambiente de preservação e participante da categoria de patrimônio.

A primeira delimitação compreende justamente a rua onde se tem início a atividade, “extensão da Avenida Duque de Caxias, trecho inicial à Rua Tuiuti; seguindo pela Avenida Presidente Vargas até à esquina da Rua Paulo Lins”. Este trecho citado perpassa a rua que margeia a linha férrea no bairro Vinte e Cinco de Agosto, nas proximidades do Centro de Duque de Caxias e surgida ao redor da antiga estação de Merity (atual Caxias). Os demais trechos e ruas que se enquadram dentro do local da Feira, compreendem aos “territórios” conquistados pelos feirantes mediante suas ações, resistência no local e crescimento devido à demanda por diversos produtos e busca pelas relações de identidade e memória entre os migrantes consolidados no espaço ao longo dos anos.

O 3º artigo ao tratar da tutela sobre o patrimônio cultural delimitado no parágrafo único do artigo 1, destina-o ao poder executivo de nível municipal. No artigo 4º tal pretensão é reafirmada ao destinar-se à Secretaria Municipal de Cultura a função de guardar e preservar o patrimônio em anotação de livro próprio. Tais delimitações caracterizam justamente a atribuição de patrimônio cultural municipal, assim como está presente na lei que está sendo analisada no momento e trata da patrimonialização da Feira de Caxias. Para findar, o 5º artigo é destinado para o tratamento de validação da legislação a partir da data ao qual foi promulgada e outorgada pelo executivo do município.

No que se refere o artigo 2º, vetado, sua análise requer uma atenção especial para a compreensão das motivações que levaram o mesmo a ser questionado. Inicialmente o conteúdo trata da abrangência de diversas atividades desenvolvidas ao longo da Feira, que passam a serem tratadas como inseridas ao território patrimonializado. Este conteúdo não parece ser motivo para preocupação do poder público. A própria proposta inicial é de uma realização de conservação das atividades que se realizavam ao longo da organização feirante, como um movimento de sincretismo cultural, artístico, religioso e social de várias regiões do Brasil. O que vai transformar o artigo em fruto de preocupação é justamente a continuidade da matéria tratada: “...ficando os órgãos do Poder Executivo obrigados a zelar por suas realizações, independente de autorização”

Em primeiro lugar, parece extremamente abrangente quando trata de órgãos do Poder Executivo. Quais seriam esses órgãos? Por outro lado, o findar da matéria aloca a expressão

“independente de autorização”, denotando autonomia no que se refere a processos institucionais.

Como forma de compreender as motivações para o artigo ser vetado, buscou-se imediatamente as justificativas para tal ação, como segue abaixo:

Não obstante o mérito da proposta, o art. 2º apresenta significativos óbices que impedem a sua sanção. À luz do princípio da independência entre os Poderes, não se admite a ingerência de um Poder sobre o outro, de modo que viola o princípio em comento qualquer norma que imponha deveres ao Poder Executivo, mormente no que se refere à estrutura ou às atividades exercidas por ele.

Desse modo, ao impor atribuições aos órgãos municipais, o dispositivo em apreço além de usurpar competência privativa do Poder Executivo, nos termos do art.32, §1º, II, “c” da Lei Orgânica Municipal, fere de morte o princípio da separação e harmonia dos Poderes, previsto nos arts. 2º da Constituição Federal, 7º da Constituição Estadual e 2º da Lei Orgânica Municipal.

Assim sendo, postas todas essas considerações, não resta alternativa senão VETAR PARCIALMENTE o Projeto de Lei nº 091/2010, incidindo o veto sobre todo o texto do artigo 2º da proposição, nos termos do Artigo 36, §1º, da Lei Orgânica Municipal, devolvendo-o ao Poder Legislativo para os procedimentos de estilo. (Lei municipal 2.336 de 2010).

Como pode ser observado acima, o veto é justificado justamente pela determinação de que cabia ao Poder Executivo o zelo pela realização, " independente de autorização". Deste modo, caberia a um poder a total e absoluta autonomia para a gerencia da atividade. Em primeiro lugar, o ato de vetar é atribuído a uma inconstitucionalidade e quebra dos princípios de divisão de poderes. O artigo traria ainda uma atribuição específica ao executivo municipal no que se refere ao financiamento de atividades artísticas e culturais. Ou seja, iria onerar os recursos da receita da Prefeitura para tais atividades. Reiterando, a constituição e as leis pelas quais foram observadas as necessidades de se vetar o artigo, para findar a justificativa determinando o veto parcial do projeto, atribuindo tal medida ao conteúdo presente no artigo 2º.

No intuito de enriquecer a discussão, recorre-se aqui ao Dossiê para Registro da Feira de Caxias, elaborado pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria de Cultura e Turismo de Duque de Caxias. Os responsáveis por redigir o documento foram o então secretário de cultura e turismo do município, Jesus Chediak, e a diretora do Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural, Gladis Braga Figueira. O dossiê é do ano de 2015, período de mandato do então prefeito, Alexandre Cardoso.

O documento citado acima, realiza uma importante consideração que pode funcionar como um questionamento ao ato de vetar o artigo 2º em 2010, ao afirmar que:

A legislação municipal que dispõe sobre o tombamento de bens materiais e imateriais que constituem o patrimônio histórico, artístico e cultural do Município de Duque de Caxias... não determina os procedimentos a serem observados na instauração e instrução do processo administrativo de Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial...

Em análise da própria legislação citada acima, Lei nº 2.300 de 16 de dezembro de 2009, na parte que se refere ao "tombamentos dos bens imateriais", os artigos 10, 11 e 12, destinam-se as determinações sobre os processos de tombamentos no município de Duque de Caxias. De fato, não há citação sobre os órgãos que ficam responsáveis pelo zelo do patrimônio criado. Em um primeiro momento, a proposta de tombamento e patrimonialização da Feira de Caxias não fere qualquer princípio de jurisprudência municipal.

Art. 10. O Poder Público Municipal procederá ao Tombamento, através do registro dos bens de natureza imaterial, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade de acordo com o Art. 216 da Constituição Federal.

Art. 11. O Tombamento dos bens imateriais consistirá no registro dos saberes, das celebrações, das formas e expressão, dos sítios e espaços onde se concentrem práticas culturais coletivas.

§ 1º. O Tombamento terá sempre como referência a continuidade histórica do bem imaterial e sua relevância para a memória, a identidade e a formação da Cultura da Cidade.

§ 2º. O registro, incentivo e apoio aos bens imateriais tombados será custeado com recursos do Fundo Municipal de Cultura.

Art. 12. O Tombamento dará ao bem o título de Patrimônio Cultural da Cidade de Duque de Caxias.

Os artigos citados acima corroboram com o pedido de tombamento da Feira de Caxias, e contribuem para a tese de que existem no espaço a forte presença de relações de identidade e constituição de relações de memória e herança de gerações do município. O Artigo 10 atribui ao Poder Público Municipal a função de realizar os procedimentos para tombamentos e registro dos bens de natureza imaterial, quadro ao qual se enquadra a Feira de Caxias. Esta determinação por si só não garante uma justificativa ao processo de veto ao artigo 2º da lei municipal 2.336, que transformou a Feira de Caxias em patrimônio imaterial do município.

O artigo 11 da Lei municipal 2.300, possuindo dois parágrafos, constitui os princípios necessários para categoria de Patrimônio Cultural Imaterial do Município. Registra as práticas culturais coletivas concentradas em espaços, como a própria Feira de Duque de Caxias. Os atributos que se seguem confirmam a legitimidade de enquadramento do local como Patrimônio Imaterial, corroborando com o que se defendeu neste trabalho de dissertação a respeito da Feira. Não se faz necessário ressaltar os pontos antes defendidos aqui a respeito da Feira de Caxias, uma vez que o próprio parágrafo primeiro certifica as características centrais

das celebrações dominicais em Duque de Caxias, ao considerar o Patrimônio Imaterial como aquele que permite a "continuidade histórica do bem imaterial e sua relevância para a memória, a identidade e a formação da Cultura da Cidade."

O parágrafo segundo volta a tratar sobre a exclusividade do poder municipal a respeito do zelo pela continuidade das atividades na Feira de Caxias, tratando do registro, incentivo e apoio com base no custeamento do patrimônio tombado pelo Fundo Municipal de Cultura. No que se refere às disposições e separações de competências, a lei não determina as ações que devem ser atribuídas aos três poderes e suas esferas.

Por fim, o artigo 12 institui a nomenclatura pela qual a Feira de Caxias passará a receber, assim como os demais patrimônios imateriais tombados em processos semelhantes, como Patrimônio Cultural da Cidade de Duque de Caxias.

Segundo o Dossiê de Registro da Feira de Caxias, na falta de uma legislação municipal mais clara a respeito das competências dos poderes no processo de zelo do Patrimônio Imaterial do Município, consagrou-se a defesa dos artigos 23 e 30 da Constituição Brasileira de 1988. Seguem ambos os artigos citados para análise:

O artigo 23 da Constituição de 1988 determina como uma função conjunta entre os níveis e as esferas, municipal, estadual e federal o zelo do patrimônio cultural:

Art.23: "É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos".

Já no artigo 30, enfatiza-se que após as observações da legislação e ações fiscalizadoras das demais esferas (estadual e federal), compete aos municípios a proteção aos patrimônios locais:

Art. 30. Compete aos Municípios:

IX - promover a proteção do patrimônio histórico-cultural local, observada a legislação e a ação fiscalizadora federal e estadual.

De forma analítica, não se pode afirmar que a matéria legislativa trata de destinar competência única ao poder público municipal, sem observação de autorização prévia. O próprio conteúdo ressalta que deve ser "observada a legislação e a ação fiscalizadora federal e estadual". Logo, não se compreende aqui como legal, quanto a legitimidade baseada em lei, a atribuição de zelo exclusivo ao poder municipal, como trata o artigo 2º da Lei que propõe o tombamento da Feira de Caxias (lei municipal 2. 336). (Artigo 23 da Constituição Federal de 1988).

Para findar, o Dossiê justifica-se pela constante confusão criada entre os termos tombamento e Registro do Patrimônio Imaterial:

Cumpra assim esclarecer que o Registro do Patrimônio Imaterial é comumente confundido com o tombamento. No entanto, diferencia-se deste, porque, considerando manifestações puramente simbólicas, não se presta a imobilizar ou impedir modificações nessa forma de patrimônio, nem onera o Erário da Municipalidade. Seu propósito é inventariar e registrar as características dos bens intangíveis, de modo a manter viva e acessível às tradições e suas referências culturais, acompanhando sua evolução. Os procedimentos para o Registro foram definidos pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN e seguidos pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo na elaboração do presente Dossiê. (Dossiê para o Registro da Feira de Caxias).

Como pode ser observado acima, a categoria pela qual se enquadra a Feira de Caxias é a de Registro do Patrimônio Imaterial, considerando a mesma como uma manifestação simbólica sem prejuízo ao "Erário da Municipalidade". Logo, a pretensão na qual se propõe o Registro seria o de permitir a conservação da atividade amparada na sua patrimonialização e registro do espaço, delimitando sua origem, suas heranças, seu funcionamento, atividades, local de funcionamento e importância para as atividades culturais, de memória e fortalecimento de identidade com a história municipal.

Para se restringir aos dados passados pelo próprio Dossiê para Registro, consultou-se diretamente a Lei Municipal nº 2.300 de 16 de dezembro de 2009. A matéria legisla sobre os processos de "tombamento de Bens Materiais e Imateriais que constituem o Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Município de Duque de Caxias. De imediato, vale destacar o Artigo 1º que delimita os bens que seriam de interesse a declaração como Patrimônio Cultural do Município.

Art. 1º. Constituem o Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Município de Duque de Caxias os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, existentes em seu território e cuja preservação seja de interesse público, dado o seu valor histórico, artístico e cultural manifestados em:

- I. formas de expressão;
- II. modos de criar, fazer e viver;
- III. criações científicas, artísticas e tecnológicas,
- IV. obras, objetos, documentos e edificações; e
- V. os conjuntos edificados e sítios urbanos e rurais. (Lei municipal 2.300 de 2009).

Dentro das delimitações atribuídas acima, a Feira de Caxias se encaixa na categoria dos Bens de Patrimônio Imaterial, tombado em conjunto no território do município. Sua preservação se tornou interesse público na certificação do reconhecimento de um grupo que buscou representar sua simbologia no contexto histórico local. Como fator fundamental para a

argumentação existe o valor histórico para a constituição de Duque de Caxias, no sentido de seu crescimento e desenvolvimento ter sido concomitante à própria cidade. Além disso, enquadram-se atividades artística e culturais que se notabilizaram no espaço de modo inerente às relações híbridas entre as diversas populações que ocuparam o território utilizando a atividade do espaço como local de expressão de suas regionalidades, heranças e memórias. No caso da Feira, ela se enquadra dentro das especificações I e II, como forma de expressão e modo de criar, fazer e viver.

Embora o Dossiê afirme que o Projeto de Lei que torna a Feira de Caxias um Patrimônio Imaterial do Município tenha como objetivo central o Registro e não o Tombamento, a Lei Municipal que trata sobre os processos de patrimonialização, trata esses bens culturais nas condições de tombamento dos mesmos (registro em Livros de Tombos). O artigo 2º, que trata das competências, no que se refere ao patrimônio municipal, dispõe:

Art. 2º. O Poder Público Municipal promoverá, garantirá e incentivará a preservação e conservação dos bens protegidos com base nesta Lei através do tombamento, da fiscalização, da execução de obras ou serviços que assegurem sua integridade e valorização.

§ 1º. Compete ao Poder Público Municipal promover a conscientização da população para a conservação e valorização do Patrimônio Cultural.

§ 2º. Compete à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo a implementação de políticas de proteção e valorização do Patrimônio Histórico e Cultural e, no que couber, o disposto nesta Lei. (Lei municipal 2.300 de 2009).

Da forma como propõe, o Artigo 2º trata a promoção, garantia e incentivo a preservação e conservação do patrimônio cultural por parte do Poder Público Municipal como um processo a ser direcionado ao tombamento do mesmo. Logo, se faz necessário tomar o patrimônio, além de realizar o registro. Tal medida, segundo a matéria, investiria no direito de integridade e valorização dos bens. Os dois Parágrafos aos quais competem o Artigo, denotam maiores responsabilidades à esfera executiva, principalmente no que se refere a educação e conscientização da população na conservação, proteção e valorização do patrimônio. Pode-se considerar a criação do Forró de Feira de Caxias como um mecanismo que buscou tratar dessa proteção vinculada ao serviço público municipal, além dos serviços de fiscalização, garantia das barracas, logística, transporte dos produtos, garantia de local, mapeamento e registro dos feirantes.

O citado Dossiê relaciona uma outra matéria de lei na qual se baseia para justificar o projeto para tornar Patrimônio Municipal a Feira de Caxias, ao citar:



Quanto ao patrimônio intangível, o Município, tendo de observar a legislação federal, está obrigado a cumprir os mandamentos do Decreto nº 3.351 (constante dos Anexos deste Dossiê), baixado pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso a 4 de agosto de 2000, em função dos compromissos firmados pelo Brasil na 328ª sessão da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). (Dossiê para Registro da Feira de Caxias).

A citação da legislação federal usada para justificar o documento precisa ser problematizada. O Decreto citado (3.351) trata sobre o Patrimônio Nacional, ao passo que a Feira remete ao Patrimônio Municipal. Mesmo sendo usada como parâmetro pelo Dossiê, é preciso ressaltar que o registro da Feira de Caxias é realizado pelo poder municipal, que naturalmente legisla sobre o Patrimônio Imaterial Municipal.

Uma vez citada, faz-se necessário então, a avaliação desta lei para que assim possamos realizar uma análise a respeito do caso em questão. Utilizada no dossiê, sua avaliação é no sentido de compreender qual o parâmetro utilizado para anexá-la ao processo. A legislação atua sobre os casos de registro de bens de cultura imaterial do Patrimônio Cultural Brasileiro. Chama atenção logo de princípio, a falta de citação em relação ao Livro de Tombos no que se refere ao registro de patrimônios imateriais, como pode ser observado abaixo:

Art. 1º Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.

§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros:

I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

§ 2º A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. (Decreto nº 3.351 de 2000 – Fernando Henrique Cardoso).

A exclusão do Livro de Tombo funciona como uma justificativa de legitimidade e busca pela superação do veto ao artigo 2º da Lei Municipal 2.336 de Duque de Caxias. Ao recorrer à legislação de esfera nacional, o Dossiê busca elaborar um indício de que a motivação central da tentativa de patrimonializar a Feira de Caxias, era o seu Registro como Bem de Cultura Imaterial. Porém, tal justificativa não compreende o termo utilizado na sua atribuição de lei, ao propor a instituição do espaço como Patrimônio Cultural Municipal, e não em nível nacional, como se trata no caso da lei sancionada pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (3.335), na qual o Dossiê busca se escorar. Por fim, o Parágrafo segundo

abre uma possibilidade subjetiva, na qual supõe-se o ingresso do Livro de Tombo, verificada a legislação municipal:

§ 3o Outros livros de registro poderão ser abertos para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituam patrimônio cultural brasileiro e não se enquadrem nos livros definidos no parágrafo primeiro deste artigo. (Decreto nº 3.351 de 2000 – Fernando Henrique Cardoso).

Novamente pode ser notado que o termo utilizado no trecho citado acima é "patrimônio cultural brasileiro", não ficando claro a exclusão ou inclusão de bens de natureza regional. Desta maneira, existe uma informação destoante entre o defendido no Dossiê e o conteúdo da lei citada pelo menos como forma de defesa. De todo modo, o artigo 2º da Lei 3.351 abre uma nova possibilidade de criação de Patrimônios Culturais Brasileiros a partir de instituições de esferas estaduais e federais, como secretarias:

Art. 2o São partes legítimas para provocar a instauração do processo de registro:  
 I - o Ministro de Estado da Cultura;  
 II - instituições vinculadas ao Ministério da Cultura;  
 III - Secretarias de Estado, de Município e do Distrito Federal;  
 IV - sociedades ou associações civis. (Decreto nº 3.351 de 2000 – Fernando Henrique Cardoso).

É importante a observação do item III, que se refere ao processo de registro como parte legítima para instauração nas secretarias de municípios, como ocorreu na Feira de Caxias. Não obstante, continua chamando atenção o fato de a Lei tratar de patrimônios de cunho nacional, sem citar por enquanto aqueles que façam menção aos de identidade e relevância regional.

Ao adentrar no Artigo 3º, encontramos uma outra questão a ser discutida. O mesmo trata da participação direta do IPHAN (Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional) para os processos de registro dos patrimônios nacionais. Caberia enquadrar a Feira de Caxias dentro desta categoria, uma vez que o Dossiê reitera que a realização do processo de registro foi todo acompanhado e aprovada pelo órgão?

Art. 3o As propostas para registro, acompanhadas de sua documentação técnica, serão dirigidas ao Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, que as submeterá ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural.

§ 1o A instrução dos processos de registro será supervisionada pelo IPHAN. (Decreto nº 3.351 de 2000 – Fernando Henrique Cardoso).

Sem interferência ao caso, trata-se aqui de problematizar os termos utilizados no Dossiê e a categoria de veto qualificada ao Artigo 2º da Lei Municipal 2.336 de Duque de

Caxias. A compreensão de seu veto parece apresentar características pouco didáticas no que diz respeito ao entendimento e compreensão.

A confusão de termos permanece ao longo da legislação que trata sobre o Patrimônio Nacional, comparada ao defendido pelo Dossiê. No Artigo 6º é disposto que cabe ao Ministério da Cultura assegurar o bem registrado, tal como garantir sua promoção e ampla divulgação. Na legislação municipal de patrimonização da Feira de Caxias, tal incumbência é destinada ao Poder Público Municipal. Concluindo, mais uma vez vale enfatizar que a categoria ao qual se trata a Feira de Caxias, segundo a Lei Municipal 2.336 é a de Patrimônio Cultural Imaterial do Município de Duque de Caxias. A Lei pela qual o Dossiê se respalda é a de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Cria-se assim, um distanciamento que desqualifica a justificativa do documento supracitado.

No mais, a patrimonização da Feira de Caxias permite garantir a continuidade da atividade que demandou a valorização das relações de identidade e pertencimento dentro de um espaço de comércio e sobrevivência. A Feira se transformou em um ciclo cultural que passou a ser valorizado e preservado pelo próprio poder público de forma formal. Ou seja, a resistência representada por artistas, feirantes e frequentadores ao longo do século XX e no início do século XXI, começava a ser compreendido pelo âmbito das esferas públicas como local de influência política e social.

#### **4.3 "A Grande Feira de Caxias": a obra de Barbosa Leite representando a Feira de Caxias**

Entre os diversos artistas que desenvolveram trabalhos ao longo dos anos na Feira de Caxias, chama bastante atenção a presença do cearense Barbosa Leite. Artista múltiplo, que representava as relações intrínsecas entre duque caxienses, migrantes nordestinos, mineiros, capixabas, imigrantes, fluminenses e cariocas. Em diversas obras, pinturas, poemas, textos, esculturas, quadros e principalmente, cordéis, Barbosa retratou o migrante nordestino em seu caminho ao Sudeste e ao município de Duque de Caxias, no qual se torna residente ao longo de sua jornada de deslocamento para o Rio de Janeiro.

Cearense de Uruoca, Barbosa foi um dos tantos nordestinos que buscaram na migração para o Sudeste a expectativa de melhorar de vida. O que o diferencia de outros migrantes é o fato de que quando saiu do Ceará já era um artista plástico reconhecido como membro da

Sociedade Cearense de Artistas Plásticos. Em depoimento de um de seus treze filhos, sendo 6 nascidos no Ceará, Rosa Leite (filha de Barbosa), enfatiza os motivos que levaram o artista a sair do Ceará e migrar para o Rio de Janeiro:

[...] eu acho que o Ceará ficou pequeno para ele né. Apesar de que quando ele veio pra cá, ele já fazia parte da Sociedade Cearense de Artistas Plásticos. Ele veio pra cá pra trabalhar... Deixou minha mãe lá com 5 filhos e 1 na barriga. Ficou dois anos aqui... ele morava ali na Álvaro Alvim, dividia com outro cearense... era artista plásticos... meu pai veio pro Rio em 1945 ....Em 1947 ele veio pra Caxias... antes que minha mãe viesse, ele já queria ficar... dois anos (depois que ele veio)... ele veio de navio... aí ele foi trabalhar no IBGE, que tinha que mandar dinheiro pra família, que era onde que o Solano Trindade trabalhava... e o Solano falou para ele, ó eu vou te levar para um lugar... e o Solano trouxe ele, que a minha mãe já estava a caminho. (Entrevista com Rosa Leite).

Os caminhos que levam Barbosa até o Sudeste se aproximam das experiências de outros migrantes. Em busca de melhores condições financeiras e maior exposição para a sua arte, desembarca no município do Rio e divide casa com um conterrâneo, fazendo funcionar a estratégia das redes de solidariedade, com auxílio mútuo. A organização familiar também é uma característica no deslocamento de Barbosa semelhante a casos de outros retirantes. O homem mais velho e com mais capacidade de encontrar emprego (Barbosa) é o que vem primeiro, uma vez que estabelecido, posteriormente mulher e filhos chegam ao novo destino.

Chegando ao Rio de Janeiro em 1945, Barbosa Leite vai trabalhar no Serviço Nacional de Recenseamento do IBGE, e neste órgão acaba criando relações de amizade com o poeta e escritor pernambucano, Solano Trindade<sup>130</sup>. Na época, o artista pernambucano era um dos migrantes nordestinos que havia desembarcado em Duque de Caxias. A forte relação de amizade desenvolvida entre os dois migrantes fará Barbosa Leite providenciar sua mudança para Duque de Caxias em 1947.

Com a mudança da família para o Rio de Janeiro, não havia condições de continuar dividindo a casa com outro migrante. Barbosa começa a buscar casas para morar. A crescente especulação imobiliária e o encarecimento dos alugueis no Rio de Janeiro, levou o retirante cearense a buscar alternativas de moradias em Niterói (na época, capital do Estado do Rio de Janeiro, enquanto o município do Rio de Janeiro era a Capital Federal). É nesse momento que Solano Trindade modifica os rumos de Barbosa, de sua família e de toda uma geração de artistas de Duque de Caxias. A história e a frase de Solano Trindade teria dito a Barbosa Leite

---

<sup>130</sup> Poeta, ator e escritor pernambucano, com forte militância voltada ao movimento comunista, sendo preso duas vezes durante o Estado Novo (1937 – 1945). Chegou em Duque de Caxias em 1942, contribuindo para a construção de uma cultura artística no município. Filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), criou em Duque de Caxias a Célula Tiradentes agregando operário e camponeses da Baixada Fluminense.

para convence-lo a optar por Duque de Caxias fica famosa e é reproduzida não só por Rosa Leite, como por outros intelectuais e artistas da cidade. Segundo Beto Gaspari:

O Solano fala pro Barbosa assim, eu vou te levar para um lugar que eu tenho certeza que você vai gostar, porque é a sua cara... porque já tinha uma migração nordestina grande.... nós tivemos os quilombos lá na colonização, a Baixada Fluminense tem vários quilombos.... e no início do século XX, nós tivemos uma forte migração de nordestinas para começar a construir o que a gente chama de Sudeste... a Baixada Fluminense de uma forma geral já tem essa estruturação populacional começando pelos negros e nordestinos. Então, Solano gostava disso aqui pra caramba. Abdias Nascimento já estava aqui fazendo teatro, em Caxias... então, Solano vem fazer teatro aqui também em Caxias... aí nas nossas conversas, não sei se é verídico né... Solano trouxe Barbosa aqui pra Caxias... é, eu vou te levar para um lugar que eu tenho certeza que você vai gostar... (Entrevista com Beto Gaspari).

Ao reproduzir a mesma história de Rosa Leite, Beto Gaspari entona a memória compartilhada que é baseada nos relatos de Solano e Barbosa. A história de que o segundo haveria chegado pelas mãos do primeiro é fortalecida pelo fato de ambos serem nordestinos. As motivações para Duque de Caxias ser a cara de Barbosa seriam justificadas exatamente pela característica local, sendo uma região com grande migração de nordestinos e uma estruturação social e populacional que permitiu um sincretismo entre diversas culturas. É nesse ambiente que Barbosa irá desenvolver suas obras e atuações. Figura presente na Feira (como visto em reportagens presentes no terceiro capítulo) e em atividades culturais do município, torna-se uma referência a ponto de ter sido de sua autoria a letra do Hino Oficial do Município de Duque de Caxias.

Posteriormente, com a mudança de Solano para São Paulo, Barbosa Leite permanece em Duque de Caxias, incentivando as atividades na Feira, criando movimentos como o da criação da Secretaria de Cultura na década de 1990 (negando-se posteriormente a aceitar o cargo de secretário – segundo os entrevistados Rosa Leite, Vicente Portella e Beto Gaspari), atuando na esquina do Cordel, dando nome a ruas, escolas e à Escola de Arte da Secretaria de Cultura.

Como forma de dimensionar a importância de Barbosa para a cultura de Duque de Caxias e para a Feira da qual tratamos aqui, é importante expor a citação do amigo e artista Vicente Portella que enfatiza:

Barbosa foi mais ou menos o pai da cultura caxiense... O Barbosa reinventou a tradição do cordel na feira de Caxias, ele fez uma barraca de cordel na época na feira de Caxias... e depois eles fizeram vários movimentos, o Solano, o próprio Abdias.. (Entrevista com Vicente Portella).

Na visão de Vicente, artistas como Barbosa Leite, Solano Trindade e Abdias Nascimento<sup>131</sup> contribuíram para a construção de uma tradição cultural em Duque de Caxias. Seguindo esta perspectiva, é possível juntar esses artistas às festas realizadas no Sítio dos Gonzagas, organizadas por Luíz Gonzaga, com diversos artistas. Quando se refere ao cordel, Vicente faz menção a um processo na década de 1980, quando mediante a queda de público e de artistas que buscavam em São Cristóvão publicar e vender suas poesias e cordéis, Barbosa resistiu na esquina do cordel, montando uma tenda e comercializando os textos de sua autoria e de outros nordestinos em Duque de Caxias.

A filha de Barbosa, Rosa Leite, recorda a imagem do pai em sua relação com a Feira de Caxias. Nascida já no município em 1957, a lembrança que possui do pai aos domingos representa:

Era o mundo dele, o cordel, as comidas típicas, da cultura. E ele ia pra lá todos os domingos com os cordelzinhos dele. Lançamentos de livros muitas vezes foi na Feira. Tanto que ele tem vários quadros da Feira, de vários ângulos... desde que ele chegou... quando ele chegou aqui já existia. (Entrevista com Rosa Leite).

Inserido no mundo de uma feira que cumpria o que Solano Lopes havia prometido (“um lugar que é a sua cara”), Barbosa Leite transforma a cultura de Duque de Caxias. Em seu ateliê de obras diversas como quadros, livros, relatos e cordéis, é possível encontrar sua visão sobre a Feira de Caxias.

Uma das obras mais marcantes de Barbosa Leite retratou em formato de um cordel a Feira da qual estamos tratando. "A Grande Feira de Caxias" é uma representação do espaço na ótica de um migrante ativista que se via representado e representando seus conterrâneos no local.

Não haveria a possibilidade de desenvolver um trabalho sobre as relações de identidade, memória e pertencimento dos migrantes nordestinos em Duque de Caxias, capitaneado pela feira municipal, sem citar esta consagrada obra de Barbosa, que descreve justamente as singularidades presentes no espaço. Sincretismo, hibridismo, rede de relações, o presente e o passado. Em suma, o poema em forma de cordel, identifica com foco do olhar de um artista nordestino, as principais bases características que tornam a Feira de Caxias em um monumental instrumento de fortalecimento da identidade e da resistência social.

Vejamos abaixo, as estrofes mais importantes desta obra, analisando-a como forma de enriquecer o capítulo mediante uma produção de um nordestino e feirante. Suas atividades na

---

<sup>131</sup> Poeta, escritor, dramaturgo e ativista negro. Abdias teria utilizado a Baixada Fluminense como território de disseminação de sua arte e de seu teatro, como uma forma de se aproximar do público mais popular.

Feira eram voltadas para a arte e para a criação de toda uma rede de relações culturais. O cordel começa como uma peça teatral, criando expectativas no leitor para o ápice, o momento principal e de maior emoção. Como um típico cordelista, Barbosa faz o leitor se prender ao seu objeto principal, a Feira de Caxias, na expectativa de conhece-la pela obra do autor. E após "muito se alongar", segundo o próprio, começa a descortinar a peça da qual dedicou o cordel na 7º estrofe:

Não se trata de pessoa  
Nem visagem ou pensamento  
A minha estória é boa  
Descreve um acontecimento  
Grande e feliz  
Como tal considerado  
Muitas vezes relatado,  
Favorece a economia  
Contribui para a alegria  
Do Pobre ao remediado

Trata-se da feira afamada  
Que acontece em Caxias  
Igual não há na Baixada  
Com tantas mercadorias  
Faianças ou prataria  
Em grande variedade  
Espantosa quantidade  
De tudo o que se imagine  
Minha pena não define  
Toda a sua enormidade  
Ali tem roupa e calçado  
Tudo em muita profusão  
Material importado  
Do mais distante sertão  
Desde o rock até o baião  
Tem muito disco gravado,  
Tem embolada e xaxado...  
Em música, qualquer estilo  
Você compre até aquilo  
E fica atualizado  
(Leite, 2007)

Após longa declamação, Barbosa Leite nos apresenta seu olhar artístico sobre a Feira de Caxias, um olhar migrante, olhar de um nordestino ativista. Atribui ao local a sua capacidade de angariar pessoas, mercadorias e interesses de diversos grupos ao enfatizar o favorecimento à economia e sua contribuição para a "alegria" no domingo do cidadão do município, da Baixada Fluminense e do Rio de Janeiro. A variedade citada pelo autor, pode ser compreendida não apenas pela farta oferta de artigos e mercadorias vindos das mais diversas regiões do Brasil, como das constantes relações construídas, reconstruídas e lembradas no local. "Feira afamada" e "sua enormidade" refletem um sentimento de

orgulho de Barbosa como construtor das relações no interior do espaço e do município. Por fim, e não menos importante, a citação de diversos produtos que podem ser encontrados na Feira, remonta inúmeras memórias, relatos e publicações que enalteciam justamente a capacidade de absorver as diversidades migrantes da Baixada Fluminense, de Duque de Caxias e do Rio de Janeiro.

A ironia se encontra presente o tempo todo no cordel de Barbosa. Ao citar "roupa e calçado, tudo em muita profusão; Material importado do mais distante sertão", o artista remonta os preconceitos e estereótipos enfrentados pelos migrantes nordestinos, principalmente nos primeiros anos em meados das décadas de 1950 e 1960. O Nordeste visto como um território unificado, de tradições diferentes das brasileiras, dos cariocas e fluminenses. "Importado", tal como os produtos oriundos de outros países longevos e tratado de forma simplista, considerando o Sertão como característica geral da região. Não se trata de questionar o conhecimento de Barbosa sobre o Nordeste (ou os Nordeste), muito pelo contrário, uma vez que em diversas obras demonstra-se ciente de seu papel de superação da criação de um nordestino reproduzido. A obra de Barbosa, carregada de teor irônico, propositalmente provoca o leitor mais atento aos aspectos preconceituosos. Problematizar os termos e provocar os preconceitos como forma de colocar na ordem do dia o debate sobre a resistência no local. Ao mesmo tempo, Barbosa cita as roupas e calçados encontrados de forma constante e em grandioso número, demonstrando logo a grande oferta de diversos produtos.

É perceptível na obra Barbosa Leite o teor criticista que acompanha a maior parte de suas produções, tocando em feridas ainda abertas e volumosas dos migrantes de diversas regiões do Nordeste brasileiro. Possui como marca a demonstração de um orgulho pelas relações criadas pelos habitantes migrantes do município na Feira, demonstrando a diversidade de produtos e a permanência de uma identidade relacionada ao Nordeste brasileiro, que é alicerçado na miscigenação cultural. Ao mesmo tempo que cita rock e músicas de qualquer estilo, Barbosa enfatiza componentes como baião, xaxada, embolado, todos relacionados aos migrantes nordestinos na região. Sem esquecer das atualizações musicais das quais o frequentador poderia abastecer seu gosto musical. Em suma, a Feira, no olhar e na representação de Barbosa, é o espaço de trocas culturais e do encontro entre o passado e o presente das redes de relações.

Em diversos outros momentos ao longo da obra de cordel, Barbosa relata uma profusão de produtos encontrados na Feira de Caxias. Alguns são as tradicionais frutas e



verduras comuns nas feiras em geral no estado do Rio de Janeiro. Outros são tipicamente relacionados aos migrantes das regiões Nordeste e Norte do Brasil.

Tem uma carne famosa  
 Importada do Nordeste  
 Que o sol torna gostosa  
 Se nela os raios investe  
 É uma verdadeira inconteste  
 "Carne de sol", como a chamam;  
 É o produto mais vendido  
 E do cardápio o preferido  
 Dos que do Nordeste emanam

Todo tipo de verdura  
 a feira expõe e vende  
 tudo com muita fartura  
 que a todos surpreende  
 e ao consumo atende.  
 De frutas tem toneladas  
 que se espalham nas calçadas,  
 o número de tabuleiros  
 vai a mais de um milheiro  
 com suas barracas armadas.

Produtos de mandioca  
 tem em muita quantidade,  
 tem farinha pra paçoca  
 de primeira qualidade  
 nenhuma dificuldade  
 você tem para encontrar  
 rapadura pra adoçar  
 um xibé de murici  
 ou mesmo de buriti,  
 conforme o seu paladar.  
 (Leite, 2007)

Novamente o termo "importada" é remetido a um produto relacionado à região Nordeste. A atribuição da "carne famosa", a "carne de sol", como produto dos nordestinos demonstra novamente o orgulho do artista com a permanência das atividades de migrantes na Feira. De forma poética, Barbosa concebe "verdade incontestável" à iguaria, como se estivesse reafirmando que a mesma é produzida por nordestinos de localidades que consomem o produto, por pessoas que possuem a cultura de conservar e preparar a carne. Os versos denotam a presença de produtos e de uma população migrante oriunda do Nordeste, ao afirmar que a "carne de sol" é o carro chefe da atividade feirante, "produto mais vendido e do cardápio o preferido dos que do Nordeste emanam".

A grande oferta de produtos típicos de feira novamente é enaltecida. Para dar um tom poético e heroico, por vezes torna-se exagerado. Mas a visão da Feira, seu gigantismo, faz o artista refletir na ótica daqueles que veem de e no orgulho daqueles que participam. Barbosa

neste momento confunde nossa mente. De que período histórico estaria tratando? Ao mesmo tempo em que cita os tabuleiros e produtos espalhados pelo chão, como nos tempos inaugurais, nos anos iniciais da atividade, remete também a uma organização autônoma, como uma saída à falta de recursos financeiros e uma oportunidade de iniciar relações de identidade, mesmo que de forma parcial. Por outro lado, relata as organizadas barracas, de tempos em que a atividade dominical se torna institucionalizada e em uma paisagem típica da Duque de Caxias nos dias de domingo. Qual feira é tratada por Barbosa? O artista estaria de forma proposital demonstrando as relações entre passado e presente do cotidiano duque caxiense no ambiente da atividade dominical?

As citações de produtos encontrados na Feira não se restringem ao Nordeste, algumas iguarias são relacionadas a regiões do Norte do país e são alocadas no poema de Barbosa, como "xibé de murici ou mesmo de buriti". Por outro lado, registra-se novamente a quantidade de produtos advindos de sub regiões do Nordeste brasileiro, encontrados "sem nenhuma dificuldade", e produzidos por conhecedores do processo de preparo na alcunha "de primeira qualidade". Os produtos de mandioca e farinha de paçoca, não irão findar as citações de Barbosa. Como se pode ver mais à frente, o cordel é um emaranhado cultural, carregado de romantismo e representando as visões sobre o espaço.

Se de Minas você é,  
chouriço vai encontrar;  
se gosta de " sarapaté ",  
não precisa se afobar  
- mas não convém demorar,  
pois é muito consumido  
esse prato discutido.  
Suba a rampa do mercado,  
e num barzinho apertado  
logo será atendido.  
(Leite, 2007)

O trecho acima chama atenção para o enaltecimento da presença de artigos de outras regiões do Brasil, fora dos estados da região Nordeste. Demonstra que o próprio migrante nordestino reconhecia a presença e identidade de uma população de migrantes nordestinos exercitando suas memórias e representações na Feira de Caxias. Um outro fator que salta aos olhos dos leitores do cordel de Barbosa Leite, neste trecho, é uma citação a um barzinho em um mercado ao qual é preciso subir uma rampa. Ao que parece, o artista está fazendo menção ao Mercado Municipal de Duque de Caxias, onde funcionam uma série de lojas entre a Avenida Duque de Caxias e a Linha Férrea. O acesso pela rua da Feira é uma região de subida

da via, na qual para ingressar no mercado é necessário acessar uma pequena rampa. O prédio de acesso direto a uma passarela pela qual é possível atravessar a linha férrea e chegar de imediato ao Centro de Duque de Caxias. Atualmente funcionam lojas de temperos diversos, cartórios, papelarias, lojas de roupas, jogos, entre outros artigos. Vale ressaltar, a presença de lojas voltadas a venda de temperos nordestinos e uma outra logo na entrada pela passarela que foi citada, destinada a venda exclusiva de diversos artigos relacionados aos estados do Nordeste brasileiro. Durante a semana, são constantes as filas em diversos horários do dia para apreciar a tapioca que é preparada instantaneamente e faz muito sucesso entre os duque caxienses.

Também encontra angú  
 Feito a moda baiana  
 A tapioca e o beijú  
 Até o mel da cana  
 Durante toda a semana  
 Se gostar de sarrabulho  
 Eles capricham no "entulho"  
 O cosido de costelas  
 E a galinha gabidela  
 Você come com orgulho

Você encontra pamonha  
 Acarajé e abará  
 Que uma baiana risonha  
 Ensina você a gostar  
 Mas não vá exagerar  
 Se pimenta ela oferece,  
 Pois sua goela padece  
 E a língua salta fora,  
 Você cospe, pula e chora  
 Se a pimenta aceitar

Tem milho assado e cosido  
 E até calça aparece  
 O que é proibido  
 A lei não se obedece,  
 O comércio se favorece  
 Quando chegam do sertão  
 As aves de arribação;  
 Tem preá e até tatu...  
 Só não se vende urubu,  
 Outra espécie em extinção  
 (Leite, 2007)

Embora recorde o leitor da presença de migrantes de outras regiões, Barbosa se cerca de expressões e produtos relacionados ao Nordeste, como pode ser visto na tiragem acima. "Angu feito à moda baiana, tapioca e beijú" e "galinha gabidela" são alguns dos produtos expressos na obra do artista que remetem imediatamente aos migrantes nordestinos. Em

alguns outros momentos, Leite expressa sua poesia a partir de sentidos comuns que permanecem até os dias atuais entre a população fluminense e do Sudeste do Brasil. Como exemplo, pode ser citado a "baiana risonha" e as temerosas, porém frutos de curiosidades, pimentas, complementares em quitutes deste estado da Federação (Bahia), como o acarajé. É possível perceber neste trecho as famosas aves que eram comercializadas na Feira de Caxias, vindo "diretamente" do Sertão nordestino. Mais uma vez, o comércio dessas espécies é citado mediante um aspecto de tráfico, uma vez que se tornou durante muito tempo proibido, mas a atividade continuou funcionando de forma ativa.

A visão poética de Barbosa Leite sobre a Feira de Caxias remete os aspectos de grandiosidade, enaltecimento às trocas comerciais e culturais. A citação de diversos produtos mais parece uma demonstração, uma prova de que sua tese é legítima. O artista passa todo o cordel demonstrando em detalhes toda a riqueza do espaço do qual participava. Em certos momentos faz o leitor se perder em tantas ofertas:

Tem tergal, naylon, cetim  
 Cambraia, seda, filé  
 Em azul, verde ou carmim  
 Da forma que se quiser;  
 Tem pra homem e pra mulher;  
 Roupas da moda atual  
 E quando é carnaval  
 Você compra fantasias  
 E outras alegorias  
 Nesta feira sem igual  
 (Leite, 2007)

Barbosa demonstra orgulho do seu espaço, parece estar entusiasmado em apresentar aos leitores o local. Suas palavras selecionadas para o poema representam a tradução de um sentimento de migrante. O cordel é uma memória de um retirante nordestino que constituiu suas relações no município.

O artista caminha para o findar o cordel reservando parte importante para a Feira em seu processo histórico. Os cantoleiros, violeiros, sanfoneiros finalmente aparecem de forma destacada. São os artistas da Feira de Caxias, que cantavam, escreviam, representavam, pintavam e esculpavam suas experiências, suas localidades e suas memórias.

Uns pontos quero marcar  
 De graça tão evidente  
 Basta você esperar  
 Daí há pouco presente...  
 Pare, então ouça e atente  
 Para uma violaafiada  
 Num recanto da calçada  
 Os violeiros glosando,  
 Quem fica ou quem vai passando  
 Com rimas bem apuradas  
 (Leite, 2007)

A recordação aos violeiros, versantes e rimadores novamente nos coloca uma dúvida a respeito sobre o período ao qual Barbosa Leite estava reproduzindo sua visão sobre o espaço. Ao que tudo indica, parece que o poeta realiza uma visão da atualidade com uma forte presença de uma memória nostálgica ao introduzir elementos não mais presentes no espaço, mas que fizeram parte de um tempo muito enaltecido pelos migrantes que prestaram depoimentos para este trabalho. Barbosa atuava não apenas como artista, memorialista e ativista, havia uma história dentro deste migrante, uma história compartilhada por outros tantos que se utilizaram da Feira como forma de afagar as saudades da terra de origem, consolidando relações em seu novo lugar.

O findar do cordel reserva uma parte especial para os sanfoneiros, tão citados no Nordeste e por vezes registrados em Duque de Caxias. Barbosa não deixa de enaltecer e reverenciar esses artistas, demonstrando novamente a ideia de que a Feira de Caxias possui uma continuidade de espaço e tempo, na memória daqueles que participaram e participam de suas atividades.

Da sanfona, um tocador  
 Existe que surpreende,  
 Ele é cego e tem amor  
 Pelo que toca e atende  
 Mas seu coração não vende  
 Uma orquestra ele aparece,  
 Com as mãos e os pés ele tece  
 Seu repertório infinito e,  
 Parecendo um audaz espírito,  
 Que a feira enaltece  
 A feira é um panorama  
 De efeito gigantesco  
 Feitos de sonhos e dramas  
 Tangenciando o dantesco  
 Também nela o grotesco  
 Se alia ao maravilhoso  
 Que esmola não pede, exige  
 Aos circunstantes aflige  
 Com seu aspecto horroroso.  
 (Continue na próxima página)

É uma visão arrojada  
 De uma humanidade em porfia,  
 Parece desarrumada  
 Mas tanto é êxtase e agonia  
 Como tristeza e alegria  
 De um povo que se fecunda  
 Numa comunhão profunda  
 Urgindo a subsistência  
 Sem deixar que a existência  
 Pese-lhe demais na "carcunda".  
 (Leite, 2007)

A poesia à parte sobre o tocador da sanfona demonstra o quanto este estereótipo representava o migrante nordestino para Barbosa Leite. Solitário, buscando ganhar seu dinheiro, movido pelo amor e por vezes pelo coração, ao qual muita das vezes deixa-o "cego" em demasiada esperança de vencer na vida no "Sudeste Maravilha". Por outro lado, esse mesmo sanfoneiro pode ser visto como representação da organização do retirante, buscando um lugar seguro para iniciar suas redes de relações, constituindo estratégias de permanências em seus novos locais de sobrevivência, utilizando-se de sua experiência na migração para organizar a movimentação da família. Como por notas musicais de uma orquestra afinada e "perfeitamente ensaiada", mas que muitas das vezes é surpreendida e precisa se reinventar, adaptar-se. A Feira de Caxias é justamente essa reinvenção do cidadão oriundo das cidades do Nordeste, espaço de consolidação cultural, social e econômico. Representando hoje e ontem, segundo Barbosa, "um audaz espírito, que a feira enaltece".

O final do cordel demonstra como Barbosa fez questão de abranger uma narrativa de orgulho e enaltecimento do espaço construído pelas relações migrantes e fortalecido no cotidiano duque caxiense. Denota a consolidação de um nordestino em seu novo município capitaneado pela nostalgia e pelo tempo presente. Relata que o espaço de "panorama gigantesco" foi construído e consolidado por seus "pares" com destaque nas história e memórias de resistências, "feitos de sonhos e dramas".

Aliadas em um mesmo espaço, características diversas mensuradas nas diferenciadas relações construídas em seu processo de constituição. O "dantesco", "grotesco" e até "horroroso" relata a visão que se tinha da Feira muitas das vezes para justificar uma possível desorganização, no sentido de não seguir as etiquetas comerciais, a sujeira que deixava em seus tempos iniciais e seu caráter autônomo. Por outro lado, o espaço é visto como "maravilhoso", representando ao mesmo tempo, "a êxtase e a agonia, a tristeza e a alegria" de uma população que possuía em comum a sua capacidade de se reinventar em um novo espaço, devido a diversas justificativas e necessidades. A esperança que a atividade representou

escora-se na possibilidade de complementar a renda, ou mesmo da própria subsistência. A Feira se transforma em um espaço de "comunhão", presente nas referidas às relações culturais, de identidades e de sincretismo, e mesmo de sobrevivência.

#### **4.4 Uma análise sobre outras feiras livres no município de Duque de Caxias: Vila São Luís, Santa Cruz da Serra e Xerém**

Com o objetivo de realizar uma análise comparativa entre a Feira de Caxias realizada no 1º Distrito, e outras feiras livres no município, selecionamos as feiras dos bairros Vila São Luís (1º Distrito), Santa Cruz da Serra (3º Distrito) e Xerém (4º Distrito). Chamou atenção a constante presença de nordestinos nessas feiras e a atuação de feirantes em duas ou mais feiras pelo município. Vale ressaltar que a ocorrência no bairro da Vila São Luís ocorre às sextas feiras, e a de Xerém ocorre aos sábados, somente a feira de Santa Cruz da Serra ocorre no mesmo dia da Feira de Caxias.

##### **4.4.1 Feira da Vila São Luís**

Todas as sextas feiras, no bairro da Vila São Luís, no 1º Distrito de Duque de Caxias, ocorre a feira livre do bairro citado. A localidade em questão se insere no contexto de crescimento populacional, edificação e urbanização de Duque de Caxias de forma desordenado em meados do século XX. Sua proximidade junto a região central do município condiciona o mesmo como um dos centros populacionais do 1º Distrito. Atualmente, o bairro possui boa infraestrutura, com pavimentação das ruas, presença de comércio, mercados e supermercados, escolas municipais, estaduais e privadas de padrões pequenos, médios e grandes, agências bancárias, linhas de ônibus operando para os demais bairros do município e para a capital do estado (Rio de Janeiro) realizado pelas empresas União, Fábios (municipais) e Reginas (Intermunicipal e municipal). É neste bairro que se encontra o campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), conhecida como Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF).

O surgimento da Feira Livre da Vila São Luís é concomitante ao período de declínio da Feira de Caxias, na década de 1970. Ocorria inicialmente na atual Rua Rodrigo Otávio, posteriormente passando para a Rua Deputado Sá Rego, e atualmente funcionando na Avenida Brasil (nome de importante avenida que percorre o Bairro e liga suas duas principais praças).

Foram realizadas visitas à feira durante os meses de outubro de 2017 e janeiro de 2018. Além da comercialização de produtos típicos das feiras livres, como verduras, frutas, legumes e temperos, ocorre a venda de produtos do cotidiano atual como cds, aparelhos eletrônicos, roupas. Tal como ocorre na Feira de Caxias, o hibridismo cultural entre Nordeste e Rio de Janeiro é perceptível na Vila São Luís com o comércio de produtos relacionados a retirantes nordestinos, como feijão de corda, tapioca, azeite de dendê, temperos.

Ao analisar a feira em questão, duas coisas chamaram atenção, para além das relações culturais entre nordestinos e fluminenses que transformam a mesma em características tão peculiares quanto a Feira de Caxias, embora em menores dimensões. O crescimento da Feira da Vila São Luís se inicia justamente no período em que os feirantes e atuantes em Caxias reclamam da desmobilização cultural e queda dos frequentadores na Feira de Caxias. Este fato reafirma a proposição realizada anteriormente nesta pesquisa de que o declínio da Feira de Caxias fez surgir um movimento de descentralização das trocas culturais entre nordestinos e fluminenses na Baixada Fluminense, podendo esse movimento ser causa e consequência da “queda” da primeira feira.

Em segundo lugar, a organização da feira em bairro do mesmo município, porém em dia distinto ao da principal feira da localidade que se encontra justamente na região central e passando ao lado da linha férrea. Mesmo com a queda de prestígio da Feira de Caxias, as relações entre feirantes e moradores permanecem notabilizadas principalmente na tradição de frequentar o espaço. Mesmo mediante a uma queda de seu antigo sucesso, a feira que se organizava na região central já possuía um caráter consagrado, sendo um ambiente reconhecido de trocas culturais e sociabilidade de duque caxienses, fluminense, cariocas, nordestinos e outros migrantes que viviam em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense e no Rio de Janeiro.

O surgimento da Feira da Vila São Luís às sextas feiras vai muito além de evitar a realização de uma atividade feirante no mesmo dia da Feira de Caxias. As motivações para tal estratégia são mais amplas se considerarmos a própria participação dos feirantes da Vila São Luís como trabalhadores, clientes e frequentadores na Feira de Caxias. Logo, o espaço não surge como um fator de competição de mercado e público, mas sim como um complemento,



um novo espaço de comércio livre à moda antiga, nas ruas, de forma direta, e principalmente de sociabilidade e hibridismo cultural entre fluminenses e os migrantes do local, com destaque para os nordestinos.

#### 4.4.2 A Feira de Santa Cruz da Serra

Localizado no 3º Distrito de Duque de Caxias, o bairro de Santa Cruz da Serra margeia a Rodovia Washington Luís. O distanciamento geográfico em relação ao centro do município não impediu o crescimento populacional no século XX, uma vez que sua concentração às margens de uma importante rodovia funcionou como fator atrativo de diversos migrantes que buscavam residência em Duque de Caxias. Atualmente, o bairro possui uma infraestrutura falha no que se refere ao acesso a água potável, aos problemas recorrentes com enchentes em períodos de chuvas e principalmente no transporte com os demais bairros do município e de outras regiões do Rio de Janeiro. Em relação ao comércio existe um atendimento que corresponde a demanda do local, além de agências bancárias.

As visitas para análise da Feira de Santa Cruz da Serra se realizaram entre os meses de dezembro de 2017 e janeiro de 2018. Na primeira visita realizada a esta feira, um ponto de destaque foi o fato de que logo em seu início existirem diversos trabalhadores em bicicletas com autofalantes tocando forrós e outros ritmos relacionados ao Nordeste, os mesmos comercializavam cds de música. Os gêneros musicais vendidos não se restringiam aos relacionados aos retirantes nordestinos, havia a oferta de músicos do próprio Nordeste de décadas passadas e da atualidade, como também de artistas atuais que investem suas carreiras em tipologias musicais mais identificadas com o Rio de Janeiro, como funk, pagode, samba, ou mesmo com o sertanejo universitário, atual gênero de sucesso da industrial musical. O grande questionamento a se realizar é justamente o fato de os comerciantes terem selecionado o forró como o seu atrativo para a venda de cds, demonstrando que este artigo musical possui mercado no local. Para além desta observação, denotava as características desenvolvidas naquela feira, de diversidade cultura e valorização de elementos culturais relacionados aos migrantes nordestinos no Rio de Janeiro.

No transcorrer das ruas em que se localiza a atividade, encontramos novamente um ambiente muito semelhante aquele já citado nas de Caxias e da Vila São Luís. Além dos produtos típicos de feira como frutas, verduras, legumes e temperos, da venda do tradicional

pastel com caldo de cana e dos produtos mais modernos como eletrônicos, utensílios para celular, havia diversos produtos culinários relacionados ao Nordeste. Barracas com tapiocas tradicionais na manteiga e de coco com leite condensado, ou adaptadas aos gostos locais como o de frango com catupiry, além de goma ou farinha de tapioca peneirada, churrasco de carne de sol, bandeja de carne de sol com aipim, carne seca vendida a quilo para preparo em casa ou para ser feita na hora. Era evidente que esses espaços eram justamente onde se observou as socializações mais latentes, em barracas aquelas onde os frequentadores dedicavam maior tempo para comprar e conversar com os vizinhos e colegas de bairro.

Na Feira de Santa Cruz da Serra não havia um espaço exclusivamente destinado a culinária nordestina como na Feira de Caxias. O comércio desses gêneros alimentícios ocorria ao longo do próprio espaço, localizando-se principalmente na primeira. Algumas das barracas conseguiam ambientar o som se apropriando do forró tocado nas zonas de entrada na feira.

Ocorrida semanalmente aos domingos, tradicional folga das lojas comerciais, sua atividade agrega valor e consumidores levando comerciantes a manterem suas lojas abertas durante o funcionamento da mesma. Destaque para lojas voltadas a gastronomia que oferecem café da manhã e almoço para os frequentadores do espaço, tendo seu espaço misturado ao dos feirantes. Cadeiras de feirantes que vendem porções de carne de sol e carne seca com aipim se misturam a de comerciantes de frangos assados e na brasa, ambos nutridos pelo som do forró que toca ao fundo, reunindo migrantes nordestinos, seus descendentes, frequentadores do espaço e simpatizantes da comida e da música. O domingo em Santa Cruz da Serra é uma típica demonstração do sincretismo cultural entre Nordeste e Rio de Janeiro e demonstração da principal estratégia de resistência cultural dos migrantes nordestinos em Duque de Caxias: a utilização das ruas e das feiras livres como espaço de sociabilidade, memória e trocas culturais.

#### 4.4.3 A Feira de Xerém

O bairro de Xerém, sede do 4º Distrito de Duque de Caxias, fica na subida da serra para o município de Petrópolis e às margens da Rodovia Washington Luís. Caracteriza-se pela concentração de propriedades rurais, sítios e por ser o centro produtor de alimentos, frutas e verduras de Duque de Caxias, fornecendo inclusive para o município do Rio de Janeiro. Sua

ocupação urbana se confunde com o período das obras de inauguração da Fábrica Nacional de Motores na primeira metade do século XX.

Ocorreram visitas de análise à feira do bairro durante os meses de novembro de 2017 e fevereiro de 2018. No que se refere a infraestrutura, a região apresenta a peculiaridade de dificultoso acesso com os demais bairros do município e mesmo com a região central de Duque de Caxias. Os preços praticados pelas empresas que realizam o transporte são alvos de muitas críticas, uma vez que se apresentam extremamente caros comparados ao deslocamento interno entre outros bairros e mesmo a outros municípios.

Por ser a região produtora de itens alimentícios, parte dos feirantes que trabalham na Feira de Caxias são residentes de Xerém. Utilizam o espaço da feira livre em Caxias para comercializarem seus produtos de forma direta.

Semelhante a Feira da Vila São Luís, em Xerém existe a característica de se realizar a feira em dia diferente a Caxias, aos sábados. Fato que demonstra a necessidade de os feirantes utilizarem tanto o espaço em Xerém como o de Caxias para comercializarem seus produtos.

O que existe de comum entre as três feiras citadas? Ambas surgem em uma realidade de decadência da Feira de Caxias, como forma de absorver a subsistência e as relações de identidade, memória e da diversidade nas atividades culturais. Embora tenha havido o desenvolvimento de interações semelhantes, não conseguiram ser alternativa competitiva à feira central do município. Atualmente funcionam em dias diferentes, ou para moradores de bairros mais distantes, mas não substituem a atividade ocorrida entre os bairros Vinte e Cinco de Agosto e Centro de Caxias.

Na Feira de Xerém, os espaços reservados a culinários e produtos de origem nordestina se apresentam em menor evidencia. Identificou-se três barracas voltadas exclusivamente para produtos de migrantes nordestinos. Em todos os casos, os feirantes também trabalhavam na Feira de Caxias aos domingos. De modo geral, a presença de feirantes oriundos de outros municípios do estado é constante, principalmente de Petrópolis. Outro grupo populacional notado com frequência é aquele oriundo de municípios do estado de Minas Gérias, comercializando principalmente diversos tipos de queijos e goiabadas.

Em suma, mesmo mediante a sua crise de público e ao surgimento de outros espaços em Duque de Caxias, na Baixada e no Estado, a Feira de Caxias resiste como local de sincretismo cultural entre os diversos migrantes que habitam o município e da região.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ato de finalização deste trabalho de dissertação, será realizada a análise dos principais tópicos que foram desenvolvidos ao longo da pesquisa: relações de pertencimento e identidade constituída pelos migrantes nordestinos em Duque de Caxias; o parâmetro da Feira de Caxias como espaço de consolidação das redes de solidariedade, pertencimento e memória; constituição de um município com relações culturais amparada na presença de migrantes de diversas regiões do Brasil, destacando os oriundos do Nordeste.

No que se refere a Duque de Caxias, as relações entre migrantes de diversas regiões foram fundamentais para a constituição de uma população municipal que propiciou o crescimento urbano e econômico. Ao longo do século XX, Caxias foi se transformando na medida em que ia absorvendo populações de outros municípios e regiões do Brasil. Vislumbrando o ingresso no mercado de trabalho do Sudeste, migrantes de diversas partes do país, com destaque especial para aqueles do Nordeste brasileiro, encontram em Duque de Caxias a possibilidade de se estabelecerem na nova região.

“Expulsos” do antigo Distrito Federal devido a especulação imobiliária, os migrantes nordestinos vislumbram na Baixada Fluminense, a possibilidade de morarem próximos ao setor industrial e comercial do Rio de Janeiro, sem os altos gastos embutidos pela especulação imobiliária carioca. Em Duque de Caxias encontram um local que estava sendo repartido em loteamentos após os projetos de recuperação do solo. Com moradias mais acessíveis e o ir e vir com o município do Rio de Janeiro facilitado (representado na Estrada de Ferro da Leopoldina e pelas rodovias que facilitam a circulação de linhas de ônibus, como a Estrada Rio Petrópolis) Caxias se transforma em um destino final.

A presença de dois grandes empreendimentos industriais ao longo do século XX transforma Duque de Caxias em uma cidade industrial, podendo funcionar como uma das motivações para ser o destino final de muitos migrantes. A FNM e a Reduc precisam ser estudadas de forma particular no que tange ao mundo do trabalho. Em suma, é necessário uma pesquisa específica voltada para o uso da mão de obra desses migrantes nos parques industriais que surgem em volta desses dois empreendimentos.

De acordo com o que foi analisado por este trabalho de dissertação, havia motivos relacionados as relações de identidade e pertencimento e ao surgimento de redes de solidariedade que possibilitavam a permanência desses migrantes em Duque de Caxias. As relações de pertencimento remetem as proximidades de experiências migrantes e das histórias

de vida de saída do local de origem e chegada a um município em construção social, econômica, urbana, política e cultural. As redes de solidariedade permitem a permanência a partir do auxílio mútuo nas relações entre migrantes. Já as identidades são reconstituídas com base em uma sincronização entre migrantes e população local.

A presença de personalidades de destaque no município contribuíram para a consolidação das relações entre os migrantes nordestinos. Essas personalidades atuam sobre o campo da representação. Representados no campo cultural com foco na presença da família de Luíz Gonzaga, de Solano Trindade e Barbosa Leite. No campo político por Tenório Cavalcante e posteriormente Zito. No campo religioso por Joãozinho da Goméia. Ou seja, esses migrantes oriundos de estados nordestinos contribuíram para o crescimento do senso da presença de nordestinos em Duque de Caxias. Configura-se uma relação de extrema proximidade, respeito e admiração dos migrantes nordestinos com esses personagens que marcaram a Duque de Caxias do século XX.

A Feira de Caxias surge justamente como espaço de manifestação do hibridismo e das relações culturais ocorridas em Duque de Caxias doravante os diversos migrantes que chegavam. Representada pela grande presença de nordestinos no município que passam a utilizar o espaço como forma de fortalecerem suas relações de memória, pertencimento e identidade. Dentro da Feira funcionam relações de solidariedade e de memória, atividades culturais, elementos de cultura nordestina e exercícios de recordações.

Em resumo, as atividades em torno do espaço feirante funcionam como um parâmetro não só em Duque de Caxias, como em toda a Baixada Fluminense e no próprio do Rio de Janeiro (Estado). Recebendo semanalmente um público diversificado de várias regiões do estado, a Feira assumiu uma característica de um aglomerado de relações, estabelecidas não apenas no âmbito do comércio como também no desenvolvimento de sociabilidade.

Considerando as discussões pertinentes no que se refere as identidades, em Duque de Caxias são formadas novas formas de vivência de dinâmica cultural. Inseridos nessa nova realidade, os migrantes nordestinos contribuem de forma substancial para as relações culturais que são constituídas. Ao longo dos anos, o município e sua feira central passam a serem conhecidos pela forte presença de nordestinos.

Vale ressaltar que não existe a possibilidade de transportar uma cultura e uma identidade de uma região para outra. Dentro desta perspectiva, é fundamental reiterar que são novas culturas e novas identidades que se formam de modo sincretizado em Duque de Caxias. Caracterizadas justamente pelas relações entre diversas culturais e identidades. Os nordestinos contribuem de forma marcante. Logo, forma-se em Caxias uma vivência baseada nas relações

de pertencimento, que longe de serem nordestina e “paraíba”, são constituídas dentro do município. Em outras palavras, é no Sudeste que os migrantes e retirantes nordestinos são enquadrados dentro de novas categorias, como nordestinos e “paraibas”. O uso de termos pejorativos e a vivência de experiências semelhantes leva a criação de laços na nova localidade. Elementos culturais de diversas regiões do país formam e transformam a realidade vivida, gerando uma nova identidade com relações de pertencimento ancoradas nas histórias e experiências de vida em comum.

Com intervalos entre surgimento, fortalecimento, decadência e um novo fortalecimento, a Feira de Caxias representa um espaço de solidariedade que reflete diversos aspectos dos migrantes nordestinos ao longo do século XX e ainda na atualidade. A narrativa que divide a atividade em quatro momentos distintos, oriunda da correspondência pela qual é tratada pelos jornais e pelos relatos, precisa ser mais discutida. É fundamental a problematização dos interesses pelos quais se constituem categorizações à Feira. Não obstante, em seu processo histórico se mostram presentes as redes de auxílio mútuo em consonância com os interesses econômicos, capitaneadas pelo comércio, pelas rodas de conversas e mesmo por uma opção de lazer no município. Além disso, o espaço representava um ponto de encontro entre diversas culturas migrantes que ao se relacionarem criam novas vivências e novos hábitos.

A Feira de Caxias transforma-se ao longo dos anos não apenas em um reduto de nordestinos, mas em uma representação cultural e um espaço de comercialização de diversos produtos. Definitivamente é uma marca da cidade, um espelho da cultura que se desenhou, demonstrando-se multifacetada, múltipla, diversa, sincretizada e oriunda de relações híbridas.

Para findar, abre-se espaço para as considerações dos migrantes no que se refere ao termo “paraíba”. O mesmo que é utilizado como apelidos para a atividade feirante que surge e permanece no município.

Para José Gilvan, o termo não remete a nenhum tipo de vergonha, o mesmo afirma que: “Não dou a mínima, nunca dei a mínimo. Tenho maior orgulho de ser nordestino...”. Este tipo de depoimento é comum entre os migrantes na atualidade, mas denota a percepção de que o termo refere-se a todos os migrantes nordestinos no Sudeste.

Sua esposa, Amazonete Ferreira vai além, demonstra que o termo pode gerar algum desconforto, que é dito justamente para denegrir. Mas enaltece o Nordeste e incorpora o sentimento de orgulho por ser originária de Pernambuco, região do Nordeste, ou seja, uma “paraíba” (para cariocas e fluminenses):

O pessoal chamava, fala de muito Paraíba né... que Paraíba é isso, é aquilo é aquilo outro...quando o futuro sogro dele (apontando), foi pra lá a primeira vez ele falou assim... ah vou pra aquela terra lá de Paraíba... todo mundo que vai lá, diz que aquilo que é lugar.(Entrevista com Amazonete Ferreira)

Quando interrogada se há recordações de ocasiões em que foi chamada pelo termo, responde sem titubear: “Ih meu Deus do céu... (SIC), muitas vezes... me chamaram e eu digo, sou...”. A reação da pernambucana pode ser compreendida na ótica de que o termo transformou-se em motivo de orgulho, uma vez que remete ao território de origem, ou seja, os migrantes acabam se utilizando do termo criado no Sudeste como uma estratégia de auto afirmação.

Silvandır Mendonça, originário da Paraíba, vai mais além, deixando claro que o termo, embora fosse usado de forma pejorativa, desenvolveu um sentimento de orgulho em seu imaginário.

Olha, paraíba, uma pessoa que é chamada de paraíba pra mim não está me afetando em nada, eu sou paraibano. Se eu sou paraibano, eu sou da paraíba... em São Paulo todo mundo chama o nordestino de baiano, no Rio de paraíba... eu vejo aqui, mas tenho orgulho de ser paraibano... eu gosto de ser paraíba e vou morrer sendo paraíba... (Entrevista com Silvandır Mendonça).

O depoimento acima remete imediatamente as relações de pertencimento, uma vez que a delimitação do termo (“Paraíba”) surge para separar quem era migrante nordestino e quem era originário de outras regiões. Ao longo do tempo vai emergindo um sentimento de pertencimento baseado nas relações entre um grupo de pessoas, que embora viessem de diversos locais, foram enquadradas dentro da relação de negação (Paraíba e nordestino é não ser carioca e fluminense) em que surgem estratégias de resistência. Em suma, o nordestino “paraíba” passa a existir como sentimento de orgulho no Rio de Janeiro.

No caso de Henrique Mendonça, existe o esclarecimento a respeito do significado do termo “paraíba” no Rio de Janeiro. O migrante problematiza o uso do mesmo e inclusive sua eficácia, corrigindo o que considera como nomenclatura correta.

Pra mim é uma coisa natural, mas eu nunca me liguei, sabe por que? Paraíba é aquele que nasceu na Paraíba, ou paraibano. O termo certo é paraibano. Mas paraíba é uma forma de todo o nordestino que mora em qualquer local tanto do Rio de Janeiro quanto do Brasil. Mas isso não quer dizer que você vai ter todos os nordestinos, que não é um só. Pode ser maranhense. Mas é um termo que é pejorativo... mas para aquele que tanto faz, tanto fez... não diz nada...(Entrevista com Henrique Mendonça).

O reconhecimento de Henrique de que o termo é utilizado de forma pejorativa, vem acompanhado de uma provocação que questiona seu próprio uso. O pensamento do migrante é semelhante ao que esta pesquisa se propõe em refletir, não existe o Nordeste, ou o nordestino, mas sim os Nordeste e os nordestinos. O termo paraíba se insere dentro de uma disputa por hegemonia cultural e de memória. De forma geral, tanto o enquadramento pelo termo quanto o reconhecimento pelos próprios migrantes só vai existir uma vez que estes estejam no Sudeste.

Filho de baianos que migraram para Duque de Caxias, Carlos Alberto ouviu o termo em diversos momentos, seja no trato com pessoas de sua família, ou mesmo em eventos pelo município. Sobre a utilização do mesmo afirma que: “Paraíba pra mim é uma cidade né. É um Estado né. Eu não falo paraíba, eu falo nordestino, pernambucano, paraibano. Eu acho até uma ofensa chamar o cara de paraíba.... que nem em São Paulo... o baiano é tudo de ruim lá”. (Entrevista com Carlos Alberto)

A negação em tratar os nordestinos a partir do termo “paraíba” denota o conhecimento de seu significado. O feirante inclusive afirma que considera uma ofensa, considerando seu caráter pejorativo, atribuindo especificidades ruins para as populações reconhecidas por tais conceitos.

Resumindo, o termo é utilizado para se referir ao migrante nordestino, que ao longo dos anos foi associado a Feira de Caxias, ganhando novas concepções e conceituações durante o século XX. Atualmente remete imediatamente ao nordestino que se consolidou e não mais a um sujeito que sai para “tentar a sorte”.

É na Feira dos Paraíbas (de Caxias) que se consolidaram as relações culturais, sociais, econômicas e mesmo políticas dos migrantes nordestinos e de diversas outras populações que chegavam ao município de Duque de Caxias. Um espaço de sociabilidade, de exercício das relações de pertencimento, memória e identidade. A efervescência presente no local por meio das várias culturas que se comunicaram, demonstra a realidade de Duque de Caxias. Como afirmou anteriormente o artista Beto Gaspari: “Um retrato 3 por 4 do Brasil”.

Para concluir, o uso das fontes, as discussões bibliográficas e os documentos permitem realizar as seguintes conclusões. Em primeiro lugar, o município de Duque de Caxias formou-se com fortes traços nas relações entre diversos migrantes que ocuparam o território ao longo do século XX. Entre eles se destacaram os nordestinos, que se consolidaram ancorados em redes de solidariedade e pertencimento. O pertencer se refere a experiências de migração semelhantes. Em Duque de Caxias criam-se novas vivências e uma cultura que representa o hibridismo cultural. Figuras artísticas e lendas contribuem para o fortalecimento dos



nordestinos, como a de Luís Gonzaga e sua família, de Solano Lopes e Barbosa Leite, de Tenório Cavalcante, de Joãozinho da Goméia.

Em segundo lugar, a Feira de Caxias é o lugar que representa justamente as relações de solidariedade, pertencimento, identidade e memória. Agrega as experiências de vida. Ao longo do século XX, é transformada em local de resistência social e cultural. A permanência e a força atual do espaço comprova que os nordestinos se consolidaram e criaram uma marca no município.

Por fim, os migrantes que chegaram a Duque de Caxias e ao Rio de Janeiro se apropriaram de termos utilizados para depreciá-los, como “paraíbas”. Tal termo absorve uma nova significação, a do migrante nordestino que construiu uma narrativa de trabalho e de superação. Aquele que manteve suas relações dentro de suas vivências culturais e que fortaleceu um evento fundamental para o funcionamento de Duque de Caxias, a “Grande Feira de Caxias”.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 1988.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 2.ed. Recife: Massangana, 2001.
- ALMEIDA, M. F. de. *Extermínio Seletivo e Limpeza Social em Duque de Caxias: a sociedade brasileira e os indesejáveis*. Dissertação de Mestrado de Antropologia Social. UNICAMP. Campinas, 1998.
- ALVES, José Cláudio. *Dos Barões ao Extermínio: Uma História da Violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias, RJ: APPH – CLIO, 2003.
- AREND, M. *50 anos de industrialização do Brasil (1955-2005): uma análise evolucionária*. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- BELOCH, Israel. *Capa Preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- BRAUDEL, F. *Civilização material, economia e Capitalismo séculos XV-XVIII. O jogo das trocas*. Tomo 2. Tradução de Telma Costa. Editorial Teorema. Lisboa, 1979.
- BRAZ, Antônio Augusto. *Vidas em Transição: A Cidade e a Vida na Cidade em Duque de caxias (RJ) nas décadas de 30, 40 e 50 do Século XX*. Vassouras, RJ: Universidade Severino Sombra (Dissertação de Mestrado), 2006.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão E Ana Regina Lessa. 2.ED. São Paulo: EDUSP, 1998.
- CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.
- CANO, Wilson. *Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil: 1930-1970*. São Paulo: Global Editora, 1985.
- CANTALEJO, Manoel Henrique de Souza. *O Município de Duque de Caxias e a Ditadura Militar: 1964 – 1985*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado), 2008.
- CARNEIRO, Sergio Arthur Trindade. *Os (des) caminhos do migrante nordestino em Nova Iguaçu (RJ): de uma periferia a outra*. Niterói. Monografia de conclusão de graduação em Geografia. UFF, 2001.
- CARVALHO, Liandra Lima. *A Baixada Fluminense vista pela academia*. Revista EDUCFaculdade de Duque de Caxias/Vol. 01- Nº 03/Jan-Jun 2015.
- CATROGA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001.

CAVIGNAC, Julie A. *Destinos migrantes: representações simbólicas, histórias de vida e narrativas*. In: Revista Campos. n.1, 2001. p. 67-98.

COSTA, Pierre Alves. *Duque de Caxias (RJ) – de cidade dormitório a cidade do refino do petróleo: um estudo econômico – político, do início dos anos 1950 ao início dos anos 1970*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2009.

ENNE, Ana Lúcia Silva. “*Lugar, meu amigo, é minha Baixada*”: *Memória, representações sociais e identidades*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002 (Tese do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional).

FERNANDES, Leonardo Jéferson. *O remédio amargo: As obras de saneamento na Baixada Fluminense (1890-1950)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Dissertação de mestrado), 1998.

FIGUERÊDO, Maria Aparecida de. *Gênese e (Re) produção do espaço da Baixada Fluminense*. Revista geo-paisagem (on line ).Ano 3, nº 5, Janeiro/Junho de 2004.

FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1951 – 1966)*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2008.

FUNDREM (Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro). *Unidades Urbanas Integradas a Oeste*. Plano direto, V. II – Duque de Caxias. RJ: FUNDREM, 1979.

GEIGER, Pedro Pichas e SANTOS, Ruth Lira. 1956. *Notas sobre a Evolução da Ocupação Humana da Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: IBGE.

GODINHO, V. M. *O Papel de Portugal nos séculos XV-XVI que significa descobrir? Os novos mundos e um mundo novo*. Tradução de João Fagundes. Grupo de Trabalho Ministério da Educação para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa, 1994.

GUIMARÃES, Alberto Passos. *A crise agrária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade* - 10ª Edição. DP&A Editora.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Representação*. Editorial: PUC-Rio: Apicuri. Rio de Janeiro, Brasil, 2016.

\_\_\_\_\_. *Quem precisa de identidade?*. In: Da Silva, Thomas Tadeu. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

JUSTINO, D. *A Formação do Espaço Económico Nacional. Portugal, 1810-1913*. Vol. 1. Vega. Lisboa, 1989.

KUSCHNIR, Karina. *O Cotidiano da Política*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 2000.

LACERDA, STÉLIO. *Uma passagem pela Caxias dos anos 60. Duque de Caxias*: ed. do autor, 2001.

\_\_\_\_\_. *A emancipação política do município de Duque de Caxias (uma tentativa de compreensão)*. Revista Pilares da História, n. 3, ano II, dez. 2003, p. 9 – 27.

\_\_\_\_\_. De subúrbio dormitório a cidade progresso. In: TORRES, Gênesis (org). *Baixada Fluminense: a construção de uma História: sociedade, economia e política*. São João de Meriti, IPAHB, 2004, p.165 – 168.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a Guanabara*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1964.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. Rio de Janeiro: Forense, 1948.

LIMA, Marcos Rangel de. *Desigualdades Socioespaciais no Município de Duque de Caxias, RJ: Uma Abordagem Interescalar*. Dissertação (Mestrado). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010.

LUSTOSA, José. *Cidade de Duque de Caxias: Desenvolvimento Histórico do Município – Dados Gerais*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

MAIA FORTE, José Mattoso. *Memória da Fundação de Iguaçú*. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Comercio, 1933.

MASCARENHAS, Gilmar. *O Lugar da Feira Livre na Grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência* (Rio de Janeiro: 1964-1989), dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRJ, 1991.

MONTEIRO, Linderval. *Baixada Fluminense: Identidade e Transformações. Estudo de relações políticas na Baixada Fluminense*. Dissertação de Mestrado em História Social. Rio de Janeiro, UFRJ, 2001.

NEMER, Sylvia. *Feira de São Cristóvão: contando histórias, tecendo memórias*. Doutorado em História Social da Cultura, Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica, 2012 (tese)

NETO, Helion Pova & FERREIRA, Ademir Pacelli (orgs.). *Cruzando fronteiras disciplinares. Um panorama dos estudos migratórios*. NIEM-RJ. FAPERJ. Ed. Revan.

NEVES, Frederico de Castro. *Imagens do Nordeste: a construção da memória regional*. Fortaleza, CE: SECULT, 1994.

NORONHA SANTOS, Francisco A. *Meios de Transporte no Rio de Janeiro: história e legislação*. Volumes 1 e 2. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1934.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. Distintas noções de Baixada Fluminense: a busca do entendimento da constituição política da região – apresentação otimista sobre o seu crescimento latente. In: Oliveira, Rafael da Silva. *Baixada Fluminense: Novos estudos e desafios*. Rio de Janeiro, Editora Paradigma, 2004.

OLIVEIRA, K. F. de e JANNUZZI, P. de M. *Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino*. São Paulo em Perspectiva. V.19, n. 4, 2005.

PAULO, M. da S. *Relações de clientela entre eleitor e candidato: Centros Sociais na Baixada Fluminense (Duque de Caxias e Nova Iguaçu)*. Tese de Doutorado em Ciência Política. UFF. Niterói, 2006.

PEREIRA, Waldick. *A Mudança da Vila: História Iguaçuana*. Nova Iguaçu: Arsgráfica, 1970.

\_\_\_\_\_. *Cana, Café e Laranja: História Econômica de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1977.

\_\_\_\_\_. *Nova Iguaçu para o curso normal*. Valença: Tip. Coração de Jesus, 1969.

PERES, Guilherme. *Tropeiros e viajantes na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Gráfica Shaovan Ltda, 2000.

PRADO, Walter. *História Social da Baixada Fluminense: das sesmarias a foros de cidade*. Rio de Janeiro, Ecomuseu Fluminense, 2000.

POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RAMALHO, José Ricardo. *Estado Patrão e Luta Operária: O Caso FNM*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

RANDOLPH, Rainer. *Urbanização, movimento pendular e migração: surgem novas territorialidades em áreas peri-metropolitanas? O caso do Rio de Janeiro*. V Encontro Nacional sobre Migração. NEPO.Campinas. 15-17 outubro/2007.

RELPH, Edward. *Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar*. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (orgs). *Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva. 2012.

RODRIGUEZ, Hélio Suêvo. *A Formação das Estradas de Ferro no Rio de Janeiro: O Resgate de sua Memória*. Rio de Janeiro: Editora Memória do Trem, 2004.

SANTOS, Milton. 1996. *A urbanização brasileira*. São Paulo. Ed. Hucitec.

SILVA, C. A. de S. e. *A virtude dos sacrifícios versus a ciência das transações: Tenório Cavalcanti e o campo político do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. UERJ. Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Helenita M.B. *Emancipação do Município de Duque de Caxias*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Departamento de História-Monografia de conclusão de curso), 1998.

SILVA, José Severino. *Migração Nordestina na Baixada Fluminense: Identidade Transitórias*. Revista Pilares da História, Duque de Caxias, ano 15, edição especial, maio 2016.

SILVA, Lucia Helena Pereira da. *De recôncavo a Baixada Fluminense: Leitura de um território pela História*. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU Volume 3 Número 5 Julho - dezembro de 2013.

SILVA, Renato da. *Ontologia do ser nordestino na feira de Duque de Caxias*. Revista Philologus, Ano 22, N° 64 Supl.: Anais do VIII SINEFIL. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: \_\_\_\_\_. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

SILVEIRA, Jorge Luís Rocha. *Transformações na Estrutura Fundiária do Município: Nova Iguaçu durante a crise do escravismo fluminense*. Niterói-RJ: Universidade Federal Fluminense (Dissertação de Mestrado), 1998.

SIMÕES, Manoel Ricardo. *A cidade estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na baixada fluminense*. Mesquita: ed. Entorno, 2007.

\_\_\_\_\_. *Da Grande Iguaçu a Baixada Fluminense: emancipação política e reestruturação espacial*. IN: OLIVEIRA, Rafael da Silva. *Baixada Fluminense: novos estudos e desafios*. Rio de Janeiro: Editora Paradigma, 2004.

\_\_\_\_\_. *Baixada Fluminense, sociedade e natureza*. Mesquita: ed. Entorno, 2011.

SOARES, Maria Therezinha de Segadas e BERNARDES, Lysia. *Rio de Janeiro: Cidade e Região*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

SOUZA, Marlúcia Santos de. *Escavando o Passado da Cidade: Duque de Caxias e os Projetos de Poder Político Local (1900 – 1964)*. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense (Dissertação de Mestrado), 2002.

SUZIGAN, W. *Indústria Brasileira: Origem e Desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

WILLEMANN, Estela Martini. *Violência, clientelismo e mandonismo de longa duração: traços da formação sócio-histórica e geopolítica da Baixada Fluminense como território periférico*. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, Ano 3, Número 4, Janeiro - Julho de 2013

### **Documentos utilizados**

Constituição Federal de 1988  
 Decreto federal nº 3.351 de 2000  
 DECRETO nº 1.055, de 31 de dezembro de 1943  
 Dossiê para registro da Feira de Duque de Caxias. Departamento de Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 2015.  
 LEITE, Francisco Barbosa. A Grande Feira de Duque de Caxias. Cordel. Duque de Caxias: Reedição de Pedro Marcílio, 2007.  
 Lei-municipal 2.336 dec29 de dezembro de 2010  
 Lei municipal nº 2.300 de 16 de dezembro de 2009  
 Mapa: Baixada Fluminense. IN: Forum Cultural da Baixada Fluminense.  
 Marques, Alexandre dos Santos; Maciel, Francisco Carlos. "Forró na Feira" Inventário - Patrimônio Histórico de Duque de Caxias. Instituto Histórico de Duque de Caxias.  
 M. Roberto/ Planorte (1970).  
 Prefeitura Municipal de Duque de Caxias – cadastro municipal – 1978 – Fundrem. 1978.  
 Projeto de lei municipal nº 91 de autoria da vereadora Margarete Conceição de Souza Cardoso (Gaete). 2010  
 Recenseamentos do IBGE: 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010.  
 Souza, Eldemar de. "A Tradicional Feira de Caxias". Instituto Histórico de Duque de Caxias.

### **Jornais consultados**

A Última Hora - Hemeroteca da Biblioteca Nacional.  
 Correio da Manhã - Hemeroteca da Biblioteca Nacional.  
 Folha da Cidade (Folha de Caxias) - Duque de Caxias, 1953-1980  
 O Comércio - Hemeroteca da Biblioteca Nacional.  
 O Globo - Hemeroteca da Biblioteca Nacional.  
 O Jornal - Hemeroteca da Biblioteca Nacional.  
 Trópico - Hemeroteca da Biblioteca Nacional.  
 Luta Democrático - Rio de Janeiro, 1954-1977.

### **Revistas**

CAXIAS Magazine. Duque de Caxias: Bezerra-Bel Edições, 1984-2012.  
 O Cruzeiro – Hemeroteca da Biblioteca Nacional.  
 REVISTA Pilares da História. Duque de Caxias: IH CMDC / ASAMIH, 2002-2016.

### **Relação de endereços eletrônicos**

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,la-no-meu-pe-de-serra-imp-,970916>  
<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/os-seguidores-de-luiz-gonzaga-1.452398>  
<https://extra.globo.com/noticias/rio/baixada-fluminense/feira-em-duque-de-caxias-resgata-cultura-nordestina-5893086.html>  
[www.forumculturalbfluminense.org.br/baixada.html](http://www.forumculturalbfluminense.org.br/baixada.html)  
[https://istoe.com.br/37467\\_O+REI+DA+ZITOLANDIA/](https://istoe.com.br/37467_O+REI+DA+ZITOLANDIA/)  
<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2015/11/17/prefeitura-de-caxias-tomba-a-feira-do-centro-da-cidade/>  
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2103201115.htm>

### **Entrevistas realizadas**

Entrevista concedida por Amazonete Ferreira de Lima para uso nesta pesquisa em 20 de janeiro de 2018. Duque de Caxias/RJ.

Entrevista concedida por Beto Gaspari, Rosa Barbosa Leite e Vicente Portela para uso nesta pesquisa em 02 de agosto de 2018. Duque de Caxias/RJ.

Entrevista concedida por Carlos Alberto Cerqueiro para uso nesta pesquisa em 10 de janeiro de 2018. Duque de Caxias/RJ.

Entrevista concedida por Claudia Teodoro de Sá para uso nesta pesquisa em 21 de fevereiro de 2018. Duque de Caxias/ RJ.

Entrevista concedida por Edilson da Silva para uso nesta pesquisa em 04 de fevereiro de 2018. Duque de Caxias/ RJ.

Entrevista com Gilma Medeiros Câmara para uso nesta pesquisa em 14 de novembro de 2017. Duque de Caxias/RJ.

Entrevista concedida por Henrique Teixeira para uso nesta pesquisa em 24 de dezembro de 2017. Duque de Caxias/ RJ.

Entrevista concedida por José Gilvan Marques de Lima para uso nesta pesquisa em 20 de janeiro de 2018. Duque de caxias/RJ.

Entrevista concedida por Maria Angélica Paganós para uso nesta pesquisa em 12 de janeiro de 2018. Duque de Caxias/ RJ.

Entrevista concedida por Maria Gorete dos Santos Nascimento para uso nesta pesquisa em 04 de novembro de 2017. Duque de Caxias/RJ.

Entrevista concedida por Maria José para uso nesta pesquisa 27 de setembro de 2017. Duque de Caxias/RJ.

Entrevista concedida por Marlene Costa Andrade para uso nesta pesquisa em 13 de janeiro de 2018. Duque de Caxias/RJ.

Entrevista com Silvandir Mendonça Barbosa para uso nesta pesquisa em 24 de novembro de 2017.